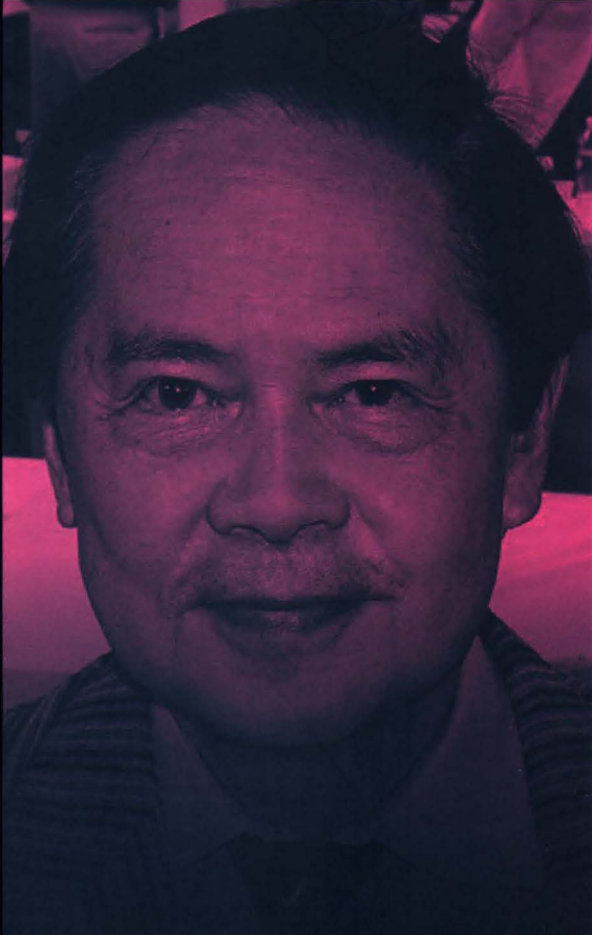
Música, inteligência e personalidade

O comportamento do homem em função da manipulação cerebral

Dr. Minh Dung Nghiem

VIDE EDITORIAL

Dr. Minh Dung Nghiem

é um médico e escritor franco-vietnamita, nascido em 1935, em Hai Duong, Vietnã. Já publicou nove livros, dentre os quais destacam-se, além deste *Música, inteligência e personalidade* (seu primeiro, publicado em 1999 pela Godefroy de Bouillon e traduzido agora pela primeira vez para o português), outros como *Les arts et l'équilibre mental* (Éditions de Paris, 2006), *Cannibalisme révolutionnaire* (Éditions de Paris, 2008), *Les démons de l'archaïsme & le développement humain* (Via Romana, 2009) e *Musique, personnalité et difficultés scolaires* (Via Romana, 2011).

Música, inteligência e personalidade

Dr. Nghiem

Dr. Minh Dung Nghiem

Música, inteligência e personalidade

O comportamento do homem em
função da manipulação cerebral

Tradução de Felipe Lesage

Música, inteligência e personalidade:
o comportamento do homem em função da manipulação cerebral
Dr. Minh Dung Nghiem
1ª edição — janeiro de 2019 — CEDET
Título original: *Musique, intelligence et personnalité — Comportement de l'homme en fonction de l'evolution du cerveau, de la maturation et des manipulations*

Os direitos desta edição pertencem ao
CEDET — Centro de Desenvolvimento Profissional e Tecnológico
Rua Armando Strazzacappa, 490
CEP: 13087-605 — Campinas, SP
Telefone: (19) 3249-0580
e-mail: livros@cedet.com.br

Editor:
Thomaz Perroni

Editor assistente:
Nelson Dias Corrêa

Tradução:
Felipe Lesage

Revisão de tradução:
Jonathas de Castro

Preparação de texto e diagramação:
Gabriel Hidalgo

Capa:
Bruno Ortega

FICHA CATALOGRÁFICA
Nghiem, Dr. Minh Dung
Música, inteligência e personalidade: o comportamento do homem em função da manipulação cerebral / Dr. Minh Dung Nghiem; tradução de Felipe Lesage — Campinas, SP: Vide Editorial, 2018.
ISBN: 978-85-9507-052-3
1. Educação: Música 2. Psicologia: Processos mentais e inteligência
I. Título II. Autor
CDD 372.87 / 153

ÍNDICE PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO
1. Educação: Música — 372.87
2. Psicologia: Processos mentais e inteligência — 153

VIDE Editorial — www.videeditorial.com.br

SUMÁRIO

Para Yvette

Para aqueles que sofreram com o tam-tam[1]

Para as vítimas do Ministério da Cultura

Para a rádio Courtoisie, *que possibilitou a publicação desta obra*

1 O autor utilizará o termo *tam-tam* para referir-se, indiscriminadamente, ora à percussão da cultura africana, ora à música com ela realizada — NT.

PREFÁCIO

Eis aqui um livro tão incomum quanto seu autor, o Dr. Minh Dung Nghiem, cardiologista e pediatra que escolheu a França para fazer seus estudos e exercer sua arte. Leremos, aqui, uma grande lição para o século XXI. Escrevendo ora como médico, ora como sociólogo, ora como pedagogo, o Dr. Minh Dung Nghiem é um desses humanistas cujo saber extenso lhe permite julgar, enquanto moralista, sua época.

Em sua origem, no entanto, seu ponto de vista é bastante peculiar, a saber, a observação, após uma carreira já bem sucedida, das músicas ditas atuais e seus efeitos sobre a juventude deste tempo. Como freqüentemente o são as grandes descobertas, esta do doutor é fortuita, pois sua hipótese é formulada a partir, não da prática de sua arte, a medicina, mas durante o descanso necessário que se concedia ao fim de longas jornadas junto de seus pacientes: a patinação no gelo. Foram suficientes o espírito observador, a acuidade intelectual e a faculdade de exame clínico do doutor para erigir sua hipótese, que o conduziu ao campo das ciências sociais e da crítica política no melhor sentido do termo. Engana-se, no entanto, quem acha que a leitura do Dr. Nghiem nos conduzirá a um plácido passeio pela república das letras, das ciências e das ciências humanas. Há uma tese neste livro, a saber, a música e o cérebro humano. Sabendo o quanto a música depende do cérebro direito, "emocional" — hoje conhecemos bem a teoria dos dois cérebros graças à magistral ilustração de Lucien Israël —, o início da suspeita recai sobretudo sobre o uso que dela se fez durante o século XX. Dizem-nos que os dois cérebros podem ser complementares ou antagonistas. É a esta última categoria que pertencem as músicas dominantes, cujas batidas repetitivas inibem o cérebro emocional e produzem, segundo Minh Dung Nghiem, uma regressão mental: "Músicas de massa, músicas democráticas

conduzindo ao primitivismo". Ora, se a música não suaviza os costumes, não é com zombaria ou desinteresse que Minh Dung Nghiem espera castigá-los, mas por meio de um processo científico que poderá nos ajudar a melhor iniciar nosso século XXI. Este livro é uma obra de reação e de reflexão para a ação, do qual muitos pedagogos poderão tirar proveito. Há também, nesta obra, o sofrimento de um imigrado que se entristece ao ver a França que escolheu e as coisas que ela lhe ensinou expostas a todo tipo de demagogos, à incultura de massa desforme e destrutora. Para ele, o caminho de um renascimento passa também pelo reestabelecimento das ciências humanas clássicas, não por conta de um conservadorismo estreito e nostálgico, mas porque a combinação greco-latina e judaico-cristã é aquela vencedora, e, ele acrescenta, a adequação dessa civilização à religião cristã possibilitou combinações de neurônios propícias ao nascimento do espírito científico. Um livro e um propósito, portanto, antirregressivos, dedicados a lutar contra a derrocada do espírito que se consuma diante de nossos olhos. Em sua correspondência, o Dr. Dung me contava de sua descoberta do latim aos 50 anos de idade, mas também de seu deslumbre ao ler Mircea Eliade. Um médico, contudo, deve curar os indivíduos, e não a sociedade, segundo dizem: querendo extravasar suas atribuições, Minh Dung Nghiem conheceu o terrorismo intelectual. Cuidar dos corpos, vá lá, mas das almas... É aí que começa o politicamente incorreto, e o Dr. Minh Dung Nghiem viveu uma amarga experiência nesse sentido. Ele se interroga sobre as forças obscuras que lhe proíbem a crítica do transe: seria o *lobby* do *tam-tam*? Os traficantes de droga? Os políticos, que preferem o embrutecimento da juventude com vistas à felicidade mundial? Uma seita, uma máfia? Minh Dung Nghiem se questiona candidamente... Renúncia e ignorância dos pais? Incompetência dos educadores? Métodos globais, proximidade do analfabetismo e da violência? Ninguém nunca ensinou a juventude como manusear a gramática do comportamento civilizado: "Mas eu constato com espanto que os gurus das ciências humanas, professores de psicologia e sociologia pagos pelo governo para resolver os problemas das 'periferias difíceis', só rasgam elogios ao *tam-tam* e seus pretensos efeitos civilizatórios para o desenvolvimento cerebral e a 'integração' das crianças dessas zonas. Que bizarro!".

O leitor entende que este livro é escrito por um homem livre e que, muito pertinentemente, ao invés de dissertar sobre a morte de nossa civilização, o Dr. Dung Nghiem tece um diagnóstico da monstruosidade moderna, seu olhar a um só tempo asiático e francês é de uma rara acuidade. Uma obra que presta serviço à salubridade, para todos os que tiverem coragem de, com ela, tirar as devidas conclusões.

Olivier Pichon
Professor universitário associado
Presidente do Movimento por um Ensino Nacional

INTRODUÇÃO

Por que pensamos que a música modifica a personalidade das crianças?

Será correto afirmar que a música modifica a personalidade ou o Q.I. (quociente intelectual) de uma criança, em outras palavras, que ela possa transformar toda uma civilização? Eis aí uma questão que nós nunca nos colocamos, pois um adágio popular já não afirmou que a "música suaviza os costumes"? De qual música se trata? Mas os céticos por princípio, a menos que não sejam acometidos por uma patologia próxima àquilo que chamamos em psiquiatria de "amusia" (insensibilidade às musas), sustentam obstinadamente que a música é uma arte menor. E que, como a pintura é antes de tudo um bem sobre o qual se especula em leilões e a gastronomia não passa de um pretexto para a glutonaria, só uma arte, finalmente, tem verdadeiro valor, a literatura. Vemos entre os que sustentam essa opinião escritores — o que pode parecer natural — mas também artistas, intelectuais e mesmo verdadeiros psiquiatras... No fim das contas, qualquer um pode ter convicções. Mas seria necessário considerar que a música é inútil? Que a musicoterapia não passa de uma bela mistificação, que os musicoterapeutas são uns gozadores, ou mesmo uns charlatães? E, no entanto, seríamos tentados a crer que a musicoterapia é uma espécie de psicoterapia. Mas e se a própria psicoterapia, bem como a psicanálise e mesmo todas as ciências humanas, não passassem de uma grande pegadinha para os esnobes, ou de uma ideologia? Qual medida deveria ser tomada, nesse caso, pelo Conselho da Ordem dos Médicos? É fato que nós estamos vivendo na era da covardia, da "língua de pau" e da confusão das palavras... Eu me coloquei essas questões por volta de 1986, vinte anos após ter defendido minha tese em Medicina. Eis aqui as circunstâncias.

Aplicando os conselhos que eu mesmo dava aos meus pacientes, eu praticava esporte por questões de saúde, e também para ter um lazer no sentido pascaliano do termo. Optei pela patinação no gelo, pois era possível praticá-la à noite, após minha jornada de trabalho, e ela exigia uma grande assiduidade, condição mesma para a obtenção dos efeitos desejados na saúde. Eu me esforçava para não ser muito preguiçoso, sabendo que, por natureza, poderia aceitar muitos sacrifícios para fazer progressos, ainda que em meus mais fúteis divertimentos.

Tendo optado por me instalar na cidade grande para exercer a profissão de cardiologista, mas havendo também trabalhado como pediatra nos hospitais de Paris numa época em que a medicina esportiva para crianças ainda não existia, eu naturalmente me propus a acompanhar, gratuitamente, as crianças do meu clube e da minha liga que estivessem dispostas a se deslocar até meu consultório.

Ao cabo de uma década, por volta de 1985, percebi que o desenvolvimento intelectual de meus pacientes e colegas era catastrófico: essas crianças, em sua maioria oriundos de meios sociais privilegiados (pois a patinação era um dos esportes mais caros), obtinham resultados escolares preocupantes e, além disso, apresentavam distúrbios de comportamento e de personalidade. Os treinadores e diretores da Federação Francesa de Esportes no Gelo culpavam a origem social dos pais — comerciantes, gerentes, *vulgum pecus!* (sic) —, a incompetência dos educadores e professores (laxistas, esquerdistas), o próprio sistema de competição e a frustração por ele gerada. É bem verdade que essas afirmações não eram de todo infundadas; mas, na realidade, esses fatores não eram particulares ao universo dos patinadores. Ademais, a proporção de reprovações parecia importante demais para que pudéssemos nos contentar com uma explicação por considerações gerais, sociológicas e teóricas. Eu decidi, então, investigar a questão por conta própria, desconfiando das causas demasiado óbvias.

Ora, a primeira coisa que me chamou a atenção foi o uso intensivo da música nesse esporte: os patinadores viviam como que num banho musical contínuo, no mínimo durante duas a quatro horas por dia a mais do que as outras crianças da mesma idade. Só isso já nos permitiria suspeitar do papel da música dos ringues, sobretudo porque uma outra anomalia concomitante saltava aos olhos do

observador mais desatento: crianças — que a tradição pretendia fazer descender dos gauleses e cujos ancestrais, desde Luís XIII, se empenharam em caminhar e em dançar com elegância por meio do aprendizado da dança clássica — batiam os pés, gesticulavam e se contorciam, em pé ou estirados no chão, sozinhos ou isolados em meio à multidão, à maneira dos afro-americanos; sua "dança moderna" deveria consistir num *pas-de-deux*, com o corpo bem ereto, cabeça alta e perna esticada, ou ainda numa "dança de casal com rodopios", em "posição fechada" e sobre um ritmo lento ternário. Estava ocorrendo pois, claramente, uma "substituição da cultura corporal" (18). Qual era sua causa? Derivariam daí conseqüências para o comportamento e o desenvolvimento intelectual? Não seria a cultura a "memória extra-cerebral" do homem (8), não exprimiria ela nossa ética, nossa sensibilidade, nossa visão do mundo? Enfim, ela não determinaria nossas atitudes e a conduta de nosso corpo, e vice-versa? Esse é o ponto de vista do behaviorismo.

E quando eles patinavam, a coisa era ainda pior: eles nem sequer seguiam a música, não sabiam "acompanhar o compasso", não sabiam, aliás, sequer o que é um compasso! Ora, ao avaliar uma competição de patinagem, a "nota artística" (ou "nota de apresentação") deveria, entre outras coisas, julgar esse aspecto do programa. Tendo eu cometido a imprudência de aceitar ser jurado de patinação, me pareceu necessário fazer um sério esforço de reflexão. Claro, os conhecimentos que eu havia adquirido na Faculdade de Medicina e na Faculdade de Ciências poderiam bastar para a elaboração de um sistema de estimação dos comportamentos; mas persistia a enorme dificuldade da definição, enquanto grandeza mensurável, da palavra "artística", da razão de ser das artes em geral. A técnica é algo mensurável, por meios estatísticos, por exemplo; mas será que se pode dizer a mesma coisa quanto a uma arte? Essa meditação me levou finalmente à conclusão de que muito ainda resta a ser feito no campo da patinação, tanto do lado dos jurados quanto do lado dos patinadores. Esses patinadores que se excitam, que se dopam e se embriagam com o *rock* com e as músicas afro-americanas em geral não têm nenhum senso de música, nem de patinação: será que eles não percebem que a "amplitude de movimento" e o "deslizar fluido", que caracterizam a boa patinação, não podem se harmonizar com o ritmo breve, espasmódico e

repetitivo do *tam-tam* xamânico? Será que não sabem que a interpretação musical exige também uma educação musical e artística, uma técnica da expressão corporal, ou seja, uma aprendizagem difícil e um rigoroso domínio de si? Que não se trata só de gostar de uma música e de se abandonar a uma agitação espontânea, como um ser primitivo e tosco, mas de ser capaz de interpretá-la segundo a linguagem de uma certa classe social, de um tipo certo de cérebro? Ademais, essa maneira de patinar traça zigue-zagues e rabiscos no gelo, e não trajetórias circulares bem delineadas, num "deslizar fluido" como o sabem os bons alunos! Teria a patinação se tornado um esporte de estúpidos, de gente sem educação artística, de mal-educados?

Quanto a mim, tive de retomar meus estudos, pois percebi que meus conhecimentos em música eram insuficientes, e que eu não sabia grande coisa dos efeitos desta sobre as crianças. Ao me recordar dessa maravilhosa biblioteca do Centro Internacional da Infância, no castelo de Longchamp (Paris), onde eu havia preparado minha tese, fui até lá ansioso por poder corrigir minhas lacunas, rapidamente, com umas poucas sessões de leitura. Infelizmente, tive uma decepção; o computador que explorava os arquivos bibliográficos vacilava quando o questionava a respeito dos malefícios da música sobre crianças normais. Depois de buscar o tema no catálogo sob todas as formas possíveis e imagináveis, acabei por obter uma magra lista de obras mais ou menos relacionadas ao tema. Enfim pude entender que os médicos só se haviam interessado pela ação benéfica, terapêutica da música sobre as crianças anormais (deficientes, débeis, autistas). Em conclusão, alguém me sugeriu, brincando, que eu mesmo deveria escrever algo sobre esse tema que tanto me preocupava. Dirigi-me então à *alma mater*, a Faculdade de Medicina de Paris; responderam-me que isso era um "fato social", que a medicina curava indivíduos e não a sociedade. E, com efeito, mesmo em Atlanta (capital da Geórgia, Estados Unidos), onde há um centro de estudos e de rastreamento de epidemias, ninguém parece estar preocupado com os malefícios da música. Na seqüência, fui descobrir que os meios científicos estavam agitados pelas noções de igualdade das culturas, de "discriminação

positiva" que favorecesse sistematicamente as minorias étnicas, as quais não se deveria criticar sob pretexto algum. Criticar a cultura africana seria um delito. Eis a liberdade americana!

E depois, ao aprofundar meus conhecimentos em musicoterapia, nova disciplina interessante criada por psiquiatras, psicólogos, dentistas e anestesistas de todos os países desenvolvidos do mundo (o que era, sem dúvida, uma prova da seriedade da matéria, ainda que a verdade científica não tenha por hábito revelar-se por sufrágio), dei-me conta da urgência da situação. Milhares ou talvez mesmo milhões de crianças corriam o risco de comprometer definitivamente seu futuro por causa do *rock*, de sua "audição forçada", da "poluição sonora". Não havia mais tempo para teorias, para um estudo em minha torre de marfim. Tomando-me por um novo espécime de cruzado, e sem temer o ridículo, logo armei-me... de minha caneta e escrevi, em meio à desordem, a todos aqueles que eu considerava responsáveis pelo país, a todos que pareciam deter certo poder para zelar pela saúde mental da população, a saber, os ministros da Saúde Pública, da Educação Nacional e da Cultura, os presidentes das associações de pais de alunos, homens políticos de todos os espectros do momento que eu soubesse que já tinham sido médicos, alguns diretores da mídia escolhidos ao acaso, por conta do enorme número deles. Eu esperava, em toda minha inocência naquilo que concernia o mundo da política e seus múltiplos satélites, ver o problema resolvido num piscar de olhos; ora, eu não havia redigido um documento científico com argumentos comprovados, com o bom lastro de uma bibliografia honesta e indiscutível? Sem dúvida, eu estava a tratar apenas com homens e mulheres disponíveis ou atentos, pois as respostas se contaram nos dedos de uma só mão. Mais tarde, eu viria a aprender que existe um "consenso" nacional para extirpar da vida todo tipo de ornamento e levar em conta apenas o "jogo de forças". De resto, os homens importantes estão submersos em meio às correspondências, queixas e solicitações, e só podem responder a seus eleitores. Ademais, ninguém gosta de ir contra a moda. E todos têm medo do *show-biz*, das pessoas que têm um público a seu dispor. Temos medo de deixar marcas, ainda mais por escrito. Temos medo de tudo!

Em todo caso, o sr. de Villiers,[2] Secretário de Estado para a Cultura, me manifestou sua simpatia e seu interesse. Esse gesto de cortesia tocou-me como um bálsamo. Enfim, a rádio Courtoisie, difusora de música clássica, que eu descobrira pelo mais puro acaso nas ondas FM em meio à inundação do *tam-tam* afro-americano, surgiu-me como uma ilha de civilização num oceano de barbárie, e me ofereceu seu apoio: o sr. Jean Ferré, seu fundador, organizou uma mesa-redonda sobre os efeitos do *rock*, no início de 1988, na qual fui amigavelmente auxiliado por eminentes especialistas (musicólogos, psicólogos, escritores) mais experientes nesse tipo de exercício do que eu. Essa "rádio livre" de Paris, que vivia unicamente das doações de seus ouvintes, podia dar-se ao incrível luxo de uma real independência de espírito. O milagre da democracia é permitir aos particulares que se ocupem de coisas de interesse geral, como a informação, a divulgação científica e o conhecimento das artes e das letras, enquanto as mídias do Estado se enredam nas lutas de influência dos homens e dos partidos políticos, e são hipnotizadas pelos índices de audiência, esquecendo-se de sua razão de ser, que é, a princípio, informar... Mas a liberdade de tom contraria amiúde os poderosos deste mundo. Além disso, as rádios verdadeiramente livres dispõem de um raio de difusão legal pouco importante; o da rádio Courtoisie restringia-se a uma vintena de quilômetros, à época. Nossos esforços de informação permaneceram, pois, confidenciais, restritos ao oeste de Paris. Tive, assim, de continuar a distribuir meu documento sobre os efeitos nefastos das músicas afro-americanas nos resultados escolares das crianças, a contatar os responsáveis das pistas de gelo, pais de patinadores, treinadores, infatigavelmente, desde 1987. Sem pretensões de salvar a humanidade inteira, tentei ao menos prestar serviço a alguns pequenos patinadores.

Os resultados dessa campanha foram algo modestos. Mas eles me revelaram um certo grau de desorientação das pessoas. As mais instruídas já estavam convencidas da nocividade do *rock* e do *rap* e me expressavam seu apoio e simpatia. Elas estavam, aliás, horrorizadas com a lembrança das cenas de violência (incêndios, saques em Paris) que a televisão havia mostrado "ao vivo", imortalizando

---

2 Philippe de Villiers, ex-ministro na gestão Sarkozy, fundador do *Puy du Fou*, parque de atrações que é talvez o maior marco da resistência cultural franco-francesa atual — NT.

os feitos desses "jovens" (em realidade criminosos, amiúde "oriundos da imigração", que as mídias assim denominam para tentar nos fazer crer que seus atos ilícitos resultam necessariamente de sua juventude) que sabíamos pertencentes à "cultura *rock*", à "cultura *rap*", enfim, à "cultura *tam-tam*". Outros, muito mais numerosos, não tão jovens e seguramente não diplomados, se revoltaram contra as ameaças totalitárias (sic) de meu panfleto. Eu fui mesmo tratado de "racista antijovens" (a juventude era uma raça!), de reacionário e de impostor. Meus títulos universitários não me protegeram! Fiquei surpreso ao saber que o *rock* havia se tornado uma instituição sacrossanta, a ponto de sua crítica ou sua rejeição suscitar reações de ódio e paixões políticas. Para alguns, ele representava com efeito "a música moderna", "a música jovem". E, em verdade, o sentido dessas palavras me parecia perfeitamente obscuro, até que em 1991 o sr. Fumaroli, professor do Collège de France, deu-lhes a sua exegese no quadro de uma polêmica política (13). Voltaremos a tratar desse assunto mais adiante. Enquanto isso, eu constatava com espanto que existia uma vontade difusa de politizar um problema, aos meus olhos médico e talvez social, como que para confundir os espíritos e impedi-los de abordar o assunto com serenidade e bom senso. Reinava uma espécie de terrorismo intelectual, mas por quais razões e para proveito de quem? Quem eram esses zeladores do *tam-tam*? Passei a ler atentamente os jornais, a ouvir, concentrado, os jornalistas e animadores do rádio e da televisão e a me interessar pelos fatos políticos, em busca da chave de compreensão do problema. Haveria acaso uma seita, uma máfia ou um "lobby" do *tam-tam*?

Já há uns trinta anos que tudo foi politizado, até mesmo o comércio e a medicina (sobretudo a psiquiatria). Chega-se a falar do poder médico como de uma máfia. Ora, a política, que tende a substituir a religião, desencadeia paixões hediondas e torna cego o mais douto dos homens. A avaliação da função social das artes em geral e da música em particular sempre foi considerada como eminentemente política em todas as revoluções do passado. E eu havia esquecido disso. A partir de então, para tentar compreender as reações emocionais das pessoas, na França e no campo da música, tornava-se necessário guardar em mente constantemente certos *slogans* (do tipo "música jovem", "música de classe"), mas

sem se deixar vencer pelas tentações partidárias. Eu me dera conta de que as ciências humanas tinham bastante dificuldade em permanecer neutras e realmente científicas. O problema não era ser objetivo (veremos que isso não é possível), mas ser honesto, nada ocultar, e sobretudo jamais tentar enganar. É isso que se chama "informar".

Então o país trocou de governo, e a despeito disso a difusão pública das músicas afro-americanas continuou a se amplificar. O sr. Lang, novo Ministro da Cultura, encorajava oficialmente a escuta desse barulho (subvencionando as escolas de *rock*) que ele reconheceria, aliás, como coisa de "fabricação industrial" (sic) (graças ao sintetizador, à mixagem de excertos de música, aos acordes, aos ritmos pré-gravados, ao canto sobreposto). As prefeituras de todas as tendências políticas colocaram salas à disposição dos "jovens" e outros "zulus", para popularizar o *rap* e as outras danças em voga nos guetos negros dos Estados Unidos da América. Criou-se até mesmo uma cátedra de "etnomúsicas" na Faculdade de Paris (Saint-Denis) e um museu do "*tag*" na cidade de Meaux. Os shows de *rock* e *rap*, com seus habituais cortejos de violência e drogas, se multiplicaram em diversas cidades de província que aspiravam a parecer modernas e que buscavam fazer como Paris ou mesmo melhor do que Paris, sob risco de perder sua especificidade e seu charme (que, segundo os guias de viagem, "merecia uma visita"). Foi em meio a esse clima de emulação generalizada para implantar a cultura afro-americana na França que se abriu o debate sobre a reforma da ortografia. Alguns estimaram que esta era inutilmente complicada e perturbava a "integração" das crianças dos meios desfavorecidos, amiúde de origem magrebina ou africana, pois, é claro, cabe à França aceitar um sacrifício para esses pobres emigrados que não querem fazer nenhum esforço para se tornar franceses. Mas com que finalidade? Qualquer pediatra sabe que, no campo da expressão, o conteúdo está ligado ao continente, o fundo à forma, o pensamento à sua expressão; que a confusão das letras, sílabas, sons ou palavras corresponde no mais das vezes a problemas auditivos (surdez parcial) ou psicológicos. E que estes são engendrados, segundo a imensa maioria de psiquiatras, por anomalias genéticas e, segundo uma minoria de otimistas, por problemas de relação entre a criança e seus pais e a "poluição sonora".

Faltava, sem dúvida, acrescentar a isso tudo a incompetência dos professores e dos educadores, e sobretudo o nível de civilização da família, e enfim os "métodos globais" de leitura de uma escrita fundada sobre processos sintéticos! O sr. G. Edelman, prêmio Nobel de medicina, espanta-se que as ciências humanas, dentre as quais a pedagogia, não levem absolutamente em conta a fisiologia do cérebro (12). E depois, os erros de ortografia não são o único problema; esses iletrados são violentos, não têm respeito por nada, nem pela lei e pelos costumes. Nunca lhes foi ensinada a gramática do comportamento dos homens civilizados. Ademais, ao impor--lhes a cultura *tam-tam* através da mídia, se lhes exacerba a emotividade em detrimento de seu desenvolvimento intelectual: basta olhar para esses jovens trepidando e gesticulando, cobertos de suor, o olhar desvairado ou vazio, para se preocupar com o estado de sua evolução mental. Civilização é sinônimo de controle de si, de organização e de ordem. Mas constato com espanto que os gurus das ciências humanas, professores de psicologia e sociologia pagos pelo governo para resolver os problemas das "periferias difíceis", só rasgam elogios ao *tam-tam* e seus pretensos efeitos civilizatórios para o desenvolvimento cerebral e a "integração" das crianças dessas zonas. Que bizarro! O *tam-tam* representa para esses sábios a modernidade e o progresso! É uma loucura...

As linhagens humanas não podem evoluir, todas, em igual velocidade. A sociedade francesa não foi nunca homogênea; daí as inevitáveis classes sociais, *hélas*! Aliás, ela não o será jamais; pois as leis do acaso da genética se oporiam a isso, evidentemente, bem como os princípios da termodinâmica de Carnot, enquanto esta sociedade permanecer viva. A língua francesa não é mais difícil que os outros idiomas. Ela não é absolutamente responsável pela desigualdade ou pela imperfeição dos homens. O ideal de beleza, que é, contudo, absolutamente indispensável à vida do mais humilde dos homens, conduz certamente à comparação, à seleção e, por conseqüência, ao elitismo. O problema será apenas o de tentar dispensar a melhor educação possível, a fim de civilizar o maior número. Mas, para que esta seja proveitosa a todos e sobretudo aos mais desfavorecidos, será preciso antes de mais nada eliminar

as perturbações. Ora, tornou-se rotineiro dizer que as mídias contrariam a ação do Ministério da Educação por meio de uma espécie de ensino paralelo, porém contrário. Com efeito, a escola tenta transmitir a cultura greco-latina, patrimônio nacional há vinte séculos, preparando os espíritos para a ciência e para a técnica moderna. Mas, entrementes, os divertimentos oferecidos pelo *show-biz* tornam-se cada vez mais importantes à medida em que o país se afunda na "civilização de lazeres", e desvia adultos e crianças rumo a sistemas de valores extra-europeus, amiúde irracionais e imorais se comparados às normas tradicionais greco-latinas. Será preciso lembrar que o espírito clássico recusa tudo aquilo que engendra a desordem e a desmedida (tudo o que é contrário à ciência, como os fantasmas, os extraterrestres, tudo aquilo que é contrário ao Estado, como a violência pessoal ou a justiça privada, ou ainda o espírito de revolta sistemático e o ódio contra a sociedade, contra a família, a rejeição das instituições, da moral, da lei, das tradições)? Como "a natureza tem horror do vazio", o ensino para-escolar do *show-biz* e das mídias toma posse do campo emocional negligenciado pelo Ministério da Educação Nacional para formar a sensibilidade e o coração dos jovens segundo a moda afro-americana. Será que estamos bem conscientes disso? As artes, dentre as quais a música, são mesmo tão edificantes? Infelizmente, nosso mundo foi "lobotomizado" pela política do Ubu Rei, e barbarizado. Pudemos perceber que, em nossos dias, o bárbaro faz estudos superiores, mas modernos, torna-se gerente e tem amiúde um diploma de engenharia ou de comércio. Assim, não nos recordamos mais das tradições culturais da Grécia antiga. Com efeito, na Antigüidade, acreditava-se que a música era uma invenção dos deuses, que ela formava o caráter e os costumes dos homens, que ela podia reestabelecer o equilíbrio, a coesão e a harmonia nos corpos e espíritos, enfim, que ela exprimia mesmo a harmonia que Deus colocou no universo, no movimento e no curso dos astros. Os antigos estimavam que tudo tendia a piorar, degenerando-se; que a música, engajando-se na via moderna do refinamento (era a tendência da época), começava a perder sua eficácia moral. Eles tentaram então refrear essa tendência à catástrofe por meio de leis que antecipam aquelas nossas de proteção da criança. E um certo músico célebre foi mesmo exilado por haver modificado a harpa, homóloga de nossa guitarra elétrica moderna, pois acusaram-no

de incorrer no risco de corromper a juventude, afrouxando-a com suas técnicas inovadoras! Decididamente, os homens que zelavam pela cidade antiga pensavam somente nas virtudes cívicas, militares mesmo, e eram muito cautelosos com a educação de suas crianças. Em nossa época, os homens modernos e "avançados" desconfiam bem menos das músicas, dos jogos e dos lazeres de seus filhos. E, no entanto, tudo aquilo que compõe o ambiente de um ser em processo de desenvolvimento e de amadurecimento pode deixar em seu organismo uma "marca" que, combinada com a hereditariedade, altera seu metabolismo, cria uma aptidão e modifica definitivamente seu comportamento futuro (10). Sabemos disso com certeza desde que os métodos de observação desenvolvidos por Konrad Lorenz, prêmio Nobel, e seus alunos de etologia animal foram aplicados ao estudo do comportamento humano.

No fundo, mesmo sem ler essas obras eruditas, os homens sempre souberam que a educação, seja ela boa ou má, muda suas crianças de uma maneira irreversível. O que surpreende os jovens pais inexperientes é aprender que tudo o que faz parte do ambiente das crianças, inclusos aí a música, os jogos, os lazeres e as férias, educa. O que pode causar temor, sem dúvida, é saber que o sistema ecológico pode alterar até mesmo o aspecto físico do homem, e que a civilização, assim como o homem, é frágil e exposta a mil perigos de regressão ou de desvio rumo à selvageria primitiva, por causa dos erros do Ministério da Educação Nacional, ou por causa de uma ideologia perversa dos concorrentes ardilosos deste último, as mídias (televisão e rádio FM, sobretudo). As civilizações não se contentam com ser mortais; elas podem mesmo transformar-se para se tornar monstruosas. Mas, será que elas ainda sabem disso? A desinformação, o nivelamento por baixo e a exacerbação das paixões primárias pelas mídias não servem exatamente para desenvolver a consciência das massas.

Por obra da mídia, a França é o único país do mundo a não mais possuir músicas populares nacionais. Suas classes populares deixam-se civilizar pelo Bronx! Pois o Estado teve a fraqueza de abandonar suas crianças ao *show-biz*. É preciso reconhecer que o Ministério da Educação Nacional jamais educou; ele inclusive

cedeu sua função virtual ao *show-biz* no dia em que seus mestres se despojaram de sua dignidade e de sua responsabilidade moral para se tornarem meros instrutores. A partir daí os histriões se tornaramos mestres de nossa juventude. E essa desvalorização generalizada do homem, transformando a pessoa criada pelo cristianismo em indivíduo, elemento de base das turbas materialistas, conduz à cultura de massa do nacional-socialismo, do comunismo e do capitalismo liberal. Nas páginas seguintes, veremos como algumas músicas podem contribuir para o nivelamento por baixo da humanidade.

Enfim, para compreender e explicar a ação da música sobre o homem, voltei a estudar as neurociências e tentei fazer uma síntese das descobertas feitas nos últimos trinta anos, levando em conta certas obras realizadas em ciências humanas. Estas se desenvolvem independentemente da medicina, mas são por vezes interessantes, apontando no mesmo sentido das neurociências. É tentador, pois, explicar a formação da sensibilidade do homem e tirar conclusões referentes à educação das crianças em vista da maturação cerebral, da realização de um destino (potencialidade) e não necessariamente da felicidade. Ademais, o que é felicidade? A embriaguez dos sentidos, o transe ou o sentimento de ter cumprido com seus deveres para consigo e os outros? Os diversos capítulos e parágrafos que tive de acrescentar em desordem após a parte propriamente dedicada à música e seus efeitos, têm por finalidade responder às questões não previstas, mas colocadas pelos ouvintes da rádio Courtoisie ao longo de diversas emissões sucessivas sobre o "*rock* e seus efeitos", e tratando de temas variados: as manipulações em geral, as causas da agressividade e mesmo da guerra, a educação das crianças e a difusão musical pública diversificada na América e uniformizada na França etc. Como foram as neurociências que suscitaram essas questões, é por meio delas que busco respostas. Mas então nós logo extrapolamos para todos os campos da ação e da paixão do homem! Para a política, o globalismo que eu tratei sob o ponto de vista estrito do *show-biz*.

CAPÍTULO I
O mecanismo da audição

Ensina-se que a escuta se faz pelos ouvidos, mas sob controle do cérebro.

O ouvido é composto por três partes: ouvido externo, ouvido médio e ouvido interno. O ouvido externo, com seu pavilhão e o canal auditivo, recebe os ruídos (somas de sons). O ouvido médio, ou cavidade timpânica, é fechado por fora pela membrana do tímpano, que o separa do ouvido externo, e contém a cadeia dos ossículos. Esta, composta de martelo, bigorna e estribo, conecta o tímpano ao ouvido interno, e permite a transmissão das vibrações do ruído: é a via da "condução aérea" da audição. O ouvido interno, órgão essencialmente nervoso, decompõe o ruído em sons (vibrações periódicas sinusoidais caracterizadas por freqüência e intensidade), e envia ao cérebro, pelo nervo auditivo, os resultados de sua análise sob a forma de mensagens elétricas codificadas em modulação de freqüência.

Algumas dessas afirmações clássicas são contestadas hoje em dia. Com efeito, não estamos mais certos de que a cadeia de ossículos, cuja tensão é controlada por dois pequenos músculos, sirva à transmissão mecânica dos ruídos; alguns dissidentes supõem mesmo que os sons possam atingir os receptores do ouvido interno pelos ossos do crânio, dentre os quais a cavidade timpânica (é a via clássica de "condução óssea"), que seria uma caixa de ressonância, exatamente como as "células mastóides" e as outras cavidades da cabeça e até mesmo do corpo (tórax, abdômen); eles afirmam que a função da cadeia de ossículos é de controlar a impedância da caixa do tímpano e de selecionar assim a freqüência e intensidade dos sons a serem transmitidos ao ouvido interno. O ouvido médio seria, portanto, um filtro de proteção contra certos excessos de

decibéis e sobretudo contra os parasitas sonoros (barulhos provenientes da circulação sangüínea local e da respiração).

Não há mais certeza quanto ao modo exato de funcionamento do ouvido interno; pois este é somente um receptor. Com efeito, ele pode originar um fenômeno elétrico, o "potencial microfônico", e um fenômeno sonoro, as "oto-emissões acústicas", reproduzindo, ambos, o som ouvido, e cujo significado ainda está em discussão. Finalmente, reconhecemos que a audição é um ato, voluntário ou inconsciente e automático, mas colocado sob a gerência do cérebro. Ela depende, portanto, do aprendizado, como as outras funções sensoriais (visão, paladar, olfato, tato) e do estado de espírito do indivíduo. Convém insistir neste ponto em especial: nós só vemos, ouvimos e observamos a partir de nossos preconceitos, nossa ideologia, em uma palavra, segundo a arquitetura cerebral adquirida pelo aprendizado. Em psiquiatria, recomenda-se ouvir num estado psíquico especial chamado de disponibilidade ou de "neutralidade benévola", ou seja, com modéstia, generosidade e simpatia. Mas essa condição emocional, que carece de educação, só está acessível a poucos, pois a maioria dos homens está convencido de ter sempre razão, de dispor da faculdade de raciocinar infalivelmente e com objetividade, portanto, de acessar a verdade absoluta. Eles são, por conseguinte, totalitários, dogmáticos e arrogantes. A necessidade de ser lógico consigo (coerência) é tão forte que se chega ao ponto de negar seus próprios sentidos! Seja como for, a audição se exacerba diante de sons já aguardados, esperados ou temidos, e diante dos sons inesperados. Em contrapartida, ela se enfada diante de sons repetitivos ou tidos como sem interesse.

A audição se adapta às características da língua materna e, reciprocamente, a fonação é modelada com base na audição. Segue-se que a fonação e a audição constituem como que uma só função, a da comunicação, da transmissão e recepção de conceitos, emoções e sentimentos. Ela é capital para o homem, pois exprime sua personalidade e o vincula a uma civilização, a um meio social. É por isso que uma educação coerente deveria tratar tanto do aprendizado da elocução quanto da audição. Por conseguinte, a escolha conveniente das músicas para a criança não deveria ser largada ao sabor do acaso ou à vontade manipuladora das mídias, do *show-biz*, dos marqueteiros da música ou de qualquer outro

lobby. Isso deveria caber ao Ministério da Educação Nacional e aos chefes de família, ou, melhor ainda, às academias nacionais, que são muito mais conscientes do valor do patrimônio musical nacional, europeu e mundial.

Alguns musicoterapeutas (1) vão ainda mais longe no estudo da função auditiva. Eles pretendem ter descoberto uma correspondência entre os fenômenos psicológicos (as doenças, as pulsões, o pensamento em geral) e o corpo humano por intermédio da audição. É a isso que eles chamam de "escuta". Aqui é preciso lembrar que o audiograma clássico é definido pelo "limiar audiométrico", ou seja, a intensidade mínima, em decibéis, de sons puros, de 30 a 18.000 hertz, captados por um só ouvido. A escuta dos musicoterapeutas é avaliada pelo teste de escuta que resulta da interpretação das anomalias (elevação ou baixa do limiar audiométrico) do audiograma em função dos problemas psíquicos reconhecidos pelos métodos da psiquiatria e da psicanálise clássicas.

Foi possível notar que essa concepção global do corpo humano em todos seus aspectos está presente na civilização indiana, com sua musicoterapia e seus *chacras*, bem como na cabala hebraica, com seus *sefirots*. Todos esses sistemas de pensamento fazem coincidir os sons graves (freqüências baixas) com o baixo-ventre e certas pulsões vitais (estado oral na terminologia freudiana) e os sons agudos (freqüências altas) com a cabeça, sede da autoridade e da inteligência (do ego e superego da psicanálise), e mesmo do "terceiro olho" (1) dos tibetanos.

Esses esquemas permitem a "somatização" dos desequilíbrios psíquicos, ou seja, a expressão destes por uma parte precisa do corpo humano. Inversamente, como existe uma relação entre o psiquismo e a audição segundo a hipótese fundamental da musicoterapia, poderíamos reconhecer o estado mental diante da alteração no teste de escuta (1, 3, 4). Alguns especialistas, como o Dr. Tomatis (1), chegam mesmo a crer que seja possível detectar uma doença dos órgãos (doença somática) pelo exame do audiograma, apenas. Em suma, admite-se que o cérebro controla todas as partes do corpo e que, reciprocamente, estas exercem uma influência sobre o cérebro. E, desse fato, todos os órgãos encontram-se ligados por

intermédio do próprio cérebro. Essa correspondência entre os órgãos e todo o corpo pelos sons e a audição, como num holograma, não é reconhecida pela medicina oficial, pois ela recorre ora à lógica psicanalítica, ora às lógicas extra-européias, como o ioga ou a medicina chinesa. O que faz com que seus sistemas explicativos nos pareçam confusos, carentes de base experimental, sendo classificados preferencialmente entre as filosofias ou mesmo entre as sabedorias exóticas das "medicinas paralelas". Essa tendência à unificação dos conhecimentos em nossa época não deixa de nos fazer pensar na Idade Média. A astrofísica também tende a uma concepção global, holística do universo, explicando a criação do mundo com as teorias atômicas, e mesmo a consciência com as propriedades da matéria. É a tendência simplificadora, despótica e totalitária do espírito humano, que se compraz em englobar o universo inteiro numa só explicação. A diversidade e, por conseguinte, a desigualdade, propostas pela moda atual, são por essência aristocráticas e, portanto, em contradição completa com essa tendência, natural para um democrata fundamentalmente nivelador, generalizador e conformista.

Convém notar que o sistema da sra. Marie Louise Aucher, citado pelo Dr. Auriol (1), faz o esforço de se apoiar em dados da física clássica e se baseia no fenômeno da ressonância: a energia dos sons graves se concentraria na bacia e a dos sons agudos na cabeça, quando cantamos ou ouvimos. Essa percepção pelas cavidades do corpo, funcionando como um analista, viria reforçar aquela dos ouvidos.

Por outro lado, é mais bem aceita a existência de uma relação entre a audição e a motricidade, entre o ritmo ouvido e o movimento do corpo. A criança que apresenta naturalmente essa tendência ao se mexer ouvindo música é considerada espontânea, ao passo que o adulto será obrigado a aprender a "se mexer no compasso", seguindo o ritmo, e, portanto, a se reeducar, pois, nas sociedades refinadas, as convenções sociais proíbem a expressão corporal espontânea (exceto no caso das manequins da TV), ou, mais exatamente, dissociam a fonação da função gestual por razões estéticas e mesmo éticas (cada classe social tem seu comportamento

específico). Segundo o Dr Bérard (4), a audição musical por um único ouvido determina, na criança, movimentos de balanço sobre o hemicorpo do mesmo lado. Aliás, essa noção do liame natural entre a audição e o movimento parece ser coisa conhecida desde há muito, pois o método de aprendizado musical de Carl Orff, elaborado nos anos 1930, associa a percepção de sons à execução de gestos. Tal noção serve até mesmo à reeducação de retardamentos mentais. Pois, na pediatria, admite-se que as funções motoras, sensoriais e intelectuais são interligadas. A experiência mostrou, com efeito, que uma deficiência motora (paralisia) ou sensorial (surdez, cegueira), causada por exemplo por um acidente durante o parto de um bebê, deixa freqüentemente, como seqüelas futuras, distúrbios no desenvolvimento mental e afetivo. O cérebro é um todo indissociável e suas diferentes funções estão ligadas: a sensibilidade determina o intelecto e vice-versa. Essa correlação entre o intelecto, a sensibilidade, a motricidade (a prática do esporte) e a personalidade, unanimemente reconhecida como importante por todos, jamais foi examinada. As ciências pedagógicas progrediriam enormemente se o fizessem... Em 1998, continuamos sem saber mais do que Rabelais!

CAPÍTULO II

Estruturação e maturação do cérebro

No nascimento, o desenvolvimento do cérebro, tanto do ponto de vista anatômico quanto do funcional, ainda não está concluído; a maioria das funções intelectuais, afetivas e sensoriais ainda se encontram em estado de uma potencialidade hereditária; mas seu desenvolvimento dependerá do aprendizado (educação e instrução).

Temos diversas provas do desenvolvimento cerebral incompleto no macaco recém-nascido. Assim, por exemplo, a oclusão ou enucleação de um olho nos primeiros dias de vida conduz à perda definitiva das vias cerebrais da visão correspondente por atrofia anatômica. De igual modo, na criança com menos de sete anos, a privação de cuidado e de afeto conduz a uma debilidade intelectual profunda e a um menor desenvolvimento do corpo (hipotrofia). As "crianças selvagens", os "meninos-lobo", as crianças abandonadas em geral nos fornecem modelos desse tipo de perturbação do crescimento. Convém notar que, segundo as tradições antigas de todos os povos da terra, jamais se separava a criança "das mulheres" antes da fatídica idade de sete anos, antes de uma estruturação suficiente de sua personalidade, para confiá-la ao preceptor, ao mestre de armas etc. Esses fatos bem conhecidos permitiram uma atualização da célebre fórmula dos biólogos do século XIX: "a função cria o órgão". De fato, não se trata da criação de um órgão a partir do nada, mas do desenvolvimento orientado de um germe, do crescimento e estruturação ou especialização do órgão pela maturação. E esta última, bastante complexa e delicada, depende de múltiplos fatores dentre os quais a hereditariedade, o ambiente, a educação, a história do indivíduo com seus incidentes e acidentes e as datas em que estes ocorreram. Os etólogos insistiram (10) no fato de que a importância dos efeitos benéficos ou prejudiciais dos fatores ambientais está ligada à data de intervenção destes, bem como sua ordem no tempo. Reformar o programa escolar não é,

pois, coisa pouca; esse tipo de experimentação humana, sempre sem o "consentimento esclarecido" das partes interessadas, mudará certamente o futuro de uma nação, e não necessariamente no sentido almejado. Os fatores hereditários são muito importantes. Todos os criadores de animais sabem que cada raça tem suas qualidades e defeitos próprios. Igualmente, todos os pediatras sabem que existem insuficiências intelectuais, mais ou menos importantes, de origem genética. Mas, na França, não se ousa tocar nesse assunto para explicar as reprovações escolares e as "exclusões", por conta do traumatismo deixado nos espíritos pelo nazismo. E, no entanto, este só assolou os franceses enquanto fantasma. De resto, os congressos sobre a hereditariedade humana tiveram como desfecho uma altercação generalizada. A genética clássica, fundada nas obras de Mendel, um monge, e de Morgan, "burguês americano", é suspeita de ser uma ideologia capitalista e clerical. E o cromossomo, declarado fascista nos anos 1950, foi banido das discussões públicas. Não obstante, Barbara Mac Clintock recebeu o prêmio Nobel de Medicina, em 1983, aos 80 anos, quando foram redescobertos seus trabalhos sobre o milho, mostrando que informações adquiridas podem ser parcialmente transmitidas por hereditariedade. Essa conclusão, reanimando o neo-lamarquismo defendido por uma ínfima minoria de biólogos, levantou um odor desagradável; pois ela já fora proclamada por um certo Lyssenko, "cientista" soviético cujo único mérito foi ter enviado todos os seus contraditores ao *gulag* com o apoio de Stálin. O "paizinho dos povos", com efeito, precisava demonstrar a possibilidade de criar o Homem Novo pela educação e reeducação socialistas. Finalmente, levou-se mais de trinta anos para se reconhecer que as obras da americana Mac Clintock eram de uma qualidade claramente superior. No entanto, ninguém gosta de evocá-las, exceto aquelas que demonstraram a existência de "genes saltadores". Pois logo suspeitam que somos revisionistas ou contra-revolucionários, e que pensamos que algumas perfeições da espécie humana exigem muitas gerações de boa educação, e que é coisa longa e difícil civilizar os homens, e enfim que existem ainda entre nós homens das cavernas, inadaptados, associais, rebeldes congênitos etc., justificando todas as "exclusões". O nível de maturação cerebral, de civilização dos homens, divide-se segundo uma curva de Gauss (cf. o Q.I. de uma população, por exemplo).

Nem sempre é fácil determinar e definir os elementos que constituem o ambiente; pois é preciso contar tudo aquilo que, agindo desde o exterior, suscita fenômenos de toda ordem no interior do organismo em crescimento, e que deixa nele uma marca indelével. Esta última agirá sobre o comportamento ulterior do indivíduo (10).

É claro que a atitude da mãe diante de seu bebê é fundamental: ela pode, graças a seu equilíbrio, apaziguar a criança e favorecer seu sono, estimulando assim a secreção do hormônio de crescimento; e a criança se desenvolverá harmoniosamente.

Chega-se inclusive a pensar que os fatores culturais (religião, educação, costumes, usos etc.), ao prescreverem certos tipos de comportamento materno, podem modificar o desenvolvimento psíquico e até mesmo físico da criança. Eis aqui um exemplo que pode facilmente ser verificado: ao passar dos campos à vida urbana, o tamanho do homem aumenta de uma geração à outra, ao passo que que seu peso diminui e a idade de maturidade sexual baixa. Quanto ao seu psiquismo, ele se modifica ainda mais profundamente, mas os sociólogos mal começaram a se interessar por essa mutação. Em todo caso, essas transformações, definindo o "efeito de grupo" e resultando da densidade dos "estímulos" sensoriais (dentre os quais a música), são tão importantes que tendemos cada vez mais a negligenciar os fatores hereditários (o que é uma boa abordagem para uma longa observação no nível das centenas ou milhares de gerações, pois, se os indivíduos não são iguais por conta de pequenas variações genéticas aleatórias, as linhagens o são, porque elas flutuam em torno de médias específicas: as espécies são mais estáveis do que supunha Darwin). Também por conta dessas transformações é que o Prof. Pierre Bertaux, de Lille, pôde falar em "mutação humana" (sic) em 1964; e esta última resultaria da interação com o meio ambiente.

Uma vez admitida a extrema plasticidade do homem ainda jovem, especialmente de seu cérebro, explica-se a maturação do sistema nervoso pela adaptação e especialização da função de seus órgãos do seguinte modo. Os estímulos provenientes do ambiente determinam um dado comportamento. Este necessita do andamento de certos circuitos nervosos. A repetição do fenômeno, por

efeito do treinamento produzido (como em um esporte), melhora o funcionamento destes circuitos, reforçando e estabilizando (8) as conexões entre seus componentes celulares (neurônios). Inversamente, as células não estimuladas, não utilizadas, se atrofiam, morrem e desaparecem sem ser substituídas. Assim, com o crescimento e a educação, produz-se por um lado uma melhoria do funcionamento pela adaptação de certos órgãos (conjunto de células assumindo uma função definida) e por outro uma redução progressiva, para estes órgãos, das possibilidades de se modificar suas funções e adquirir novas funções. Em suma, a especialização das funções é acompanhada de um enrijecimento dos circuitos nervosos.

A prova disso se dá pelos seguintes fatos, que nós bem conhecemos. As lesões cerebrais deixam seqüelas ainda mais importantes nos indivíduos de idade mais avançada, pois as possibilidades de compensação das partes ilesas diminuem à medida em que o número de células nervosas indiferenciadas (ainda não especializadas) se reduz com a idade. Por outro lado, o aprendizado de novos sistemas (as línguas vivas e as matemáticas, por exemplo) torna-se cada vez mais difícil à medida em que a criança cresce: alguns sons que não foram emitidos (ou retidos), certos modos de raciocínio que não foram empregados não poderão mais ser adquiridos. Em suma, com a idade, o aparelho de fonação e o cérebro perdem sua capacidade de adaptação. Pois amadurecer é aprender; e aprender é reduzir para realizar as potencialidades afetivas e intelectuais oferecidas pela hereditariedade no nascimento. A desigualdade é natural desde a origem.

Esse processo de maturação por meio de seleção e especialização dos circuitos nervosos e das funções cerebrais se amplifica nos primeiros anos da vida, por ondas sucessivas, depois se atenua progressivamente até a puberdade. De fato, ele persistirá, muito enfraquecido, ao menos até o início da velhice, a qual os gerontólogos situam entre vinte e seis e trinta anos, imediatamente após o fim da fase de crescimento, portanto. Isso nos permite dizer que, após a idade de trinta anos, deixamos de ser reeducáveis, portanto de ser recuperáveis. É por isso que, nos anos 1960, quando da revolta dos estudantes americanos em Berkeley e, em 1968 em Paris, pelo desejo de chocar e por imitação, escreveu-se nos muros que era preciso eliminar as pessoas de mais de trinta anos. Mais tarde,

no Camboja, os Khmers Vermelhos, bons discípulos dos "contestadores" da Sorbonne e adoradores de Robespierre, tiveram a possibilidade de aplicar esse programa político, para assombro de todos, mestres e discípulos, tão pouco habituados a ver as pessoas levarem a sério seus caprichos e fantasias de juventude (tomadas de posição, teses, agitações etc.), como se sua maturação psíquica estivesse parada. E, de fato, eles eliminaram fisicamente a "raça dos burgueses", ou seja, um quarto da população cambojana.

Duas observações se impõem. Em primeiro lugar, nesse intervalo de tempo de uma trintena de anos de que dispomos, é preciso estruturar da melhor forma possível nosso cérebro, a fim de adaptá-lo à civilização técnica moderna. É uma banalidade dizer que precisamos ter uma cabeça bem-feita. E é evidente que uma cabeça insuficientemente preenchida não poderá sê-lo, dado que, nessas condições, uma multidão de circuitos nervosos não utilizados irão se atrofiar e desaparecer; daí resultará mesmo uma certa debilidade intelectual adquirida. A educação ideal deveria, logicamente, servir para desenvolver o máximo de circuitos nervosos possíveis, por uma espécie de treino esportivo intensivo, no limiar do excessivo. O problema não é suscitar o interesse pelas disciplinas ditas de iniciação, tão caras aos devotos da psicanálise e das ciências humanas, mas de criar e fortalecer todas as combinações possíveis de neurônios. A repetição e insistência nos esforços intelectuais são indispensáveis. E assim, mais tarde, mesmo após a idade canônica de trinta anos, poderemos continuar a nos adaptar à sociedade em evolução contínua pela reciclagem, adquirindo novos conhecimentos; isso consistirá em armazenar novos dados nos circuitos nervosos da memória já estabelecidos e incessantemente acionados e consolidados. E essa nova inscrição se efetuará segundo processos lógicos (processos de percepção e de pensamento) em bom estado de funcionamento, pois que bem conservados por sua utilização contínua e ininterrupta.

Seria necessário sacrificar no altar do hedonismo de 1968, e transformar a instrução e a educação em jogos? Alguns consideram que o trabalho em geral seja uma punição e mesmo uma maldição; mas outros pensam que o esforço santifica, e que o conhecimento em si é uma gratificação, que ele transmuta o homem. Como adquirir essa convicção, o gosto pelos estudos? Pela educação, pela

tradição familiar ou pela graça? Ou ainda pelo jogo, se dermos crédito aos educadores freudiano-marxistas? Os etólogos, que são gente mais séria, pensam que os gostos resultam da qualidade do contato da criança com seus pais (pai e mãe). Por conseguinte, o papel da escola, dos professores e dos auto-declarados educadores é um tanto irrelevante. O simples senso de responsabilidade nos faz saber que nos instruímos por necessidade, para nos elevarmos acima do homem das cavernas, que já dispunha da mesma potencialidade cerebral que nós, *homo sapiens* majoritariamente, mas que não podiam dispor dos mesmos conhecimentos científicos, históricos e morais. A instrução e a educação servem para "integrar" o indivíduo na sociedade civilizada, no mundo do trabalho. Nessa longa provação iniciática, cada experiência psicológica, intelectual ou emocional, por sua repetição voluntária ou forçada, determina circuitos nervosos particulares no cérebro e deixa, portanto, vestígios indeléveis na personalidade e gostos e, por isso, determinará o comportamento do futuro cidadão. É uma verdade mais do que óbvia dizer que o adestramento, compreendendo a educação e a instrução, marca o indivíduo por toda sua vida. E na criança, tudo faz parte do adestramento, mesmo os jogos e lazeres ou a escuta musical.

O funcionamento do cérebro e de seus diferentes órgãos pode ser exposto e analisado pela comparação dos distúrbios de comportamento e das lesões anatômicas, pelo estudo do potencial elétrico registrado diretamente no cérebro durante a execução dos gestos ou das operações intelectuais, pela aferição do fluxo de sangue carregado de um indicador radioativo que aumenta nas regiões do cérebro em atividade, ou ainda pelas imagens por ressonância magnética. Assim, estudamos cérebros em bom estado, cérebros com lesões locais, cérebros divididos em dois lobos por um corte da "comissura", órgão que os liga.

Sabemos, assim, que o cérebro comporta dois lobos ou hemisférios grosseiramente simétricos, mas contendo circunvoluções perfeitamente assimétricas. Estas são compostas de neurônios conexos de maneiras distintas. Segue-se que os dois hemisférios cerebrais, direito e esquerdo, assumem funções diferentes: cada lobo comanda o hemicorpo do lado oposto e recebe, em retorno, mensagens provenientes dos sentidos deste; pois as vias motoras e sensoriais são

"cruzadas" (elas cruzam a linha mediana da medula espinhal). Ademais, o lobo garante as funções particulares de coordenação, síntese e reconhecimento global (16).

Nas regiões de civilização européia (1), na maioria das pessoas, o hemisfério direito (ou cérebro direito) é sede do inconsciente. Ele é encarregado da percepção e do reconhecimento do contorno geral e global das coisas, das formas, do caráter agradável ou desagradável, das imagens, enfim, de tudo que seja emocional (imaginação e sonho). Na percepção e no reconhecimento do mundo, ele é o primeiro a intervir, julgar e reconhecer pela intuição, e suscita paixões ditando a maioria de nossas escolhas e dos nossos gostos. O inconsciente, função do cérebro direito, raciocina por justaposição de imagens. Comparando-o com o computador, dizemos que ele é dotado do funcionamento analógico. Porém, muito mais complexo que o computador, ele assume também as funções "páticas" necessárias ao sonho, à imaginação, à fé numa religião ou uma ideologia, às paixões, aos sentimentos (à expressão e à percepção dos sentimentos), mas ainda a orientação no espaço e também as performances artísticas e artesanais. O uso predominante do cérebro direito parece natural e, por isso, acessível a todos, mesmo aos sem instrução, aos homens não adestrados, aos primitivos. E, curiosamente, ele é o apanágio da mulher, mesmo instruída, cujo cérebro é menos assimétrico, menos lateralizado que o do homem. O que daria o que pensar ao feminismo.

Quanto ao hemisfério cerebral esquerdo, ele é encarregado da função de análise, de conceptualização, de simbolização e raciocínio por associação. Ele procede por etapas cujo funcionamento é definido e específico; assim, dizemos que seu funcionamento é digital, numérico (como quando contamos nos dedos). Ele representa assim o cérebro do raciocínio científico e universitário (medido pelo quociente intelectual), dos gestos pensados, precisos intelectualmente, profissionais e técnicos. É, portanto, a sede daquilo que os médicos chamam de consciência, quer dizer, a percepção e o reconhecimento do mundo, permitindo ao pensamento apoiar-se em realidades tangíveis, na medida em que estas podem ser decodificadas pelos sentidos, e exprimir-se.

Na verdade, ambos os hemisférios cerebrais intervêm em todo comportamento, pois o cérebro é um todo indivisível sobre o plano

funcional; assim, por exemplo, na língua falada, a informação é controlada pelo hemisfério esquerdo, mas a emoção, que pode mudar o sentido das palavras ou da frase, é comunicada pela entonação. E esta depende do lobo cerebral direito. De igual modo, quando um leigo ouve música, seu lobo direito segue o contorno geral da melodia e pode conceber uma certa emoção estética. Mas se o indivíduo, por meio da educação, se torna músico ou um conhecedor de música, aí então ele poderá ouvir também com seu lobo esquerdo, pois a música terá se tornado para ele uma linguagem (solfejo). Convém notar que a intervenção predominante do lobo esquerdo necessita de um longo aprendizado, e que não poderemos jamais excluir completamente a ação de seu homólogo direito, mesmo nos domínios da lógica aparentemente mais pura. Com efeito, em matemática por exemplo, raciocinamos com o lobo esquerdo, certamente; mas o lobo direito nos fará escolher arbitrariamente a solução mais elegante. Existe de fato uma estética na lógica; e sabemos que as preferências e repulsas pertencem ao inconsciente. Este está localizado no lobo direito (31), como dissemos. Assim, parece que, mesmo no domínio da lógica e da ciência, seremos sempre subjetivos, amiúde sem sabê-lo. Existem, em cada indivíduo, duas personalidades, uma intuitiva (o coração), outra calculada (a razão). A reunião dos contrários, constituindo a unidade da pessoa, é algo que ainda se compreende de forma incompleta. Voltaremos a esse tema.

O cérebro não funciona segundo um mesmo modo em todos os homens; e o modo de perceber e pensar muda ao longo da maturação do indivíduo e da evolução da civilização. A mudança na especialização dos territórios do cérebro (pela mudança ocorrida na educação) provoca a modificação da mentalidade do indivíduo e, em seguida, a do seu comportamento. O Dr. Tsunoda, citado pelo Dr. Auriol (1), pensa que a mentalidade dos japoneses é diferente daquela dos europeus, pois os dois hemisférios cerebrais, nos primeiros, não controlam exatamente as mesmas funções que nos segundos. Em suma, os mesmos órgãos, mas dispostos de forma distinta, não produzem absolutamente o mesmo funcionamento global. Assim, por exemplo, em matéria de automóveis, uma tração traseira e uma tração dianteira com o mesmo motor não dão ao carro exatamente o mesmo comportamento. Essa diferença de

arranjo das estruturas cerebrais poderia ser atribuída às modificações da matéria do programa educacional, claro, mas também às modificações da ordem desse programa em função da idade, se dermos crédito aos etólogos. De resto, segundo Konrad Lorenz, existe uma idade ideal, um período crítico de curtíssima duração para se iniciar um dado aprendizado, fora do qual os resultados podem ser nulos (por exemplo, uma criança abandonada não poderá mais aprender a falar e a andar depois dos 3 anos de idade. Será que podemos assim explicar certas reprovações escolares, as competências desiguais de uma criança em disciplinas distintas?). No caso citado, o programa de aprendizado da fonação, função especificamente humana, é muito diferente segundo as culturas. De acordo com o Dr. Tsunoda, a língua japonesa comporta mais vogais do que as línguas européias em geral. A educação do aparelho fonador determinaria em grande parte, pois, a mentalidade do homem. Esse ponto de vista parece compartilhado pela maioria dos musicoterapeutas. O Dr. Guy Bérard, com formação em otorrinolaringologia, argumenta nesse mesmo sentido ao intitular seu livro *Audição igual comportamento* (4), pois constatou que os distúrbios da audição podem gerar uma alteração do humor e do comportamento (estado depressivo com pensamentos suicidas, asma, distúrbios do caráter na criança). Outros (1, 4) dão a maior importância à "lateralização da audição", ao fato de que um indivíduo ouça de modo predominante com seu ouvido direito ou esquerdo. Pois, ao fazê-lo, ele designaria seu lobo cerebral do lado oposto como sendo o "hemisfério dominante" em torno do qual deveria se estruturar o conjunto do cérebro em processo de maturação. Se, por uma razão qualquer, as outras funções (a motricidade, por exemplo) não se lateralizam de maneira adequada, poderiam resultar disso certos distúrbios de coordenação que podem se exprimir pelo gaguejar, pelas dificuldades de leitura (dislexia). Com efeito, o centro da audição, em geral localizado no lobo esquerdo, analisa a palavra à medida em que ela é emitida. Ele está ligado ao centro da fonação, situado no lobo esquerdo no caso dos destros puros (aqueles cujos todos os gestos precisos são efetuados pelos órgãos da direita), e que comanda a palavra e sua eventual correção. Se o tempo da condução nervosa entre os dois centros do aparelho de audição-fonação se estendesse (por exemplo, no caso

em que estes se encontram sobre dois lobos cerebrais distintos, por conta da alteração da lateralização das funções sensoriais e motoras), o fluxo da palavra tornar-se-ia mais lento, por vezes excessivamente; senão, a elocução mal controlada comportaria erros incessantes: repetição das sílabas e mesmo inversão destas. Mas esses esquemas "mecanicistas" são discutíveis; pois foi assinalada a possibilidade de alterações da migração dos neurônios (16).

Se insistimos tanto na maturação da função de audição-fonação é porque, desde o desenvolvimento da etologia humana, já não se pode mais dizer que o homem se distingue do animal pelo pensamento; porque sabemos hoje que os animais também pensam; que o corvo e a pega-rabuda podem contar e resolver problemas de aritmética do nível de uma criança de cinco ou seis anos; que o chimpanzé é capaz de utilizar uma cadeira ou um bastão para alcançar um fruto que estaria de outro modo fora do seu alcance. Mas, em todos os casos, eles só podem raciocinar por analogia, ou seja, pela justaposição de imagens das situações presentes. Falta-lhes o pensamento por conceitos, que é fundado na palavra e que permite que se transcenda o ambiente imediato e a realidade sensível. A palavra torna possível o raciocínio sobre o passado, sobre o futuro, e à distância. A aquisição da linguagem é, pois, um fato capital. De fato, a linguagem exprime não apenas o modo de raciocinar, mas também a sensibilidade, e, portanto, o gênio (a natureza) do homem.

O surgimento da palavra operou uma verdadeira mutação psíquica e sem dúvida biológica, constituindo um salto que separou o homem do animal. A faculdade da fala nos homens, como a do vôo nos pássaros, parece ser de origem genética (Noam Chomsky); decididamente, os humanos falam por predestinação! Esse hiato só tem importância no pensamento judaico-cristão. Também para o recém-nascido, a aquisição da linguagem — e, mais precisamente, da palavra — acelera sua maturação, sua revolução intelectual e afetiva, condição do equilíbrio de seu desenvolvimento físico e psíquico harmonioso, e o vincula primeiro ao universo de seus pais, depois àquele dos homens. Em suma, a palavra faz nascer o pensamento abstrato e a consciência.

O universo dos homens foi se complicando pouco a pouco ao longo da evolução da humanidade, com o surgimento dos meios

de fixação e registro do pensamento. As civilizações acabam por fundar-se sobre a escrita, incialmente pictográfica, depois ideográfica ou logográfica e analítica, ou alfabética e sintética, e enfim numérica (binária), para comunicar-se com o computador. É difícil imaginar as diversas mutações sucessivas pelas quais o cérebro humano teve de passar para chegar ao estado do pensamento europeu moderno. Mas a cada estado do aprendizado que necessita de uma boa coordenação da visão, da motricidade manual e da audição-fonação, o indivíduo pode sucumbir sob a influência de um ambiente desfavorável, de uma instrução ou de uma educação defeituosas. E sua evolução, uma verdadeira busca pelo Graal rumo ao modelo "padrão" obrigatório, será dolorosamente refreado por algumas patologias da leitura e da escrita, ou da áudio-fonação, que o enviarão direto às já abarrotadas sessões de consulta dos especialistas em "dificuldades escolares". Nesse final de século XX, para chegar plenamente à condição de homem e ser aceito no mundo do trabalho, é preciso saber falar, ouvir, ler e escrever. O surgimento do telefone, da televisão, do gravador, do disco e da fita cassete não pôs fim à preeminência da escrita. Ao contrário, a escrita tende a se tornar o apanágio de uma elite cada vez mais restrita à medida em que se desenvolve a comunicação pelo audiovisual, porque esses meios de facilitação, que subjugam o vulgo, empobrecem seu cérebro em circuitos nervosos ao exonerá-lo do aprendizado pela escrita, e, portanto, do hábito de condensar seu pensamento em fórmulas precisas, disciplinadas, e, enfim, de traduzir essas fórmulas em movimentos da mão com o controle dos olhos e mesmo, às vezes, com a participação dos ouvidos (ditado). Enfim, empobrecemos o pensamento do vulgo ao suprimir um aprendizado, seja ele qual for; mesmo um aprendizado que em aparência é puramente motor tem sua importância (como a caligrafia, por exemplo). Pois os pediatras bem sabem que um recém-nascido paralítico por conta de um acidente obstetrício terá deficiências intelectuais. Aliás, os movimentos do corpo e dos membros fazem parte da linguagem humana. Ademais, no cérebro, a memória e o raciocínio procedem pela associação dos conjuntos de neurônios ligados (circuitos). Um grande número de circuitos nervosos disponíveis favoreceria a complexificação, o enriquecimento e a precisão do pensamento. Finalmente, esse esforço de domesticar o homem, de especializar o cérebro, divide impiedosamente a humanidade em muitas classes:

existem aqueles que falam e os que não falam. Entre aqueles que falam, distinguem-se ainda aqueles que lêem e escrevem e os outros. Somente aqueles que sabem manejar a escrita podem atingir a nobreza dos antigos regimes europeus e asiáticos (nobreza de toga, mandarinato). E, malgrado as revoluções, os reflexos sociais persistem, porque, ainda em nossos dias, considera-se que a escrita é o fundamento da verdadeira nobreza, aquela do espírito. Segue-se disso que o mundo moderno, que só existe graças à ciência, busca a inspiração intelectual e moral junto aos mestres do pensamento, diplomados nas letras, perfeitamente incapazes de ler uma obra de física ou de matemática que se dirigem, também elas, à razão. Também aqui a Grécia antiga foi esquecida: não foi Platão quem desaconselhou a filosofia àqueles que não tenham ao menos a formação de geômetras? Aliás, seus concorrentes eram engenheiros, médicos, enfim, sábios oniscientes.

Em todo o mundo, a criança só conhece o raciocínio analógico (o raciocínio por imagens do "pensamento primitivo" de Lévy-Bruhl), que procede por superposição de um conjunto de traços característicos (imagem) de um objeto ou de uma situação e de uma reminiscência (lembrança inconsciente) servindo de referência. Essa operação, freqüentemente automática e inconsciente, desperta a emoção vivida quando do registro da experiência. As impressões (imagens "médias", gerais) e as emoções são resultado dos processos analógicos cujo desdobramento é imediato. Os sentimentos da criança são, portanto, mutáveis e violentos. Ademais, ela passa naturalmente "do galo ao asno" (de uma imagem à outra), pois falta-lhe constância.

Dos dois aos três anos de idade, vem a "crise do eu" (Piaget) ou o "período de oposição": a criança torna-se consciente de sua individualidade gramatical e lingüística e cessa, então, de se designar na terceira pessoa, passando de uma linguagem tosca ("bebê dodói", por exemplo, ao querer dizer "eu me machuquei") ao emprego do pronome pessoal "eu". E, desse fato, ele sabe opor-se mais claramente aos seus pais. Ele adquire o "raciocínio associativo", procedendo por filtragem da informação para extrair um acontecimento de seu contexto e associá-lo a uma referência. Esta última

é modelizada de maneira esquemática e concreta. Sua memória começa então a se organizar progressivamente. Como seu raciocínio segue sendo analógico, suas emoções seguem sendo violentas, espontâneas e incontroláveis, portanto, "naturais", primitivas.

Bem mais tarde, a partir dos 10 ou 12 anos de idade, a criança tem acesso ao estado da conceptualização do pensamento, com possibilidade de operações formais, hipotético-dedutivas, puramente mentais, sem necessidade de recorrer à ilustração concreta (Piaget, 1950). É a idade da razão, no dizer da Igreja Católica. Os sentimentos da criança tornam-se "adequados", segundo a ética da sociedade de seus pais.

No século XIX, o biólogo Haeckel, ganhador do prêmio Nobel, lançou a hipótese de que o indivíduo, ao se desenvolver durante o estado fetal, percorreria a evolução da espécie como se ele conservasse em seu patrimônio genético a memória do passado de toda sua linhagem, desde o estado presente até a origem da vida. E, realmente, o feto humano é inicialmente um protozoário (uma só célula), em seguida um equinoderme (uma carapaça cujo revestimento é feito de umas poucas células), um peixe com suas fendas braquiais, um quadrúpede (que lembra o celacanto) antes de perder sua cauda para tomar enfim uma aparência humana. Esse esquema evolutivo poderia se estender também ao estudo das civilizações, pois estas representam a memória extra-cerebral dos homens e refletem, por conseguinte, o estado da maturação intelectual e emocional do maior número de indivíduos. Nessa mesma ordem de idéias, o médico e biólogo Ramon y Cajal, ganhador do prêmio Nobel, disse que o gênio é comparável a um pico dominando as montanhas vizinhas, e que, quanto mais a montanha é alta, mais alto é o pico; em outras palavras, quanto mais elevado é o nível de instrução, maior é a probabilidade de invenções científicas, de criações artísticas e de produção de riquezas materiais. Em suma, as sociedades humanas, ao envelhecerem, passariam por estados homólogos comparáveis (Salomon Reinach, ilustre filólogo, admite ter encontrado esse conceito em Fontenelle, sobrinho de Corneille).

Segundo Huizinga (19), ao longo da evolução ascendente de uma civilização, a representação artística por imagens (pintura e escultura) é a primeira a ser dominada pelo homem; em seguida é a vez daquelas representações por conceitos (literatura). E no domínio das letras, é a poesia, ou seja, a expressão ritmada do pensamento que se salmodia em voz alta, que constitui seu estádio primitivo. Quanto à leitura silenciosa, com os olhos apenas, tal como a praticamos hoje em dia, trata-se de uma invenção do século XV (19). É uma operação mental pura extremamente complexa, que vem coroar uma série de aprendizados (leitura em voz alta, escrita), fazendo, portanto, intervir os circuitos cerebrais controlando a visão, certamente, mas também a audição e mesmo a motricidade da mão e da boca. Além disso, a dislexia, distúrbio de leitura com confusão das letras, inversão das sílabas etc., é por vezes tratada com sucesso pela reeducação da função da audição-fonação em musicoterapia ou somente pela lateralização da audição dominante à direita (1). É claro que esses casos isolados são sempre discutíveis, tanto mais porque a dislexia pode curar-se espontaneamente em cerca de 10% dos casos (16).

Segundo a hipótese de certos pesquisadores, a cada conceito corresponderia um conjunto (8) ou um arranjo (que é uma associação de elementos cuja ordem de intervenção tem sua importância) de conexões de células nervosas. A maturação dos circuitos cerebrais estruturados segundo certos modos determinaria reciprocamente um tipo de civilização ou ao menos a possibilidade de instaurá-la. As constatações de Huizinga fazem pensar que a civilização européia teria passado primeiramente pelo estado da imagem e do ritmo, no qual predominava o raciocínio analógico com sua tendência à modelização concreta, sua instabilidade emocional, seus saltos de humor, sua crueldade, sua violência e sua personalidade frágil. Encontramos aí pontos comuns com as culturas primitivas observáveis nos séculos XVIII, XIX e XX. O sr. Claude Lévi-Strauss, etnólogo da Academia Francesa, reconhece que o europeu da Idade Média tinha um pensamento análogo àquilo que ele chama de "pensamento selvagem", quer dizer um pensamento natural, ainda não submetido ao adestramento para ser domesticado e adaptado às funções selecionadas pela civilização. A Europa clássica favoreceu a lógica e o espírito crítico escolares ao honrar suas universidades e o saber.

Por volta do século XIII, a cultura romana chegou ao seu ápice. Essa época era comparável à civilização helênica do século V antes de Cristo, que a Europa iria descobrir, sem precisar recorrer aos comentadores árabes, quando da queda de Constantinopla, conduzindo à transferência massiva da herança grega rumo à Itália e à França. Passou-se então a definir os conceitos e as retóricas da teologia, do amor cortês, da música, da dança e das artes em geral. Tratava-se de aplicar o raciocínio escolástico nos diferentes domínios da vida. Dito de outro modo, o homem europeu começou a tomar consciência de seu corpo, de seu espírito e de seu coração, a reconhecer sua capacidade potencial de compreensão, mas com um orgulho e uma confiança ilimitada na sua razão e seus dogmas. Assim, como seu ancestral da Antigüidade, ele só conseguia conceber um sistema global, centralizado e totalitário (coerente), de explicações do universo inteiro, misturando a fé, a moral e a ciência. Então, na compreensão das causalidades, a religião se impôs; a ciência balbuciante teve de se curvar. Mas já nesse estágio da diferenciação cerebral, o discurso em francês começa a se aperfeiçoar (por exemplo, em três ou quatro séculos, a concordância dos tempos se torna mais lógica do que em latim; o passado simples acaba por se distinguir completamente do imperfeito), tornando-se analítico e discursivo. Por conta desse fato, o discurso passa a ser cada vez mais firmemente controlado pelo hemisfério cerebral esquerdo. E como a linguagem sustenta o pensamento, tudo tende a tornar-se definido, lógico, erudito e técnico. As matemáticas seguiram naturalmente o movimento, já que o cérebro é um todo coerente no plano funcional.

A geometria, que manipula o desenho no plano e no espaço, e a aritmética, que trata dos objetos reais e gerais (universais), dependem sobretudo da competência do cérebro direito e se desenvolvem para atender às necessidades administrativas (arquitetura, cadastros, impostos, finanças etc.) e para contribuir ao renascimento da astrologia-astronomia (o termo *matehmaticus* designava tanto o matemático quanto o astrólogo), necessárias à navegação e à paixão por previsões.

No século XVII, pouco após a estabilização da língua pela Academia Francesa, com Descartes, homem completo, cavaleiro

e esgrimista emérito, dançarino e erudito omnisciente e poliglota, nasceu a análise matemática, cujo desenvolvimento, nos séculos seguintes, fornecerá à ciência os instrumentos indispensáveis do raciocínio. Essa nova linguagem matemática (coordenadas cartesianas, equações etc.), fundada sobre conceitos puramente intelectuais, se tornará a expressão exclusiva da razão! Ela é a emanação específica do cérebro esquerdo. A partir das obras da Antigüidade, foi necessária uma dezena de séculos de disputas e anátemas, por vezes sangrentos, para que a Europa cristã pudesse se abrir à nobre via do raciocínio ideal. A adaptação da civilização greco-latina à religião cristã deu à luz circuitos nervosos cerebrais únicos na evolução humana e aptos a criar o pensamento científico teórico.

As artes, a moral e a religião (teologia) não escapam a esse imenso esforço de tudo explicar segundo os princípios e a lógica de Aristóteles sem infringir as regras da fé católica. E ao estruturar o cérebro no sentido analítico, tudo concorreu para o predomínio do hemisfério cerebral esquerdo, logo, do hemicorpo direito. A civilização européia se tornou, após o século XV, uma civilização de destros para destros: a história da França se tornou mais lógica, mais estável. Em nossos tempos, no Ocidente, mais de 95% das pessoas são destras; essa proporção seria menor entre os primitivos, pois quer-se crer que a civilização fez surgir a "raça" dos destros, favorecendo primeiramente a palavra, depois o raciocínio, e inversamente. Infelizmente, foi notado que a assimetria cerebral existe no homem antes do nascimento e se observa até mesmo em certos animais. A intenção da Providência se adaptaria bem melhor à matéria do que a função de órgão!

A descoberta da América, os excessos dos defensores da fé e outros inquisidores semearam a dúvida nos espíritos, como o de Montaigne, por exemplo. Em todo caso, um milagre se produziu: deixou-se de crer que o homem fosse o centro do mundo e que sua razão fosse ilimitada, objetiva, divina. Chegou-se à escandalosa audácia de pensar que a causa principal dos erros residia no raciocínio mesmo, e decidiu-se aprender a observar a natureza. E esse foi o nascimento da ciência moderna. E o cérebro europeu se lateralizou ainda mais à esquerda.

Essa nova desconfiança para com a razão e os dogmas, bem como o desejo afetuoso de assumir o passado, conduziu à descentralização do saber, à separação e delimitação das atividades humanas, dos poderes, da ciência e da fé, da religião e do Estado; e finalmente, disso resultou a democracia.

O homem sempre soube que sua natureza é dupla, ambígua, que ele por vezes quer uma coisa e seu contrário, sempre sem ousar confessá-lo para si, que "o coração tem razões que a própria razão ignora", enfim, que ele tem dois cérebros, logo, duas personalidades diferentes. Mas, na Europa, após vinte e cinco séculos, ele reafirma de tempos em tempos que o fim do fim de sua educação é equilibrar suas paixões ou sua alma, ou mesmo seu corpo e sua alma ou seus espíritos, *mens sana in corpore sano*. Todos os povos antigos sabiam que existe oposição e/ou complementaridade entre a sensibilidade e o intelecto. "O homem perde em imaginação o que ele ganha em inteligência", constatou Chateaubriand ao comparar as letras clássicas à literatura bárbara (teutônica, nórdica). Todos os antigos povos desejaram desenvolver o saber sem perder a fé e a intuição (ingenuidade), em suma, fazer amadurecer o cérebro esquerdo sem atrofiar o cérebro direito. E, de acordo com o ideal europeu, era preciso desenvolver, até à maturação completa, todos os circuitos nervosos do cérebro que controlam a razão, a alma e o coração, e ainda a força muscular e a habilidade do corpo: trata-se de realizar, de cumprir as potencialidades de que o homem é dotado ao nascer. O controle dos sentimentos e das emoções deveria se afirmar simultaneamente com o uso crescente da razão. O desenvolvimento da ciência e do sangue frio do homem civilizado eram notáveis no século XVIII: a Europa atingira uma espécie de idade da razão. Infelizmente, por definição, o ideal é coisa difícil ou mesmo impossível de se atingir. Quanto ao equilíbrio, ele só pode ser instável, pois se situa no limite de dois estados contrários, de dois sistemas de forças ou de tendências opostas. Pela constituição anatômica do cérebro do homem, a razão necessita de seu complemento, a fé numa religião (a qual é revelada) ou uma ideologia (a qual é artificial), emanações do irracional. Somente os ignorantes pela ideologia são persuadidos de que podemos eliminar completamente o irracional para alcançar o reino absoluto da razão. De fato, sabemos hoje que o irracional faz parte integrante

das funções cerebrais; ele vem do cérebro direito e permite a imaginação e o sonho, e produz a fé numa religião ou numa ideologia ou ainda num conjunto de superstições e paixões e, infelizmente, comanda, à nossa revelia (por meio do inconsciente) as noções de estética e de ética e, por conseguinte, a maioria de nossas escolhas. Somente a memória, aquela dos fracassos, das experiências catastróficas, auxiliada pela razão, pode servir de contrapeso ao irracional; a razão equilibra as paixões com o conhecimento e e a lembrança. E não é coisa simples equilibrar os dois hemisférios cerebrais, fazer prevalecer o *homo sapiens* sobre o homem de Neandertal que reside em nós. Assim, a história da humanidade foi e continuará sendo dramática. O essencial é ser consciente disso. A maturidade, que é o justo conhecimento de si, logo, do homem, supõe uma memória sólida, o mais completa possível, ousando mesmo preservar realidades desagradáveis ou ilógicas (que não se enquadram em nossos modelos lógicos).

Na outra grande civilização, falo aqui da China, o cérebro humano evoluiu de maneira distinta. Com efeito, a língua chinesa ideal, a da elite (dos mandarins ou de corte), não procede por dedução (15). Ela não define conceitos; ela nunca define e deixa tudo em aberto, voluntariamente, para dar liberdade à imaginação e à emoção. O chinês letrado se exprime por meio de expressões já feitas, de provérbios, de versos bem conhecidos, anedotas, como por meio de citações. Segue-se disso que o discurso suscita atitudes intelectuais globais impessoais, orbitando em torno de um tema central e suscitando reações emocionais nascidas dos ritos e tradições evocados; e estes, na China, são restritos [a um universo dado de antemão]. Em suma, não se dirige à razão; não se busca convencer por meio de uma argumentação lógica como no discurso europeu; busca-se criar uma atitude sentimental que force a adotar uma conduta, a tomar um partido, a agir. E, segundo Marcel Granet, o ritmo da palavra amplifica a potência de evocação das fórmulas utilizadas; o ritmo age sobre a emoção e violenta os sentimentos e mesmo a razão. Segundo o Dr. Auriol (1), citando os eruditos japoneses, os caracteres chineses (escrita ideográfica) são captados principalmente pelo hemisfério cerebral direito, como os desenhos em geral. Isso corresponde ao hemicorpo esquerdo. Segundo as estatísticas, os canhotos são mais intuitivos, mais imaginativos, mais artistas que os destros, que costumam despontar mais nas

ciências abstratas, na lógica e nas matemáticas (1). Alguns etnólogos, nos anos 1900–1930, consideraram que os chineses tinham uma "mentalidade pré-lógica", portanto embrionária, devendo desembocar um dia na "mentalidade lógica" européia. Na realidade, esses etnólogos, de formação puramente literária, mal informados sobre os problemas do raciocínio, admitiam implicitamente que a única lógica correta só podia ser a que eles conheciam, a lógica determinista, que denominamos, com obstinação e por razões desconhecidas, "a lógica cartesiana". Outros pensavam que os chineses tinham uma "mentalidade mágica". E, efetivamente, esse povo ainda crê, em 1998, que o universo é governado por forças neutras e indiferentes ao homem, que podemos captar e utilizar a nosso favor por meio de operações mágicas e não científicas (a astrologia prospera entre os chineses, bem como as ciências divinatórias).

A magia e a ciência repousam sobre a convicção de que o universo está ordenado segundo leis imutáveis e inteligíveis, pois que lógicas. Elas estabelecem relações de causa e efeito pelo determinismo, muito mais absolutas na primeira do que na última. Com efeito, a magia pretende tudo compreender, ignora a desordem e a dúvida; para ela, todo fracasso resulta da intervenção de uma outra força, de outra vontade que o operador não soube conciliar, seja por haver esquecido, seja por não observância de certas regras ou ritos. Para a ciência, por sua vez, o acaso existe, podemos inclusive medi-lo. De resto, a ciência está fundada na medida quantitativa cujos resultados se exprimem por meio de uma linguagem específica, as matemáticas. Modesta, ela se limita sempre a domínios precisos, conhecendo a fragilidade da razão humana, que só pode proceder por aproximação, às apalpadelas, a fim de se ajustar à realidade observável e mensurável por meio de "modelos teóricos". A linguagem das matemáticas sabe, por outro lado, que existe não uma lógica apenas, mas tantas lógicas quanto queiramos, a partir do momento em que saibamos definir suas regras. Em uma palavra, a magia é o apanágio do hemisfério cerebral direito, cérebro emocional cujo poder de imaginação é ilimitado e absoluto, permitindo o sonho acordado; enquanto a ciência é a emanação do lobo cerebral esquerdo, cérebro do intelecto, que não tem estado de alma. A magia explica o porquê e o como das coisas, enquanto a ciência, mais modesta, se contenta com o como.

A civilização chinesa, bem como a de todos os povos ditos primitivos, prefere o uso dos circuitos nervosos do cérebro direito. É interessante considerar os programas escolares dos povos. O ideal dos franceses é ser "forte em matemática", logo, ser técnicos, pois o alfabeto latino é analítico. Para os europeus, a filosofia tem como finalidade estabelecer um sistema de valores e regras de vida em conformidade com a lógica e o conhecimento pretensamente científico de um guru grego e de uma seita, a qual se pretende numerosa e que se alastra por toda a terra. Na verdade, segundo o sr. Jean-François Revel, a filosofia tenta preencher as lacunas deixadas pela ciência por um esforço de imaginação. Quanto aos chineses, eles passam uns bons dez a vinte anos de suas vidas a estudar livros de poesia antiga (datando do século X antes de Cristo), como o *Tao tö king* e o *Yi king*, verdadeiras bíblias nacionais, e a aperfeiçoar suas caligrafias. Suas diversas variedades de escrita ideográfica têm valor similar à pintura moderna. Na China, elas servem freqüentemente de decoração mural. Os chineses são, antes de tudo, artistas; afastam-se deliberadamente da ciência e possuem não uma filosofia no sentido ocidental do termo, mas uma sabedoria, ou, dito de outro modo, uma arte de viver fundada sobre o conhecimento do homem pela história e uma sensibilidade determinada pelo aprendizado das artes, e destinado a uma elite voluntariamente restrita (só se ensina uma doutrina àqueles que o merecem).

Essas duas maneiras distintas de utilização do cérebro resultam em duas "raças" humanas complementares, uma vez que o homem dispõe de duas inteligências: uma teórica e outra prática. O europeu inventa conceitos, teorias. Delas, o antigo asiático aperfeiçoa a aplicação prática. Ele faz as descobertas técnicas empíricas as mais complexas (aço, papel, litografia, papel-moeda etc.), mas nenhuma descoberta teórica fundamental. Prova disso são os casos da China e do Japão. Mas os asiáticos modernos começaram a virar gregos...

Seja qual for a educação recebida e a civilização em torno, o cérebro humano adulto funcionaria de acordo com o esquema seguinte (31). Cada um possui um cérebro intelectual e um cérebro

emocional, dos quais alguns circuitos nervosos são emaranhados, "intricados".

O cérebro intelectual recebe as informações sensoriais pela visão, audição, olfato, paladar e tato, percebendo, assim, o mundo exterior. Seu funcionamento (ou raciocínio), fazendo-se por associação segundo procedimentos lógicos, corresponde àquilo que se chama comumente de "a consciência", ou seja, a apreensão ou a percepção do mundo real. O cérebro emocional capta as informações provenientes dos órgãos, dos músculos, das articulações (do mundo interior), e os estímulos emocionais, que ele submete a um tratamento analógico. Ele dispõe de uma liberdade total de simulação, ou de mudança do roteiro de raciocínio (sonho, imaginação, criação). Enfim, um sistema conecta os dois cérebros, sobre o qual agem as drogas e os neurolépticos (medicamentos psiquiátricos) e que serve para equilibrar o funcionamento dos mesmos, permitindo que o indivíduo esteja consciente, que esteja acordado, que preste atenção ou reste distraído, que cometa erros (*lapsus linguae*) de tempos em tempos, segundo as oscilações desse equilíbrio. Quando estamos acordados, e se prestarmos muita atenção, as informações são selecionadas, por exemplo, pela vista no caso de um estímulo visual; e tudo aquilo que é visto será tratado logicamente, conscientemente. Mas o resto (os sons, os odores, os sabores e tudo o que seja tátil) pode escapar à percepção (21, 31). Se estamos muito preocupados, muito "concentrados", o cérebro emocional pode até mesmo parar de funcionar, e esquecemos nossos sentimentos, as emoções e mesmo a sensação de perigo. Os circuitos intelectuais ficam como que saturados: se as informações continuam a afluir numa cadência demasiado rápida, elas acabarão por cansar, e mesmo por bloquear certas vias de transmissão dos dados intelectuais; e estas não poderão mais ser tratadas. E segundo a personalidade dos indivíduos, teremos resultados diferentes: alguns continuarão a perceber sem poder tomar qualquer decisão, outros poderão mesmo apresentar alterações da consciência. Inversamente, se nos encontramos num estado de inatenção, de confiança excessiva porque as mensagens são simples e banais, é o cérebro intelectual que será bloqueado, neutralizado; e a percepção sensorial desembocará diretamente no cérebro emocional:

teremos impressões, emoções e sensações sem nada entender. Veremos que essa situação mental na escuta de certas músicas pode conduzir ao estado de transe.

O equilíbrio dos dois cérebros é um estado frágil e instável por definição. Ele resulta de um certo antagonismo (lei de ação e reação). Um deles sempre pode tomar a dianteira, seja espontaneamente, de modo muito passageiro durante uma distração, seja sob efeito de um choque (é sabido que "a emoção pode nos fazer perder a cabeça"), ou ainda por causa do temperamento, pois um "homem de cabeça boa" é alguém com muito sangue frio. A educação (adestramento) exerce certamente um grande papel no jogo complexo entre o cérebro intelectual e o cérebro emocional, entre a razão e o coração. A civilização européia, que foi fundada sobre a técnica, é o resultado de diversas ondas de maturação da arquitetura cerebral. E estas hipertrofiaram progressivamente a função intelectual, acentuando a moderação e o controle do cérebro emocional. É exatamente o contrário das culturas xamânicas do *tam-tam*. Nestas, a personalidade histérica não é considerada como anormal; ela é mesmo muito freqüente. Isso prova que é a pressão contínua da educação das crianças que a eliminou da "raça" dos homens civilizados, dando-lhes um outro caráter. Essa particularidade merece ser notada.

A gnose de Princeton, segundo o sr. Raymond Ruyer, correspondente do Institut de France, compara o cérebro humano ao *hardware* (ferragens) do computador, e tudo aquilo que no cérebro podemos inserir por meio do adestramento para o estruturar (saberes, artes, cultura, música etc.), ao *software*, termo que poderíamos traduzir por "instruções de montagem", ou ainda por "esquemas de funcionamento", ou mesmo por "raciocínio" (*software*). Os órgãos dos sentidos percebem o mundo que é representado ao nível das áreas sensoriais cerebrais. Estas fornecem informações codificadas a um órgão superior que programa uma "resposta" motora sob a forma de um comportamento, de um gesto etc. Segundo essa concepção dos astrônomos, dos físicos e dos matemáticos, a música seria somente um fator cultural entre outros; mas reconhecemos que a comunicação não verbal pela música é uma noção bastante vaga; como se poderia codificá-la? Esse problema não interessa realmente aos sectários da razão, que omitem, aliás,

o papel do cérebro emocional, e por isso mesmo uma grande parte da personalidade humana.

Os especialistas da neurobiologia, como sr. Edelman (12), prêmio Nobel de medicina, recusam a comparação do cérebro a um computador, primeiramente porque não existem dois cérebros idênticos anatomicamente, por conta das leis do acaso que regem o desabrochar e o reajuste das redes celulares (cabeamento dos neurônios) ao longo do crescimento, e em seguida porque o funcionamento do cérebro não é tão rígido, dadas as possibilidades de compensação cerebral das lesões dos órgãos dos sentidos, dos defeitos de memória e raciocínio, dos lapsos etc. Para o sr. Edelman, o cérebro é o órgão que permite a adaptação ao ambiente, participando diretamente na seleção natural das espécies na luta pela vida. Pois os órgãos dos sentidos analisam as características do ambiente e os classificam por categorias (movimentos, cores, formas, direções, sons graves ou agudos etc.). A correlação cerebral destas, que se faz por seleção e por ajuste, dá uma certa representação do mundo, logo, a capacidade de percebê-lo e reconhecê-lo.

O organismo pode, por conseqüência, reagir escolhendo, sempre por seleção, um comportamento adaptado à situação presente, certamente, mas também às normas e valores herdados, que asseguraram a sobrevivência da espécie, e que poderíamos assimilar a instintos ou impulsos vitais (instintos sexuais, atrações alimentares, controle interno do organismo etc.). A grande idéia, aqui, é que um ato do cérebro (pensamento, gesto) não é o resultado de uma instrução inequívoca, mas inflexível, pois que programada como num computador, e que provém de uma escolha feita ao cabo de uma seleção entre uma miríade de soluções possíveis colocadas em competição. E essa escolha, submetida apenas a constrangimentos (obrigações mínimas), dispõe de um grande grau de variações: ela tem por finalidade fazer os efeitos das decisões do indivíduo tenderem aos valores fixos da memória da espécie (hereditariedade). Desse modo, ele pode se aperfeiçoar progressivamente por meio do aprendizado (12), que determina a memória do indivíduo.

Sabemos que, quando os valores fixos do órgão de controle do cérebro são atingidos, o indivíduo sente prazer, pois os centros ou

circuitos nervosos ditos hedonistas ou hedônicos são colocados em atividades. Trata-se do prazer ou mais especificamente da satisfação (8, 12) experimentada quando do cumprimento de uma performance, e que é acompanhada da secreção de endorfinas e encefalinas. Mas estamos longe de conhecer o mecanismo exato da escuta musical. Pois as neurociências são ainda bem jovens.

Por outro lado, graças à anatomia e histologia comparadas e à paleontologia, sabemos que existem no homem dois cérebros: o cérebro antigo e o novo cérebro. O cérebro antigo compreende o cérebro reptiliano, cuja estrutura evoca o cérebro dos répteis surgidos na terra há aproximadamente duzentos milhões de anos e vivos ainda hoje em dia, e o rinencéfalo. Este último surgiu com os paleomamíferos há setenta milhões de anos. O público assimila de bom grado todo o cérebro antigo ao cérebro reptiliano; assim, para simplificar, diremos que o cérebro reptiliano é a sede das emoções, do humor (alegria, tristeza, prazer, desagrado), dos instintos e dos comportamentos vitais de base (fuga, agressividade, instintos sexuais, hábitos alimentares). É ele o responsável pelo comportamento animal do homem. O novo cérebro (*neocerebrum*) é hipertrofiado no homem. Sua função é controlar, por inibição, o cérebro antigo, a fim de permitir que as novas funções especificamente humanas se exprimam. E essa inibição se organiza desde menos de dez milhões de anos, desde a criação do homem. A civilização repousa, portanto, em tabus ou interdições arbitrárias (Salomon Reinach).

O drama do homem consiste em ter um cérebro animal cuja ação nem sempre é conscientemente percebida e reconhecida enquanto tal: o cérebro reptiliano pode ser liberado pela supressão da ação inibitória do *neocerebrum*. Essa ação inibitória, "neo-cerebral", resulta das superstições do homem das cavernas e da religião no homem das antigas sociedades organizadas e controladas e, mais tarde, quando o universo começa a se dessacralizar, da educação em geral. Ela se manifesta sob a forma de ritos, costumes, proibições (tabus), regras do saber-viver, tradições. Essas diferentes prescrições só parecerão inadmissíveis se, por conta de uma mutação da sensibilidade, os homens começarem a se questionar. Serão, então, tentados pela reforma ou pela revolução. Em todo caso, tratar-se-á de modificar as estruturas cerebrais do homem a

fim de que ele mude a sociedade e a civilização. Na reforma, busca-se transformar as estruturas cerebrais parcial e progressivamente, por pequenas etapas, na esperança de jamais perder o controle do cérebro reptiliano. Quanto à revolução, ela rompe com tudo, derruba tudo. O cérebro animal é completamente liberto, e nada mais é dirigido ou controlado. Ninguém pode prever para onde irá a civilização ou o que dela resta. Assim, pode-se pensar que o verdadeiro objetivo da revolução não é o aperfeiçoamento da sociedade, nem dos homens, mas antes a mudança da *nomenklatura* às custas de uma enorme destruição, necessariamente. Em todo caso, a supressão das restrições da moral tradicional corresponde à destruição das estruturas de inibição do neo-cérebro: daí vem a liberação das pulsões sexuais e agressivas do cérebro reptiliano. Ressurgem, então, os crimes sádicos, estupros, assassinatos em série, massacres planejados, atos de crueldade e perversidade de todo tipo. Essa inversão dos costumes e dos "valores", já vista em revoluções do passado, é observada hoje em dia por causa da revolução cultural difusa onde o marxismo e a psicanálise guiam e justificam a ação dos homens.

CAPÍTULO III

A escuta musical e seus afetos.
O início de uma suspeita no meio médico contemporâneo

A música assumiu diversas funções nas sociedades humanas. No *Popol vuh* dos maias, que é um dos textos mais antigos da humanidade se o datarmos com base na evolução do cérebro humano (dado que ele conserva lembranças trágicas da miséria e insegurança dos homens do tempo das cavernas), conta-se que a flauta, imitando "o pássaro sagrado", servia para elevar a prece dos homens aos deuses, e que o canto era a voz dos deuses por intermédio dos padres. Na Bíblia, Davi (século XI a.C.) tocava a harpa para acalmar Saul, expulsando o espírito mau de seu corpo. Já se reconhecia que a música produzia sobre o espírito humano efeitos misteriosos, uma emoção profunda e mesmo uma ação benéfica, para não dizer terapêutica. Ela fazia perceber a noção do sagrado. Ainda hoje em dia, não existe nenhuma celebração religiosa sem música. Desde a antigüidade grega (século V a.C.), sabia-se que a música, que englobava a melodia (sucessão de notas ou o "tema" da canção), o ritmo (sucessão de elementos longos e elementos curtos), a harmonia (relação entre os sons graves e sons agudos) e o poema cantado (não se pensava em cantar para nada dizer), podia exercer uma influência não negligenciável no humor e mesmo no caráter do homem. E Platão discutia sobre seu emprego sistemático como meio de educação do cidadão e de seu controle pelo Estado numa república ideal embora totalitária. Na China antiga (bem antes do século X a.C.), a música parecia ter uma função mágica, pois o Filho do Céu, quando de sua chegada, deveria determinar a medida de todas as coisas, dentre as quais a escala musical, a fim de perpetuar o equilíbrio e a harmonia do universo. O homem moderno — ou seja, materialista — pouco se importa com essas bobagens! Pois, de acordo com uma crença moderna e mesmo progressista, isto é, criadora e resultante do progresso, nós nos tornaremos necessariamente cada vez mais belos, cada vez mais inteligentes, cada vez mais perfeitos. Mas as

epidemias de surdez e iletrismo, a despeito da hipertrofia crescente do Ministério da Educação Nacional e do corpo médico, nos obrigam a reconsiderar algumas questões. O progresso da civilização seria contínuo e obrigatório? Qual é a ação da música? É preciso perceber que, desde há menos de duas gerações, e graças aos meios de difusão modernos, a música invade a vida cotidiana do homem, desde a mais tenra infância e em todos os níveis da sociedade. Ora, com base na notável exposição do sr. J. Marie Albertini, diretor de pesquisa em pedagogia no CNRS (*La pédagogie n'est plus ce qu'elle sera*, ed. Seuil, Paris, 1992), descrevendo as obras de Pierre Babin, Marie-France Kouloumdjian, Alain Baptiste, Claire Bélisle etc., posso diagnosticar, segundo as neurociências, que, por conta do desenvolvimento e da vulgarização do audiovisual, o pensamento de certos jovens já sofreu uma mutação: ele se desenvolve como o roteiro de um filme de televisão, plano por plano, cena por cena, por *flashes* (sic); ele se faz por meio de imagens como no homem primitivo (os pesquisadores trataram da "foto-linguagem" com seu funcionamento analógico, intuitivo e global), e tudo isso malgrado a escolarização obrigatória (que desenvolve o cérebro esquerdo). O que ocorreu com a sensibilidade das pessoas durante essa regressão intelectual, essa substituição da civilização da imagem e do ritmo (do *tam-tam*) à da civilização da escrita?

1. *A música enquanto linguagem*

Redescobre-se que a música é uma linguagem, porque ela permite a transmissão das informações de maneira complexa, modificando o humor e as emoções. Ela pode ser educativa, subversiva ou terapêutica, quando se pensava habitualmente que ela só podia exercer o papel de um divertimento mundano.

Todo mundo é consciente de que as palavras cantadas podem veicular idéias, experiências vividas, ideologias etc. Mas somente os especialistas sabem que é possível controlar a receptividade dos ouvintes, modificar seu humor, sua sensibilidade, "condicionar" alguns de seus reflexos, e até mesmo alterar sua personalidade por meio de outros elementos da música, dentre os quais o ritmo, a melodia, a instrumentação, a massa orquestral e, sobretudo,

a repetição da escuta. Assim, por exemplo, a música favorece, pela melodia e pelo ritmo, a memorização de certas associações de idéias (letras de uma canção, *slogans*). Ela pode nos obcecar por imagens e conceitos; os ouvintes se arriscam a acabar por se habituar a estes, e até mesmo a achá-los naturais ou simpáticos. O poder de persuasão das palavras cantadas é tão forte que nenhum movimento de insurreição, nenhum regime ditatorial o negligencia, na esperança de forçar a consciência das pessoas para impor idéias novas, a despeito da resistência das antigas. Em contrapartida, nota-se que os "antigos regimes" não recorrem jamais à canção para vender suas ideologias já bem conhecidas. De igual modo, muitas pessoas buscaram derrubar governos, e mesmo mudar o mundo, através da canção. Também os médicos não têm medo de se servir dela em suas campanhas de prevenção, com a ajuda de cantores populares (9). Mesmo quando a escuta se dá de forma involuntária ou forçada, essa ação insidiosa da música acabará sempre por modificar definitivamente o modo de escutar, logo, de compreender as mensagens do mundo exterior (recomendações dos pais, lições na escola etc.). Em uma palavra, esse meio de audição, agindo como um meio de educação, de desinformação, de fluxo congestivo de informações no crânio ou de lavagem cerebral, altera a personalidade da criança.

Paralelamente a esse aspecto bem conhecido e oficialmente admitido da linguagem musical, discute-se ainda a possibilidade de fazer penetrar na cabeça das pessoas, à sua revelia, idéias subversivas por mensagens subliminares, ou seja, mensagens recebidas e registradas abaixo do limiar da percepção consciente (*limen* = limiar, em latim), logo, não compreendida durante a escuta. Os especialistas da propaganda comercial e política se interessaram muito por esses meios de imprimir na memória das pessoas, clandestinamente, nomes, *slogans* e imagens. Trata-se, por exemplo, no caso das mídias audiovisuais, de projetar imagens breves e dificilmente visíveis, de murmurar mensagens em meio a um chiado sonoro, de difundir mensagens gravadas ao contrário e escondidas numa canção aparentemente inocente (1, 28). O Pe. J. Paul Régembal, com sua equipe, estudou as técnicas utilizadas pelos cantores de *rock* para tentar fazer passar suas mensagens anticristãs e anti-sociais a fim de provocar uma "revolução cultural" universal e preparar assim o advento de uma nova ordem. Sem dúvida, mostrou-se que

o cérebro é perfeitamente capaz de reconstituir os sons ocultos por filtragem de uma peça musical (1), mas não se sabe se ele é capaz de recompor uma mensagem ouvida ao contrário, reconhecer ou reconstituir *slogans* dissimulados. É claro que um indivíduo só poderá ser manipulado se sua atenção se dispersar; mas ele conservará todo seu senso crítico se despertar. Em todo caso, nos Estados Unidos e no Canadá, o governo teve de obrigar os vendedores a indicar a existência dessas mensagens subliminares sobre as fitas cassetes à venda, a fim de acalmar a angústia dos pais. A esse respeito, os psiquiatras e psicólogos consultados mostraram-se perplexos, pois, curiosamente, nenhum trabalho sério sobre a matéria foi realizado ou publicado: todo mundo se contentou com elucubrações fundadas na psicanálise, disciplina cada vez mais contestada, dado que se percebeu que ela não tem base científica.

Ademais, jamais podemos saber ao certo se o bom senso segue presente no crânio de um roqueiro, nem se o ritmo do *tam-tam* inclina sua simpatia e seus instintos para o lado bom. Aliás, nem mesmo os roqueiros o sabem: não foram eles mesmos que cantaram, nos anos 1960: "Cabelos longos e idéias curtas..."?[1] Hoje, com o recuo do tempo, é preciso reconhecer que essa juventude teve momentos de lucidez. Seja como for, é evidente que o mundo inteiro está prestes a sofrer uma formidável revolução cultural; mas, como a informação e a desinformação nos submergem e nos agridem por todos os lados e por todos os meios, e não somente pelo *rock* e pelo *rap*, é bastante difícil reconhecer os efeitos reais das mensagens subliminares. Aliás, cabe perguntar por que a via subliminar é utilizada, quando os outros meios, bem menos dispendiosos, não são proibidos. Os roqueiros e *rappers* não se acanharam para promover seu ódio racista contra os brancos, para fazer apelos ao assassinato em linguagem pouco acadêmica, certamente, mas muito clara, não codificada. E, de fato, muitos brancos foram agredidos, feridos e mesmo mortos em Nova Iorque, unicamente por conta de sua cor de pele. Quanto à música como meio de escritura pela sua composição tonal e harmônica, ela seria utilizada por alguns especialistas (16). Para o leigo, essa dimensão permanece absolutamente oculta...

1 *Cheveux longs idées courtes*, canção de Johnny Hallyday — NT.

2. *A escuta musical e sua patologia oficial*

A vida moderna está repleta de barulho e agitação. Os homens estão apertados em habitações exíguas e ruidosas. Os excessos de decibéis os tornam agressivos, violentos, depressivos, "raivosos" e aumentam as brigas domésticas (1, 14). É típico. Assim, as "festas da música" e outros tumultos ou algazarras na via pública deveriam ser severamente punidos.

Outros distúrbios são menos conhecidos. Primeiramente, os problemas de retardos escolares decorrentes de uma anomalia da escuta. Vimos que a escuta que se faz pelos ouvidos está sob controle do cérebro, dito de outro modo, do estado de espírito do indivíduo, do aceite ou recusa, amiúde inconsciente, de escutar, ou seja, de captar, analisar, compreender e registrar a informação sonora. Assim, por exemplo, após choques afetivos repetidos, provocados por um conflito com pais "raivosos", a criança se recusa inconscientemente a ouvi-los, pois a escuta lhe suscita um sofrimento. Então, à sua revelia, os músculos de acomodação do ouvido se distendem; e a transmissão mecânica do ouvido médio se dá de forma defeituosa, de tal modo que as mensagens (ordens, lições, conselhos) deixam de ser compreendidas e registradas. A criança mascara a fonte de seus desagrados, a qual ela não pode afastar fisicamente. Ela ouve bem, mas não escuta; dizemos que ela "se faz de surda" (26). Os pediatras chamam de "guerrilha infantil" a essa resistência passiva e involuntária, por inércia, não questionando as réplicas convencionais (protestos, punições diversas) do agressor (educador inapto). Infelizmente, essa astúcia instintiva da criança, que requer pouco esforço e que lhe protege facilmente dos sofrimentos morais, torna-se rapidamente, sempre à sua revelia, um hábito. E, na ausência de tratamento psicológico apropriado, logo a criança não saberá mais escutar: o ato de escutar mesmo se lhe tornará custoso e exigirá de sua parte esforços cada vez mais intensos. Ela se apartará então do mundo e parecerá distraída e preguiçosa, e não aprenderá mais nada na escola. E, no entanto, ela só está psicologicamente surda, pois seus ouvidos permanecem intactos e normais, como o provarão os exames (audiogramas) dos especialistas (otorrinolaringologistas). Ora, percebemos que, mesmo nas famílias harmoniosas e sem problemas, existem por vezes

crianças preguiçosas, que não ouvem quando estão na escola. Os pediatras especializados em dificuldades escolares graves reconhecem que esses distúrbios podem nascer da poluição da escuta. Esta tem uma dupla origem, a saber, a potência sonora excessiva dos ruídos e os sons graves (sons de baixa freqüência). Os excessos de decibéis provêm de um modo da música *rock*, "música jovem" por excelência. Não pode haver *rock* sem tumulto, quer ele se dê num concerto público, numa discoteca ou em auditório privado, numa casa. Pois fizeram as pessoas crerem que a juventude ideal deve ser brutal, desrespeitosa, liberta de toda restrição, de toda disciplina, de toda moral, de toda reserva, logo, que ela deve amar e até adorar o barulho, a desordem e a violência. Os amplificadores funcionam, pois, com potência máxima. Os resultados desse esnobismo dos ignorantes não tardam em mostrar seus efeitos: segundo o Dr. Mouret (26), psiquiatra e musicoterapeuta, fabricou-se em alguns anos, na Grã-Bretanha, um milhão de adolescentes surdos; e, na Suécia, o índice de surdez parcial passou de 1,5% para 19,3%, apresentando um aumento de 13 vezes. Isso vai ao encontro das estatísticas citadas pelo Dr. Tomatis (32), mostrando que essa anomalia auditiva pode alcançar até 25% do contingente na França. Segundo os doutores S. Déoux e P. Déoux, que estudaram as estatísticas do exército francês, trata-se da taxa dos usuários de *walkman*, vítimas do excesso de decibéis, devidamente sondados em 1992 pelos militares (11).

Começou nos países anglófonos e na França, casos de surdez bilateral definitiva, que se deflagravam subitamente em pleno show de *rock* (20); no mais das vezes trata-se somente de uma surdez parcial, mais ou menos evidente pelos próprios atingidos, mas que testes precisos (audiogramas), exigidos para certas profissões, revelarão. E, obviamente, todos esses deficientes auditivos terão dificuldades escolares, uma vez que eles não poderão mais receber a integralidade das informações transmitidas oralmente na escola: os sons lhes chegarão alterados, corrompidos. E, como nós falamos do mesmo modo como ouvimos (4), dada a estreita associação das funções da audição e da fonação, é preciso se surpreender que esses filhos da música jovem sejam em sua maioria iletrados e até mesmo, às vezes, disléxicos (confundindo letras e sílabas) e falem um idioma incompreensível?

A seguir, para abordarmos o tema de forma completa, ao menos no estado atual de nossos conhecimentos, seria preciso ainda assinalar que os excessos em decibéis podem causar graves danos para além da esfera da fonação-audição e que, provocando *stress* (tensões resultantes de uma agressão), eles podem diminuir a defesa imunológica e favorecer assim o desenvolvimento de infecções e o câncer (uma nova disciplina, a psico-neuro-imunologia, estuda, nos Estados Unidos da América, a ação do traumatismo psíquico sobre a defesa do organismo no veterano da Guerra do Vietnã). Ademais, eles podem obstruir o crescimento do feto e até mesmo provocar o aborto (14); enfim, eles reduzem a produção do leite tanto nos bovinos quanto nos humanos (22).

Enfim, uma outra moda, a do *walkman*, também tem seu lote de vítimas: além daquelas provenientes do excesso de decibéis, seria conveniente acrescentar ainda aquelas provocadas pelo abuso dos sons graves (sons de baixas freqüências). Com efeito, alguns desses aparelhos podem produzir uma intensidade sonora de mais de 120 decibéis, quando a lei reconhece que o limiar perigoso se dá em 85 dB (11). Ademais, o *walkman* comete dois erros, o de poder submeter seu usuário durante muito tempo à influência nefasta de certas músicas, e o de transmitir sobretudo os sons graves; alguns aparelhos baratos são de baixa qualidade e têm um espectro de freqüências estreito, favorecendo as freqüências mais baixas (26). E os sons graves assim emitidos reduzem a vigilância daqueles que escutam ao mesmo tempo em que aumentam a sua impressão de segurança (1, 3, 10); o que os expõe aos acidentes sobre a via pública. Infelizmente, não dispomos de nenhuma estatística que permita a comparação dos efeitos do *walkman* e rádios de automóveis com aqueles da taxa de alcoolemia.

CAPÍTULO IV

Estudos sistemáticos do efeito do som e da música no homem

Cabe aos militares o mérito de terem sido os primeiros a desconfiar dos sons e ruídos em geral. Muito antes da era cristã, os chineses já se serviam do tambor para manter o vigor das tropas em combate; eles inclusive pensavam que, por uma força mágica, o chefe comunicava assim a seus homens sua vontade de vencer (15). Na Europa, desde o fim da Idade Média, sabia-se que o rufo do tambor, ofuscando a consciência dos homens, podia dissipar o medo, fazer esquecer o sofrimento e o cansaço, e unir a tropa. Durante o entre-guerras, os estados-maiores estudaram, entre outras coisas, o efeito de estupefação provocado pelo silvo das bombas e aviões sobre a população e as forças de defesa anti-aérea. Quanto à música militar, desde que ela existe, e parece que ela sempre existiu nos povos ditos civilizados, ela serviu constantemente para conduzir massas de homens ao combate, amiúde num passo de dança, como no caso dos janízaros. A guerra era uma festa e uma competição esportiva; e os guerreiros eram ornados com obras de arte caríssimas, como mulheres que vão ao baile. Depois, os sons, os ruídos e as músicas foram sistematicamente estudados em laboratório, como no Harvard Fatigue Laboratory, por exemplo. E se descobriu que eles podem produzir angústia, tristeza, alegria, sentimentos de perseguição, reações de pânico, e mesmo reações orgânicas como náusea e vertigem (1, 3), ou estado de depressão com tendência suicida (4). Uma vasta gama de fatos experimentais foi colhida, mas de maneira anárquica, freqüentemente sem a garantia do rigor científico, em todo caso sem aquela das faculdades de medicina. Com efeito, estávamos em plena revolução cultural, com caça aos "mandarins" na universidade e rejeição dos sistemas de valores tradicionais, daí o nascimento e proliferação das "medicinas paralelas". É nesse clima de anarquia e de laxismo que são inventadas a "música funcional" e a "musicoterapia".

A música funcional se dirige à percepção inconsciente (1, 3). Ela é "não-informativa"; mas os sons utilizados provêm do espectro das freqüências da voz humana (1) para serem perfeitamente audíveis. Ela serve para diminuir a fadiga resultante de ações monótonas, para combater o sentimento de solidão, de enfado e de desatenção, e consegue suscitar uma "conformação social" máxima. Ela chega assim a aumentar o rendimento do trabalho e a diminuir os acidentes nas empresas e a favorecer as compras nas grandes lojas. Em suma, ela modifica o humor e a atenção e, por conseguinte, o comportamento das pessoas temporariamente. Ela já é fabricada industrialmente e colocada à venda por firmas especializadas (1).

Quanto à musicoterapia, ela é praticada por psiquiatras, anestesistas, parteiras, dentistas, otorrinolaringologistas, educadores etc. O que prova que ela visa objetivos bem diferentes segundo cada usuário. Em sua origem, ela só empregava partes escolhidas de música e tinha como única pretensão modificar o humor (*thimós*) dos pacientes. Depois, pensou-se que ela permitia a comunicação não-verbal entre o médico e certos enfermos por intermédio da atmosfera emocional produzida, que ela permitia o estabelecimento de vínculos de simpatia, a transmissão das emoções, dos sentimentos, facilitando assim a transmissão dos pensamentos pela palavra etc. Ela também era empregada para abordar os débeis mentais, autistas, esquizofrênicos e pessoas de comportamento particularmente agitado, com resultados questionáveis... Parece que ela permitiu obter resultados interessantes no tratamento de insônias, angústias e até mesmo de dores, autorizando a diminuição das doses medicamentosas. Chegou-se mesmo a sustentar que, por seus efeitos "anti-stress", a música clássica (Mozart) facilita o "despertar" dos operados e mesmo a cicatrização de feridas operatórias. A musicoterapia pôde ser empregada inclusive por não-médicos para aliviar a ansiedade e acalmar a impaciência das pessoas que aguardam, provocando relaxamento. E, coisa importante, ela nos ensinou que uma má escolha musical agrava o estado dos pacientes, perturba-os, torna-os tensos, agressivos e violentos ao invés de reconfortá-los; ademais, ela afirma que as pessoas normais reagem à música de igual modo, independentemente de seus quocientes

intelectuais. Eis aí uma advertência aos educadores, a todos aqueles que se ocupam das crianças ou cuja profissão consiste em promover a difusão musical pública, ou mais exatamente àqueles que os empregam. Depois, chegou-se à convicção de que as funções de audição, fonação, leitura e escrita estão ligadas e formam a estrutura psíquica fundamental que sustenta o pensamento. Tentou-se então corrigir os distúrbios psíquicos que se expressam por uma anomalia de leitura e de escrita (dislexia) pela reeducação da audição e/ou da fonação, servindo-se da escuta de gravações musicais e da voz do paciente, das quais alguns sons são suprimidos ou reforçados para estimular seletivamente a percepção auditiva das freqüências designadas pelas anomalias do audiograma. Em suma, trata-se de uma psicoterapia por estimulação auditiva seletiva e controlada. Qual é o valor desse método empírico em comparação com a psicoterapia clássica, que, por iniciações diversas (encorajamento, desaprovação, palavra, gesto, silêncio) força o enfermo a analisar seus próprios pensamentos, a dispô-los em ordem, a formulá-los com clareza e enfim a tomar consciência de todos os seus problemas, aí compreendidos aqueles que ele não quis vislumbrar, que ele tentou negar? Na verdade, é muito difícil saber quanto valem os métodos psicoterapêuticos em geral, os quais alguns desconfiados ou mal-intencionados têm tendência a considerar como manifestações ideológicas. Chega-se às vezes a ligar esses métodos ao "clã" do bom doutor X ou Y. No que diz respeito à musicoterapia, parece que ela obteve algum sucesso em casos de dislexia, distúrbios de caráter, estados de depressão (1, 3, 4, 26, 32). E, até onde eu sei, trata-se de doentes que não obtiveram satisfação com os tratamentos oficiais. A musicoterapia segue sendo algo muito discutível, pois ela não é nem reconhecida e nem ensinada pela Faculdade de Medicina. Além disso, seus resultados nunca foram controlados estatisticamente, exatamente como aqueles da psicanálise, que, não obstante, é fundamento de certas ciências humanas, de muitos pensamentos e doutrinas modernas, das artes contemporâneas. Decididamente, o mundo moderno repousa sobre a impostura!

Segundo um dos raros dogmas da psicanálise (1, 3, 10) corroborados pelos fatos experimentais (crianças de colo acalmadas por ruídos e músicas já ouvidas antes de seu nascimento), o homem, ao reencontrar reminiscências da vida intra-uterina, redescobre

a impressão pacífica e segura do ambiente fetal; desse modo, ele experimenta prazer. Em uma palavra, o prazer é simplesmente a ausência de terror, de sofrimento e de angústia. É o que sentimos no estado em que os órgãos de alarme do corpo estão em repouso. Para os antigos (gregos, persas, hindus), a felicidade é assimilável à ebriedade produzida pela bebida da imortalidade (ambrósia, haoma, soma). Para os modernos, é um estado de euforia similar, acompanhado pela secreção de encefalinas e endorfinas, verdadeiras morfinas endógenas que suscitam efeitos análogos àqueles da morfina extraída do ópio. Os hormônios do cérebro acalmam a dor e exacerbam a faculdade de desfrutar, agindo sobre os centros hedônicos do cérebro. Ora, a vida intra-uterina é ritmada pelos ruídos dos órgãos maternos, dentre os quais o coração (1, 3) e sobretudo os vasos da placenta. Os ruídos do mundo exterior que chegam ao feto são filtrados pela parede abdominal da mãe, que deixa passar fundamentalmente os sons graves. O feto é capaz de ouvir a partir da idade de seis meses (1, 10). De outro lado, os musicoterapeutas mostraram que os ritmos lentos, próximos daquele do coração e das artérias, com cerca de sessenta batimentos por minuto, são apaziguadores (1, 3) sobretudo se associados a sons graves; eles provocam um relaxamento, com diminuição da vigilância (estado desperto), e podem até fazer adormecer as crianças agitadas. Mas no adulto eles podem "dinamizar" as regiões pulsionais do cérebro, daí o aumento da "sugestibilidade" (tendência à histeria) e a propensão à agressividade e até o impacto sexual (1). Veremos que essas reações são determinadas mais pelos sons graves do que pelo andamento lento de seus ritmos.

Inversamente, os sons muito rápidos, com mais de noventa ou cem batimentos por minuto (ritmos do *jazz*, *rock*, *rap* ou *techno*, por exemplo), estimulam o sistema nervoso simpático e ativam a reação de vigília do cérebro. E essa é a entrada em jogo do sistema de alarme, da reação ao *stress*, da preparação à agressão. Os sons rápidos exercem assim um efeito de excitação, de exaltação e mesmo de transe, no limite, sobretudo, se associados aos sons agudos. E estes, segundo os etólogos (10), são emitidos nos gritos de aflição tanto do animal quanto do homem. Essas noções são confirmadas

na música: após um estrondo violento da bateria, a resposta dos trompetes, emitindo uma "tempestade" de sons agudos, num concerto de *jazz*, pode deixar o público fora de si e levar a exaltação ao seu mais alto nível. É aí que se produz o estado de transe. E a imprensa francesa registrou esses eventos desde 1920.

Paralelamente a esse mecanismo que repousa nas lembranças, amiúde inconscientes, do indivíduo, dito de outro modo, "suas vivências", segundo o jargão das ciências humanas, existem outros que interessam menos à musicoterapia, e que iremos estudar a partir das músicas bem conhecidas. Na Europa, pode-se ouvir dois tipos de música, as européias e as afro, que são aquelas dos africanos da América, das Antilhas e da Europa (nos Estados Unidos da América é moda enfatizar a origem de cada etnia para indicar a diferença cultural, pois têm-se a convicção de que as pessoas não se opõem mais pela raça, noção muito mal definida, mas pela educação).

1. *A música afro*

As músicas africanas, como aquelas de todos os povos de cultos xamânicos (cultos dos espíritos dos índios da América, das tribos da Ásia, da África e da Oceania) se reduzem o mais freqüentemente a ruídos organizados segundo um ritmo binário nos quais os instrumentos de percussão, o tambor [*tam-tam*] em particular, exercem o papel principal. Os verdadeiros africanos da África rejeitam o ritmo afro, considerado como simplista, "comercial" (sic), pois os ritmos autênticos são codificados pela tradição de cada tribo, e mesmo de cada classe social. É, portanto, por aproximação para não-iniciados que confundiremos afro e africano, para simplificar as descrições.

Na cultura greco-latina, o ritmo é definido por uma seqüência alternando elementos longos e curtos, sílabas das palavras nos versos de um poema cantado, notas de música (por exemplo, uma semínima e uma colcheia) e movimentos de dança (longos ou curtos no tempo e/ou no espaço). A música é dividida em compassos, e o compasso em tempos. Este é a unidade de tempo (duração) dada pelo metrônomo. Existem compassos de dois tempos, três tempos, quatro tempos etc. Em um compasso, o primeiro tempo é sempre

um tempo forte e acentua o canto; o segundo tempo, um tempo fraco, bem como o último. Se houver mais de dois tempos fracos em seqüência, um deles será sempre mais acentuado; é um tempo meio-forte. Assim, por exemplo, para um compasso de quatro tempos, temos a seguinte seqüência: um tempo forte, um tempo fraco, um tempo meio-forte e enfim um tempo fraco. O contratempo resulta da acentuação ocasional de um tempo fraco em vez do tempo forte. Eis em resumo as regras do ritmo correspondentes à sensibilidade européia.

Nas músicas africanas, as regras da periodicidade musical são muito diferentes; e assim um tempo que corresponde a um tempo fraco segundo as normas européias, pode ser sistematicamente acentuado; daí a impressão desagradável de contratempo permanente para um ouvido europeu. Todos os tipos de ritmo são possíveis: no caso mais simples, observa-se o ritmo de um só tempo, reduzido ao tempo forte somente. Trata-se de uma seqüência de golpes de tambor de igual intensidade. Aqui, os dançarinos só se ocupam consigo mesmos, cada um por si; não se busca nem mesmo sincronizar as flexões das pernas. No mais das vezes, percebemos um ritmo binário, ou seja, um ritmo a dois tempos (ou um múltiplo de dois tempos, por exemplo, a quatro ou a seis tempos), mas invertido em comparação aos usos europeus, portanto, com um tempo fraco seguido de um tempo forte, seja único, seja, mais freqüentemente, subdividido (som acentuado, prolongado ou repetido). É o que ouvimos na rumba, no *rock*, *rap* e *techno*. Neste último, alterna-se um golpe de bumbo [*tam-tam*] com outro de címbalo para imitar certos ritos dos espíritos asiáticos, que têm por finalidade mergulhar um médium no transe. O ritmo binário corresponde ao movimento de marcha (flexão seguida de extensão de cada perna) ou à trepidação (diversas flexões consecutivas da mesma perna proveniente das oscilações giratórias da bacia, cujo segredo só os africanos e os afros detêm) e se encontra em todas as culturas, inclusive a européia (polca, *kilian*, tango, marcha, *pasodoble* etc...). É a maneira de bater o ritmo que difere.

No contato com a civilização européia, os africanos enriqueceram suas instrumentações e adotaram certos modos melódicos anglo-saxões e latinos, bem como a técnica musical européia. Mas eles conservaram seu ritmo binário correspondente à sua

sensibilidade e natureza. Segundo as ciências humanas, o rimo está muito profundamente ancorado no esquema corporal do cérebro do indivíduo e no "inconsciente das massas" (18) para ser fácil e rapidamente modificado. É um modo de dizer que ele se transmite por hereditariedade, se somos adeptos do neo-lamarquismo, ou que ele é adquirido através da educação na tenra idade, talvez desde a vida intra-uterina após os seis meses, para aqueles a quem a noção de hereditariedade causa horror. Parece, do ponto de vista médico, que ele se imprime no cérebro, no nível da zona dedicada ao controle global da motricidade do corpo, e que ele se manifesta também nos "fenômenos de grupo" que veremos mais adiante. Como prova dessa afirmação, o sr. Rémi Hess mostrou (18) que, ao menos estatisticamente, os africanos não conseguem dançar a valsa. A valsa, com efeito, é a dança especificamente européia, a ponto de figurar no currículo de educação física da Polônia, nação particularmente preocupada em guardar sua cultura própria em prol de sua sobrevivência. Ademais, como contraprova, ele nos reporta que os agricultores da Guiana tiveram de se servir do chicote para ensinar essa famosa dança ternária a seus escravos africanos. E eu acrescento que é notório que, em contrapartida, aos olhos dos africanos, os franceses parecem assaz ridículos ao tentar se contorcer ao som do *rock*, do *rap* e outros *be-bops*, pois, dizem, "eles não têm o ritmo no sangue!" ou "eles são travados!", ou ainda "não se pode seguir o ritmo que se quer".

Os negros, pois, conservaram seu ritmo binário, seja sob a forma habitual, com reforço do contratempo pelas batidas do tambor ou de qualquer outro objeto de percussão da bateria, como no *rock*, no *rap* ou no *techno*, seja pelo ritmo sincopado, que é um modo de naturalizar, de europeizar a moda rítmica africana e que consiste em emitir uma nota no tempo fraco para continuá-la no tempo forte seguinte. É um modo sofisticado de subdividir o tempo forte, mas por uma via instrumental. Procede-se assim no *jazz* e no *blues*. É importante conhecer essa técnica, pois ou ela excita e exalta, ou ela "estressa", agride e tensiona, segundo o estado de espírito, o humor e a educação do ouvinte. Os musicoterapeutas estabeleceram o que eles chamam de princípio do "iso" (3) que afirma que existe um tempo, um ritmo mental, e que este deve concordar com o da música ouvida para que disso resulte um efeito

"dinamizante", isto é, estimulante e agradável para o indivíduo; dito de outro modo, as músicas afro agradam enormemente se a sensibilidade do ouvinte foi africanizada, e exasperam, podendo mesmo provocar reações violentas, nos casos contrários, sobretudo se se tratar de pessoas muito sensíveis, possuidoras daquilo que chamamos ouvido absoluto, dotadas naturalmente, ou por educação precoce, da capacidade de reconhecer as notas sem necessidade de se referir a um diapasão. De outro lado, o tempo mental parece poder ser determinado, em algumas vezes, pela visão: assim, por exemplo, o espetáculo de um dançarino ou de um patinador que não se move no compasso e não segue sua música pode suscitar um desconforto comparável àquele que se sente diante de um esquizofrênico (cuja mímica não concorda com a linguagem) nos espectadores ou, coisa mais grave, nos jurados que não sejam acometidos de cegueira artística (amusia). Assim, pode-se notar que diversos fatores intervêm na preferência por um tipo de música, e que nenhuma música, afro ou não, poderá agradar a todos. O fator cultural (educação) aparentemente exerce aqui o papel principal. Ora, em todos os países coexistem diversas classes sociais com culturas diferentes. É possível que o ritmo afro, por seu perfil de contratempo sistemático, incomode um ouvido especificamente europeu ou europeizado, ou em todo caso não habituado à cultura do *show-biz*. E, segundo a sra. Edith Lecourt (22), musicoterapeuta, a música sincopada do *jazz* estressa as pessoas e diminui a secreção láctea das lactantes, enquanto certas músicas clássicas (Mozart em particular) a aumentam, até mesmo no Japão.

Enfim, os afro-americanos inventaram o samba, a rumba, o *blues*, o *jazz*, o *rock*, o *rap* etc., para só citar as músicas mais conhecidas. É de se notar que se trata sempre de música de dança. O que quer dizer que, no cérebro do africano, o ritmo não está dissociado dos gestos, nem da audição musical em geral, pela educação; e que, no comportamento do africano, é o ritmo que comanda o resto, a motricidade, a sensibilidade, o cérebro motor e o cérebro emocional. Sua cultura se encontra ainda no estágio do ritmo. A música africana privilegia o ritmo e, no limite, a ele se reduz e com ele se identifica (na África, dança-se ao som do tambor, somente). Tem-se a impressão de que somente o ritmo, nada além do ritmo, interessa a seus adeptos. Assim ocorre com a música dita moderna,

ou música jovem, cuja composição é simplificada ao extremo, por economia. Essa simplificação musical é facilmente reconhecível por aqueles que "têm ouvido" e que são pouco numerosos entre os "jovens" e os menos jovens desprovidos de educação artística. Os engenheiros de som, que se utilizam de aparelhos para analisar o espectro dos acontecimentos sonoros, dizem que a música jovem é pobre em componentes. E essa simplificação da escrita chega a tal ponto que considerar o *rock*, o *rap* ou o *techno* como música é, do ponto de vista musicológico, cometer uma impostura. Com efeito, se o *rock*, no seu início, nos anos 1950–1960 reproduzia ainda os temas populares ingleses, rapidamente ele foi se simplificando, perdendo de início os harmônicos; em seguida, com o *rap* e o *techno*, suprimiu-se a própria melodia, conservando-se apenas o ritmo. Finalmente, as "músicas novas", que resultaram disso, foram em realidade apenas "tumulto ritmado". Essa evolução da cultura do *show-biz*, que querem nos fazer aceitar como uma arte popular, corresponde a uma regressão dramática do conhecimento artístico de uma geração de mal instruídos que, sem poder gozar de uma cultura refinada, milenar, não sabem buscar outra coisa senão a excitação grosseira, primitiva! É o resultado preocupante da democratização por meio do nivelamento por baixo, da substituição cultural e da africanização dos jovens pelo *show-biz* e as mídias de Estado, com a benção do Ministério da Cultura!

De outro lado, o ouvido humano tem a particularidade de não poder reconhecer um som agudo em presença de um som grave; diz-se que, à mesma intensidade, o som grave oculta o som agudo. Os sons graves rarefazem ainda um pouco mais os componentes musicais percebidos pelo ouvido e transmitidos ao cérebro. Ora, os órgãos são mais sensíveis à variação (aumento ou diminuição) do estímulo do que ao estímulo em si (lei de Weber-Fechner); assim, se o ritmo que é uniforme e monótono predominasse, seus efeitos excitantes no cérebro intelectual diminuiriam rapidamente por uma espécie de fenômeno de habituação. Segue-se daí que as músicas jovens, nas quais dominam o ritmo e os baixos (sons graves), estimulam pobremente o cérebro intelectual; o que reduz à mesma medida a vigilância (a consciência do mundo exterior). E, com

efeito, esses estímulos rítmicos são bem conhecidos dos etnólogos e dos psiquiatras por serem capazes de provocar estados de transe ou êxtase, também chamados "estados de possessão" (pelos espíritos, pelos ancestrais, pelos demônios ou pelos deuses), buscados voluntariamente em terapias tradicionais pelos espíritos ou pelo feiticeiro (xamã), mais exatamente denominado *medicine man* em inglês. De forma análoga, na medicina ocidental moderna, utiliza-se a "estimulação luminosa intermitente" para acionar "estados secundários", as crises de epilepsia. O termo "epilepsia" vem de uma palavra grega que quer dizer "agarrar", pois na Antigüidade acreditava-se que o epiléptico em crise estava "possuído" por um deus, estando apto, portanto, a profetizar. De igual modo, hoje em dia, o xamã, pela batida ritmada do tambor, provoca a diminuição da vigilância até o seu nível mínimo ou êxtase (ou transe), no qual o cérebro intelectual é quase desligado do mundo exterior por falta de estímulo sensorial, enquanto o cérebro emocional é excitado ao máximo, sem cessar, pelos influxos auditivos. Esse estado particular do espírito interessa enormemente aos psiquiatras e teólogos: existiria uma ou diversas variedades de êxtase segundo os modos de produção — pelo ritmo, pela meditação e pelas diferentes práticas das religiões orientais? Não há resposta certa a essa questão. No êxtase produzido pelo ritmo das pulsações sonoras, ocorre um estímulo das zonas erógenas do cérebro, daí a indução do orgasmo e talvez a secreção de endorfinas, hormônios cerebrais anestesiantes (cf. "bruxos" que andam sobre brasa ardente, médiuns que perfuram suas próprias bochechas e línguas) e mesmo "hormônios da felicidade" ou ao menos "hormônios da satisfação". Por conta desses conhecimentos ainda fragmentários, alguns não hesitam em falar de efeitos psicotrópicos de certos ritmos (1). Constata-se, em todo caso, que os adeptos do *tam-tam* se submetem muito voluntariamente, por horas a fio, à influência desse instrumento (nas discotecas, por exemplo). De igual forma, em laboratório, ratos sobre os quais se implantaram eletrodos nos centros hedonistas do cérebro passam seus dias a apertar, no teclado, o botão que fecha o circuito elétrico e que permite assim o estímulo e o prazer contínuo (16), sem se preocupar com a fome, com a sede ou com o sono — até a morte! Essa busca descontrolada pelo prazer define um aspecto da droga: o vício.

Considerados os conhecimentos atuais, podemos explicar os efeitos da música afro-americana do seguinte modo. Os sons graves criam uma atmosfera reconfortante (1, 3, 10), relaxando a atenção, diminuindo a vigilância e abrindo assim a via direta à excitação emocional pelos sentidos. Essa excitação, por meio do ritmo rápido do tambor ou de qualquer outro instrumento de percussão, ou ainda da música sincopada, leva à intervenção do sistema nervoso simpático, daí a aceleração cardíaca, desenvolvimento da hipertensão arterial, aumento da reatividade muscular. Algumas vias cerebrais acabam sendo tetanizadas, bloqueadas pela velocidade desses estímulos. Daí a alteração da consciência (festas *rave*). Inversamente, o aumento da tensão emocional diminui o controle da consciência sobre os gestos e o pensamento, e retira as inibições oriundas da educação, ainda mais se esta se deu de modo imperfeito, negligente. Com efeito, a educação européia tradicional consiste justamente em controlar as manifestações das emoções e dos sentimentos pela consciência. As músicas jovens e as músicas modernas o desconstroem, e o indivíduo se sente liberto das contingências, das realidades familiares, escolares ou profissionais, e até mesmo das convenções sociais. O liame natural, mas reprimido pelo adestramento (educação), entre a escuta musical e a função gestual é assim restabelecido; daí o aparecimento dos movimentos bruscos, convulsivos, ritmados pela música. Um indivíduo, já convencido da igualdade entre as culturas (para poder copiar o comportamento das etnias afro sem pudores) e cuja sensibilidade foi africanizada, põe-se então a dançar, tremelicando e bracejando. Isso determina variações muito fortes da tensão muscular que, criando estímulos internos, enviam uma grande quantidade de informações sensoriais "proprioceptivas" ao cérebro. A excitação sensorial cresce, pois, com a dança: é a "escuta total" da música, na qual ouvimos não somente com os ouvidos, mas também com todo o corpo, a fim de obter a excitação emocional máxima pelos sentidos. E se sabe que todas as vias nervosas sensoriais se reúnem no cérebro emocional. Resulta disso que a tensão emocional, crescendo continuamente, acaba por conduzir a um verdadeiro bloqueio da consciência, uma obnubilação do conhecimento de si como um ente diferente e distinto dos outros, de sua atitude moral e intelectual enquanto indivíduo e pessoa diante da sociedade e diante de seus próprios instintos e pulsões. Essa diferenciação do

conhecimento se deu por etapas, progressivamente ao longo do crescimento e da maturação do indivíduo. Assim, quando a vigilância baixa para um nível qualquer, diz-se, na psiquiatria, que houve uma "regressão", logo, um recuo e retorno do espírito (intelectual e emocionalmente) rumo a seu estado primitivo. Então os adeptos do *rock* dizem que eles "estão fora de si", que "se sentem fundidos com a massa dos colegas", que se tornaram "muito loucos" (5, 33). Certamente, o sentido dessas declarações não está claro para todos aqueles que não conhecerem essa experiência de transe xamânico; mas deve-se notar que o termo "fusão", freqüentemente empregado em resposta aos pesquisadores, parece querer dizer que se trata de descrever ou de explicar a impressão de perda do controle sobre sua vontade, seus sentimentos e seu atos, caídos então sob a dependência de seus "camaradas" (ou daqueles que os controlam), do ambiente. A responsabilidade pessoal, então, não tem mais sentido: é a "desresponsabilização" coletiva ou a "libertação". Com freqüência, esse estado é seguido de uma amnésia pós-crítica, como numa crise de epilepsia!

Os roqueiros buscam justamente essa regressão, pois o sentimento de não mais serem responsáveis lhes provê uma imensa sensação de alívio, de bem-estar; pois os deveres de homem civilizado lhes pesam! Os raios *laser* piscantes, que são por vezes associados às músicas afro-americanas, têm por função aumentar ainda mais o estímulo emocional, adicionando seus efeitos visuais à excitação acústica e muscular. Tudo é posto em jogo para gerar pulsações sensoriais de todo tipo, que vão aniquilar progressivamente o cérebro intelectual. Ademais, as letras daquilo que é cantado se reduzem no mais das vezes a gritos, onomatopéias, fragmentos de frases ou frases muito simples, a fim de projetar imagens (e não um encadeamento de idéias coerentes) no cérebro analógico dos ouvintes, de suscitar emoções primárias, de excitar e de fazer funcionar preferencialmente o cérebro emocional (lobo direito) em detrimento do cérebro intelectual (lobo esquerdo). Trata-se de fazer cada um participar da agitação coletiva, dizendo ao auditório que bata as mãos, gritem juntos, repitam em coro frases simples etc. É uma verdadeira manipulação da multidão simpatizante por

meio de seus *slogans* e seus gestos; desse modo, cada um comunica sua emoção a todos e, reciprocamente, todos comunicam as suas emoções a cada um, de modo que os ouvintes, como verdadeiros manifestantes, põem-se a vibrar emocionalmente "em fase", e a emoção coletiva e as emoções individuais crescem por patamares, por uma espécie de fenômeno de ressonância psicológica, até a explosão final, ao menos quando se está diante de um cantor-animador de talento.

Em algumas seitas de roqueiros, alguns dos membros foram à África e a países da América e Antilhas que praticam a religião vodu, a fim de estudar os ritos copulatórios (28). Isso possibilitou a invenção do *hard-rock*, cujo ritmo excita o instinto sexual dos ouvintes e os conduz a um gozo completo. Não se pode esquecer que a palavra *rock'n'roll*, na gíria americana, designa os movimentos de balanço de um casal no ato sexual (28). Em todo caso, os musicoterapeutas reconhecem que os sons graves ritmados de certas maneiras excitam as zonas erógenas do cérebro (que controlam o comportamento sexual) ao ponto de criar sentimentos problemáticos entre o experimentador e sua vítima consentida! E se trata somente de uma tentativa de anestesia dentária por meio dos sons (1). Aliás, é sabido que, em certos povos, existem músicas e danças "orgiásticas" que preparam o ato sexual; dito de outro modo, há certos ritmos que permitem o auto-erotismo.

Uma outra seita trouxe à existência o *acid-rock*, para amplificar os efeitos das drogas (28). O ácido em questão é o lisérgico, chamado ainda de LSD, alucinógeno parente da mescalina extraída de um cacto mexicano pelos sacerdotes do culto da serpente plumada. Muito se falou sobre o LSD nos anos 1960. Seus adeptos buscavam a ilusão de "viagem" em grupo, com seus "camaradas"; mas as alucinações que ele gerava eram realmente muito assustadoras e tenazes. O *acid-rock* volta à moda, mas não o LSD, e em 1989, em Londres, diversas casas noturnas que tocam *acid-rock* foram fechadas pela polícia, não por conta da música, naturalmente, mas por causa do consumo real de todo tipo de drogas (crack, heroína, cocaína, haxixe etc.). Hoje em dia, *acid* designa antes o *ecstasy*.

O efeito alucinatório de certos sons é bem conhecido na musicoterapia (3). Acredita-se que uma alucinação, que é uma percepção sem objeto, pode ser produzida quando o cérebro emocional

se libera do controle do cérebro intelectual (este último é o órgão da percepção consciente do mundo exterior pelos sentidos). Desse fato, o paciente pode inventar para si toda espécie de impressões sensoriais (auditivas, visuais etc.), unicamente a partir dos estímulos de origem interna. Quanto às drogas, por definição, elas são um agente que modifica, transitória ou definitivamente, o comportamento do indivíduo, criando fenômenos de dependência (abstenção difícil) e de costume (ou "assiduidade"), logo com obrigação de aumentar as doses para obter o mesmo efeito, donde os riscos mortais de "overdose". Muitos têm receio de reconhecer tais propriedades na música; no entanto, segundo o relatório do Dr. Auriol (1), o sr. P. Antoine, diretor de um centro de reabilitação para toxicômanos, considera que a música *pop* é uma droga, pois, segundo sua observação, ela pode conduzir à "desresponsabilização", e fala em "embriaguez musical"! O usuário de drogas busca a excitação sensorial pelo ritmo afro, é certo, mas este pode substituir aquela, a ponto de alguém dizer que "está chapado" (*flash*, na gíria americana) para caracterizar a sensação de calor, de vertigem, de dilatação de seu corpo e de euforia produzida pela injeção intra-venosa de heroína? Será que a secreção de endorfina provocada pelo ritmo é tão significativa? É certo que ela pode tornar o corpo insensível à dor de ferimentos por armas brancas e por queimadura, e que as drogas abundam nos ambientes da cultura *rock*, da cultura *tam-tam* em geral, nas festas *rave*, e não entre os amantes de valsa. A ação da droga completa aquela do *tam-tam* e vice-versa, para chegar ao transe.

Outras pessoas, adeptas da seita do "*rock* satânico" (28), tentaram, por meio de mensagens subliminares, propagar reflexos anticristãos, anti-sociais, bem como a fé em Satã. Nos Estados Unidos da América, sempre se encontraram as mais bizarras religiões, inclusive o culto ao demônio, com profanação de cemitérios, sacrifício humano e até mesmo canibalismo ritual. Mas parece que isso tudo se trata antes das perversidades provenientes do culto vodu originário da África, e não de conseqüências do *rock*. Ainda assim, devemos nos perguntar se uma cultura é um todo ou se é possível adotar apenas alguns de seus aspectos.

Enfim, no *punk-rock* (28), busca-se estimular os ouvintes à violência, ao homicídio e à autodestruição pelo ritmo e pelas letras cantadas, exaltando uma filosofia da violência ora gratuita, ora política ou racista, anti-branca ou anti-negra, o que é o cúmulo para uma música afro! Isso prova, aliás, que as classes populares continuam se opondo pela raça (definida pela cor da pele intuitivamente, como antigamente, e mesmo pelos odores (sic), segundo o chefe de Estado) e não pela educação ou cultura (que caracterizam doutamente a etnia), como crêem os especialistas das ciências humanas e os fanáticos da luta de classes.

Existem, com efeito, *skin-heads* de todas as origens raciais. Ainda nos Estados Unidos da América, país dos excessos e do gigantismo, foram noticiados casos de violência com feridos e mortos nos shows de *pop* reunindo dezenas e mesmo centenas de milhares de ouvintes ensandecidos. Na França, viram-se apenas brigas e *ratonnades*,[1] sem mortos quer entre os brancos, os *beurres* [árabes] e os negros, pois nossos arruaceiros são bem menos violentos que seus homólogos e modelos americanos, embora igualmente racistas.

Tudo evolui muito rápido nos meios marginais, tanto a moda como a formação de bandos e sua dispersão (5). A instabilidade de comportamento resulta de uma personalidade mal estruturada. Seria o *rock* que "desestrutura" ou são as pessoas mal estruturadas que gostam de *rock*? Voltaremos a esse tema. Em todo caso, sabe-se que na África do Sul os negros "entram no clima" por meio da dança e do *tam-tam* antes de partir para a briga nas manifestações de rua. Existe, portanto, um ritmo da violência. É preciso, quanto a isso, notar que o homem das velhas sociedades (*homo sapiens*) precisava de longas preparações para neutralizar suas inibições antes de poder fazer mal a seus semelhantes, ao passo que o homem moderno, sem "preconceitos" e "superstições" (*homo necans*), está sempre pronto para destruir ou matar sem qualquer outro motivo além de expressar "seu ódio" ou "sua raiva" ou ainda "seu tédio" (sic), como é o caso nos nossos "bairros difíceis".

Sem dúvida, em todas as ambições supracitadas e proclamadas pelos diferentes grupos de roqueiros, pode-se ver um certo exagero para provocar um escândalo midiático, quase publicitário, sempre

1 Brutalidade cometida contra determinado grupo étnico ou social — NT.

favorável aos negócios do *show-biz* (5). Claro, os fatos descritos são perturbadores, ainda mais quando seus observadores têm uma formação científica, mas eles continuarão anedóticos se não forem suficientemente numerosos para serem estudados convenientemente. Seria necessário, portanto, reter somente aquilo que foi provado cientificamente como certo. Essa certeza reduz-se, por ora, a um único fato: as músicas *tam-tam* em geral, o *rock*, o *rap* e o *techno* em particular, provocam de fato uma obnubilação da consciência (e mesmo uma perda de memória), uma verdadeira regressão mental podendo conduzir à violência, a agressões e pilhagens após um show *pop*. O consumo de drogas, os comportamentos anti-sociais e a desresponsabilização podem ser simples conseqüências da ideologia ou da "cultura" freudiano-marxistas dos meios adeptos desse tipo de música.

As músicas afro provocam, portanto, uma regressão psíquica de uma amplitude variável segundo os talentos do conjunto que as executam, segundo a educação e o humor dos ouvintes, a densidade da turba e o ambiente. Idealmente, o ouvinte, perdendo a sensação de sua existência enquanto indivíduo, experimenta a impressão reconfortante de fundir-se na massa de seus amigos, da qual ele se sente dependente em tudo o que diz respeito a seu comportamento, tanto emocional quanto moral ou físico, e da qual ele sente a força incoercível. Ele se sente, pois, desresponsabilizado. As pesquisas dos sociólogos e dos educadores estão todas de acordo quanto a esse ponto (5, 33). Esse fenômeno psíquico que ocorre entre as multidões é chamado de "psicose coletiva" pelos sociólogos (7) e "histeria coletiva" pelas mídias. O que prova que se trata de um fato amplamente conhecido pelo público. As músicas afro são, assim, músicas de massas, que se dirigem tanto às pequenas tribos quanto às turbas de milhares, às vezes de centenas de milhares de adeptos, graças à técnica da difusão musical moderna. Sua finalidade é excitar a multidão a ponto de provocar uma regressão mental.

Alguns sociólogos, como Gaston Bouthoul, colocaram em evidência que a forte densidade de indivíduos, ainda que tímidos e afáveis, mas jovens e incautos, favorece o surgimento da histeria coletiva, da agressividade e da violência de massa. Nesse estado

psíquico, ocorre a inversão dos instintos naturais do indivíduo. Este, com efeito, tendo sofrido uma perda da consciência individual e uma regressão psíquica, pode aprovar, em meio à multidão, coisas que ele teria reprovado quando só, de posse de seu espírito. É o que se viu nas "votações por mão erguida" das assembléias revolucionárias, onde intervêm, certamente, o medo de represálias, mas também o entusiasmo revolucionário que se identifica com a histeria coletiva. Pode até mesmo ocorrer que o instinto de conservação desapareça e dê lugar à aceitação do sacrifício de sua própria vida em prol dos "camaradas", da "causa comum". Enfim, quando a regressão é suficiente, como é o cérebro emocional que assume a direção do indivíduo, as paixões são freqüentemente amplificadas até o paroxismo (heroísmo ou terror, pânico). Aliás, sabe-se, hoje, pela leitura de cartas, memórias, minutas de tribunais, diários, publicados ou não (23, 25, 30), que os agitadores e carrascos dos anos 1792 e 1793 da Revolução Francesa eram, em sua maioria, não bandidos ou criminosos de carreira, mas honestos artesãos ou vendedores, burgueses e bravos pais de família! Todo mundo poderia, portanto, ser vítima desses "efeitos de grupo". Estes são conhecidos de longa data pelos entomologistas (especialistas de insetos), que sabem que a vida em bando pode modificar mesmo o aspecto físico e a cor dos gafanhotos, e não somente o seu comportamento. Os sociólogos sabem também que o mesmo se dá com os homens, quando se compara o habitante da cidade àquele do campo. Infelizmente, esses fatos são freqüentemente ignorados pelos arquitetos, urbanistas e educadores. Um indivíduo isolado pode ser digno de estima, mas o bando ou a multidão é sempre ignóbil. Em todo caso, em tais estados de transe coletivo, com ou sem a filosofia *punk*, sem o reforço do álcool ou de outras drogas, e mesmo sem incitações particulares, podem ocorrer atos de violência incompreensíveis tais como a depredação de bancos e a briga entre "bandos de jovens" ou entre "grupos étnicos" nos shows *pop*, oficialmente "manifestações culturais", e por vezes "pela paz" ou "contra o racismo" ou mesmo "contra a violência"!

Os sociólogos estimam que a psicose coletiva — responsável pelos "crimes de turba", bem conhecidos e temidos pela polícia (29), os motins e linchamentos, que transformam inesperada e subitamente uma população pacífica e por vezes alegre em uma turba

potencialmente homicida — pode se deflagrar com ainda maior facilidade quando estamos lidando com pessoas pouco instruídas e insuficientemente educadas (adestradas, civilizadas) (7), apresentando mesmo, por conta disso, uma personalidade histérica, caracterizada por uma forte "influenciabilidade", uma emotividade excessiva e uma incapacidade de se controlar.

Os métodos de indução da psicose coletiva por martelamento emocional utilizados pelos roqueiros são baseados naqueles dos agitadores revolucionários, dos líderes de multidões e dos organizadores de manifestações em massa. Toda pessoa ingênua, demasiado confiante (simpatizante), demasiado espontânea, demasiado natural, logo, nada acostumada a vigiar e a controlar suas próprias emoções e sentimentos em público, corre o risco de ver seu cérebro emocional capturado e dominado pelos agitadores profissionais, bem conhecedores dos truques de manipulações. E quem teria a idéia de desconfiar de uma manifestação cultural, de um show *pop* no qual, entretanto, podemos ser excitados até nos sentirmos "fundidos" na massa dos "camaradas", de sofrer assim uma regressão psicológica até à idade mental de uma criança de dois anos, da "crise do eu", logo, uma regressão de dezesseis anos para um roqueiro de dezoito anos. E todos os pediatras sabem que as crianças pequenas têm pulsões de uma violência extrema. Não é a inteligência que permite resistir à manipulação pela música, pois o "quociente musical", que mede a aptidão para a música e a sensibilidade ao ritmo, praticamente não depende do quociente intelectual (1), mas sim da educação. Com efeito, esta última, segundo as normas européias tradicionais, tem como objetivo fazer prevalecer, em todas as circunstâncias, a razão sobre os sentimentos e sobretudo sobre as pulsões (impulsos instintivos), as regras da vida civilizada sobre a espontaneidade, o *neocerebrum* sobre o cérebro reptiliano. Os mesmos resultados são obtidos com a instrução cívica; o objetivo desta é, com efeito, preservar os direitos da pessoa, dentre os quais a liberdade de consciência. O que supõe que sejamos capazes de pensar por nós mesmos, de dispor de um sistema de referência moral pessoal oriundo da educação. Enfim, é preciso ter caráter, personalidade, para poder resistir às manipulações. E o fato de sabermos que querem nos manipular permite que estejamos atentos e recusemos o jogo proposto, caso ele seja aviltante, contrário à

dignidade humana, se se baseia em sentimentos desregrados, desonestos (ódio, inveja, animalização ou diabolização do inimigo, do homem, excitação extrema em geral). O que fechará o acesso ao cérebro emocional. Numa só palavra, o fenômeno da histeria coletiva, que é uma desonra para o homem civilizado, não poderá jamais se produzir num *gentleman* ou num *honnête homme* [num cidadão de bem]. É por isso que, nas nossas civilizações de massa modernas, é imprudente não mais querer dar uma educação estrita às crianças, vítimas potenciais dos efeitos do grupo, dentre os quais o hooliganismo esportivo e as "transgressões de limites" das "manifestações estudantis" (sic). Afinal, a democracia é o governo dos homens civilizados!

Algumas pessoas puderam considerar que esse regresso psíquico do indivíduo pela inibição temporária da consciência do adulto, com o esquecimento de proibições e dos tabus de toda sorte impostos a cada um pelos pais, pela escola e pela sociedade (a educação, a instrução e a lei) fosse um bem, para não dizer uma necessidade; pois a descontração (ou desresponsabilização) é considerada como uma liberação para os modernos em nome da psicanálise, sua religião. Será preciso lembrar que a lei, a tradição e os costumes servem para proteger os mais fracos, e que, quando um jovem "se diverte a fundo", os velhos e as mulheres "brindam" sua solidão? E que querer "relaxar" é sentir a civilização como coisa bem difícil a suportar, é querer se livrar dela para retornar ao estado natural, o qual não pode ser outro senão a lei do mais forte? Será preciso deixar que isso aconteça, deixar que se retorne ao estado primitivo de não-direito, da não-sociedade? É claro que essa é uma questão de escolha, de ética. E a finalidade das ciências humanas é de desresponsabilizar o homem para instaurar a cultura de massa e a ordem amoral, dito de outro modo, a liberdade absoluta. Pois o homem não é naturalmente bom e virtuoso?

Muito antes de 1930, essa propriedade dos ritmos africanos já era conhecida do público culto, pois Aldous Huxley tratava dela, em seu romance *Admirável mundo novo*, como sendo um meio

possível de comunhão conduzindo ao estado de transe com liberação e satisfação sexual coletivos para as elites bem doutrinadas e submissas às exigências traumáticas das sociedades totalitárias futuras (sessões de *orgy-porgy*, termo inventado pelo escritor que evoca a purga ou purificação por meio da orgia, como no culto de Baco). Além disso, na "traditerapia" africana, que é uma espécie de psicoterapia de grupo, talvez o equivalente do nosso psicodrama, busca-se, por meio do estado de transe provocado pelo batimento rápido do *tam-tam*, a presença de todos os membros da tribo, a encenação (sacrifício dos animais, aspersão dos comungantes com sangue para atrair os manes sedentos), os encantamentos e as exortações, para restabelecer o equilíbrio do indivíduo, reintegrando--o moral e afetivamente no quadro de seu clã ou de sua família, com seus deuses e ancestrais. E esse estado de transe, com pessoas babando e rolando pelo chão, conduz realmente ao orgasmo sem cópula, como prevêem os estudos de musicoterapia. Os médicos da escola francesa de Dakar estudaram esse modo terapêutico e afirmam que é possível curar camponeses que tiveram de abandonar seus vilarejos e que se sentem "desnorteados" nas grandes cidades pela descoberta do modo de vida europeu. É o que se chama de choque das civilizações. Trata-se, portanto, do tratamento psicológico das doenças de adaptação num quadro cultural em particular. A finalidade dos roqueiros é completamente diferente: eles buscam, ao contrário, "desestabilizar" o indivíduo com sua música, provocar sua ruptura com sua própria família e o mundo dos adultos, a fim de levá-lo a se revoltar contra a sociedade estabelecida, "legitimada" como dizem os sociólogos. É consenso, pois, o reconhecimento de que a discordância entre os cérebros direito (da cultura *tam-tam*) e esquerdo (do mundo europeu moderno) faz do indivíduo uma vítima, um revoltado, um marginal, um doente mental; enfim, um excluído.

Ao lado da escuta total do *rock*, a audição deste enquanto música ambiente foi estudada particularmente em suas conseqüências sobre os resultados escolares: foram acompanhados, comparando-se as notas obtidas nos exames trimestrais, três grupos de estudantes. E, desde 1975, nos Estados Unidos da América, provou-se que o

rock, enquanto música de fundo ou de ambiente, diminui claramente o rendimento dos estudos superiores, em comparação com a música clássica ou o silêncio (21). No fundo, isso nada tem de espantoso, pois o ritmo afro excita a emotividade, e, por isso mesmo, sempre obnubila mais ou menos a consciência. O êxtase ou o transe, mesmo num nível baixo, não melhora a atenção e não pode favorecer os estudos. E, no entanto, muitos pais continuam se perguntando se verdadeiramente as músicas jovens podem transformar seus filhos, no mau sentido, por exemplo alterando sua personalidade (tornando-os maleáveis, sem caráter), aumentando sua emotividade, diminuindo seu Q.I. (o qual depende do senso crítico).

Nos Estados Unidos da América, depois de os esforços financeiros consideráveis aprovados sob os presidentes Kennedy e Johnson para escolarizar a etnia afro terem se mostrado vãos, foi preciso votar a lei das quotas raciais obrigando as universidades a reservarem sistematicamente 10% de seus diplomas aos negros, pois estes formam o décimo da população global do país. Essa lei das quotas raciais foi em seguida estendida ao recrutamento de trabalhadores nas empresas e na administração. E, apesar de todas essas iniqüidades para com as outras etnias (caucasianos, asiáticos), não se consegue ainda "integrar" os afro-americanos que continuam a se marginalizar cada vez mais, a ponto de constituir o essencial da população delinqüente. Desde 1960, os sociólogos anglófonos são unânimes ao reconhecer que os negros são estatisticamente incapazes de fazer estudos superiores e que as exceções que se podem observar dizem respeito unicamente a indivíduos que se dedicam aos estudos literários, dentre os quais as ciências humanas (sobretudo a sociologia) e o direito. As áreas técnicas em geral e as matemáticas em particular não interessam à etnia afro. Concluiu-se, num primeiro momento, que a "raça" negra era intelectualmente inferior; mais tarde, médicos e sociólogos admitiram que a inferioridade da etnia afro era uma seqüela da escravidão e das condições de vida desfavoráveis. Desde 1980, os sociólogos francófonos (5), estudando as populações européias dos roqueiros, chegaram à mesma conclusão: a cultura do ritmo não favorece a adaptação à civilização européia moderna, pois esta está fundada sobre valores criados pela universidade, dentre os quais o senso crítico e

a faculdade analítica, desenvolvidos pela prática da escolástica, da retórica, das matemáticas e das ciências experimentais ao longo de muitos séculos, e que penetram até a linguagem cotidiana das classes médias e superiores. Em suma, o *tam-tam*, porque desenvolve a emotividade bloquearia a evolução do cérebro ao estágio do uso predominante do lobo direito e não facilitaria a estruturação do lobo esquerdo do intelecto.

Note-se, como contraprova, que os negros das Antilhas francesas conseguem fazer bons estudos e tornar-se técnicos e engenheiros, ao menos aqueles que renunciaram ao *tam-tam*. Pois eles compreenderam que não se pode fazer nada pela metade, e que ao se optar pela civilização francesa, é preciso adotá-la completamente.

O *tam-tam* é, portanto, um fator de retardamento mental: ele caracteriza o cérebro emotivo do primitivo da cultura do ritmo, da Europa pré-renascimento, do homem não iniciado à civilização por meio de ópera e dos concertos.

Há quem tema o pior diante do espetáculo dessa regressão mental, com a etologia como apoio. Pois, treinando assim a regredir pelo ritmo encantatório e os efeitos de grupo (vida em multidão), exacerbando seus instintos sexuais e sua propensão à violência, dito de outro modo, reativando seu cérebro reptiliano primitivo, destruir-se-iam as estruturas de inibição do neo-cérebro, que caracterizam o homem adestrado, domesticado, civilizado. A regressão rumo ao estado mental primitivo ressuscitaria a tendência à sugestibilidade (histeria). Desse fato, o homem primitivo, não estruturado, é frágil, passivo, maleável, logo, irresponsável e obediente a qualquer chefe de bando, a qualquer *führer*, e pronto a todas as capitulações morais, a todas as violências coletivas. Aliás, a imagem das multidões de roqueiros machos e fêmeas manipuladas pelos cantores *pop* evoca tristemente as manifestações de massa nazistas dos anos 1930. Graças ao *show-biz*, o terreno está pronto, falta apenas uma ideologia e um chefe, e tudo poderá recomeçar! É claro, subespécies de roqueiros (*punks*, *skinheads*) se proclamam racistas e nazistas, certamente por provocação e por razões publicitárias, para que saibamos que eles existem, que não os esqueçamos, que os notemos e compremos sua música. O *show-biz*

poderia sem dúvida acolher nazistas, se isso trouxesse algum lucro? Seja como for, o homem da cultura *tam-tam*, testado segundo as normas universitárias, é um débil mental: seu Q.I. (quociente intelectual) é 15% mais fraco do que o do euro-americano (2). No Ocidente, o *tam-tam* cria "exclusões", em outras palavras, homens inúteis, incapazes de assumir funções econômicas, técnicas ou sociais reais e condenados a exercer profissões "toscas", vivendo ou sobrevivendo de subvenções e alocações de toda sorte; pois a sociedade moderna e técnica não sabe o que fazer com primitivos, a não ser transformá-los em assistidos, dado que ela ainda pratica a caridade cristã.

2. *As músicas européias*

Originalmente, a palavra "Europa" só se aplicava à Grécia da Europa, depois à parte européia do Império Romano. A seguir, foi o *Regnum Francorum*, ou seja, os territórios correspondentes à França e a Alemanha atuais, bem como o norte da Itália e a Catalunha, que herdaram essa denominação. E esta, durante séculos, se confundiu com a cristandade latina. Enfim, do reino de Luís XIV à Primeira Guerra Mundial, a Europa era quase que um sinônimo de civilização francesa e se estendia de Brest a Vladivostok. Não parece muito abusivo, portanto, ao falar da música européia, referirmo-nos, por aproximação, à França, herdeira principal de Roma e da Grécia antiga. Quanto mais porque os grandes artistas e sábios eram subvencionados pelo rei e vinham fazer carreira em seu reino ou buscavam sua consagração em Paris. A Europa é, antes de tudo, uma entidade cultural que o escritor Paul Valéry definiu como sendo greco-latina e judaico-cristã em sua essência. O que não exclui absolutamente a influência secundária das outras culturas, localmente.

Ao oposto das músicas afro e africanas, as músicas européias, em geral, dedicam pouca atenção ao ritmo e se dirigem quase que unicamente à inteligência do indivíduo. Essa particularidade resulta de uma longa tradição que remonta à noite dos tempos. Durante bons vinte séculos, a música foi sobretudo vocal, mesmo quando se tratava de música de dança popular: era a palavra cantada, por sua entonação e alternância de sílabas longas e curtas, que dava o compasso, e não os instrumentos de percussão. O tamborim ritmava

certas danças meridionais ou ciganas, mas nunca veio a se impor na França. A bateria, tal como a conhecemos, foi tomada emprestada da música militar pelos afros, para ser introduzida nos meios populares europeus e, desse modo, nas danças de salão das classes médias e superiores.

A canção francesa adveio da tradição celta dos bardos e da tradição mediterrânea dos trovadores, logo, da tradição greco-latina e árabe. Todas essas tradições eram elitistas; com efeito, antigamente os povos ainda não estavam entupidos de comida e aspiravam a ascender socialmente... Assim sendo, a canção francesa contava uma história coerente, em uma forma nobre e erudita da linguagem, sob a forma de versos; pois dirigia-se a um público culto, certamente, mas jamais se esquecia de incitar o povo iletrado a apreciar a elegância e o equilíbrio da elocução dos homens e mulheres "bem instruídos". E o cantor, como todo verdadeiro artista, sentia-se investido da missão de ensinar a estética, para não dizer a ética, e mesmo por vezes a religião, de um certo grupo social e cultural ora dominante, ora marginal, perseguido e escondido. A canção era, pois, um poema cantado no qual as coisas ditas deviam ser lógicas, mesmo que contivessem subentendidos, ambigüidades voluntárias. Tudo devia ser refinado, pelo menos na forma. Quanto à música, reduzida, na França, quase que totalmente à melodia, ela servia como simples acompanhamento, ajudando assim a memória do poeta. A instrumentação era, por conseguinte, reduzida ao mínimo necessário (lira, harpa, alaúde, cravo, piano ou mesmo acordeon). O objetivo do músico europeu é transmitir um sentimento, claro e consciente, por um conceito (idéia) e um som.

É de se notar que as músicas clássica e popular só diferem entre si pela instrumentação e sobretudo pelas técnicas musicais, que são eruditas no primeiro caso e freqüentemente simples, e mesmo toscas, no segundo; fora isso, elas exprimem, ambas, a sensibilidade de um só e mesmo povo, amiúde com as mesmas melodias, os mesmos temas. Aliás, as óperas de Gounod e Bizet contém temas populares, mas compostos e executados com arte. O mesmo ocorre com a música romântica em geral.

E, segundo a tradição antiga, a agitação dos sentidos, considerada obscena, era evitada por princípio. Era preciso sobretudo se lembrar dos escândalos provocados, na França, pelo romantismo nascente; é verdade que Berlioz descobrira, com surpresa e alegria, os efeitos do ritmo nas valsas de Strauss (18); mas, no conjunto, hesitava-se em mudar de ética, a abandonar a música descritiva, imitando convencionalmente a natureza por meio de melodias cantantes. A Alemanha era vista com receio, com suas harmonias instáveis, como "esses acordes bárbaros" de Beethoven, com sua massa orquestral potente, capaz de provocar um choque emocional tido como insuportável, e sobretudo sua música que falava diretamente ao coração sem passar pela razão (cf. Mozart, por exemplo). Franz Liszt teve de introduzir o ritmo húngaro com prudência, em pequenas doses, em suas composições destinadas à aristocracia européia. Pois até então a emoção estética buscada devia ser sobretudo intelectual. E o cantor, dirigindo-se a um auditório reduzido, bem educado e pacífico, buscava convencer e emocionar cada um deles, individualmente.

E então, a partir do século XVIII, desenvolveu-se a música instrumental polifônica herdada da antigüidade greco-latina, que era um meio de comunicação não-verbal das emoções e talvez dos sentimentos; mas a música européia deu continuidade à tradição da canção francesa, dirigindo-se sempre ao indivíduo, a sua inteligência, talvez por conta de seu caráter erudito, elitista. A composição musical complexa, racional porque obediente a regras técnicas e teóricas precisas, a pouca importância dada aos ritmos e aos baixos, a riqueza em harmônicas dos instrumentos (violino, trompete) fazem com que a música européia estimule intensamente as zonas intelectuais do cérebro. Com efeito, o cérebro capta a música, analisa sua composição e a compara com suas reminiscências; quanto mais a música é complexa, mais o trabalho intelectual é intenso. Ademais, sabe-se há muito tempo, por conta de medições diretas de eletrofisiologia, que os sons agudos colocam em movimento três a seis vezes mais células cerebrais que os sons graves, e que a acuidade auditiva é mais fina para os sons agudos do que para os graves; o que significa, finalmente, que a música clássica, por sua riqueza em componentes distintamente percebidos, excita o cérebro de maneira bem mais intensa do que o *rock*: ela ativa

a reação de despertamento e aumenta a vigilância do ouvinte. De outra parte, os musicoterapeutas chamam a atenção para o fato de que os sons agudos "dinamizam", estimulam o espírito e o tornam otimista, combativo, consciente e "responsável", pois nas reminiscências do homem eles correspondem ao instante do choque sensorial e psíquico do nascimento, no qual o indivíduo, perdendo o filtro constituído pela parede abdominal materna, descobre simultaneamente o afluxo de sons agudos, a luz ofuscante vindo do alto; o que, no campo cultural da simbolização, fará com que se associe os agudos com a luminosidade e a noção do alto, e inversamente os graves com a obscuridade e a noção de baixo. Alguns acrescentam ainda à noção espacial do eixo alto-baixo, aquela de hierarquia, de responsabilização, de diferença entre a qualidade e a quantidade, de desigualdade (1). Ademais, não podemos esquecer que o cérebro, como todos os órgãos humanos e diferentemente das máquinas, não se desgasta em seu funcionamento; ao contrário, sob o efeito dos estímulos apropriados, ele é colocado em funcionamento, analisa, grava, treina (como num esporte) e se desenvolve, favorecendo assim o estabelecimento das conexões entre os neurônios e, por conseguinte, a aquisição dos mecanismos do pensamento elaborado. Inversamente, o repouso e a subutilização provocam sua atrofia funcional, num primeiro momento, e, mais tarde, anatômica. É preciso lembrar que a audição determina a fonação e a elocução, e por conseguinte quase todas as funções psíquicas. Compreende-se, por conseqüência, a pobreza intelectual das crianças surdas e dos roqueiros absolutos. Aliás, enquanto música de fundo (21), ao aumentar a reação de despertamento, a música clássica melhora os resultados dos estudos medianamente difíceis, como aqueles da literatura ou da sociologia, por exemplo. Mas, como essa escuta toma nossa atenção, ela não se compara ao silêncio absoluto para os estudos mais difíceis, sobretudo os de física e matemática. Mostrou-se inclusive, em 1993, na Universidade da Califórnia, que a música de Mozart aumenta o Q.I. em cerca de 10% e que esse efeito persiste ainda por dez minutos ao final do concerto (27). A música clássica pode assim nos tornar mais inteligentes. É preciso, pois, admitir que a sensibilidade mozartiana, especificamente européia, favorece um funcionamento cerebral global de tipo europeu, adaptado à lógica e ao senso crítico universitário, conduzindo à técnica moderna.

Existem diversos gêneros de músicas européias do ponto de vista dos efeitos sobre o cérebro. Grosso modo (26), pode-se dizer que a música clássica predominantemente melódica (música francesa do século XVIII, por exemplo) desenvolve a sensibilidade das crianças, no sentido europeu, naturalmente; que a música clássica de predominância harmônica (aquela dos compositores alemães do século XVIII) estimula o despertamento e a vida intelectual e desenvolve o Q.I.; e que a música clássica de predominância rítmica (aquela dos balés franceses e russos do século XIX, por exemplo) ativa a vida sensorial, aumenta o tônus muscular e revigora o corpo.

É preciso notar que, na música européia autêntica, clássica ou popular, o ritmo resulta da organização da composição tonal e harmônica e muito excepcionalmente das batidas dos instrumentos de percussão: ele se dirige, portanto, à função analítica do cérebro esquerdo e não diretamente ao cérebro emocional, como no caso do ritmo primário produzido pelo tambor ou pelos címbalos, ou ainda pelo sintetizador, como na música *techno*. É sabido que o sintetizador reproduz muito imperfeitamente o timbre dos instrumentos musicais (sobretudo o violino) e só pode satisfazer, portanto, as pessoas pouco refinadas!

Na música clássica, ao contrário do que acontece nas danças populares modernas (muito africanizadas, nas quais o ritmo monótono, com menos de 80 tempos fortes por minuto, dominado pela bateria e excitando, por conseqüência, direta e intensamente o cérebro emocional), a riqueza em harmônicas, a complexidade da partitura e os sons agudos (do violino, que conduz tradicionalmente a orquestra, e também do trompete), agitam e estimulam constante e potentemente o cérebro intelectual e mantêm o despertamento. A excitação emocional pode alcançar seu ápice, mas os ouvintes permanecerão perfeitamente lúcidos. E, aliás, o ritmo especificamente europeu é o ternário (um tempo forte seguido de dois tempos fracos) desde a Antigüidade (*tripudium*, volta, minueto, valsa, mazurca, bourrée, java, balés etc.). E relativamente lento (35 a 70 pulsos por minuto contra cerca de 90 a 180 no *rock*, *rap*

e *techno*); ele exerce, portanto, uma função calmante, relaxante, e modera a excitação provocada pelos outros fatores da música. Ademais, por razões éticas, mesmo nas danças populares mantém-se uma postura ereta, e evitam-se as contorções e agitações musculares, limitando voluntariamente os movimentos ao simples mover das pernas. Em suma, recusa-se aquilo que os musicoterapeutas chamam de escuta total, que supõe o abandono total do corpo à excitação sensorial máxima, à dominação completa do intelecto pela emoção, cara aos africanos. Por essa razão, mesmo nas danças populares européias menos rígidas, mais agitadas, como em certas danças de vilarejos, os dançarinos nunca caíram em transe. De igual modo, a valsa, que era a dança preferida dos europeus, nunca conduziu a nenhum ato de violência por seu ritmo; e, no entanto, ela podia ser trepidante de emoção. Tudo se passa como se o preceito do controle de si, advindo da antigüidade greco-latina, ainda pairasse no inconsciente das multidões as menos elegantes.

É fato curioso que, nas extremidades do mundo, as éticas sejam contrárias: na África, deixa-se que a emotividade se desenvolva em detrimento do intelecto, a ponto de se estar fora de si, de se perder no êxtase. No Extremo Oriente, é preciso saber controlar suas emoções para manifestar apenas sentimentos convencionas, sob pena de passar por um bárbaro. Na Europa, tenta-se conciliar o coração e a razão, ao menos nas épocas em que ainda se lembrava de Roma; então, "o caminho do meio", da moderação dos sentidos e dos comportamentos, torna-se um ideal: pode-se então mostrar uma pequena parte de suas emoções e sentimentos íntimos, mas segundo formas convenientes ("honestas"). Em suma, busca-se o equilíbrio entre os dois cérebros do homem. Mas o equilíbrio, por definição, é um estado frágil e instável. A Europa greco-latina aspira a esse estado, malgrado o ambiente dos bárbaros tentadores. E esse é já um fato único e considerável na história da humanidade, pois interessa a todas as classes da sociedade, aí compreendidas as classes populares (na Ásia a via da moderação também existe, mas somente para uma ínfima elite). A música européia deveria, portanto, trazer aos homens não a loucura, a angústia ou o transe, o furor e os outros "estados demoníacos", mas apenas a alegria; ela deveria servir para "acalmar os costumes", porque estes seguem sendo ainda em nossos dias bem brutais pelo mundo, mesmo nas regiões

ditas "desenvolvidas" onde, por acaso, reina ainda o ritmo binário do *tam-tam* ou, mais exatamente, a cultura "*tam-tam* e TV" do cérebro direito, do primitivo cruel, instável e violento!

Segundo os laboratórios de psicologia, é possível fazer quase tudo sobre o humor e o espírito dos homens com sons e música. Buscar apaziguar e civilizar é uma escolha, o inverso também. Mas não podemos nunca esquecer que o intelecto e a sensibilidade são funções cerebrais ligadas, e que não podemos modificar uma sem alterar a outra. A civilização é, portanto, um todo: uma "técnica avançada", resultando de uma inteligência "desenvolvida", corresponde a uma sensibilidade complexa, respondendo a uma música elaborada, altamente técnica. Inversamente, uma música primitiva satisfaz uma sensibilidade tosca, associada a uma inteligência primária. Mas a inteligência de que se trata é aquela universitária, explorada e avaliada pelo Q.I. Esquematicamente (e historicamente) o cérebro do europeu ideal é estruturado à direita pela música barroca e à esquerda pelas ciências experimentais. Isso pode ser facilmente verificado no "meio estudantil". Na elite, por conta do desastre de junho de 1940, uma minoria se volta contra a sensibilidade européia para se africanizar, entregando-se ao *jazz* (e não às músicas jovens, decididamente destinadas aos mais grosseiros). Parece-me que nesse grupo contam-se muito mais literatos do que cientistas: seria interessante seguir os estudos de seus filhos.

CAPÍTULO V

Músicas e civilizações

O termo *humanitas* dos antigos, que poderíamos traduzir literalmente por "humanidade", ou seja, "natureza própria do homem", diferente daquela do animal e do bárbaro, é substituído em francês pelo termo "civilização". Este deriva de *civis*, em latim, que significa habitante de uma cidade ou "cidadão", e designa o conjunto da produção do espírito e do trabalho dos habitantes de um país, a saber, as ciências, as artes, as leis e instituições. São esses, então, os meios que servem para modelar os cérebros, a dirigir sua maturação, enfim, a manipular o homem. Ou ainda: é a memória extra-cerebral que define o modelo, a "raça", os homens a fabricar, tanto no plano intelectual quanto emocional, de modo que eles possam se comunicar e tornar assim a vida social possível. E um homem será dito civilizado se suas faculdades tiverem sido selecionadas e fortalecidas pela civilização considerada, de modo que ele se agregue a esta naturalmente. Ocorre que não existem somente homens civilizados num país, pois com freqüência nós só desejamos com ardor aquilo que está fora de nosso alcance: a instrução obrigatória e gratuita desvaloriza a civilização. E as pessoas que crêem terem atingido os ápices se fartam de um elitismo em que tudo é conquistado sem pena, e aspiram ao rebaixamento, invertendo os "valores", fazendo a revolução. Eles esperam assim destruir o Mundo Antigo degenerado e criar o Novo Mundo sem defeitos, à sua própria imagem, no qual eles ocuparão os primeiros lugares, naturalmente.

Cultura vem de *cultum*, supino do verbo latim *colere*, que significa "cultivar", "habitar", "civilizar" e "respeitar", exprimindo assim os atos próprios ao homem da cidade, antagonista do bárbaro, pastor, vagabundo e predador ou SDF (sem domicílio fixo), segundo o jargão lacônico da administração moderna. A cultura é o ideal e as aspirações que ditam a ação dos homens; é o que resta

quando tivermos esquecido as modalidades de sua aquisição: ela forma a segunda natureza do homem.

Desde há alguns anos, a palavra "cultura" tende a suplantar a palavra "civilização" por uma confusão lingüística voluntária. Pois os sociólogos americanos "de cor" se dão conta de que sua etnia não dispõe de nada que se compare à civilização. E, para desqualificá-la, acusam-na de ser eurocêntrica, caracterizando somente o que é especificamente europeu, esquecendo curiosamente, assim, o continente índico e a Ásia extremo oriental. Nos Estados Unidos da América, desenvolve-se assim um movimento de tirania e de censura intelectuais, visando o conformismo natural dos *experts* democratas. É o movimento do *politically correct*, herdeiro do esquerdismo freudiano-marxista dos anos 1960. Ele tenta criar uma revolução cultural por meio da inversão dos valores morais tradicionais eurocêntricos (2) a fim de dar cabo da dominação dos brancos, e criar enfim uma sociedade nova, paradisíaca, sem ética, logo, sem "exclusões", na qual todas as etnias (inclusive as mais desfavorecidas) estejam em mesmo pé de igualdade. As mídias, os políticos progressistas, o *show-biz* e todos aqueles que esperam um lugar nesse *marketing* cultural, adotam prontamente com entusiasmo esses novos caprichos. E a palavra "cultura", assim como seu duplo, o adjetivo "cultural", são empregados por todos e em toda parte; e acabam por designar qualquer coisa e mesmo a anticultura nova-iorquina (13). Mas tudo tem limite; assim, nasceu a reação; e, para o bom povo, eles começam a se tornar suspeitos e alvos de riso, ao menos se conseguirmos nos esquecer do preço que eles custam aos contribuintes: o próprio aparelho midiático evoca a deriva das artes autênticas, mas destinadas às multidões cada vez maiores de "jovens" e menos jovens, satisfeitos consigo mesmos, mas sem educação artística, e mesmo sem educação alguma.

Os cientistas se servem da palavra "cultura" para designar uma técnica característica de um certo modo de vida, não necessariamente civilizado. Por exemplo, os grupelhos que se dedicam às diversas músicas e danças afro pertencem, segundo a classificação dos etnólogos especialistas das populações das periferias, à "cultura *rock*", à "cultura *punk*", "*rap*", "*techno*" etc., que são subgrupos da "cultura *tam-tam*".

Mas, ao fazê-lo, admite-se implicitamente que existe uma relação muito forte entre o fato nomeado e o modo de vida do grupo considerado. O *rock* determinaria, portanto, o comportamento e o pensamento de seus adeptos, e reciprocamente. Uma cultura seria, portanto, um todo indissociável: a sensibilidade e o intelecto estariam estreitamente ligados, como os dois lobos cerebrais que os governam. Os amantes de música *rock* adotariam, pois, a filosofia anti-social que ela veicula. Segue-se disso que o *rock*, como as outras músicas, é uma música de classe. Nos países anglófonos, os roqueiros pertencem à classe média; mas esta só se distingue por uma certa renda. Nos velhos países como a França, a educação e o saber contam muito mais do que o dinheiro. Assim sendo, é preciso ter pais e mesmo avós diplomados nas universidades ou grandes escolas para ser chamado de "burguês". Resulta disso que os adeptos das músicas jovens e do *tam-tam* em geral, por mais ricos que sejam, mas advindos de meios pouco instruídos, pouco cultos, são classificados sem hesitação, pelos sociólogos francófonos, nas "classes populares". Esses "jovens", que freqüentemente têm um nome americano, nem mesmo falam inglês. Em suma, eles nem mesmo entendem aquilo que pretendem amar. Eles, ademais, não têm nenhum conhecimento musicológico; do contrário, como poderiam se entusiasmar com composições tão toscas, tão *pop* (*pop music*, em inglês, quer dizer "música das classes populares")? Um treinador, triste com a queda de nível da patinação, disse-me que eles são "*hot-dog* com fritas"! E eu acrescentei: "e *tam-tam* artístico"!

Todos os povos souberam inventar uma música. Esta, no caso dos mais primitivos, reduz-se a simples batidas uniformes do *tam-tam*. Depois ela se "complexifica" em paralelo com a civilização. O ritmo binário, que é universal, permite harmonizar os passos ao sincronizar os tempos de flexão-extensão das pernas (marcha, polca e tremeliques afro): os negros permanecem constantemente "no chão", com flexões mais ou menos acentuadas, enquanto os brancos, graças à dança clássica francesa, passam da flexão máxima (tempo forte) à extensão completa (último tempo fraco do compasso). E somente entre os latinos é que se inventou a dança em tempo ternário; seria isso uma conseqüência da concepção tri-funcional das coisas pelos indo-europeus? O *tripudium* é a dança dos sacerdotes do deus Marte, no tempo dos romanos. Na Idade Média, na Provença, surgiu a volta, dança atlética. Nasceu a seguir

a *bourrée* na França e o *landler* na Baviera, antiga terra latina germanizada. Mais tarde, o minueto, partindo da corte de Versalhes, conquistou toda a Europa desde o século XVII e reinou até o início do século XX. Quanto à valsa, sem dúvida originada a partir da volta e do *landler*, ela estendeu seu império por todo o mundo desde o final do século XIX, adaptando-se inclusive aos meios populares (valsa muda, java). Ela se tornou, em sua variação francesa ou vienense, a dança européia por excelência. A valsa acompanhará o destino da civilização européia.

Paralelamente, a função da música e da dança se diversifica com as preocupações dos homens. Entre os primitivos, o *tam-tam* servia para exacerbar a atividade sexual, para favorecer a procriação, para produzir o transe que permite a comunicação com os espíritos (para a adivinhação) ou que provoca o furor guerreiro. Entre os civilizados, a música perdeu seu caráter mágico ou religioso e tornou-se um passatempo social; mas ainda encontramos nela seqüelas de certas funções primitivas (músicas e danças eróticas ou mesmo orgiásticas na cultura afro das Antilhas, por exemplo). Na Europa, essas aberrações são freqüentes, sobretudo nas classes sociais inferiores. É verdade que as necessidades e obsessões animais são inversamente proporcionais ao nível intelectual. Ademais, quanto mais se é primitivo, mais baixo nos encontramos na escala social, mais amamos o *tam-tam* e a baderna, e menos temos pudores em nos excitar, em nos liberar.

É conveniente notar que o ritmo, segundo a técnica da música clássica, que encontramos nas composições refinadas, como as dos minuetos ou valsas vienenses dos Strauss, ou nas valsas francesas de Waldteufel, por exemplo, não é compreensível para um ouvido não-educado; o cérebro primitivo é desprovido de estruturas que permitem uma análise fina da música. É a razão pela qual os "jovens" dormem ao ouvir música clássica, não podendo se excitar continuamente. Segue-se que a orquestra, para a gente tosca, deve necessariamente comportar uma bateria, e que a música jovem se torne sinônimo de tumulto. O homem civilizado é o produto da educação que transmuta seus sentidos a fim de que as sensações emerjam à consciência; pois nós só podemos perceber perfeitamente aquilo que podemos conceber. Esse é um dado conhecido.

1. *Os mecanismos de uma civilização*

Existe uma relação entre uma dada civilização e a organização dos sentidos (estruturação do cérebro) de seu modelo humano, tal como o vimos: a civilização greco-latina, que educa principalmente o hemisfério cerebral esquerdo, é dotada da faculdade do raciocínio abstrato, do pensamento teórico, ao passo que a civilização chinesa, que acentua a estruturação do cérebro direito, se destaca na realização prática, na poesia e na criatividade.

Definir uma civilização do ponto de vista das neurociências é descrever os mecanismos do cérebro de seu homem ideal, sobretudo aqueles do cérebro emocional, que decide os gostos e as escolhas. Infelizmente, estes últimos dependem freqüentemente do inconsciente. Nós poderíamos tentar uma abordagem por meio do estudo da sensibilidade; esta, como o nome indica, trata dos sentidos. Ora, a cada sentido corresponde um cérebro em particular. Assim, existe um cérebro visual, um cérebro auditivo, um cérebro gustativo etc., representando o mundo percebido e reconhecido respectivamente pela visão, audição, gosto etc. Sabe-se, graças às imagens por ressonância magnética nuclear, que a evocação de um conceito, de uma idéia que se reporte à visão, reativa o cérebro visual, logo, que o cérebro intelectual extrai suas construções do domínio dos sentidos, em uma palavra, da realidade. Alguns, como Blaise Pascal, aceitam unicamente o prazer extraído do real, sem dúvida por disciplina greco-latina. Outros, como os celtas, os germânicos e os hindus amam o fantástico, as alucinações (cf. o personagem de Gargântua, um quadro de Hieronymus Bosch ou uma representação dos deuses indianos). E não se trata de barbárie; pois, inversamente, os afrescos das cavernas de Lascaux são bastante realistas, ainda que executados por verdadeiros primitivos, 20.000 anos atrás. Seria preciso falar, portanto, de uma imaginação incontida, proveniente de uma escolha deliberada do artista, ou mesmo de uma etnia inteira, de uma época.

Aparentemente, todos os cérebros estão ligados e determinam, juntos, a sensibilidade, noção mal definida, logo, não mensurável. Os sentidos agem pela sensibilidade sobre o intelecto. De forma recíproca, o intelecto e as coisas que o modificam (idéias, preconceitos) exercem suas influências sobre o modo de sentir, de ver e de ouvir. Somente a parte claramente consciente do domínio dos sentidos e das emoções se exprime pela literatura e conta para a *intelligentsia* francesa, que parece estar fechada às outras artes, dentre as quais a música em particular. Até onde sei, não há muitos escritores ou pensadores franceses que tocam um instrumento musical ou freqüentam regularmente a ópera ou as salas de concerto. As más línguas que pretenderam tê-los visto em espetáculos do *show-biz*! É sabido que, quando a sensibilidade se complexifica pela educação, o homem percebe primeiramente o ritmo primário produzido pelo batimento e a massa orquestral, em seguida a melodia e enfim a harmonia (os acordes). Só então ele reconhece o ritmo europeu clássico que escapa aos grosseiros, adeptos da *pop music*.

Ainda não se pensou em estudar os limites da sensibilidade musical do homem, nem em definir as composições tonais e harmônicas, nem os modos melódicos e rítmicos suportáveis para os ouvidos e para o espírito. Mas os musicoterapeutas já reconheceram que existem "distribuições naturais das ressonâncias" (1), seqüências tonais, melodias naturais que se encontrariam em Mozart, para explicar o efeito dinamizante universal de sua música (1, 22, 32), desde o Japão até à Amazônia passando pelos *khoisan*. E que os cantos religiosos de todos os povos do mundo têm uma ação calmante, uma vez que se está acostumado às suas diferenças culturais; em suma, que existem pontos comuns na sensibilidade dos homens, que teriam origem genética, mas também fatores culturais específicos divergentes, adquiridos pela educação. E esta última inicia nos valores escolhidos arbitrariamente (Salomon Reinach). Mas aí se coloca uma questão incômoda, pois ela foi politizada nos dias de hoje: será que existem fatores culturais que se excluem naturalmente num cérebro, numa sociedade? Dito de outro modo, quando apreciamos um sistema no domínio da música, por exemplo, será que podemos gostar realmente de todos os outros sistemas, ou mesmo gostar de *rock*, de *rap*, de *jazz* e de Mozart?

Ou ainda: será que existe uma relação recíproca entre um elemento e um conjunto no cérebro humano? Alguns musicoterapeutas responderam afirmativamente a essa questão (1). Os físicos também, à maneira deles, enunciando o princípio de exclusão de Pauli. Ora, o homem civilizado se constrói através do aprendizado, e "aprender é eliminar" (8). É isso que explica, sem dúvida, porque as artes contemporâneas não chegam a se impor, malgrado a propaganda do Ministério da Cultura e o terrorismo intelectual de seus amigos do *show-biz*, para não falar do terrorismo pura e simplesmente. Pois, em geral, os cérebros constituem sistemas harmoniosos e coerentes, pelo menos nos períodos em que a sociedade está estável e confiante em seus valores. Em contrapartida, o sincretismo ou a tolerância, a convivialidade e mesmo o ecumenismo, como dizem nossos contemporâneos, anunciam os próximos cataclismos cerebrais de transformação em nome da lei de ação e reação, cujo período se encurta com o progresso e a abundância de informação.

Finalmente, para explicar o gosto, é preciso falar sobre a "identidade sonora" de cada um, dependente da "identidade cultural" e da "experiência de vida intra-uterina". Essa frase, um jargão das ciências humanas, significa também que o gosto se adquire pelo aprendizado, e que este último se inicia desde a vida fetal. Os etólogos (10) acrescentam que o gosto depende também das relações com a mãe (10), logo, de modalidades de vínculo dela com seu filho: a maneira de amar ou detestar, de formar os sentimentos resultaria também do aprendizado. Mas não se pode negar que ele seja parcialmente hereditário, pois as vacas gostam de pasto; se bem que, na Inglaterra, começaram a alimentá-las com carne de cordeiro. A formação do gosto é, pois, complexa: há consenso, em geral, para admitir que ele é em grande parte adquirido por meio do aprendizado e depende da cultura dos pais, bem como do ideal e/ou da ética que dele deriva. Essa questão de saber se é possível mudar os gostos a nosso bel-prazer, arbitrariamente, revolucionar a sociedade, inverter os costumes e os instintos, transformar os herbívoros em carnívoros por razões econômicas, estimula as opiniões. Ela opõe os tecnocratas, o *show-biz* e os modernos, de um lado, e os verdadeiros ecologistas e os antigos, de outro. A Faculdade de Medicina já anunciou seu veredito que ninguém

quer ouvir: pode-se fazer de tudo, mas mudar a natureza ou o sexo necessitará de "manipulações genéticas" para modificar definitivamente o genoma humano. O verdadeiro problema é saber até onde poderemos chegar com a natureza "natural" do homem. É o problema dos limites evocado, que será resolvido pelo estudo de todas as culturas humanas: saberemos, assim, como a espécie humana reage às diversas situações da vida para encontrar uma solução. Pois a civilização não é senão o resultado da reação do homem contra as dificuldades naturais sobre esta terra. Os povos só se diferenciam na adversidade. De igual modo, o indivíduo só se esforça para se elevar sobre o animal em situações de penúria, diante de desafios. Inversamente, constatou-se que a abundância, a vida fácil, "a civilização de consumo e lazeres" nos transformou em miseráveis, em um rebanho de bezerros, como disse o general de Gaulle. Os homens são idênticos em potencialidades; são as apostas e as decisões intuitivas, arbitrárias, aceitas por razões afetivas, por pressupostos, que orientam o desenvolvimento das civilizações em sentidos divergentes. Havíamos citado dois exemplos, a civilização ocidental e a civilização chinesa. A Europa foi orientada no sentido da técnica por conta da aposta dos gregos na razão e na democracia, por conta da convicção hebraica quanto à igualdade dos homens, criados à imagem de Deus e advindos, todos, de Adão e Eva. Na civilização chinesa, Deus existe, mas não se interessa pela humanidade. Assim, tal como o indiano, que inspira sua teologia, o chinês, para alcançar, sozinho, a imortalidade, aposta no poder da sabedoria e das artes e chega, sem se dar conta, ao regime perfeito, totalitário e ideal, um pouco à maneira de Platão, e à magia.

A razão dos gregos é a razão científica, sancionada e santificada pela observação e pela medida. Quanto à razão dos chineses, trata-se da razão raciocinante dos franceses: ela se basta a si mesma e por si só. Ela se completa no imobilismo total após haver produzido sistemas completos, intelectualmente perfeitos, e tanto mais agradáveis ao espírito quanto mais se desconectem das realidades deste mundo: o mandarinato ou a tecnocracia. Os sentidos se tornam, então, inúteis, bem como a moral, as artes e a religião. O sonho e a imaginação, ameaçando substituir os sentidos atrofiados,

serão banidos. Somente o intelecto deve bastar. A razão, elevada ao nível de deusa, prima sobre tudo, mesmo sobre a realidade. Esse postulado das luzes serve como fundamento ao mundo moderno, cujas ideologias (marxismo e ciências humanas) dispensam as provas experimentais, erigindo-se sorrateiramente como religiões. O que é racional é real, afirmou Hegel!

Será que existe uma sensibilidade de base comum a todos os homens e gostos universais espontâneos? É bem provável. Mircea Eliade, que fez o estudo comparado de todas as religiões, dentre as quais as ideologias modernas, notou que as crenças dos homens eram mais ou menos as mesmas conquanto as condições de vida fossem similares, até o fim da Idade da Pedra; mas que, em seguida, surgiram diferenças por conta da evolução e da divergência de culturas (técnicas); e, enfim, que as crenças e a sensibilidade puderam se fixar com a sociedade em certos estados ou níveis de desenvolvimento como certos fósseis. A sensibilidade está, portanto, fortemente ligada à cultura e sofre a influência das idéias e mesmo das modas, por conta das muito numerosas conexões (800 milhões de fibras nervosas de conexão) que ligam os dois lobos cerebrais (cada um contendo 6 bilhões de células). Assim, por exemplo, a sensibilidade à dor conforme as culturas e segundo a evolução da civilização. No século XIX, muito antes da invenção da anestesia geral, ousava-se arrancar dentes, fazer imputação de pernas e braços e até mesmo histerectomias. De outro lado, as armas, instrumentos de morte, eram ricas e artisticamente decoradas. Igualmente, a gastronomia tenta não desagradar à visão, conciliando o sabor e as idéias sobre a dietética e mesmo sobre a medicina, e por vezes afirmando o patamar ou a função social daqueles que comem. A separação entre o útil e o agradável veio tardiamente na história do homem por razões econômicas, quando da invenção da produção em massa. Mas a noção de estética funcional persiste, malgrado lucros cuidados com a rentabilidade, como para nos lembrar que a beleza faz parte das necessidades do homem, que "o homem não vive apenas de pão".

A sensibilidade determina as artes que materializam a percepção idealizada dos sentidos. Esta é educada, logo, deformada pela experiência pessoal. Ela se expressa de maneira subjetiva. Mas essa

expressão só se tornará arte se ela se tornar realmente uma linguagem, acessível por iniciação às pessoas de mesma sensibilidade (etnia), e capazes de provocar uma exaltação, estimulando os centros hedônicos do cérebro. A literatura, que faz a síntese de diversas funções cerebrais, dentre as quais a de leitura-escrita e as de representação do mundo segundo diferentes sentidos (visão, audição etc.), do sonho, é o suporte do pensamento idealizado (linguagem escrita) e da emoção intelectualizada (suscitada por um conceito ou capaz de fazer surgir uma criação do espírito). Ela cresce enormemente nos países de tendência burocrática e mandarinesca (como a China e a França), a ponto de relegar ao segundo plano as outras artes, de degenerá-las, de sufocar os sentidos a elas correspondentes, de substituir a sensibilidade artística e as próprias artes por discursos e elucubrações sobre as artes, de hipertrofiar o cérebro intelectual e de atrofiar o cérebro emocional, e finalmente de se esterilizar e se destruir a si mesma, não tendo mais nada de interessante a expressar. Pois o cérebro emocional, como se viu, não é o órgão do sonho e mesmo da imaginação criadora? Ele é responsável pela gestão das emoções e da fé, e da concepção do amor e dos "grandes sentimentos" em geral.

Existiria uma relação entre as diferentes faculdades cerebrais? Alguns supõem que a inteligência é um mosaico de faculdades mentais independentes, dado que é possível ser ruim em matemática e bom em letras. Mas esses indivíduos poderiam sem nenhuma dúvida se sobressair também em matemática se o quisessem, se não tivessem uma espécie de fobia, uma alergia ao raciocínio abstrato. Com efeito, o cérebro é um sistema coerente. Os grandes sábios têm, também eles, talentos artísticos e fé (cf. da Vinci, Pasteur, Einstein). Ademais, as artes e a fé estão ligadas: segundo Mircea Eliade, os primeiros poemas serviam para descrever as visões extáticas do xamã. Outros notaram que se tratavam de preces, que o modo de as salmodiar fez nascer o canto, a música e a dança, que a escultura e a pintura nascem da necessidade de representar os ancestrais e os deuses, e que mesmo a gastronomia (15) agia por seu poder mágico na China antiga.

Mas os cérebros desequilibrados não estão necessariamente condenados, pois há com freqüência uma espécie de compensação entre o intelecto e a sensibilidade; e um forte desenvolvimento do lobo esquerdo com uma leve atrofia do lobo direito poderia dar um bom cientista sem imaginação ou ainda um bom tecnocrata. Inversamente, um Q.I. fraco (atrofiamento do lobo esquerdo), acompanhado de um grande lobo direito, daria um bom trabalhador braçal, um bom técnico e até mesmo um artesão ou um artista de grandes méritos. Os testes psicométricos atuais exploram mal o lobo direito, cujas funções são ainda mal definidas. E ignora-se quase tudo quanto às relações entre os dois cérebros do homem, inclusive as possibilidades de compensação mútua. Enfim, o período crítico de aprendizado mal utilizado deveria explicar certas insuficiências mentais.

Além disso, muitos outros fatores próximos à sensibilidade, como o humor, dependem das emoções e podem sofrer influência das artes, inclusive a música, e intervêm no funcionamento cerebral. Assim, é pelos olhos e ouvidos que recebemos as informações; mas é com o humor e os sentimentos que escutamos os mestres, que sentimos o desejo de aprender, que decidimos nos instruir. Não se fala em "aprender de cor"[1] e "aprender a contragosto"? É em meio a uma boa atmosfera afetiva que a criança aprende e se educa harmoniosamente, e que a cultura de seus pais se perpetua. No caso contrário, produzir-se-á uma oposição, uma reação de rejeição, ruptura e revolta. Tudo se passa como se a entrada do cérebro intelectual da consciência fosse controlada pelo cérebro emocional da intuição, logo, do inconsciente (cujas funções ainda são mal conhecidas). E são freqüentemente a sensibilidade, o humor e a intuição que decidem as escolhas importantes da vida, e não a razão em toda a sua lucidez. O homem é raramente governado pela razão, e isso não somente na política. De igual modo, no caso da criança, a perda da visão ou da audição acarreta conseqüências catastróficas, não somente por conta do empobrecimento do fluxo de informações sensoriais necessárias à estruturação do cérebro intelectual, mas também pela alteração do humor que daí decorre.

1 Com o coração — NT.

É muito comum dizer que a criança surda se sente "mal em sua pele", tornando-se irascível e violenta em comparação com as crianças cegas, que seriam dóceis, amáveis, serenas e interiorizadas. Isso é uma história para criancinhas; porque, na verdade, todos os sentidos são importantes. E numa civilização tudo conta, mesmo os aromas e a gastronomia necessários a uma certa arte de viver, à realização do homem. As civilizações estão longe de serem iguais entre si: as menos perfeitas não buscam nem mesmo o aperfeiçoamento dos sentidos e o desenvolvimento harmonioso dos órgãos que a natureza ou Deus deu ao homem. Existem mesmo algumas bem perversas, que não hesitam em atrofiar esses órgãos ou mesmo mutilar o homem, física, intelectual e moralmente (pela desinformação e lavagem cerebral), onde a qualidade de vida e a longevidade são diminutas, e a mortalidade feminina, masculina, infantil ou fetal são maiores (onde existe um preconceito contra um sexo ou uma faixa etária).

Dentre todos os sentidos, parece ser a audição o mais importante para a sensibilidade e o equilíbrio mental do homem; pois mais de 60% dos influxos nervosos sensoriais que chegam ao cérebro são de origem auditiva, segundo contagem do Dr. Mouret (26). Isso nos leva a afirmar que a identidade cultural do indivíduo repousa principalmente sobre sua identidade sonora; que, dentre todas artes, a música é a mais importante para vincular emocionalmente o homem a uma civilização, educando sua sensibilidade. Esta orienta todo seu ser na direção da civilização em questão. É assim que uma melodia ou uma canção suscitam tantas lembranças conscientes e inconscientes (reminiscências). Todos os especialistas da propaganda e da lavagem cerebral sabem disso perfeitamente há séculos, mas talvez nossos burocratas do Ministério da Educação Nacional, não; pois em certas escolas de ensino médio os jovens aprendem a tocar *tam-tam*. Em lembrança de Cro-Magnon?

Cada modo de educação determina um tipo de estrutura cerebral permitindo o acesso a conceitos e emoções que lhe são próprias: é a subjetividade dos indivíduos e das civilizações. É moderando o lobo direito das emoções e desenvolvendo o cérebro esquerdo do raciocínio abstrato e analítico que se favorece a aquisição do espírito

científico, que torna possível o acesso à era técnica moderna. O Ocidente não chegou a essa etapa de uma só vez. Certamente, os homens, aí compreendidos os mais incultos, sabem raciocinar: os antigos egípcios, os chineses e os gregos de fato inventaram a geometria, a aritmética e mesmo teorias de números. Os antigos hindus e os maias souberam inventar o número zero. Enfim, os bruxos primitivos fazem análise combinatória para determinar as possibilidades matrimoniais em função dos totens e dos tabus! Mas foi preciso uma boa vintena de séculos para que o homem ocidental percebesse que a inteligência humana tem limites e que o homem é incapaz de conceber um sistema total, englobando a explicação do universo inteiro, enfim, que a razão do homem poderá sem dúvida tender no sentido da razão da natureza ou de Deus, mas sem poder jamais se identificar com ela, não podendo, por conseguinte, recriar o mundo! O homem nem mesmo poderá ter a certeza de compreender a realidade perfeitamente, de modo que ele deverá freqüentemente se contentar com modelos teóricos em lugar da verdade. Essa tomada de consciência dos limites do espírito humano, etapa decisiva da maturidade do cérebro do homem, conduz naturalmente à separação entre a religião e o domínio das ciências. E isso é o nascimento da mentalidade moderna, com a invenção do raciocínio científico por aproximação, nos domínios logicamente restritos, com sua linguagem matemática e sua necessária verificação experimental. Essa revolução cultural, esboçada diversas vezes na Antigüidade grega, e definitivamente instaurada no Renascimento, corresponde à separação conscientemente consentida dos dois hemisférios cerebrais e à especialização progressiva, sem entraves político-religiosos (sem a censura do lobo direito), dos diferentes circuitos nervosos. E é somente quando esse fenômeno psíquico (logo, anatômico), ganhando um número cada vez maior de indivíduos, atinge um limiar crítico, na Europa ocidental do século XVIII, que a era científica pôde realmente decolar. Nem todos os povos do mundo e nem todos os homens, mesmo entre os mais instruídos numa nação dita desenvolvida como a França, o Japão ou a América, por exemplo, adquiriram ainda essa mentalidade moderna. Esta implica, com efeito, num certo ceticismo e mesmo em certa humildade (por conhecimento e maturidade), virtude um tanto rara nos dias de hoje e que exclui o fanatismo ideológico ou religioso. Qual é a sua causa? Certamente, o cérebro intelectual

não é responsável por esse retardamento mental, de vez que seu papel é simplesmente o de justificar uma escolha, uma análise, um raciocínio após o fracasso de uma tentativa inicial de compreensão intuitiva do cérebro emotivo. É sabido que o homem só poderá ver com seus próprios olhos se ele abordar a realidade num estado de espírito particular qualificado de "neutralidade benigna". É, pois, civilizando, pela educação, o cérebro direito, para reinstaurar o homem no universo, fazendo com que ele renuncie a suas convicções egocêntricas medievais e mesmo pré-históricas, ensinando-lhe a dominar suas paixões (do cérebro reptiliano) e sobretudo a sentir simpatia por seu próximo que se chegará a desbloquear o cérebro esquerdo para reinseri-lo na boa via rumo à maturidade completa. Segundo a história antiga (15) e a etnologia contemporânea, o homem primitivo, o qual ainda sobrevive nas sociedades que se crêem modernas, considera naturalmente que o estrangeiro é um animal comestível ou um fantasma, em todo caso certamente um intruso, um inimigo. A idéia de obrigações para com o outro é relativamente recente e pouco aceita pelo mundo inteiro. Em suma, na maior parte do tempo, é o coração endurecido, à sua revelia, que esclerosa o intelecto, reforçando certas convicções partidárias, enganando a razão pela ma-fé ou pela teimosia pueril. Trata-se, pois, de pessoas semi-civilizadas, insuficientemente educadas, cegadas pelo ódio, a inveja e o orgulho para com os outros, a natureza, o universo ou mesmo Deus, produzidos pela ideologia ou pela religião. Esse permanente antagonismo entre o cérebro emocional e o intelectual já fora evocado no estudo sobre o transe provocado pela escuta de músicas afro-americanas. Finalmente, parece que é preciso primeiro controlar o cérebro emocional pela educação antes que se possa estruturar o cérebro intelectual pela instrução para adaptar o indivíduo ao mundo ocidental moderno. É por essa razão que as pessoas de meios sociais desfavorecidos, sobretudo aquelas provenientes de países subdesenvolvidos e cuja mentalidade permanece ainda muito próxima à primitiva, com um atraso de três séculos, naturalmente experimentam fracassos escolares e apresentam tanta dificuldade em se integrar na sociedade moderna, na qual elas são consideradas "muito barulhentas, muito nervosas, muito indisciplinadas" (sic). De resto, raciocinando sempre intuitiva e concretamente, elas têm dificuldades em compreender

os europeus, que raciocinam analiticamente por abstração e por conceitos e que se exprimem pela lei e pelos regulamentos! A exclusão resulta da dificuldade de comunicação entre os cérebros.

2. *A especificidade da civilização européia*

A civilização européia é greco-latina e judaico-cristã. Isto quer dizer que o europeu ideal raciocina como um sábio grego de Mileto de vinte e cinco séculos atrás, logo, livremente, racionalmente, sem preconceitos, sem fazer referência a nenhuma religião, a nenhuma ideologia, a nenhuma influência mágica, sem se deixar desviar por nenhuma paixão. Em outras palavras, seu raciocínio deve ser a especialidade do lobo cerebral esquerdo, apenas. O lobo direito só intervirá para se ter uma visão global e para a escolha da solução média, pois a moderação é o princípio de base da ética grega por oposição aos excessos, à desmesura dos bárbaros de todos os tempos. Ademais, os ancestrais romanos permitem que o europeu culto conceba o Estado, a disciplina e a hierarquia fundados na lei e nas instituições, enquanto o homem selvagem, não tendo nenhum tabu, nenhum complexo, nenhum escrúpulo e nenhum preconceito, só conhece as "relações de força" (princípio dos anos 1968) e a trapaça, e se regozija no tumulto e na desordem.

Quanto ao cristianismo, ele moldou profundamente o cérebro emocional do homem, proclamando a primazia da alma, a preeminência do espírito sobre a matéria, da pessoa sobre a massa e sobre o Estado, mas também a separação entre o Estado (César) e Deus, autorizando assim uma certa laicidade. A interpretação da Bíblia muda em função do tempo, da sabedoria, do saber e da maturidade dos homens. De outro lado, ele acrescentou uma nova dimensão ao cérebro, decretando que a piedade e a caridade, e mesmo o amor, devem ser realidades presentes na vida de todos e não somente na dos santos e heróis; isso é afirmar que nós temos, todos sem exceção, em nós mesmos, o germe de um santo e de um herói, e que temos a possibilidade, e mesmo o dever (é isso o que se chama de liberdade) de almejar e alcançar a igualdade, fazendo esforço para nos elevarmos a uma moral superior. Mas o respeito do homem real, criatura de Deus, com suas enfermidades, impedi-lo-á de cair no igualitarismo totalitário dos materialistas. Assim, o homem,

esse bípede mais ou menos razoável, cujo destino individual interessa ao Deus dos cristãos, emerge do reino animal e torna-se uma pessoa com direitos naturais, mas sagrados, logo, imprescritíveis. Esse milagre do coração, e não da razão, não é acessível aos modernos (comunistas, nazistas, materialistas em geral).

Essa tripla influência sobre as diferentes escolhas da vida faz com que a civilização européia evolua pouco a pouco rumo à responsabilização do homem, ao culto do indivíduo (e não da pessoa, por conta do materialismo crescente) e, por conta da necessidade biológica e de uma certa moral de dignidade e respeito recíproco (seqüela greco-cristã), rumo a uma verdadeira "civilização do casal"; a dança, atividade social por excelência, reflete esse estado de coisas; dançou-se primeiro em família (farândola, carola, ronda), depois, nos séculos XVII e XVIII, em pequenos grupos de três ou quatro pessoas, terminando por só dançar em casal, sem troca de parceiro, a partir do século XIX (18). Depois dos anos 1970, a dança européia se degenerou sob a influência dos afros do *show-biz* globalista, reduzindo-se a convulsões orgiásticas, solitárias, o semblante desfigurado, em meio a uma multidão atordoada; o homem europeu "médio" deleita-se em retornar ao paraíso terrestre, com a comunhão de todos os sexos e a abolição de todos os interditos, num mundo que desmorona sob a abundância de todos os bens materiais imagináveis! Esse sonho escatológico que pertence ao patrimônio cultural comum da humanidade encanta os ideólogos modernos, mas conduz sempre a dolorosos despertares. Podemos esperar que essa crise mercantil de africanização do cérebro europeu seja um simples acidente de percurso, e que em breve voltaremos à via normal da civilização, da família e do casal. Pois, quer se queira ou não, o cristianismo faz parte do *hardware* do cérebro europeu e resulta da compreensão do livro dos hebreus com a inteligência e a sensibilidade greco-latinas (a influência judaica neutralizou as obscenidades pagãs, aquela dos greco-latinos rejeita a desordem e o excesso).

A tendência greco-latina à definição dos conceitos e das retóricas e à análise dos fatos (para evitar a desordem) conduz à idealização e à "teorização" de toda ação humana. Segue-se disso que as artes européias são artes racionais, eruditas, que excluem os instintos, as pulsões e as improvisações bárbaras, repousando-se

somente sobre a técnica e o trabalho. No entanto, a técnica de execução sozinha, ainda que auxiliada por um raciocínio aparentemente correto, corre o risco de não resultar sempre em uma verdadeira obra de arte, como parece ser o caso da maioria das artes contemporâneas. Com efeito, graças às neurociências e pelo estudo da psicologia da visão para a pintura e da audição para a música, percebeu-se que a criação artística autêntica dos homens das antigas civilizações suscita sempre uma emoção intelectualizada, que não exclui a secreção de endorfinas. Começa-se a suspeitar que os verdadeiros artistas conhecem, por intuição (eis o dom indispensável!), as leis da psicologia do cérebro, fazendo estudos experimentais sobre eles mesmos, e possuem um *savoir-faire* excepcional, que permite criar uma obra agindo como um artifício (com astúcia e destreza) e capaz de impressionar um sistema de percepção (audição, por exemplo) de modo que este, além de sua função ordinária de percepção, produza um influxo nervoso estimulando os centros hedônicos. O supracitado sistema de percepção é necessariamente educado, ou seja, estruturado arbitrariamente e treinado, logo, orientado artificialmente, refinado e, enfim, intelectualizado. O iniciado pode descrever sua percepção (cf. os ritmos, por exemplo). Existe, portanto, uma técnica musical na Europa, explicando a escala e as relações harmônicas com base em uma teoria da acústica que data da Antigüidade grega. Ela se torna cada vez mais precisa e complexa com o progresso das outras ciências. Inventou-se a polifonia e o método de escrita musical; o solfejo acaba por estabilizar definitivamente as partituras musicais. Enquanto isso, no resto do mundo (Ásia, África etc.), o canto segue sendo aproximativo. E aí se deixa uma ampla liberdade de interpretação ao cantor, não por liberalismo, mas por incapacidade de precisar os sentimentos e o pensamento do autor. Aliás, os chineses, como qualquer outro povo, descobriram a polifonia; mas eles só empregam cinco notas e ignoram a sinfonia e o contraponto.

A tecnicidade da música européia chegou a tal ponto que é inconcebível, para os alunos do conservatório, além de seus cursos de música, não adquirir também conhecimentos sobre as artes e a civilização; enquanto isso, na cultura afro, já se é introduzido imediata e diretamente no jogo instrumental, sem mesmo se dar

ao trabalho de aprender o solfejo, optando-se por confiar completamente nos instintos e nas emoções primárias do cérebro analógico. A dança afro também dispensa a técnica: trata-se somente de fazer qualquer coisa, de um modo qualquer (estrebuchar-se, por exemplo, bracear, saltar, erguer os ombros, mexer a cabeça, contorcer-se, berrar etc.), mas em ritmo (e não no compasso, pois toques idênticos de *tam-tam* constituem um compasso?). Pode-se compreender que ela atraia os mal-instruídos, sempre ansiosos por gozar "sem esforço", sem ter necessidade de aprender seqüências de passos e sobretudo a postura do corpo, como nas danças européias. A dança primitiva não é uma arte, mas um ato psicológico servindo ao alívio de uma tensão como o fato de comer ou beber; é assim também com outras "artes primárias" que não visam nenhum ideal de beleza.

Podemos, sob essa mesma ótica, considerar todas as artes e ciências européias, mesmo no domínio da fé e da crença (mitologia, teologia e ideologia), uma vez que o cérebro é um todo coerente exatamente como a civilização que ele produz e que inversamente o induz. O cérebro europeu se especializa em sua totalidade, intelectual e emocionalmente. A tendência à intelectualização, à teorização já há um século é tal que se arrisca perder o contato com o mundo real, refugiar-se completamente no mundo das idéias, enfim, atrofiar totalmente o cérebro emocional, ressecar a imaginação, os sentimentos e a criatividade. Seriam as artes contemporâneas o termo dessa progressão excessiva rumo ao materialismo e à extinção de toda sensibilidade e sonho? É preciso desconfiar das artes, emanações do cérebro direito, que necessitem de comentários e discursos justificatórios, expressões do cérebro esquerdo. Por que haveriam poemas e pinturas difíceis, mas não gastronomia ou perfumes de mesma ordem? Por que é que na cozinha se conservam as boas receitas, mas não na música, nem na pintura ou na escultura?

Será possível mudar a civilização européia? É uma banalidade dizer que tudo o que vive não cessa de mudar. Uma civilização constitui um todo coerente, bem como a arquitetura cerebral que a secretou: cada uma de suas partes depende do conjunto; inversamente, o conjunto depende das partes. A introdução de uma novidade provocará uma perturbação global e por vezes uma mutação, ou seja, uma mudança da natureza mesma do sistema. É o que se

produzirá se os princípios fundadores deste são alterados ou substituídos. A moda do *show-biz* é adepta da mestiçagem de culturas por meio das músicas e das danças afro, que as mídias tentam impor às populações (18), sem dúvida porque os *lobbies* globalistas pensam poder criar assim um "mosaico de culturas", portanto tribos ou mesmo guetos, e desejam que a aliança dessas "terras de não-direito" ou "*bunkers* étnicos" (dizia-se *oppida* no tempo dos romanos) acabe por se tornar muito poderosa, a ponto de impor à etnia francesa nativa o "direito à diferença" que satisfará a todos os que se recusam a curvar a cabeça, a queimar o que eles adoraram e adorar o que eles queimaram, logo, de se fazer assimilar. Mas essas pessoas, intoxicadas de ciências humanas, não previram que, em virtude da lei de ação e reação, essas manipulações irrefletidas poderão provocar o despertar das susceptibilidades nacionais e o renascimento do nacionalismo exacerbado. Como será belo, nobre e grandioso o momento em que não mais se matará por dinheiro, mas somente em nome das "raízes", da identidade nacional, da civilização, pela supressão das seqüelas de Maio de 68.

A introdução da cultura afro num país europeu agrava a oposição entre as classes sociais, pois ela interessa sobretudo àqueles que não receberam nenhuma educação artística de outro modo que não pelas mídias e que, por isso, não podem sequer conhecer o patrimônio cultural nacional, a saber, os imigrantes e as crianças de classes populares, de meios modestos e em geral pouco instruídos. Essa "fratura" cultural aliena, cortando o indivíduo do meio autóctone. Ela é irreparável para o indivíduo, porque a educação só aporta bons resultados até uma certa idade limite. A moda e seus caprichos são cruéis para o ignorante que tudo deve aprender para se conformar ao modelo imposto por aqueles que o empregam (patrões) ou que o pagam (clientela). Porque segui-los sem entender a cultura nativa para relativizar as coisas é se expor à sanção da classe média, a mais numerosa do país; é correr o risco de exclusão. As mídias são, pois, nocivas às classes populares, às pessoas sem educação, pois não ensinam a cultura clássica, única que favorece a ascensão social. Eu conheço casos de jovens que foram rejeitados do mundo do trabalho por postura (corte de cabelo, indumentária, brincos ou *piercings* etc.) considerada pouco conveniente (sic). E o que dizer da linguagem e dos gestos "liberados" pela psicanálise, mas incongruentes para o "burguês"?

E depois, nossa impolidez nacional é universalmente reprovada. Zombando de nossos caprichos, ninguém mais nos imita: o mundo admira a França autêntica dos reis, e não a França adulterada de Maio de 68, do *show-biz* que macaqueia a América.

CAPÍTULO VI

Histórico da propagação do rock *e das músicas afro*

No dia seguinte ao fim da Primeira Guerra Mundial, as músicas negras (*jazz*, *blues*), escondidas nos furgões do exército americano, surgiram na França. Elas foram bem acolhidas nos salões e bailes populares, ao lado das danças nacionais (valsa, marcha, quadrilha etc.) e de outras danças folclóricas (tango, *passodoble*, *biguine*, polca etc.). Essa situação de coexistência pacífica durou mais de trinta anos. Depois, tudo se precipitou bruscamente em favor do *rock*. E a partir dos anos 1970, tornou-se perfeitamente impossível sintonizar um aparelho de rádio ou de televisão sem ser imediatamente agredido pelo *tam-tam* afro-americano amiúde acompanhado pelos berros de uma voz ininteligível. Como explicar essa invasão auditiva, essa substituição cultural? Ouve-se certamente mais *rock*, *rap* e outras músicas jovens em locais públicos na França do que em todos os outros países ocidentais, inclusive os Estados Unidos da América e o Canadá. Existem, a meu ver, cinco teses para explicar esse desvio aparente da sensibilidade francesa rumo ao modelo afro, essa rejeição do caráter francês, essa regressão rumo ao primitivismo com o triunfo do *tam-tam*, da batucada.

1. A cultura moderna, uma operação comercial

Segundo o sr. Jean Ferré, jornalista e redator da rádio Courtoisie, a difusão do *rock* é antes uma questão de dinheiro do que um movimento artístico ou uma operação política. Sabe-se, aliás, que a polca foi lançada no século XIX por meio de grandes financiamentos, bem como a lambada nos anos 1980 (18).

Segundo os musicólogos da rádio Courtoisie, nos anos 1950, a música das populações negras do sul e sudoeste dos Estados Unidos

da América evoluía logicamente rumo a essa nova forma que iria se tornar o *rock*: essa música negra, o *rythm and blues*, foi "roubada" (segundo os negros) pelos brancos, que lhe modificaram o *beat*, ou seja, as pulsações rítmicas que resultam das batidas da bateria e dos acordes da guitarra, para dar à dança esse movimento de vai-e--vem, de balanço ou *rock*. Em sua origem, tratou-se, portanto, falando em termos musicológicos, de uma corrente artística. Mas, segundo a equipe do Padre J. Paul Régimbal (28), desde os anos 1955, serviu-se dessa novidade musical para partir para o ataque contra a moral puritana da sociedade americana tradicional e fazer aquilo que mais tarde chamaríamos de "contestação" e "liberação sexual". O herói dessa campanha, Elvis Presley, foi ademais apelidado de "Elvis, o Pélvis", por conta dos movimentos obscenos e acrobáticos de sua bacia, acompanhando suas canções na guitarra elétrica. É bem sabido que os cantores de *rock* estão sempre cercados de verdadeiros haréns, tirados, por rotação, da multidão de "fãs" histéricas. Havia mesmo festivais do tipo Woodstock, na natureza, com sexo grupal, e mesmo experiências de "casamento em grupo" para os heróis esquerdistas de Maio de 68. Não se era adepto das ciências humanas, do freudismo-marxismo e do hedonismo sem criar para si próprio alguns problemas "psi".

Mais tarde nasceram o *hard-rock*, o *acid-rock*, o *punk-rock* etc., que, de entrada, não pertenciam mais ao domínio da música; tratava-se de nada além do que espécies de barulho ritmado, de estímulos sonoros feitos para mal-instruídos, sem educação artística, "sem ouvidos", e que espantavam e constrangiam os verdadeiros amantes de músicas negras, os apaixonados por *jazz*, *blues* e *negro-spirituals*. Mas esses melômanos eram tão pouco numerosos que, em 1980, alguns sociólogos (5) puderam considerar que o *jazz* é um indicador de cultura. Isso sugere que o *rock*, o *rap* e os outros batuques ritmados pelo *tam-tam* podiam ser o indicador da nova barbárie a infectar nossa juventude. Seja como for, trata-se de um instrumento da pretensa reabilitação das culturas africanas tal como vistas e imaginadas nos guetos negros da América, e exploradas pelo *show-biz*.

Para o sr. Jean Ferré, o *rock* é um produto industrial, comparável ao hambúrguer congelado, e sua difusão, uma questão de lançamento, de promoção com auxílio das mídias e de grandes meios

financeiros, exatamente como o de uma marca de amaciante. Pois, nos Estados Unidos da América, existem quarenta milhões de analfabetos que compõem um mercado do tamanho da França inteira, tendo em vista o poder aquisitivo do americano. Para essas pessoas, pertencentes em sua maioria à "etnia africana", sem cultura e sem ouvido, é coisa perfeitamente supérflua compor músicas eruditas, refinadas: uma vaga melodia, um barulho e sobretudo bastante ritmo bastam. A questão se apresenta ainda mais rentável quando vemos que, se para formar um violinista ou um pianista de música clássica ou mesmo de *jazz* é preciso uma dezena de anos de estudo e de treino, um único ano basta para perfazer um arranhador de guitarra *rock* ou *rap*. Ademais, com os amplificadores modernos, pode-se cantar convincentemente diante dos "fãs" ignorantes e sem gosto, mesmo que não se tenha voz nem talento. Aliás, ninguém mais canta, mas grita e berra ou geme para fazer pose de natural e moderno! Enfim, com a eletrônica e os sintetizadores, pode-se suprimir a orquestra e o compositor. Quanta economia é possível fazer quando se lida com uma clientela simplória. Basta pagar pela cumplicidade das mídias por uma campanha publicitária de lançamento ou subornar diretamente os *disc-jockeys*, os responsáveis pela difusão musical em locais públicos (às vistas e ao conhecimento de todos?), dando-lhes uma pequena participação dos lucros da venda dos discos e dos cassetes, por exemplo. E isso não é coisa muito difícil, uma vez que o meio do *show-biz* movimenta dezenas de bilhões de dólares por ano e, pela graça dos poderes políticos, detêm o poder de reger todas as modas, num desprezo total da opinião pública.

Graças à intervenção interesseira das mídias, aliadas secretas, mas diligentes do *show-biz*, à sonolência do Estado, à renúncia moral e à ignorância ou laxismo dos pais, a música *rock* penetra nos lares para tomar de assalto insidiosamente cada criança, transformando-as pouco a pouco em roqueiras, sem que ninguém se dê conta. É sabido que o gosto se forma sobretudo através do aprendizado, e que o feto já pode ouvir desde os seis meses de gestação; que as reminiscências sonoras adquiridas na vida intra-uterina e nos primeiros anos de vida, constituindo a identidade sonora e a identidade cultural do indivíduo, vão determinar a preferência musical deste (10). Assim, uma mulher grávida, exposta voluntaria ou involuntariamente ao *rock* que ela não gosta e que

ela não deseja que seu filho aprecie, trará ao mundo, inevitavelmente, um roqueiro! A responsabilidade das mídias na proliferação de roqueiros é, portanto, evidente. É a "enroquização" ou africanização passiva. Eis aí uma poluição a comparar ao tabagismo passivo. E há coisa ainda pior: para conseguir africanizar ainda mais seguramente a juventude, criou-se o ardil de acrescentar tambores nas músicas folclóricas (música cigana, por exemplo) e clássicas (música barroca, por exemplo) para nominalmente "rejuvenescê-la", criar uma ponte entre a verdadeira civilização e a cultura do *show-biz* (sic). E, é claro, também nas cantigas infantis, para não esquecer as crianças. Disso resulta que a sensibilidade da humanidade inteira está africanizada. Como efeito, antes de 1918 somente a música militar era ritmada pelo tambor, como que para entreter o ritmo e a ferocidade profissionais dos guerreiros. Ora, em nossos dias, mesmo as danças de salão não podem dispensar a bateria, enquanto o violino tradicional desaparece.

Segundo nossas pesquisas junto a comerciantes do mercado musical, o *rock* chegou à França nos anos 1950. Mas é somente a partir dos anos 1960, marcando o início da expansão industrial do pós-guerra, que ele se beneficiou de uma enorme campanha de lançamento pelas "rádios periféricas". O motivo que levou o governo francês da época a autorizar a importação massiva da música do *show-biz* americano não nos é claro. Pensa-se, em geral, que foi unicamente uma razão financeira, pois o comércio dessa espécie de produto cultural descartável podia trazer grandes lucros ao partido político que estivesse no poder. A menor parcela do poder devia servir de "canal de enriquecimento" quando ninguém mais cria em Deus, no diabo, em Marx ou em Lenin. Tudo devia servir para se fazer dinheiro. E, na verdade, desde algum tempo, o que se vê por toda parte são somente casos político-midiático-financeiros, graças a um ressurgimento democrático da opinião pública e à indiscrição das mídias, coisa natural numa democracia.

Após os anos 1975, sem nenhuma razão aparente particular, torna-se perfeitamente impossível não ser idiotizado pelo *tam-tam* afro desde o instante em que se entra num espaço público (lojas, feiras, pistas de gelo, complexos esportivos etc.), sobretudo quando se trata de um espaço destinado a acolher os "jovens". Chega-se até mesmo ao ponto de se falar de um "*rock* francês" com uma

ponta de chauvinismo! E por que não? Pois esse barulho ritmado foi promovido aos *status* de música popular francesa e subvencionado pelo Estado francês desde 1989. Esse excitante sonoro, com a cumplicidade de uns e a indiferença de outros, conseguiu mesmo fazer desaparecer completamente as canções que exprimiam em bom francês os estados de alma populares, e as músicas das danças nacionais ou provinciais tradicionais. As músicas afro tornaram-se, portanto, músicas de massa e, com efeito, músicas impostas às massas. A tese do sr. Jean Ferré nos lembra, portanto, que a França, a Europa e mesmo o mundo inteiro estão prestes a copiar servilmente aquilo que a civilização americana tem de pior, a cultura das classes populares de etnia afro que a burguesia negra americana rejeita; pois esta é de educação inglesa, dança a valsa e a quadrilha e aprecia a música clássica européia, o *jazz*, o *blues* e os *negro-spirituals* tanto quanto os euro-americanos. Foi em meio a isso tudo que foram criadas, num arremedo, as "*variétés*", expressão da sensibilidade popular francesa na língua da indústria musical do *show-biz* americano, diante da indiferença de todos, inclusive de nossos ministros da cultura!

Nos Estados Unidos da América nasceu, após a Primeira Guerra, a civilização do consumo frenético, suscitada pelo desenvolvimento do crédito, da produção massiva, como aquela de um milhão de unidades (número fantástico para a época) do modelo T da Ford, primeiro carro popular do mundo. A uniformização, a padronização do saber, dos desejos, dos sonhos e da felicidade para todos, pela doutrinação intensiva pelas mídias já onipresentes, permitiu que se colocasse em prática as idéias do industrial Henry Ford. Estas serão ilustradas com humor por Aldous Huxley, nos anos 1930, em seu romance *Admirável mundo novo*. Já que não é fácil elevar a humanidade por meio da educação, prefere-se nivelar por baixo, mais rápido, mais econômico, sob o pretexto falacioso de desejar a igualdade dos homens, necessariamente desvalorizados, ou seja, tornados selvagens, bestificados e estandardizados, como um produto feito em série. Será então possível aumentar a produção industrial de massa das mercadorias descartáveis, de baixa qualidade, mas por um preço baixo, e vender em abundância,

regular e continuamente, entrando, assim, no paraíso do "consumismo", para a total felicidade de uma humanidade empanturrada até o esôfago e, é claro, dos banqueiros. De que servem beleza, delicadeza, cultura, civilização e outras futilidades? Basta que a economia continue circulando, e com altos índices de rendimento. E depois a massa, cada vez menos laboriosa, nada reclama além de comida e jogos, e alguns estimulantes somente para "descontrair". Será o reino do bezerro de ouro sobre um povo de bezerros, o paraíso terrestre à moda americana.

Esse sonho totalitário da mesma felicidade obrigatória para todos, que é o pesadelo escatológico das ideologias modernas, sempre seduziu as *intelligentsias*, sem dúvida por conta de seu desprezo pelo povo real, considerado demasiado medíocre. É surpreendente constatar que muitos dos homens de esquerda estão convencidos de que o povo não quer nem pode se elevar, se enobrecer. Assim, a igualdade, fim último das aspirações democráticas dos clones, só será acessível pelo nivelamento por baixo.

Ora, a criação dessa sociedade internacional de consumo avançou para além de toda esperança. Com efeito, ao desenvolver a sensibilidade dos jovens no sentido americano, acabou-se por criar uma aspiração cada vez mais forte rumo a todos os valores culturais, primeiro os mais facilmente acessíveis (os mais superficiais), do Novo Mundo. Segue-se que não somente a venda de música (discos, cassetes) e dos aparelhos de difusão musical prosperava, mas que ainda se chegava a vencer os preconceitos para fundar um verdadeiro mercado comum de tudo aquilo que tivesse alguma parentela com essa cultura do *show-biz* americano (*fast-food*, *jeans* e *t-shirt* ou, mais precisamente, uniformes mostrando a afiliação à cultura americana, filmes, traduções de livros etc.), excluindo naturalmente os artistas e produtores não-americanos, reduzidos ao papel de maus imitadores e mesmo de falsificadores. A cultura gerava, pois, uma boa grana, mas sobretudo para a América e seus comissionários ou *collabos* de um novo gênero. É a guerra econômica...

E, segundo o sr. Jean Ferré, os *trusts* das drogas, dentre os quais os célebres cartéis de Medellin, acabaram por se interessar por essa música dos jovens, investindo "narcodólares" e "dinheiro sujo" de

outras origens. Isso amplificou consideravelmente o poder desse movimento político-comercial universal. E o globalismo, por conta de suas dimensões, toma o controle de certas mídias e mesmo de "escritórios" e *lobbies* políticos que passam a fazer a promoção de todas as drogas, inicialmente as pretensamente leves, a solicitar a modificação das leis, a investir contra os costumes, a família e as religiões, a fim de favorecer o comércio e a democratização das drogas (sic). Quantos lucros por vir! A máfia dominará o mundo por meio do globalismo, com nossos eleitos como supletivos?

O que representa, pois, as drogas para o homem? Elas seriam a chave dos sonhos, das sensações novas e da felicidade artificial para os artistas e estetas, ricos ou pelo menos vivendo com certo conforto, mas à margem da sociedade. Em nome da igualdade, a turba de mal-instruídos quer obter os mesmos direitos (subvencionados necessariamente) dessa ínfima elite às drogas e, em breve, orgias pagas pelo Estado.

Para Aldous Huxley, a civilização do consumo viria acompanhada da distribuição legal das drogas para todos e sobretudo às classes populares; é o complemento natural da liberação sexual completa. Com efeito, o objetivo aparente dessa civilização dos prazeres é o hedonismo, com vistas a que os escravos modernos apreciem a servidão física, intelectual e moral, e deixem de invejar os verdadeiros dirigentes da sociedade, de vigiar seu comportamento e sobretudo de querer conquistar o poder, impedi-los de roubar o Estado!

Nas sociedades primitivas, o xamã come cogumelos alucinógenos; em seguida, auxiliado pela dança ao som do *tam-tam* e dos címbalos, ele entra em transe para comunicar-se com os deuses e consultá-los. O Homem Novo das nossas sociedades modernas, e sem dúvida derradeiras, de barriga cheia e satisfeito homo ou heterossexualmente, aspira ao prazer que lhe parece supremo: o êxtase xamânico. Ele espera adentrar nesse "paraíso artificial" facilmente graças às drogas, após ter preparado uma "facilitação" pelo *tam-tam* das músicas jovens, por vezes em nome dos direitos

humanos (sic). Para alguns grupelhos, o gozo é um direito, a saber, o de ser um deus num paraíso criado pela ciência. Os *lobbies* da indústria do entretenimento e dos produtos culturais descartáveis contam com o Ministro da Cultura para alterar a ética da sociedade: a felicidade dos povos se identificará doravante com o prazer dos sentidos, intenso, ilimitado, a ebriedade infinita dos deuses!

Ora os centros hedônicos do gozo de prazeres físicos e talvez intelectuais se situam ao lado das zonas erógenas (que controlam a sexualidade) no cérebro reptiliano da agressividade (do assassinato). Este é inibido pelo novo cérebro, estruturado pela educação. As drogas, os ritmos primitivos encantatórios, em outras palavras, as práticas xamânicas e as excitações extremas, obnubilando a consciência, liberam o cérebro reptiliano; e o homem retorna ao estado primitivo! Podemos entender que a busca pelo prazer sensitivo extremo passe naturalmente pelo uso das drogas e implica os riscos de suscitar a violência. O sexo, as drogas, a violência e a regressão mental estão de certa forma ligados entre si pela própria natureza. Mas existe um outro tipo de prazer, sem dúvida mais moderado, que não deteriora a consciência, o prazer estético provocado por uma emoção intelectualizada. Esta é produzida, como uma reminiscência, pela percepção de um conceito, de uma criação do cérebro intelectual, ela mesma "induzida" pelas artes eruditas, produtos específicos das velhas civilizações. Infelizmente, o prazer estético custa caro, como todas as coisas de qualidade: ele só é acessível às pessoas cultas, bem educadas, à gente civilizada. E, em nossa época, e sem dúvida por conta da democratização à francesa, a civilização é coisa rara, e caríssima. A beatitude, segundo as antigas nações, repousa no conhecimento por meio da iniciação: é isso o que faz a elite.

Em 1936, após a vitória eleitoral do Fronte Popular, abriram-se a ópera e os teatros nacionais às classes populares, em vão. No entanto, todas as artes clássicas foram criadas por homens e mulheres oriundos do povo. E, aliás, a aristocracia, a quem devemos todo nosso patrimônio cultural e artístico, também é oriunda do povo, e não da coxa de Júpiter. Todos reivindicam sem cessar o direito à instrução e por vezes à cultura, em uma palavra, o direito de ser

um burguês ou um *gentleman*, estatuto que eles não terão a coragem e a firmeza de assumir. Isso nos faz pensar que, já durante a Revolução Francesa, decretou-se, em nome da igualdade, que o homem do povo também tinha o direito de ser decapitado enquanto nobre. Que belo direito! Em nossos tempos, em 1998, reivindica-se, com mais barulho, porém mais modestamente, o direito de consumir drogas, de se casar entre homossexuais e sobretudo de ser igual, sem ter de pagar muito caro por isso, nivelando tudo por baixo, "sem esforço".

O problema principal do homem já havia sido descoberto na Idade Média. Já se sabia que, na floresta da vida, o homem chega freqüentemente em encruzilhadas nas quais é preciso escolher entre a esquerda e a direita. Desgraçados aqueles que recusam o caminho da maturidade; pois eles serão perseguidos e destruídos. Em nossos dias, os eremitas e prudentes que vagam nas florestas, quero dizer os psicanalistas, educadores e outros sábios das ciências humanas, lhe dirão: "Atenção, não se deve traumatizar a criança!". E esta acabará por ser colocada "sob exame", "excluída", morta por overdose ou outras pestes negras. É um modo menos glorioso de ser destruído. Para os modernos, a felicidade repousa na remoção do novo cérebro, na irresponsabilidade e inconsciência.

Não é fácil assumir o direito de se educar, de tornar-se uma pessoa melhor (um aristocrata). A educação nos traz o desejo e a ambição de não regredir. É bem verdade que a instrução gratuita e necessariamente obrigatória é uma grande conquista social; mas será realmente possível falar em igualdade de chances numa velha sociedade, na qual cada um é julgado e classificado segundo seu comportamento e sua cultura, sem uma excelente educação gratuita e igualmente obrigatória para todos e sobretudo para os mais humildes? Infelizmente, o homem deve ser obrigado, pela lei, acompanhada de policiais, a não cair ao nível do primitivo e mesmo do selvagem. Os cristãos e judeus compreendem que não se pode deixar rebaixar a imagem e semelhança de Deus, mas e quanto aos outros, os materialistas e psicanalistas em particular?... A comida, o sexo e as drogas bastam para a felicidade?

2. *A cultura moderna, uma anticultura*

Do lado oposto, para o sr. Marc Fumaroli, professor do Collège de France, a música *pop* faz parte de um movimento político que tem por finalidade provocar uma revolução cultural mundial, que deveria dar à luz o Homem Novo sobre os escombros da antiga sociedade. Essa opinião vai ao encontro daquela da maior parte dos universitários franceses que viveram a "agitação" de Maio de 68. É verdade que, para as ciências humanas, tudo é política. Sentimo-nos tentados a dizer que tudo foi politizado desde uma geração. Mas, infelizmente, ao mesmo tempo, a política amiúde resume-se a uma máscara de sórdidas tramitações financeiras, de tráfico de influência ou de fraude. É mesmo o único meio de se enriquecer rapidamente.

Segundo os sociólogos anglófonos, nos anos 1960 se produziu, nos campus universitários, praticamente reservados aos ricos (os estudos custam caro na América), como em Berkeley, um movimento de contrição do homem branco, com maceração e autoflagelação, a propósito de todas as atrocidades cometidas pela civilização ocidental: os indo-europeus (arianos) teriam destruído mais de 300 etnias ao longo de uma quarentena de séculos e 100 milhões de ameríndios por meio de armas, alcoolismo e doenças, segundo certos etnólogos, omitindo o fato de que toda civilização faz desaparecer os selvagens a seu redor. É a dura lei da vida.

A luta pelos direitos cívicos dos negros (diz-se "afro-americanos", tal é o nível de apego às "raízes"), unida à revolta dos índios (glorificados sob o título de "nativos americanos") — para reivindicar reparação pelas epopéias do faroeste e outras bandeiras e empreitadas fantásticas — e à oposição estudantil à Guerra do Vietnã, iria sacudir e traumatizar a sociedade americana durante muitas décadas. Os *liberals* (esquerdistas), deslumbrados com as ciências humanas, desejosos de reunir toda essa gente, propuseram construir uma nova ideologia revolucionária resultando da síntese

do marxismo e do freudismo, inspirada por mestres como Marcuse, e com vaga nuance de cristianismo. Essa nuance, reacionária aos olhos dos progressistas europeus, é necessária nos Estados Unidos da América, pois lá a religião é onipresente e quase obrigatória segundo a tradição e a Constituição. Não podemos esquecer que os primeiros imigrantes americanos haviam fugido da Europa para preservar sua liberdade e seus caprichos teológicos. Tratava-se, para os *liberals*, de "apagar as seqüelas dos antigos regimes" acusados de terem inventado todas as doenças das sociedades ditas civilizadas, a saber, o colonialismo, o racismo, o fascismo, o nazismo, o comunismo, o escravagismo, o sexismo, todos os "ismos", como se diz, e mesmo a autoridade dos pais. Decretou-se então a igualdade das culturas; era preciso ainda destruir a ideologia da sociedade "dominante" e "legitimada", responsável por todas as "exclusões". Pois os historiadores nos ensinaram que, em cada país, existem diversos "estratos" culturais que foram depositados; portanto, que coexistem diversos modelos de pensamento e de comportamento, diversos ideais, e que cada indivíduo, por conta de sua origem e de suas relações, participa sempre em diversos estratos, em diversas sociedades paralelas. Resultam daí inúmeros conflitos e preconceitos entre bravos homens, e até mesmo em uma única cabeça. A "luta final", que deveria libertar não apenas a humanidade, segundo os votos dos marxistas, mas também cada um de seus átomos, consiste, pois, em demolir a ideologia dominante e "legitimada" ou, mais exatamente, em trazê-la ao mesmo nível que as outras. Daí o necessário "direito à diferença": o afro-americano ou o ameríndio deveria ter tanto mérito quanto o euro-americano; o arruaceiro, tanto quanto o burguês; e, claro, o assassino, tanto quanto sua vítima. O primeiro não é o último no Reino de Deus, o paraíso terrestre? Para que esse mandamento evangélico seja crível, ele é reforçado pela noção de convívio obrigatório. Não é preciso que todo mundo se ame, sobretudo nos Estados Unidos da América, onde todas as etnias se desprezam e se detestam, as armas em punho? Entrementes, para minar a sociedade legitimada, a qual é européia, anglo-saxônica e protestante (WASP), é preciso macular seus valores, destruir sua linguagem — suporte de seu pensamento "reacionário e retrógrado" —, destruir suas artes, dentre as quais sua música, suporte da sensibilidade. Em uma palavra, trata-se de abalar as estruturas cerebrais instaladas progressivamente desde

vinte e cinco séculos. A estratégia da esquerda consiste em arrancar o homem de seu passado, a fim de que possa emergir o Novo Mundo. Segundo o sr. Fumaroli, trata-se da querela entre os antigos e os modernos. Aqueles se vinculam a seus ancestrais espirituais greco-latinos e judaico-cristãos, considerados como fontes das riquezas. Estes estão bem decididos a se esvaziarem de toda memória, para reconstruir um mundo a partir deles próprios (13). Eis porque as qualidades da natureza primordial, dentre as quais a ignorância, o analfabetismo, a grosseria de linguagem e de costumes, a imundície, a feiúra e mesmo a selvageria não repugnam o Homem Novo, que os prefere em lugar da polidez e da limpeza dos antigos regimes, e que se crê capaz de reconstruir um mundo melhor de que aquele de seus predecessores. Em suma, ele está seguro de ser muito melhor do que linhagens inteiras da espécie humana. A presunção nasce com freqüência da ignorância dos fatos e dos homens, da ignorância da história: ela é o fruto dessa ignorância da vida, freqüente em uma *intelligentsia* vivendo em autarquia. É por isso que os ideólogos se enganam e enganam.

A fim de lutar contra a dominação do homem branco, empreende-se uma caçada aos supracitados burgueses, aos homens honestos e outros *gentlemen*, estimula-se a pesquisa e a afirmação das "raízes" das populações alógenas: cada etnia se fecha, portanto, em si mesma, em seus gestos, e se dedica à sua cultura ancestral, rejeitando a cultura dominante. É sem dúvida por essa razão que os negros americanos, renunciando ao *jazz* e ao *blues* — tidos como demasiado naturalizados, demasiado europeizados, mesmo demasiado refinados —, partem em busca de uma nova inspiração na África, e retornam, tanto quanto é possível, ao pretenso ritmo africano com o *rock*, o *rap* e as músicas jovens ou novas em geral. Mas, de fato, isso não passa de uma regressão ao primitivismo (para não dizer à selvageria), o que, se por um lado permite um enorme ganho financeiro ao *show-biz*, por outro desvaloriza ainda mais a etnia afro ao alienar seus membros, doravante excluídos da cultura inglesa dominante (aquela da classe média).

O sr. Marc Fumaroli descreve sobretudo a aclimatação da anticultura nova-iorquina na França. Segundo sua análise, a esquerda francesa foi seduzida pela ideologia dos *liberals* americanos, e muito certamente também uma certa fração que se diz progressista da

direita tradicional. Isso não é de espantar, pois todas essas pessoas são dirigistas, logo, mais ou menos totalitárias. O fato é que tanto à esquerda quanto à direita nenhuma autoridade política recusou-se a contribuir com a difusão (por exemplo, por meio de uma recusa de subvenção) das artes contemporâneas, do *rock*, do *rap* e do *techno*, ou com a catastrófica adoção de métodos pedagógicos duvidosos saídos diretamente das ciências humanas, dentre os quais a psicanálise, e que são, como se sabe, ideologias tão científicas quanto o marxismo. As prefeituras de todas as tendências políticas até mesmo encorajaram, por meio de grandes subvenções vindas do bolso dos contribuintes, o desenvolvimento das "manifestações culturais" para a glória da anticultura nova-iorquina (13). O belo mundo, a exemplo da *jet-set* (sociedade das estrelas), se droga com cocaína, droga chique, pois cara, não dança mais a valsa e o tango, mas se sacode ao som do *tam-tam* xamânico, do *rock* e do *rap*, totalmente despenteados. É a dança do globalismo. O primeiro que se queixar de estar com dor de cabeça será declarado reacionário, ultrapassado, velho, racista antijuventude ou, simplesmente, racista. A ética européia é demasiado antropocêntrica; é preciso doravante adotar aquela dos nativos da Índia, cuja metempsicose restabelece a igualdade dos homens e dos animais pela transmigração das almas, ou aquela dos índios americanos, que consideram que o homem e o animal pertencem ao mesmo reino, exceto se se tratar de dois irmãos. De nada serve, pois, zelar pela salvaguarda anacrônica do modo francês de se portar. Podemos perfeitamente nos deixar levar como gado, e mostrar nossas amígdalas ou nossa glote ao bocejar, ou rolar pelo chão sem perder nossa honra. Daí as novas atitudes das danças modernas mais ou menos terceiro-mundistas ou globalistas, e a grosseria geral erigida em princípio básico do *savoir-vivre* democrático, da convivência universal do Homem Novo, bem oposta ao bom gosto tradicional "eurocêntrico". As mídias e seus intelectuais não querem mais que o negro imite o branco — e por analogia, que o povo imite as elites — mas o inverso!

De todos os países ocidentais, por que a França é aquele que parece ter adotado da forma mais completa e sincera essa cultura globalista do *show-biz*? Esta, no Novo Mundo, permaneceu uma anticultura; ela tentou destronar a cultura tradicional, sem sucesso.

Com efeito, em matéria de música, os euro-americanos permaneceram muito ligados a suas músicas de província (música *country*) e às músicas européias; assim, nos ringues de patinação, nos restaurantes e lojas, pode-se ainda ouvir música barroca e romântica. Eles também gostam do *jazz* e do *blues*, considerados como músicas anglo-saxônicas ou euro-americanas autênticas quando interpretadas à européia, ou seja, após estudos num conservatório e segundo uma partitura, ou ainda o tango e *passodoble*, que são, para eles, músicas latinas (sic). São sobretudo aqueles que rejeitam a civilização européia, dentre os quais os progressistas e a imensa maioria de afro-americanos, que gostam exclusivamente de *rock* e de *rap*. E esses homens, por ódio, tentam inventar para si uma civilização própria, com seu jargão e seu modo de vida. Por enquanto, segundo os sociólogos americanos, eles ainda se encontram em estado de marginalização, de contracultura, e mesmo subcultura. Daí a multiplicação dos guetos. A América não é mais um *melting pot*,[1] mas um ensopado no qual os pedaços bóiam juntos sem se misturar, como dizem os americanos. Os mais pessimistas chegam a pensar que não existe mais nação americana, logo, não há mais vontade de viver em conjunto e de ter um futuro comum. É o que se chama de "mosaico de etnias", ou, dito de outro modo, um conjunto de guetos de civilizações diversas que tentam coexistir o mais pacificamente possível. Por que é que desejam adotar esse modelo de sociedade na França? Segundo o sr. Fumaroli, a França ainda não se curou do profundo traumatismo causado pela fulgurante derrota de 1940. Algumas frações de sua população, compreendendo gente tanto de esquerda quanto de direita, buscam libertar o país daqueles que lhes parecem ser a razão dessa decadência, a saber, uma certa forma de elitismo fundada sobre a elevação do espírito e o desenvolvimento do senso crítico, engendrada pela universidade da III República, e que era a condição para o liberalismo, é bem verdade, mas que conduzia ao individualismo, ao egoísmo de classe. Era preciso, então, recriar uma nova solidariedade nacional, uma união dos homens por meio de uma visão de mundo comum, propondo uma cultura simplificada ao alcance de todos. Mas essa democratização só pode ser, infelizmente, um nivelamento por baixo, um retorno à barbárie, agravando ainda

1 Caldeirão variado de culturas — NT.

mais a decadência do país. Em suma, acabamos por destruir aquilo que os exércitos inimigos não destruíram. Ora, a Europa não será alemã, pois a Alemanha também foi vencida, em 1944; ela será, portanto, americana. Torna-se assim oportuno unir-se aos *liberals* para se opor à cultura dominante americana. Para esses desesperados, é tempo de incitar os franceses a se inclinar diante do destino e de ir combater nas fileiras dos indianos e dos afro-americanos. A direita propõe aos franceses que imitem os capitalistas americanos (os mais ricos, logo, os mais inteligentes, do mundo) e a esquerda, o seu subproletariado (de um futuro tão promissor).

Um Ministério da Cultura foi instalado em 1959, com o objetivo de criar uma cultura de massa a partir das artes clássicas, logo, da sensibilidade nacional, pelo menos no início. Tratava-se de, por meio de eventos similares a missas, compartilhar com a multidão a emoção estética que poderia suscitar a apresentação de obras de arte escolhidas, feitas por intelectuais talentosos e "carismáticos". Mas o aparelho do Estado foi imediatamente invadido, infiltrado e sabotado por opositores do regime, marxistas de todas as tendências (stalinistas, trotskistas, maoístas). A política cultural da Quinta República se orientava aos poucos rumo ao anticultural, antiburguês e antinacional (pois a nação era assimilada à classe dominante). Como nossos intelectuais não tinham mais muita imaginação, estando esclerosados e esterilizados pelas ideologias totalitárias, eles se viram obrigados a tomar emprestadas dos *liberals* a totalidade das suas idéias progressistas. Assim é que a explosão de Maio de 68 em Paris, com a contribuição dos funcionários do Ministério da Cultura, não passou de uma imitação dos estudantes da Universidade de Berkeley. E, a partir de 1981, quando a esquerda pensava que iria se instalar no poder por uma geração, o Ministério da Cultura foi transformado num órgão de propaganda encarregado de promover a anticultura nova-iorquina em toda a França, e, se possível, no mundo todo. A França sonhava em tornar-se o líder da oposição cultural aos Estados Unidos da América em escala mundial.

O promotor dessa cultura globalista no Festival Internacional de Teatro Universitário de Nancy, desde 1961, sr. Jack Lang, foi então erigido Ministro da Cultura da França. E, ainda segundo

o sr. Fumaroli, a cultura, partindo das alturas almejadas por André Malraux, segundo o qual o ministério havia sido concebido sob medida, foi rebaixada ao nível do Clube Mediterrâneo e da Disneylândia. Esse é o resultado obrigatório e natural da democratização do espírito, da burocratização da criação artística e do igualitarismo forjado pelo nivelamento por baixo. E eis que a oposição, de direita, aponta para o fato de que essa política de imitação servil da vanguarda nova-iorquina, com a subvenção das escolas de *rock*, bem como com a dos museus e exposições de pichações, tornando-se oficial em 1981, gozava dos meios estatais; que essa política havia perfeitamente vencido, dado que mesmo a gente da periferia imitava canhestramente os americanos, ou mais exatamente os afro-americanos (gíria inglesa), como provam as pichações e os grafites que decoram os muros de nossas cidades. Esse recurso à americanofonia expressa rancores contra a francofonia, logo, a rejeição da França.

A cultura se tornou a nova religião da França, com seu novo clero esquerdista (a palavra religião vem do verbo latino *religare*, que quer dizer "ligar"; a religião é aquilo que liga os homens e depende do progresso de suas consciências, da sociedade). Essa tese se baseia em fatos incontestáveis, mas ela aparenta ser uma polêmica política, pois não leva em conta o fato de existir, desde 1945, um "consenso" nacional pela importação massiva da cultura americana (filmes, música), logo, uma certa emulação entre os políticos de todas as denominações. A esquerda não fez senão completar a obra da direita. Enfim, também no campo da cultura, a esquerda faz a política da direita e vice-versa. Assim, após o enfraquecimento das idéias, vem o das convicções. E, coisa mais grave: a *intelligentsia* não está mais ligada à cultura nacional, aos "valores", como se diz, e se contenta em imitar a América, sabendo que a França só é admirável e útil ao mundo quando ela é autêntica...

Seja como for, trata-se, aí, de meros pecados veniais. Com efeito, outras pessoas puderam conceber suspeitas mais graves. Assim, o sr. Paul Yonnet (34), sociólogo, ao estudar as ideologias que assolam a França contemporânea, descobriu que o anti-racismo

moderno, oriundo das elucubrações de Maio de 68, tem apenas um objetivo, o de minar o fundamento da nação francesa, ao tentar, por exemplo, convencer a população de que a maioria dos franceses descendem de imigrantes, que "nós somos todos emigrantes", que "a imigração é uma chance para a França", que a mestiçagem de culturas é o supra-sumo da civilização, enfim, que a França não passa de um sonho ruim, uma idéia fascista, um país visceralmente de direita, um país de *collabos*.[2] Trata-se, para a república das letras, ou melhor, para a república das mídias, de fazer com que a população autóctone se envergonhe de sua história, do seu vínculo à sua idéia de pátria, de nação, e à sua civilização, a fim de destruir seu orgulho, logo, seus reflexos de defesa e rejeição perante usos e pensamentos estrangeiros, advindos de culturas tradicionalmente consideradas como menos antigas, menos bem-acabadas, logo, inferiores. Assim, será possível construir uma sociedade multi-cultural e fazer da França um mosaico de etnias, como no tempo da Guerra dos Gauleses, mas nos inspirando pelo modelo americano, para parecer moderno. É mais chique, e sobretudo mais rico! Mas, já em 1998, nota-se que os "movimentos colegiais" (sic) são organizados e comandados por *beurs* "promovidos" (sic) a futuros chefes das populações francesas niveladas, desaculturadas.

Assim, a França, após mais de dez séculos de luta por sua unidade, depois de ter dado ao mundo os princípios de 1789, dentre os quais os direitos humanos, e um modelo social de tolerância e respeito do direito à diferença, poderá enfim retornar ao nada. E, nessa perspectiva grandiosa, podemos compreender que a recusa em fechar as fronteiras, a recusa em assimilar os imigrantes e o encorajamento da difusão das culturas exóticas, dentre as quais a dos afro-americanos, são os instrumentos desse ecumenismo; que os esforços de destruição das "seqüelas dos antigos regimes", por dentre as quais a gramática, a ortografia, a música clássica e as danças tradicionais, contribuam para a realização da escatologia nova e laica, substituindo aquela da Igreja Católica moribunda.

O modelo da sociedade multicultural não é, infelizmente, uma invenção francesa. Com efeito, os autores anglo-americanos de ficção científica, especialistas da teosofia, do continente Mu e da Atlântida, já o descrevem com nostalgia há quase cem anos. Já era

2 Franceses que teriam colaborado com os nazistas — NT.

de se desconfiar, pois o *apartheid* legal e obrigatório, ou natural e espontâneo, é de essência anglo-saxônica ou hindu, e não latina. Em suma, a *intelligentsia* propõe o sistema dos guetos com o acréscimo da convivência obrigatória, seja pelo amor ao próximo, seja pelo conformismo ou ainda por uma boa dose de hipocrisia e sobretudo a perda total das referências históricas e culturais. Esse ideal convém perfeitamente às tribos primitivas africanas, que gostariam de poder continuar, em solo francês, suas vidas comunitárias e seus costumes (poligamia, mutilação genital feminina, *tam-tam* etc.).

Mas por que esse ódio contra a França, esse ímpeto em promover o que devemos chamar de racismo antipopular? Segundo o sr. Yonnet, a França não mudou de lado com Maio de 68; ela inclusive votou massivamente pela direita, por temor da desordem. Os esquerdistas nutriram um tal desprezo por essa população de pequeno-burgueses (os *beaufs*), traidores do proletariado mítico, logo, fascistas, que juraram se colocar a serviço dos verdadeiros proletários, imigrantes vindos do Terceiro Mundo, combatendo contra sua própria pátria. Eles passaram a se infiltrar nas organizações de imigrantes, não hesitando em se converter ao islã na esperança de controlar todas as "periferias com problemas", sonhando com uma "guerrilha urbana" imensa e múltipla, culminando na "Grande Noite" que lhes faltou em Maio de 68. É espantoso que, quase dez anos após a queda oficial da URSS, o marxismo continue vivo em certos cérebros ainda tão ingênuos que beiram o infantilismo. Em todo caso, quando o complô contra a existência mesma da França for descoberto, denunciado pelos verdadeiros muçulmanos, os amantes de *rock* e das músicas jovens em geral correrão o risco de ser tachados de traidores. Pois no Hexágono[3] adoram a caça às bruxas, forma moderna e bem parisiense de guerra civil, esporte nacional dos gauleses.

As teses "politicológicas" sobre a expansão da cultura *tam-tam* na França conduzem, todas, a uma constatação consternante: o povo que se achava o mais inteligente e o mais espiritual da terra não pensa mais: sua *intelligentsia*, que, há cem anos, não sabia fazer outra coisa senão se enganar e enganar a população, se contenta em copiar os americanos — considerados, porém, um povo demasiado jovem, imaturo mesmo, e sem bom gosto, para não dizer

3 Como é conhecida a França, por conta do formato do seu território.

sem cultura —, e não hesita sequer a ir se reciclar ou chafurdar nos cantos mais mal reputados do Novo Mundo. E, coisa estranha, nesse esforço de rejuvenescer e de apagar as seqüelas dos antigos regimes, buscar-se-á modelos do bom gosto e do comportamento exemplar sobretudo entre os afro-americanos, como se estes, malgrado sua anglicização forçada de dois ou três séculos, representassem ainda o bom selvagem. A ética dos selvagens, bons ou maus, não poderá ser idêntica àquela das pessoas civilizadas. Assim, não devemos nos espantar que as noções de família, amor, cortesia etc. mudem na medida em que a cultura do *tam-tam* se amplia. A música, sobretudo aquela das classes populares, deixa então de ser um divertimento mundano para se tornar meio de excitação sensual, um meio de auto-erotização, como no animal ou no primitivo. O sexo tem uma importância capital na ideologia freudiana-marxista: a libido não é o motor do mundo, segundo Freud? A Europa cristã disciplinou, transcendeu e civilizou o comportamento sexual do homem desde a Idade Média. Era preciso, então, inverter as tendências, pervertê-las e mesmo reestabelecer o culto do falo! A América está doente de ciências humanas (2) e isso vai se tornar uma pandemia. Pois os simpatizantes da América permanecem sendo muitos, sem dúvida mais numerosos na esquerda do que na direita. E, segundo eles, cada etnia deveria se especializar numa profissão ou mesmo numa ideologia (donde vem a noção de voto étnico: o voto afro, o voto judaico, o voto asiático, e mesmo o voto homo ou heterossexual etc.). Resultará disso que a sociedade humana parecerá com aquela das formigas e dos cupins: a função cultural (política e social) será atribuída em função do aspecto físico, da cor da pele, do semblante. Daí o inevitável "crime racial".

3. *A cultura, fruto da demagogia*

Em minha investigação, ao interrogar pessoas de todas as tendências políticas, dei-me conta de que o sr. de Tocqueville estava longe de ser o único a pensar que a democracia se transforma muito naturalmente numa demagogia em que a minoria é desprezada. Muitas pessoas estimam que só os fanáticos, os integristas, os totalitários e os arruaceiros em geral buscam controlar o pensamento e gostos da população; logo, que o Estado, num país civilizado, deve saber se contentar em satisfazer os desejos desta. Ora, a América

foi a única potência indiscutivelmente vitoriosa da Segunda Guerra Mundial. Por esse fato, as mídias dos países ocidentais sentem-se no direito de favorecer, por pura cortesia, a cultura americana. E, com efeito, todos os modos anglo-saxônicos são tomados de empréstimo e lançados pelas mídias francófonas, ainda que não estejam mais em voga em suas pátrias de origem (Grã-Bretanha ou Estados Unidos da América) (5). E, aparentemente, nenhum governo nada pode fazer. Aliás, as músicas afro do *show-biz*, as quais a imensa maioria das pessoas de fora dos Estados Unidos da América crê representar a civilização americana, atravessaram a Cortina de Ferro e invadiram os países comunistas. Aquilo que não podemos combater, devemos suportar; por que não o utilizar em nosso favor? Todos os governos, seja qual for sua ideologia, favoreceram, pois, a difusão do *rock*, seja diretamente, pelo encorajamento oficial, como desde 1981, seja indiretamente, deixando as mídias públicas agirem a seu bel-prazer, como de 1945 a 1980, na França. Em suma, cabe às mídias, naturalmente, decidir quais são as modas, contra o povo, se necessário. Quem segue a moda é popular.

De outro lado, os artistas podem ser excelentes turiferários, e até mesmo cabos eleitorais muito eficazes para o poder vigente. Isso é coisa sabida há séculos; por isso eles gozaram com freqüência de privilégios e de mimos de toda espécie, quer o governo tenha ou não tenha um Ministério da Cultura. A oposição critica o governo socialista por ter "exagerado", multiplicando as prebendas, por ter a imprudência ou o impudor de decretar que os roqueiros, os *rappers* e os pichadores são também artistas, com plenos direitos aos favores do Estado. Eles respondem que é preciso uma política de "integração" para com os emigrados. E, curiosamente, ninguém se surpreende ao ver que se trata da integração na cultura globalista, e não na cultura nacional. E todos os municípios, tanto de esquerda quanto de direita, concordam com o sr. Lang, o qual seria o homem mais popular junto aos "jovens", segundo as mídias, é claro.

Uma unanimidade tão profunda entre os gauleses é sempre coisa suspeita; basta reler César... Em primeiro lugar, os cortesãos não se curvam jamais por nada, exceto para obter vantagens materiais, uma pensão, por exemplo. De igual modo, os responsáveis

pela difusão das modas e das músicas poderiam receber *royalties*. E retornamos à tese do sr. Jean Ferré. E depois, o *show-biz* sustenta um monte de gente, é preciso ser muito sem coração para ousar causar-lhe problemas. Mas será preciso confiar-lhe o governo de nossas questões culturais, da educação nacional e da informação, sendo que ele não é eleito pelo povo? Por que não dispor todos esses temas sob o controle das academias nacionais, que reúnem os melhores representantes de nossa civilização? Por que deixar a quaisquer indivíduos o poder de educar nossos filhos, de instruir a civilização, de manipular nossos cérebros?

4. *O homem moderno, descendente dos afro-americanos*

De acordo com os materialistas, a consciência seria uma mera emanação de uma estrutura, da matéria. É, então, o órgão que criaria a função, e não o contrário. Existiriam bases biológicas, e a seguir uma organização das estruturas anatômicas e histológicas cerebrais da psicologia, da mentalidade e do espírito no homem. Essa é a opinião da maioria dos sábios, dentre os quais o sr. Changeux (8), professor do Collège de France e do Institut Pasteur, e do sr. Edelman (12), prêmio Nobel e professor da Universidade Rockfeller de Nova Iorque.

A hereditariedade impõe certas restrições gerais à configuração das estruturas cerebrais. As pressões do meio, associadas às leis do acaso da seleção natural, fazem finalmente emergir um tipo de homem apto a sobreviver e mesmo a prosperar em uma dada cultura. Alguns insistem no fato de que, no decorrer do crescimento dos seres, o indivíduo passa inicialmente pelo estado de "redundância das células cerebrais" com uma grande liberdade de escolha das conexões nervosas, logo, para o desenvolvimento intelectual e afetivo, antes de culminar, por meio da "estabilização seletiva", no estágio de maturação com redução do número de circuitos nervosos pré-existentes e consolidação definitiva dos sobreviventes, estimulados e fortificados pelo aprendizado. E isso é necessariamente seletivo, e se realiza segundo os dados de uma cultura. O sr. Changeux diz que "aprender é eliminar", eliminar certas potencialidades e aperfeiçoar outras que conservamos. Amar uma cultura e se adaptar a ela equivaleria, portanto, a eliminar todas as outras. Uma verdadeira escolha é exclusiva. Não existe amor sem coragem e lealdade.

Os psiquiatras adeptos das neurociências tendem a negligenciar o papel da "epigênese". Esse termo designa o processo de estabilização seletiva das potencialidades, que depende do ambiente, inclusive da educação oferecida pelos pais, pelas mídias e pela escola. Para eles, o pessimismo é coisa de praxe: de nada adianta tentar educar as crianças geneticamente desfavorecidas. Chegam ao ponto de pensar que as pessoas naturalmente agitadas gostam, por predestinação, de músicas estrondosas e espasmódicas; e que, se alguns franceses gostam da música afro, é porque eles portam cromossomos xamânicos na cabeça. Essas pessoas só se sentiriam felizes em meio ao bate-estaca, à agitação e à violência da vida urbana moderna. Aliás, seus lazeres têm o mesmo perfil: resumem-se a simples ruídos, barulhos e *tam-tam* ou tumultos em geral. Enfim, são pitecantropos por atavismo. Os gostos seriam de origem genética.

Essa concepção que reduz a nada o papel da educação nas preferências do homem é dificilmente justificável, exceto se admitirmos que o cromossomo da agitação seja particularmente abundante na África e nas classes populares da Europa, e que ele se rarefaz à medida em que se sobe às classes mais e mais instruídas (diplomados da universidade) e cada vez melhor educados. Não é inútil lembrar que essas convicções, baseadas em estatísticas discutidas com mais paixão do que bom senso, levaram os Estados Unidos da América à beira de uma guerra civil nos anos 1970. Finalmente, os ganhadores do prêmio Nobel tiveram de assinar uma petição, exigindo a liberdade de expressão aos partidários da transmissão hereditária das capacidades intelectuais e universitárias; pois, sufocados pela maioria, eles se viram amordaçados pelos amigos do progresso. Enfim, ousou-se tentar avaliar a parte hereditária do comportamento do homem; e se acreditou que ela era de cerca de 70%; mas, de novo recomeçaram briga e tumulto... Atualmente, ninguém sabe mais onde se está quanto à busca de resposta para essa questão. E nem sequer se ousa mais a procurar saber... não é "politicamente correta".

Os americanos, que são pessoas práticas e sem complexos, são capazes de reverter por completo sua política no instante mesmo em que eles percebem que ela está mal fundada. Eles decidiram então levar em conta a diversidade irredutível dos grupos humanos, tentando promover o famoso direito à diferença, mesmo no campo da música. Na França, as reações são mais lentas: foi somente vinte anos mais tarde, por volta de 1992, que se começou a reduzir o bombardeamento *rock* na mídia, mas sendo substituído parcialmente por outras músicas afro, de modo que se permanece ainda na cultura *tam-tam*. A valsa, dança francesa tradicional, continua interditada de permanecer no espaço nacional. Contudo, acreditou-se que o ritmo ternário era especificamente europeu, e mesmo latino. Se ele é substituído pelo ritmo binário xamânico, devemos então concluir que a educação pelas mídias fez mudarem os cromossomos, e daí originar-se uma nova raça humana? E, ademais, a dança se tornou o prelúdio do ato sexual (18), como entre os animais. O homem está assim livre da civilização, logo, completamente rejuvenescido.

5. O tam-tam, *instrumento moderno de governo*

O mais curioso é que essa tese me foi sugerida por uma criança de treze anos. Isso se passou no ringue de patinação de Megève, nos anos 1990. Eu fui à cabine do monitor da pista para lhe suplicar que mudasse de música, substituindo seu *tam-tam* habitual por uma valsa vienense. Seguiu-se uma discussão no curso da qual uma pequena patinadora tomou corajosamente meu partido, mas me convidou a "me calar" pois, segundo ela, "eles" nunca iriam me escutar, "eles" difundem o *rock* de propósito para estupidificar as pessoas a fim de facilitar a missão do governo! Era essa sua convicção; e ela não tinha lido *Admirável mundo novo* e nunca tinha ouvido falar em Aldous Huxley, nem em George Orwell. Essa criança era, portanto, verdadeiramente genial e bem estruturada: ela não corria nenhum risco, pois, com o *tam-tam* do ringue de patinação. E foi apenas cinco ou seis anos mais tarde que esse incidente me veio à memória, quando um professor de faculdade, que havia testemunhado a ruína de nossa universidade, me explicou que o governo francês, embora eleito por uma grande maioria de direita

e apoiado por uma verdadeira *chambre introuvable*,[4] havia decidido, após Maio de 68, adotar o programa dos esquerdistas a fim de "cortar a grama sob os pés do adversário". Foram entregues, assim, de bandeja, nas mãos dos arruaceiros, todas as faculdades e todas as escolas, até o maternal, na convicção de que, para uma gestão conveniente do país, bastaria preservar as *grandes écoles*, dentre as quais a Escola Politécnica e a Escola Nacional de Administração, justamente esse celeiro em que se formam nossos mandarins tecnocratas, verdadeiros detentores do poder, que os arruaceiros esquerdistas queriam destruir. Essa foi então a "retirada estratégica" do Estado burguês diante da invasão aparentemente irresistível dos bárbaros esquerdistas.

Convém notar, aqui, que, na América, somente o ensino secundário e as faculdades de ciências humanas e letras modernas naufragaram; os esquerdistas americanos jamais conseguiram macular a reputação dos *institutes of technology*, que permaneceram elitistas. Pois o esquerdista, como todo verdadeiro animal político, só acessa a lógica literária, e não pode, assim, infestar as faculdades de ciências; estas são, assim, livres da anarquia, e seus diplomas não são desvalorizados nem distribuídos a todos. Cada um sacrificou o acessório para preservar o essencial. E parece que a América se mostra sobretudo técnica, e a França, tecnocrática. Toda civilização antiga corre o risco de ser paralisada pelo mandarinato. De nada serve destruir escolas e instituições; nossos esquerdistas de 68 se tornaram eles próprios mandarins, e dos grandes! As revoluções também são inúteis, pois as idéias, sejam elas boas ou más, acabam sempre por se impor; os vencedores de Maio de 68 se transformaram em esquerdistas e impuseram o *tam-tam*, o laxismo e o nivelamento por baixo.

Mas em toda parte soubemos proteger os instrumentos da transmissão de um mínimo de saber necessário à perpetuação das elites, cada vez mais voluntariamente restritas. Essa é a outra face da moeda das sociedades de massa: haverá uma ínfima elite, formada por indivíduos superiormente inteligentes e instruídos,

4 Referência à câmara de deputados francesa da Segunda Restauração (1815-1816), "mais monarquista do que o monarca" — NT.

por gente da classe "alfa mais", para governar e administrar as questões importantes do país e aos quais serão destinadas todas as artes autênticas e uma turba gigantesca de mal-instruídos, orgulhosos de si mesmos e de seus gostos modelados pelo ibope, seres da classe "epsilon menos". A cultura de massa fabricada industrialmente pelo *show-biz* e intensivamente difundida pelas mídias será destinada à satisfação destes últimos, num contínuo processo de "lavagem cerebral". As sociedades, mesmo as modernas, necessitam de escravos, um pouco débeis mentalmente e sobretudo maleáveis, fáceis de "gerir", como um rebanho de gado.

Como acessar a classe "alfa mais"? Pelos estudos superiores, naturalmente. Como a moda de Maio de 68 não quer mais seleções por meio de exames e concursos, estes métodos serão reservados às carreiras pouco freqüentadas, logo, pouco vistas, que conduzem às *grandes écoles*. E depois a vida se encarregará de eliminar os indivíduos não conformes às normas de adequação social. Em todo caso, os melhores "passarão", seja qual for o modo de seleção. Desde sempre a elite sempre compreendeu menos de 1% da população e se formava espontaneamente, sem a intervenção de nenhuma *grande école*. O nivelamento por meio do rebaixamento do nível da educação e da instrução retira das classes populares, que não dispõem nem de fortuna, nem de apoio familiar, o único meio de acesso à elite. Esta se verá ainda mais restrita, "confiscada pela classe dirigente", como dizem os esquerdistas. E voltamos à situação das redes de vassalagem hereditária da Idade Média. Finalmente, nenhuma sociedade é tão aberta quanto aquela da meritocracia da Terceira República ou da Monarquia. É claro que não se poderá nunca voltar atrás quando se crê no progresso.

Essa política de democratização da massa pelo nivelamento por baixo se generaliza na escala das nações. Nem todas as nações poderão alcançar a gestão do mundo; os países subdesenvolvidos podem tentar a difícil via dos exames e concursos, como o Japão e todo o Extremo Oriente, para ter acesso à técnica moderna. Outros, mais preguiçosos, sucumbirão no meio do caminho, incapazes de investir os esforços necessários, e acabarão por se perguntar se existem outras vias mais fáceis, soluções menos árduas, e finalmente

outros objetivos possíveis, mais conformes a suas naturezas. Daí o sonho de criar outras civilizações mais apropriadas. O globalismo, com seu *tam-tam*, é proposto a todos pelo *show-biz* americano com o fim de nivelar a humanidade inteira, conduzindo 99% de seu efetivo ao nível do afro-americano médio. Essa política subentende que nem todos os homens podem aspirar à qualidade, à verdadeira civilização, reservada às elites!

Essa discussão me lembra o drama do Vietnam. Há cem anos, todos os vietnamitas estavam de acordo quanto a pensar que o Vietnam devia se ocidentalizar para alcançar o nível das nações civilizadas. Os melhores, que eram capazes de fazer os estudos superiores e mesmo de passar em concursos das *grandes écoles* francesas, preferiam, para seus países, a via do capitalismo e da democracia burguesa. Quanto aos maus alunos, incapazes de fazer bons estudos, eles se tornavam comunistas por inveja, desejo e ódio, e desejavam uma nova via que conduzisse à técnica moderna, isto é, européia, mas sem a obrigação de adquirir a mentalidade greco-latina e judaico-cristã. Conhecemos os resultados dessa escolha voluntarista. Podemos temer o mesmo para as outras etnias que sonham com o conforto material europeu e que recusam a mentalidade européia, considerada demasiado difícil de assimilar ou simplesmente indesejável, preferindo tentar inventar para si uma outra cultura (técnica), por outras vias científicas (lógicas) inéditas mais facilmente acessíveis. É o obscuro "pós-modernismo" das ciências humanas terceiro-mundistas, pós Maio de 68, fruto das "etnociências".

6. *O estado atual da sensibilidade musical na França*

As teses dos Srs. Ferré e Fumaroli se completam perfeitamente, e podemos supor que a difusão do *rock* foi, de início, uma operação puramente comercial, que depois foi politizada ou que assumiu a máscara de um movimento político para se enobrecer, para ter *slogans* convincentes ou intimidadores, para camuflar seus objetivos sórdidos, puramente financeiros, com a entrada em cena dos liberais na América nos anos 1960 e dos socialistas na França

em 1981. É claro que, aos olhos do *show-biz*, o *rock* sempre foi um objeto comercial, e se tornou cada vez mais lucrativo. Com efeito, é notório que todo partido político dispunha de início de seus próprios roqueiros, até o momento em que estes, inspirados pela "descomunização" da Europa do Leste, foram conquistados pela neutralidade comercial, colocando-se à disposição de todos os pagantes, sem levar em conta as convicções políticas ou religiosas de cada um. Eis a maquinação que podemos suspeitar no lado dos estados-maiores político-financeiros e midiáticos. Mas a realidade pode ser mais complexa: de fato, um homem ou um partido político deve ter idéias, um programa global que se volte inclusive para a cultura; mas lhe é perfeitamente impossível não levar em conta as contingências, dentre as quais as flutuações da opinião pública, tanto é que, na tentativa de agradar para perdurar, ocorre com freqüência, sobretudo desde que o povo decidiu ter uma memória curta (para se poupar dos sofrimentos morais), que um governo faça uma política pela qual ele não foi eleito sem contudo chocar ninguém, ao menos durante um certo tempo ("não se pode enganar a todos o tempo todo", de fato, mas durante alguns anos isso é bem possível). Ademais, o dinheiro segue sendo o motor do mundo para todos... Será que devemos então pensar que o oportunismo é a única doutrina subjacente real de todas as políticas? A verdade científica só pode ser uma aproximação; e em política ou em sociologia, ela se assemelha à média das acusações e protestos de boa fé. Mas para informar, com uma finalidade didática, é mais simples expor o ponto de vista dos dogmáticos, pois é o mais coerente, logo, o mais claro, por conta de uma idealização inevitável, mas isso não quer dizer que ele seja o mais verdadeiro.

Que devemos pensar sobre as diferentes explicações para a expansão da cultura afro, da africanização dos "jovens"? A maioria das pessoas recusa a tese da agitação hereditária, ainda que, no mundo animal, os criadores reconheçam que existam raças de cães serenas e outras agitadas. Ninguém gosta muito da teoria da redução voluntária das elites, mas ninguém nega que a França é dirigida por um punhado de *enarques*,[5] que formam uma espécie de nobreza republicana. O *rock* como arma contra a sociedade burguesa? Isso foi proclamado tanto na América quanto na França; trata-se,

5 Diplomado pela Escola Nacional de Administração — NT.

portanto, de avaliar os efeitos dessa arma cultural. Pode-se dizer desde logo que seu efeito sobre o poder é nulo: pois este permanece nas mãos da mesma classe social. Ademais, os "agitados" de Maio de 68, armados do *rock* e oriundos majoritariamente da médio-burguesia, reintegraram essa mesma classe em empregos mais do que confortáveis. Os freqüentadores das faculdades, imersos na orgia estudantil, também "integraram" o mandarinato que eles mesmos combateram. A classe política reouve as vestes de seu adversário esquerdista, incluindo os organismos culturais com seus membros e suas "artes"; também as músicas jovens conheceram uma segunda juventude. Os costumes burgueses foram, assim, gravemente alterados, sobretudo pela cultura *rock*, que se identifica com a ideologia que acompanha essas músicas e que se funda sobre as ciências humanas para justificar o laxismo, a permissividade e suas conseqüências (uso de drogas, violências, perversidades sexuais, etc.). Atualmente, em 1998, começa-se a reconhecer que o globalismo, veiculado pelo *rock* e pela agitação de Maio de 68, seja uma política a serviço do lucro. Seu objetivo é suprimir as culturas nacionais, substituindo-as por uma cultura única oriunda do *show-biz* americano. Isso permitirá a grande produção industrial em série de artigos culturais descartáveis. Quando o dinheiro não é o motor, ele é o fim de todas as coisas. Pouco importa se uma massa de crianças segue analfabeta, selvagem, inassimilável, logo, excluída; ela permanecerá suficientemente sadia para trepidar ao som do *tam-tam* e para pagar seus dízimos ao *show-biz*, futuro senhor do mundo sem fronteiras culturais. Sabe-se que o *show-biz* americano, com seu simples *tam-tam*, arranca de um país como a França dezenas de bilhões de dólares por ano, exatamente como as diferentes seitas religiosas.

Qual é, em 1998, a sensibilidade musical dos franceses? Percebe-se que o povo não teve nunca a possibilidade de expressar suas preferências, de decidir suas escolhas em matéria de música na França. As mídias públicas e privadas e os responsáveis pela difusão musical pública (na rua, nas lojas, nos mercados, nos complexos esportivos, nos ringues de patinação etc.) sempre impuseram de praxe as músicas afro, e isso bem antes de 1981 (é preciso reconhecer). É tentador acreditar que eles seguiram o conselho das companhias de difusão de *chansons de variétés* ou, melhor ainda, pelos

marqueteiros da música. Estes, com efeito, podiam lhes propor qualquer tipo de comércio em condições favoráveis, a fim de que se impusesse a música afro do *show-biz*. Evidentemente, era preciso prever protestos. Encontraram então argumentos e métodos para fazer reinar uma espécie de terrorismo intelectual, para intimidar os insatisfeitos, obrigando-os a se calar e a aceitar a música do *show-biz* batizada, pelas circunstâncias, como "música jovem", "música moderna", "música global" ou "música nova", quando tudo isso não passava de uma batucada tosca feita por mal-educados! Mas não, o *tam-tam* é o progresso, um "avanço" (sic)!

Em caso de resistência da parte de algumas pessoas, passava-se logo ao insulto, tratando o adversário de "intolerante", "reacionário", "retrógrado", "racista antijovem" ou mesmo simplesmente de "racista" e "populista" (sic), logo, muito provavelmente fascista, nazista e canalha! O método da indução, por meio de subentendidos, do raciocínio refletido por amálgamas, é ensinado nas escolas de coordenação dos partidos políticos e de comércio. Nos dias de hoje tudo é ensinado na escola, até mesmo o assassinato (terrorismo) e o vício.

E, coisa curiosa, os *slogans*, argumentos e táticas de defesa e agressão dos devotos do *tam-tam* são os mesmos em todos os países, como se fossem soprados por um organismo internacional empregando bacharéis em ciências humanas, bons conhecedores dos reflexos de Pavlov no homem "médio". Isso é coisa primária, mas eficaz, se se está tratando com um rebanho de ovelhas sem personalidade, sem tradições sólidas, logo, sem educação. Enfim, para vender a cultura *tam-tam*, proclama-se peremptoriamente que o *rock* e o *rap*, por conta da rapidez e da violência de seus ritmos, representariam as músicas jovens e que, inversamente, a música clássica e as músicas européias em geral são "ultrapassadas" (sic), "bregas" e, se nosso interlocutor for politizado (ou vendido), natural e agressivo, que se trata da música dos privilegiados, dos ricos, dos aproveitadores de todas as categorias, e mesmo dos "canalhas" (sic). Pois, na França, a luta de classes foi hipertrofiada como que para compensar o declínio da fé no marxismo. Mas é surpreendente constatar que a discussão sobre o gosto musical

desemboca em agressividade, paixões incontroláveis, que extravasam rapidamente o domínio das artes e do comércio, invadindo o campo das lutas políticas. Compreende-se que, nessas condições, é preciso ser um cavaleiro, patrimônio nacional sob risco de extinção, para ousar admitir que o *tam-tam* afro é insuportável. Assim é que o homem popular, em geral conservador, mas pacífico, se vê obrigado a baixar a cabeça vergonhosamente, mas sem poder renunciar a seus gostos ancestrais mui profundamente inscritos em suas estruturas cerebrais adquiridas ou herdadas. E esse é o triunfo da cultura do *tam-tam*, do afro-centrismo em proveito, não dos negros, esses eternos explorados, mas do *show-biz*. Assim, pode-se ver que a politização da cultura pode forçar as pessoas a suportar, e até mesmo a amar por força do hábito, o *tam-tam* primitivo. E consegue-se mesmo extorquir subvenções do Estado para compensar a ausência de talento dos "artistas" e "profissionais da cultura". Enfim, a democracia é a obrigação de comprar aquilo que os profissionais da política decretaram ser bom para você!

Quais são os resultados dessa longa tentativa, por parte do *show-biz*, de fazer evoluir os gostos e modos dos franceses em matéria de música, com a cumplicidade das mídias, dos comerciantes, dos hoteleiros, dos responsáveis de difusão musical nos complexos esportivos, pistas de patinação, piscinas e até mesmo dos educadores? Seria esse um meio de escolher sua clientela, eliminando os "velhos" de mais de trinta anos, que são, não obstante, os únicos que têm dinheiro (ao menos quando não estão desempregados), à medida em que a crise se prolonga? De fato, admite-se que os "velhos" são covardes demais para se calarem e continuarem pagando...

É bem verdade que, em aparência, a França se tornou um feudo da cultura *tam-tam*. Não se ouve outra coisa senão o *tam-tam* por toda parte; as músicas européias sobrevivem ainda discretamente no fundo de alguns modestos bistrôs, em raros bailes populares e nas ondas de duas ou três rádios submersas num oceano de batidas de *tam-tam* primitivo e berros cacofônicos. E, desde 1992, os escudeiros do *show-biz* estão a tal ponto convencidos de sua vitória que se dignam a não mais nos arrastar na lama, se ousarmos lhes suplicar uma trégua de seus *tam-tams*, chegando até a nos dar um

pouco de músicas européias, por piedade de nossa velhice incurável e retrógrada. Mas eles não deixam nunca de nos lembrar que nossa atitude é anti-econômica, caçando os "jovens" do recinto, ainda que os "jovens" se mostrem cada vez mais raros nesses locais ditos de lazer (ringues de patinação, complexos esportivos etc.). De fato, a maioria das pessoas que não sabem auscultar o "país real" estão convencidas de que, em nossos tempos (em 1998), a música jovem, dito de outro modo, a música afro do *show-biz* globalista, é a música dos "jovens", e que o nivelamento por baixo segue sendo a única política (ou modo) "correto". Assim, por exemplo, se, num local público, a maioria das pessoas solicite música clássica ou provincial, crê-se que se deve difundir somente música jovem ou, no melhor dos casos, 50% (em termos de duração) de cada tipo de música. Pois, em nome da convivialidade (sic), os "burgueses" (sic), ou seja, as pessoas educadas e instruídas (diplomadas), devem comprazer aos "jovens", ao menos para evitar que estes queimem nossos carros. E depois, é preciso ser tolerante! Eis como se nivela por baixo já há trinta anos. As culturas são iguais! Mas todo excesso suscita o fastio. Os próprios negros começam a perder o gosto pelo *tam-tam*: na América, o movimento Black Powe do sr. Louis Farrakhan acusa os judeus, chefões do *show-biz* (2), de "querer transformá-los em macacos com *rap*" (sic), justificando assim seu anti-semitismo. Será que querem transformar os brancos em negros?

O que os jovens pensam disso? Antes de mais nada, os jovens não aderiram unanimemente à música jovem. Segundo as pesquisas, os sociólogos puderam falar de "constelações culturais" em 1969 (6) e de "gerações divididas" em 1984 (5), quinze anos mais tarde. Isso prova que a inexistência da classe dos jovens é um fato constante em nossa época. Todo mundo sabe, aliás, sem a necessidade de estudar as estatísticas, que os homens, jovens ou velhos, só se misturam de bom grado quando falam uma mesma linguagem. Toda linguagem é convencional e codificada, compreendendo os ditos e os não-ditos; e estes, muito mais importantes do que aqueles, só são acessíveis às pessoas que compartilhem da mesma sensibilidade, dos mesmos preconceitos, das mesmas esperanças, das mesmas repulsas, das mesmas crenças; em uma palavra, às pessoas de mesma educação, de mesma civilização. É, no fim das contas,

a educação que determina a classe social e não a profissão ou a fortuna, nem tampouco a idade. A noção de idade pertence aos burocratas e, por esse fato, parece amiúde artificial. Mas ela pode servir de meio de pressão: os velhos, que representam o passado, não devem ceder o lugar aos jovens, ao futuro? Esse argumento foi utilizado com sucesso pelo *show-biz* para impor as "músicas jovens" aos franceses. Mas a palavra "jovem" acaba designando simplesmente os mal-instruídos!

Vimos que existem, de fato, em cada sociedade, diversas sociedades justapostas, dentre as quais uma delas é predominante, a sociedade dita legitimada, em conformidade com a lei e com o ensinamento acadêmico, impondo às outras seus modelos, gostos e tradições. Estas consistem em receitas de comportamento, reflexos condicionados e instintos sociais de conservação, cuja finalidade é resolver automaticamente (sem discussão nem conflito), segundo a lógica do grupo, os problemas cotidianos da vida, dando-lhes uma solução média, dando aos homens um fio de Ariadne, uma salvaguarda.

Desde que essa sociedade legitimada foi humilhada e rebaixada, seus membros, à margem desse processo, transformando-se como que em ex-nobres, ninguém observa mais as regras oriundas de sua ética. Poder-se-ia mesmo pensar que quanto mais uma classe social está afastada moral e intelectualmente da antiga classe dominante, mais seus membros tendem a sacrificar a moral "legitimada", de maneira momentaneamente não punida, enquanto os ex-nobres curvam suas cabeças, com medo de serem vistos como "ultrapassados" e, por vezes, por fraqueza, chegam até mesmo a fingir partilhar as novas convicções. É por essa razão que o modelo do Homem Novo, proposto pela revolução cultural dos anos 60–80 e adotada com entusiasmo sobretudo pelas classes populares mais baixas, parece estar ganhando a briga. A imensa maioria das pessoas, que não são nem santos e nem heróis — dito de outra forma, "a maioria silenciosa" —, não sabe mais em qual compasso dançar; pois demoliram seu modelo de comportamento tradicional, o *gentleman* nos Estados Unidos da América e o *honnête homme* na França. Mas, ainda impregnados de reflexos das velhas civilizações, eles não podem aceitar sinceramente o modelo do Homem Novo sem memória, sem tabus nem inibições, sem modos, uma

espécie de brutamontes jovem e desleixado, a regurgitar fragmentos de frases mais ou menos coerentes, glorificado pelas histórias em quadrinhos, pelos atores, o cinema e a televisão, por todo esse microcosmo tido como a encarnação da *intelligentsia* oficial; vem daí o desespero dos chefes de família; alguns deles, às escondidas, prosseguem com suas tradições familiares; outros, mais frágeis, capitulam, crendo ir assim ao encontro do sentido da história, da modernidade e do progresso, deixando sua prole seguir todas as modas lançadas pelas mídias. E a sociedade se fragmenta ainda mais. Esse fato social essencial, já observado em 1969 (6), se mostra com evidência no estudo da sensibilidade das populações por meio de pesquisas sobre as preferências musicais (5, 17). Percebe-se, com efeito, que o gosto em matéria musical não é nada homogêneo entre os jovens: entre 20% e 60% dos adolescentes, segundo as estatísticas e os meios estudados, ouve música clássica, ou seja, européia e erudita. A predileção por esta é largamente majoritária entre aqueles cujos pais são instruídos (diplomados em universidades). Algumas dessas crianças não se recusam a ouvir as músicas afro, mas a ouvem enquanto objeto de análise, pois no mais das vezes dispõem de bons conhecimentos musicológicos, ou mesmo tocam algum instrumento. Alguns sociólogos os consideram como "roqueiros cultos", ainda que eles ouçam mais o *jazz* do que o *rock*. Entre os jovens e os menos jovens, o *jazz* permanece restrito aos pequenos círculos, sendo considerado um "indicador de cultura", pois é uma música folclórica autêntica, bem como o *blues* e os *negro-spirituals*. Aqui, é preciso repetir que existem tantas diferenças qualitativas entre o *rock* e o *jazz* quanto entre o *fast-food* e a gastronomia francesa. Pois, segundo os etnólogos, a arte autêntica advém do gênio dos povos, e não de um *volapuk* do *show-biz*. Aliás, os roqueiros estão de acordo: eles não podem ouvir o *jazz*, que lhes causa enxaqueca. Para eles, o *jazz* é excessivamente "sofisticado": seus cérebros só conseguem acessar a simplicidade primordial, o ritmo das batidas primárias da bateria.

Ao aprofundarmos as análises, podemos perceber que essa elite de jovens aprecia a leitura. Ela tem, portanto, fortes chances de fazer estudos superiores e acessar, assim, a nata do mundo dos

adultos, com o qual ela já compartilha de alguns gostos, resultantes de sua sensibilidade, por meio da educação. Em suma, ela já estruturou seu cérebro emocional no sentido legitimado, dominante, por assim dizer. Enfim, esses jovens são muito pouco atingidos pela revolução cultural. A vulnerabilidade das crianças diante do falatório midiático intensivo é muito variável. Ela depende da personalidade e das aptidões pessoais, logo, da qualidade da educação recebida. Ora, esta última depende antes de tudo do afeto, do equilíbrio e do senso de responsabilidade dos pais, e não tanto da duração ou freqüência de contato entre estes e seus filhos ou da fortuna familiar; aliás, as pessoas que trabalham por necessidade podem ter filhos perfeitamente "bem sucedidos", capazes de subir à classe média ou superior ou de nela se manter. Os jovens recebem, pois, educações de qualidade muito desigual. E depois, existem aqueles que podem e querem ir à ópera ou ao concerto, e que recebem lições de música ou de dança clássica, e outros cujas fontes de cultura e educação, por conseguinte, de civilização, se reduzem à rádio FM, à televisão, as HQ's, aos shows *pop* e outras "manifestações" culturais de mesma ordem. Existe uma diferença não quantitativa, mas qualitativa, dito de outro modo, uma diferença de natureza, logo, irredutível, entre a educação de tipo artesanal e familiar e a educação pela cultura de massa das mídias, entre o homem de qualidade fabricado à mão e o homem de série, entre o objeto de luxo, único e insubstituível, e o objeto fabricado em cadeia de produção e descartável. Enfim, trata-se da diferença entre a verdadeira civilização de uma velha nação e a cultura industrial do *show-biz* que se pretende globalista. As desigualdades sociais são agravadas pelas mídias, pela política de "democratização" que impedem as crianças das classes populares de ter acesso à verdadeira civilização, sob pretexto da igualdade de culturas, a deles e a das elites! Eis aí mais uma impostura dos modernos...

Para além dessa elite de jovens, perfeitamente eclética em suas preferências musicais e cujo Q.I. não é nada preocupante, existe, no outro extremo, uma classe de jovens adeptos exclusivos do *tam-tam*, em quem uma ária de Mozart provoca enxaquecas. Esses *punkers* ou *rockers* primários, educados somente ou principalmente pelas histórias em quadrinhos, pela TV ou pelo rádio FM e acessoriamente pela escola, representam menos de 20% da

população global. Em geral oriundos de meios pouco instruídos (classes populares), eles contestam naturalmente a sociedade legitimada e seus valores por pensamentos e palavras; mas a passagem ao ato (agressão física) se dá no mais das vezes sob influência da politização conduzida por grupelhos esquerdistas ou anarquistas. Nos Estados Unidos da América, nos anos 1960, e na Europa, nos anos 1970–1980, alguns dentre eles, com ajuda das mídias e de certos meios políticos de esquerda, tentaram criar sua própria cultura, rejeitando todos os valores do mundo dos adultos, dentre os quais a disciplina, a hierarquia, o desejo de sucesso e o espírito de competição (5, 21), proclamando que "é proibido proibir" (permissividade) e afirmando "o direito à diferença", enfim, o direito de fazer o que se quer, sem ter em consideração as leis e as tradições do país. É o que os sociólogos chamam de contracultura, que inicialmente alguns meios universitários e mais tarde as mídias buscaram favorecer e propagar sob o nome de globalismo, por oposição à cultura francesa ou européia, considerada como nacionalista. Após tantas desventuras, a França, herdeira de Roma e da Grécia, ao ver seus alógenos olharem com cobiça para outros povos bárbaros, começa a duvidar de seu próprio gênio, embora multissecular, perde sua confiança em si mesma e não ousa mais, a partir de Maio de 68, se opor a esse movimento de "contestação" iniciado em Nova Iorque e alastrado rapidamente sob todo o mundo ocidental. De resto, os diferentes governos de esquerda e de direita que se sucederam desde essa época aplicaram, todos, com algumas nuances, a mesma política de democratização por meio do nivelamento por baixo no campo da educação, da informação e da cultura, crendo sinceramente terem encontrado um "método indolor" para acessar a civilização do consumo: alguns diplomas e a ausência de educação para todos. Enfim, a verdadeira igualdade republicana e sua natural "incivilidade"!

Infelizmente, não é tão fácil assim inventar, de forma completa e rápida, uma cultura ou uma música aceitáveis mesmo para pessoas razoavelmente civilizadas, com o auxílio das mídias e do Estado. Ademais, o meio marginal, que deveria nos reeducar e "civilizar" às avessas por uma espécie de revanchismo em nome do igualitarismo

quanto à cultura, não é nada homogêneo, não dispondo ele mesmo de uma ideologia coerente, sabendo apenas contestar e rejeitar tudo aquilo que cerceie, para preservar somente aquilo que agrade, particularmente o consumo. E depois, o meio marginal tem a tendência a se esfacelar e se "retribalizar" (a aplicar um *apartheid* espontâneo), segundo os preconceitos raciais ou religiosos, e por vezes segundo a adoração de ídolos e *stars* que o *marketing* do *show-biz* sabe lhes oferecer e vender: assim é que podemos ver adoradores de Elvis Presley, os idólatras de Michael Jackson etc. Formam-se assim grupelhos isolados, instáveis, opondo-se uns aos outros, por vezes violentamente, compostos de gente reunida por medo da solidão das grandes cidades, e que tem necessidade de camaradagem e de uma conformação social qualquer, por falta de personalidade e por instinto gregário. A escolha de uma cultura parece estar ligada a uma forma de racismo com vistas à diferenciação: o *rock* acaba por tornar-se a música do "branquelo", bem como o *techno*. Quanto ao *rap*, ele atrai sobretudo os negros. De fato, todos esses bandos étnicos, que não se apreciam uns aos outros, são integrantes da cultura *tam-tam* ou afro, criada e explorada pelo *show-biz*.

Um ato de delinqüência contra a sociedade legitimada pode servir como sinal de aliança ou rito iniciático: "o bando normaliza o delito" (29). No fundo, é sobretudo essa classe de jovens de todas as raças que é vítima das conseqüências da "democratização cultural". Porque, desprovidos de referência moral sólida (educação, autoridade dos pais), eles se entregam ao jogo da revolução cultural proposto em permanência desde trinta anos pelas mídias e todos aqueles que parecem pertencer à *intelligentsia* do país (eles não aparecem na TV como nossos dirigentes?), e isso por mil razões: primeiramente, por conta de sua hostilidade natural para com o "burguês", tão diferente de seus próprios pais e de quem eles não suportam o desprezo e a reprovação silenciosa, mal camuflada por uma "convivialidade" afetada. Em seguida, por conta do esnobismo dos ignorantes e bárbaros desprovidos de orgulho, pois desprovidos de memória histórica, sem consciência de classe nem de cultura.

Enfim, eles aderem desesperadamente a uma cultura "tacanha" fundada sobre a irresponsabilidade, o hedonismo, a recusa do esforço e da disciplina e, paradoxalmente, sobre a abundância, por conseguinte, sobre o milagre permanente (nas HQ's e nos filmes, vive-se sempre no luxo, sem jamais trabalhar) no qual eles são os únicos e os últimos que acreditam. Não é de espantar, portanto, que esses jovens, em geral oriundos de meios modestos e sem instrução, e com freqüência de pais emigrados (logo, desenraizados), formatados a grande custo na "civilização" do Bronx ou outros recônditos mal afamados dos Estados Unidos da América, sejam incapazes de viver e se desenvolver na sociedade legitimada francesa (na qual está inserido o mundo do trabalho) e sejam finalmente marginalizados, rejeitados e "excluídos". Os mais lúcidos dentre eles se perguntam: como é possível ser francês, tornar-se cidadão a fim de poder "se integrar", ou seja, encontrar um lugar na sociedade ao mesmo tempo permanecendo aquilo que se é ao nascer, logo, islâmico, polígamo e dançarino do ventre, para um magrebino, budista adorador de seus ancestrais e comedor de arroz, para um asiático, polígamo, animista e louco por *tam-tam*, para um africano? Infelizmente, só podemos lhes dar uma resposta. Não é possível se integrar na sociedade francesa, mas é possível se fazer assimilar a ela e se tornar completamente francês em algumas gerações: basta ter a humildade de Clóvis e tudo lhe será possível. Mas sobretudo não se deve apreciar ou imitar o que se mostra na televisão francesa; não se deve dar ouvidos a certos conselhos de "libertação" dos educadores sectários da psicanálise. Pois é evidente que não se deve agredir uma sociedade para nela encontrar um lugar; que não se deve rejeitar seus costumes e suas crenças, e sobretudo não se deve ameaçar com uma mão e mendigar com a outra. O Império Romano concedeu um lugar de honra aos bárbaros pois estes admiravam a civilização romana, romanizavam-se e se tornavam mais patriotas, mais conservadores que os próprios romanos. De resto, eles não destruíram Roma, mas a continuaram.

Entre as duas classes sociais extremas e verdadeiramente opostas, sem concessão possível e, ademais, sem real desejo de compromisso, encontra-se atravancada a imensa maioria silenciosa que, no fundo, continua a querer viver à moda da antiga ideologia elitista, ainda tão viva (para desespero dos esquerdistas) quanto o

instinto de conservação e o desejo de progresso, e que busca somente evitar o confronto, não necessariamente por covardia, mas antes por um temor de ser visto como ultrapassado, de não estar na moda, de ser ridículo. É esse o grande terror de todos os franceses, embora o ridículo não mate mais já há muito tempo. Seu enorme e sólido bom senso lhe diz que essa agitação cultural, que já dura tempo demais, é sem sentido; mas ela não ousa não fazer como todo mundo. Ela não ousa se opor à autoridade do Estado que ele imagina estar escondido atrás das mídias, em realidade em poder de um grupo de uma dezena de indivíduos. Ela finge então gostar de tudo, gostar de todos, inclusive dos arruaceiros, da música clássica e — por que não? — da "música multicor", a "música jovem", a "música moderna", a "música globalista", enfim, de tudo o que você quiser e seu contrário, inclusive dos institutos de pesquisa. "Eu não sou racista nem mesmo em matéria de música, eu gosto de tudo, eu compreendo tudo e todo mundo!". É evidente que essa maioria silenciosa só gosta de uma coisa, ter paz. O que é bem difícil em nossos dias, dado que tudo foi politizado desde que se percebeu que a política pode dar lucro. Os sociólogos, os psicólogos e os educadores estudaram o caso (24). É claro que o adestramento permite curiosas misturas no que diz respeito ao gosto. Mas às vezes se esquece que, nas preferências ostentadas (reveladas nas pesquisas), a educação exerce um papel bem menos importante que o esnobismo ou o medo de não estar conforme; verificou-se, por toda parte, que são os ignorantes e sem personalidade os mais esnobes. E, com efeito, o fato de estar na moda pode nos fazer crer que temos bom gosto, que estamos nos nutrindo na boa fonte, que estamos freqüentando as melhores pessoas, que pertencemos ao bom mundo. Uma instrução defeituosa, amparada pela vaidade, permite, do lado da população, a criação de muitas modas medíocres. Mas será possível, do lado das mídias e do *show-biz*, esperar mudar real e profundamente os gostos de um povo pela violência e coação, impondo-lhe aquilo que se considerou ser bom para ele? O povo, que se sente desarmado diante da agressão das mídias, a um só tempo institucionalmente irresponsáveis e todo-poderosas, adota aquilo que os estrategistas da Segunda Guerra Mundial chamaram de "resistência elástica" ou "resistência em profundidade"; isso consiste em seguir o velho conselho de la Fontaine: "dobrar-se para não romper". A reação,

que será proporcional ao ataque sofrido, virá mais tarde, quando as circunstâncias se tiverem tornado mais favoráveis. O povo bom confia no "reequilíbrio da balança", e mesmo numa revanche futura. E, contrariamente aos especialistas das ciências humanas, ele conhece bem a lei de ação e reação, e mesmo o princípio do *feed-back* da cibernética. E, no fim das contas, é muito fácil fugir das músicas jovens, que, embora estejam na moda, são perfeitamente insuportáveis. É por essa razão que tantos lugares ditos de "lazer" (casas noturnas, piscinas, pistas de patinação etc.), muitas lojas e mesmo estações de férias perderam sua clientela, por causa do *tam-tam* e dos urros afros. A calma, a beleza, a ordem e a limpeza não têm preço. Aliás, não há nada mais ridículo do que querer transformar um vilarejo de Auvérnia ou da Savóia num gueto afro. O *savoir-vivre* foi inventado para evitar as agressões inúteis e mesmo danosas. É preciso assumir que a vontade de agredir a clientela idosa sob pretexto de agradar os jovens é bastante bizarra, tanto mais porque são os velhos quem têm dinheiro. Não se sabe mais se o problema dos comerciantes e das agências de turismo é atrair as pessoas, vender e ganhar dinheiro, ou fazer evoluir os gostos, no sentido da educação artística mais baixa, a mais *pop*. Decididamente, músicas jovens rimam com ditadura cultural. A tolerância da feiúra e da imundície resulta do conformismo dos bezerros. Mas tudo tem seu tempo; acabaremos por eliminar os guardanapos, guardando apenas as toalhas, se não ouvirmos o povo que sempre aconselhou que não se misturasse "toalhas e guardanapos". Até mesmo os bezerros acabam por perder a paciência. E essa é a ruína para aqueles que esquecem que "quem paga, manda", lá onde seja necessária uma clientela. Só o *showbiz* do globalismo tem ganho ali — às custas de todos! —, vendendo batucadas e drogas.

CAPÍTULO VII

Conclusão: amar as músicas européias em prol da continuidade da civilização européia

Os cérebros elaboram a civilização, obra coletiva e memória de grupo, servindo a estruturar os novos cérebros que a ela se integrem. A música contribui, junto com as outras artes e a religião, as ideologias e superstições, a domesticar a sensibilidade do homem. Esta determina sua personalidade até sua camada inconsciente e rege seus gostos e suas escolhas: ela exerce finalmente uma influência decisiva sobre o desenvolvimento de seu cérebro intelectual, logo, sobre os progressos materiais, morais e técnicos da sociedade. *Grosso modo*, podemos caracterizar alguns tipos de cultura e dizer que, em geral, o europeu se apaixona por idéias e teorias, sobretudo se ele for latino; o asiático, pelas realizações como, por exemplo, os *gadgets*; e o homem primitivo, pelos efeitos do ritmo. Dito de outro modo, o europeu prefere o uso predominante do cérebro esquerdo, o asiático do lobo direito, e o homem inculto somente a parte arcaica do cérebro direito (diencéfalo): na África, passam a vida a se excitar, trepidando todo o dia, mesmo no trabalho. Na França, um adepto da música *techno* pode trepidar sem parar de sexta a segunda-feira!

Toda sociedade necessita de um sistema de crença comum que, criando uma sensibilidade específica, uma linguagem comum do cérebro direito, garanta a sua coesão . O sistema de crença comum se identifica com a religião, com a ideologia e com as superstições que coexistem em cada cabeça, em proporções variáveis segundo a educação. A superstição, contendo crenças não codificadas, logo, às vezes contraditórias, nasce da convicção natural de que cada fato é um símbolo podendo ter um significado religioso (simbolismo místico). A religião católica repousa sobre um sistema de verdades reveladas intangíveis, que supõe a fé e sobretudo a disciplina na interpretação das Escrituras (sob pena de castigos por heresia).

Ela terminou, passados alguns séculos, por habituar os dois cérebros do homem a funcionar com boa coordenação, com exatidão. Daí o nascimento da dialética e dos modos de análise e definição (escolásticos e retóricos). Depois, as descobertas científicas, "ao mudarem o conhecimento do mundo", acabaram por criar um desacordo entre os cérebros direito e esquerdo, e por bloquear, assim, a maturação mental. A astúcia que consiste na separação do domínio das ciências daquele da religião permitiu ao europeu do século XVIII ir mais longe do que esta até chegar na ciência moderna. A noção de laicidade do Novo Testamento criou uma espécie de moratória, suspendendo o juízo e a condenação da ciência pelo cérebro direito. Será preciso lembrar que toda a ciência foi inventada pelos cristãos, mais exatamente os greco-latinos e os judaico-cristãos? Somente um tipo de cérebro desembocou nas ciências experimentais!

De forma inversa, a perda da fé cristã instala o caos nas cabeças e faz ressurgirem e prosperarem as superstições mesmo junto às elites (magia, adivinhações, seitas, medicinas paralelas etc.) e determina o declínio da ciência. A ciência francesa deixou de ser a primeira do mundo, e, paralelamente, nossas artes e ideologias atingiram uma pobreza notável. A Inquisição renasce em nossa história! É digno de nota o fato de que as ideologias sempre tiveram a pretensão de ser deduzidas da ciência, mas por gurus "ruins em matemática", de formação puramente literária! Essa é, porém, a gnose dos modernos, fruto do cientificismo ou fé na ciência mal assimilada, e mesmo falsificada.

Nas civilizações antigas, buscava-se, pela ideologia do imobilismo, fixar a sociedade definitivamente; pois tinha-se a convicção de que a evolução do mundo só podia se dar no sentido da degenerescência completa, dado que "no tempo de nossos pais" tudo era melhor (época de ouro). E, de fato, todas as raças animais e vegetais ao redor do homem definhavam sem os cuidados humanos. Enfim, nossos ancestrais não teriam jamais aceito as teorias evolucionistas darwinianas. Curiosamente, os índios Maia crêem até hoje, em pleno século XX, que o macaco descende do homem degenerado e selvagem, e não, como nós, que o homem não passa de um macaco

levemente aperfeiçoado. Com efeito, a genética molecular demonstrou que o homem só difere em 2% do chimpanzé, e que nós somos 98% macacos, logo, perfeitamente macacos por aproximação! Assim, é coisa muito perigosa vivermos de modo "natureba". Podemos mesmo nos perguntar se, malgrado os esforços dramáticos, todo o mundo pode escapar das condições animais: basta ler a seção de variedades dos jornais para entender que essa questão não é secundária. Pois o homem sem educação se compraz na bestialidade da qual ele não se dá conta; ele é acometido de uma espécie de cegueira moral, pois não tem trocas conscientes entre o cérebro reptiliano e o novo cérebro.

Os esforços de parar o tempo para fixar a vida faziam com que os homens, as idéias e a sociedade fossem mantidos sob a rédea curta de um Estado totalitário (regulamentando tudo) e despótico (convicto de sua legitimidade), como na China dos mandarins vermelhos ou brancos, o império teocrático do islã, o império comunista dos soviéticos e os regimes tribais da África e alhures. A tirania gera reações de repulsa anárquicas, uma espécie de guerra civil permanente nas cabeças. Isso contraria a transmissão das aquisições afetivas e intelectuais e, por conseguinte, o acúmulo positivo das faculdades cerebrais. E as estruturas do cérebro permanecem engessadas no estágio do pensamento mágico e do simbolismo místico como na Europa até o fim do século XVI (a Rússia regrediu: a ciência soviética quase não é "nobelizável").

Somente as civilizações oriundas da civilização helênica ou européia crêem no progresso e querem provocar a evolução da sociedade, enquanto esperam controlá-la. Infelizmente, suas *intelligentsias* são mais dogmáticas, apaixonadas do que realmente sábias, ignorando as leis do comportamento dos homens e das sociedades. A política é, portanto, comandada primordialmente pelo cérebro direito, dos sonhos e das paixões. Assim, é examinando casos reais em função das neurociências que compreendemos melhor as razões da inutilidade dos sacrifícios dos povos, a não ser que creiamos que as convulsões sociais (guerras, revoluções) não têm como função senão a regulação demográfica (7). Pois os homens, reunidos em bandos, hordas ou turbas e, talvez graças às mídias modernas, em povos ou em nações, podem ter, involuntariamente, um comportamento homicida ou suicida. A agressividade dos grupos humanos

produzida pela "superpopulação" (7) conduz inevitavelmente ao morticínio e este, por meio do "alívio demográfico" provocado, traz a paz. Os morticínios foram sempre gerados pela psicose coletiva, segundo os sociólogos, e pelo cérebro reptiliano, segundo as neurociências; pois o estímulo desse cérebro desencadeia, no gato, o reflexo de matar o rato por mordidas no pescoço.

1. Teria a história um sentido?

A civilização ocidental se desenvolveu em duas fases. Na primeira, o cérebro se desenvolveu, como nas outras regiões do mundo, de forma natural: as aquisições se somaram umas às outras, por vezes contraditórias (por mudança de sensibilidade e de lógica após uma guerra ou uma revolução). Mas o homem conservava a liberdade de selecionar essas aquisições segundo suas necessidades. A civilização estava fundada sobre o senso crítico, a confiança na sabedoria e na dignidade do indivíduo. Vem daí a meritocracia, o direito à diferença e a desigualdade. O homem tinha escrúpulos, preconceitos e uma alma. Era o Antigo Regime.

Na segunda fase, a noção de responsabilidade e o sentido da honra são abolidos. E, por meio de lavagem cerebral, as cabeças são dissecadas para nelas se fazer enxertos e substituições, não dos conhecimentos, mas de verdades oficiais decretadas por algum Grande Irmão, Tio, Chefe ou Guia. Daí se segue que, ao invés de se adaptar progressivamente, por seleção natural darwiniana (12) das idéias e conhecimentos, à natureza, a fim de se integrar no universo, o homem se corta das realidades para se tornar o Homem Novo, perfeito segundo seu guru, mas de fato antinatural. De resto, a *intelligentsia* se crê dotada de uma consciência superior e designada pelo acaso e pela necessidade para decidir aquilo que é "correto" para a massa débil, a fim de "mudar a vida" por meio da revolução. Esta deverá em breve se tornar permanente e conduzir, enfim, à igualdade entre os homens, logo, à sua identidade. Daí surge o pensamento único, a república dos clones, maleáveis a contento (histéricos). É o progresso e a modernidade.

Inicialmente, o Império Romano sofreu uma mutação quando Roma teve de retirar suas legiões dos *limes*, inaugurando a descen-

tralização com a liberação dos poderes locais. O acaso, deixando o Papa, personificação da ideologia oficial, em Roma, e obrigando o Imperador, detentor do poder executivo e militar, a manter a ordem na Gália e a estender a civilização na Germânia pagã, acostumou pela prática as elites ocidentais à separação dos poderes, fundamento da democracia. Mas o acaso, por si só, não poderia bastar, sem dúvida; ainda era preciso que os homens fossem constantes em suas aspirações, ditados pelas lembranças da Antigüidade e dispostos a aproveitar a menor ocasião para se esforçar a ressuscitar o passado idealizado por virtude do saudosismo. E foi assim que a direção geral das diferentes etapas do progresso da sociedade não tinha nada de aleatório: mil paixões, a sede de liberdade e de dignidade, suscitadas pelos preceitos greco-cristãos e inscritos no vocabulário da vida cotidiana, obrigaram sempre os dirigentes dos homens a se engajar finalmente na via que conduz ao progresso paralelo das ciências, das artes, das riquezas materiais, das liberdades e da dignidade do indivíduo. Tudo se passou, pois, como se os dois cérebros do homem europeu ocidental, o do intelecto e o da sensibilidade, se desenvolvessem harmoniosamente: o cérebro direito da fé tinha o tempo de se ajustar ao cérebro esquerdo da ciência, que não parava de progredir. A razão guiava o coração (sem anulá-lo). Crendo restaurar os antigos e tradicionais valores do Império Romano, a Europa criou uma civilização nova, original: quase poderíamos dizer que se realizou uma Antigüidade revista, corrigida e mesmo repensada. Os bárbaros germânicos e celtas receberam com simpatia e admiração os preceitos greco-latinos e judaico-cristãos, transformaram-nos e os assimilaram com seus gênios nacionais. Trata-se de uma aculturação de total sucesso, que necessitou de ao menos dois séculos de metabolização (estima-se a ignorância dos esquerdistas que querem criar uma nova cultura). Nessa empreitada, a Igreja Católica exerceu um papel essencial, preservando e ensinando o saber antigo e a disciplina do pensar, dirigindo e defendendo os homens quando do desaparecimento do Estado.

A visão pessimista do mundo da Antigüidade foi dissipada e depois invertida com o advento do cristianismo: a esperança hebraica num mundo melhor vindouro, que logo se situou não mais no céu, mas na terra mesmo, fazia nascer a idéia do progresso contínuo, progressivo e possível (por volta do século XII) e mais tarde

obrigatório (século XVIII). O antropocentrismo greco-cristão, apoiado pela convicção hebraica de que o homem é único, feito à imagem de Deus, funda irrevogavelmente a dignidade da pessoa; tanto que o homem passará doravante a demandar a iniciação para se elevar a uma moral superior, sob pena de uma degradação e um castigo terrível. Isso é dito na Nova Aliança dos judeus e se encontra na busca do Graal dos celtas. Essa obrigação moral de maturação e de acabamento do espírito para poder tender a Deus faz evoluir os homens ao estado mental de indivíduo, depois ao de pessoa, necessariamente. Nascem daí, naturalmente, as noções de diferença, de desigualdade e de hierarquia, como todas as vezes em que se concebe um ideal.

E isso trazia enormes problemas: com efeito, até então só se conhecia um modelo de sociedade no mundo, o modelo totalitário no qual os homens estavam submetidos a um duplo sistema de poder: de um lado, eles só existiam enquanto membros de um clã coletivamente responsável e fortemente unido pelo culto dos ancestrais comuns e uma hierarquia religiosa ou militar. De outro, eram unidos pelo intermédio do *paterfamilias* onipotente, celebrante do culto do Estado, encarnado no Imperador, ou Rei dos reis, cujos ministros (domésticos) podiam ditar leis regendo a vida privada das famílias. Isso quer dizer que a liberdade individual, implicitamente reconhecida como perigosa pela sociedade, não deveria existir para ninguém, nem mesmo para o Filho do Céu ou outro descendente ou representante de Deus ou de um deus sobre a terra. O chefe estava permanentemente atado por um sistema de ritos, de etiqueta, de tabus ou de leis absolutamente restritivas e zelosamente vigiados por uma *nomenklatura* poderosa, cujo direito de rebelião em nome do "bem público" ou do respeito ao "mandato do céu" era reconhecido. O comportamento gregário e social do homem faz parte de seus instintos de base e pertence ao domínio do cérebro antigo (*paleocerebrum*). A família e a realeza seriam, desse modo, instituições naturais do homem. É compreensível que o cristianismo, libertador do indivíduo, tenha sido considerado inimigo por todos os Estados constituídos, e que sua vitória tenha produzido uma profunda transformação das mentalidades. A partir de então, a fim de manter a coesão da sociedade, seria preciso inventar uma nova religião, dessa vez laica, chamada, segundo a moda ou a ideologia, civismo, solidariedade ou responsabilização.

Dito de outro modo, a liberdade individual supõe, em compensação, a autodisciplina aceita pela razão (o que exige um alto nível de instrução) ou mais simplesmente por reflexo condicionado. Inversamente, a irresponsabilidade, resultado de uma educação deficiente, conduz à tirania, a tirania à revolta e a revolta à repressão. É o círculo vicioso esclerosado das sociedades fundadas sobre os caprichos de um só homem, bloqueando a maturação cerebral que se observa nos países subdesenvolvidos.

O homem da Idade Média, tido como bárbaro, na realidade havia aprendido perfeitamente as lições da Antigüidade, as quais ele dissertaria e colocaria em prática desde o século IX, desde a primeira trégua nas invasões, reunindo os vestígios literários latinos, gregos e mesmo saxônicos, teutônicos, célticos, inventando a escolástica, discutindo métodos pedagógicos, desenvolvendo as diferentes retóricas, sem negligenciar os cuidados do corpo pelos exercícios bélicos de cavalaria. Pois, em todos os tempos e lugares, o homem sempre acreditou que as artes marciais desenvolvem a coragem, a retidão, a lealdade e o domínio de seu pensamento e de seu corpo, a fim de saber comandar sem humilhar e, se necessário, aceitar a adversidade sem baixeza. De resto, entre os povos jovens, o homem livre ou o cidadão é um homem armado. A maledicência mata com a língua, como convém nas sociedades decrépitas. Essas funções do cérebro direito eram completadas pela educação cristã, que concedia a generosidade e a humildade, virtudes sem as quais não sabemos nem ouvir nem aprender. Deve-se notar que, tanto na Europa cristã quanto na Ásia confucionista e laica, pensava-se que era preciso cultivar virtudes contrárias, a coragem e a humildade, o saber advindo da Antigüidade (estruturação do cérebro esquerdo) e a intuição (cérebro direito): conservar a ingenuidade e a fé cristã malgrado um alto nível de instrução. A união dos contrários forma a unidade e a totalidade, a perfeição do homem. Percival, o melhor cavaleiro dentre os "terráqueos", bem instruído, pode permanecer muito ingênuo (próximo ao estado de origem) para obter sucesso em sua busca ao Graal e ser admitido na "cavalaria celeste" sem ter nascido perfeito ou predestinado.

Em suma, a Idade Média, que, para desinformar, é chamada de obscurantista, atingira um ápice da civilização, se levarmos em consideração as técnicas da época. Ela conheceu melhor a psicologia que o homem do século XX! E, além disso, sem conhecer as neurociências, ela havia realizado o desenvolvimento equilibrado dos dois lobos cerebrais. É preciso lembrar seu ideal, em conformidade com a ciência moderna e muito mais próximo àquele dos gregos do que o nosso mesmo: adquirir todo o saber de nossos antecessores (mesmo da Antigüidade), tornar-se cristão (pois não se nasce cristão, mas pode-se tornar cristão; da mesma forma como se tornava cavaleiro), sempre conservando o que for compatível de sua natureza original celta, germânica ou eslava, sem esquecer a ambição de ser um bom guerreiro; dito de outro modo, tornar-se, por um lado, muito sábio, um verdadeiro Pico della Mirandola (estruturação do lobo esquerdo), sem perder sua franqueza, sua ingenuidade de origem (intuição do lobo direito), e, por outro, um "selecionado olímpico" da equipe esportiva nacional das artes marciais. Ou ainda: o culto universal do saber com o sonho da salvaguarda da natureza de origem e a nuance especificamente grega: o culto da beleza do corpo humano. Eis o ideal do homem medieval. O ideal da sociedade deriva daí: cidades feitas na medida do homem, responsáveis, trabalhadoras, prósperas e orgulhosas de suas liberdades, resultado de sua pujança e não da benevolência do rei ou do imperador. Esse ideal está muito longe de ser atingido ao final do século XX. Parece que estamos a nos afastar dele, desde dois séculos, com a centralização e a ditadura do tecnocrata inculto e não-esportivo. Ao que parece, quando o homem se contenta em copiar com modéstia e humildade, a aculturação se faz harmoniosamente, e poderá resultar daí uma grande civilização. Um exemplo contrário corrobora essa asserção. No outro extremo do mundo romano, a instalação do Imperador e do Papa na mesma cidade de Constantinopla dispôs a Igreja sob a dominação constante e vigilante da polícia do Estado. Isso impediu a concretização dos sonhos greco-latinos e judaico-cristãos de democracia. Essa infelicidade se prolongou no império dos Czares brancos e vermelhos, confirmando, por conseguinte, que uma estruturação bem-sucedida do cérebro direito das paixões necessita da descentralização com separação entre os diferentes poderes. Essa separação,

atenuando a violência dos conflitos, permitiria que se reajustem as tendências divergentes, mas naturais, representando pessoas de condições diversas, sem nada destruir. E finalmente, o resultado obtido corresponderia àquilo que deseja quase (estatisticamente) todo um povo, e não um tirano qualquer ou um círculo qualquer de iluminados, o Ministro da Cultura e seus "amigos", por exemplo.

A civilização ocidental evoluiu naturalmente, com disputas, guerras, assassinatos etc., como qualquer outra, até o século XVI. Depois, com a idéia do progresso contínuo da sociedade, creu-se ter descoberto ser possível agir sobre o futuro, "mudar a vida" numa direção escolhida. Passou-se então a considerar a Idade Média com suspeita, e logo em seguida com desdém. E então, como "o eu é odiável", passou-se, na França, a "deceltizar", a fim de tornar a civilização mais latina, mais respeitável, mais nobre e maior. Com efeito, naquela época (segundo Camille Julian), a cultura dos burgueses (das cidades) era sobretudo latina, enquanto aquela dos provincianos (nobres e camponeses) era sobretudo celta. Aliás, os termos *paysan* e *païen* têm a mesma origem:[1] o desprezo e a inquietude dos habitantes da cidade diante desse ser do qual não se estava certo quanto à sua natureza humana. Nota-se que essa prevenção da aristocracia francesa (classe política, mídias, intelectuais do *show-biz*, tecnocratas etc.) contra o povo persiste ainda em 1998, e se mede pelo horror suscitado pela noção do referendo por iniciativa popular. Isso dá a crer que ninguém faz parte do povo.

Quais são as conseqüências dessa caça às bruxas? Segundo os celtólogos, dentre os quais o sr. Jean Markale da Faculdade de Rennes, os franceses teriam perdido o senso de fantasia e uma certa concepção poética do mundo. Em suma, segundo as neurociências, seu lobo cerebral esquerdo estaria hipertrofiado em detrimento de seu homólogo direito: os franceses teriam se tornado mais dados ao raciocínio, mais do que os próprios gregos, por um zelo neófito, logo, menos sonhadores, menos crentes, sempre prontos a ridicularizar as coisas da religião. De resto, seus mestres, os gregos, não tinham o hábito de rir de seus deuses amiúde covardes, desleais e libidinosos? De fato, a partir do século XVI, a *intelligentsia*

1 Camponês e pagão — NT.

começou a criticar a Igreja, e em seguida a própria religião. Enfim, desde o século XVIII, ela se pôs a preferir as ideologias à religião; pois estas têm a vantagem de serem acessíveis ao bom senso, essa "coisa mais bem partilhada do mundo" (sic), à mera razão, sem necessitar da intervenção de uma qualquer disponibilidade do espírito (lobo direito), coisa definitivamente raríssima, muito difícil de se atingir por pessoas seguras de saberem raciocinar infalível e absolutamente, de modo idêntico à natureza mesma (Hegel), como todos esses mandarins adoradores de diploma e todos esses intelectuais profissionais. O homem moderno, ao renunciar à religião, se amputa de uma parte de seu cérebro direito (que também participa do raciocínio). Mas, assim estropiado, ele espera, quase que unicamente com seu cérebro esquerdo, recriar o mundo sem seus defeitos, melhor do que o próprio bom Deus!

Mas a falta de humildade pode desencadear um processo quase psicopata e fazer crer que o poder da razão é ilimitado. Poder-se-á construir, então, sistemas de explicações arrogantes, arbitrários e totalitários, na ânsia de tudo explicar, fundando enfim sua "convicção íntima", sozinha contra o universo, e assim delirar com toda boa-fé. É por essa razão que a ideologia conduz sempre ao fanatismo, que é uma forma de fé primitiva, não educada e sem contrapeso, em sua própria razão. E, uma vez mais, nos distanciamos do espírito crítico científico. O Século das Luzes desaguou muito naturalmente no culto da razão e na destruição impiedosa de tudo aquilo que a incomodasse, a saber, os costumes, modos, tabus e inibições de toda sorte que a longa e dramática história da Europa estabeleceu, progressiva e empiricamente, para tentar moderar, regular e civilizar o comportamento dos homens e dos Estados, refreando o cérebro reptiliano.

Não se podia mais refrear a razão, uma vez que ela começou a destruir o que não lhe convinha nem correspondia a sua lógica, que é, como se viu, digital e numérica. Ora, tudo aquilo que havia sido elaborado pelo lobo direito do homem (cujo raciocínio é analógico, procedendo por imagens e intuição) — dito de outro modo, todas as artes, inclusive os ritos, os modos, os costumes e mesmo a ética e a religião, em uma palavra, tudo aquilo que expressava

a sensibilidade e a sabedoria das nações — não podia lhe convir. Pois, no campo das realidades da vida, é bem excepcional que os diversos modos de raciocínio e de aproximação convirjam numa mesma solução: a maioria dos problemas só têm uma solução. Os estudantes de matemática e física sabem disso muito bem. Isso quer dizer que nosso raciocínio é inevitavelmente subjetivo, no mais das vezes sem que o percebamos. Raciocinamos, é verdade, segundo nossa instrução, mas também segundo nossa educação, nossa sensibilidade (nosso coração). A objetividade é uma visão do espírito: o homem é prisioneiro de sua arquitetura cerebral (seu *hardware*), o qual é evidentemente finito. Eis o seu drama, ele que sonha com a universalidade, com o infinito, e que aspira a se tornar igual a Deus, onisciente e imortal, mas se esquece do essencial: o amor, função do cérebro direito, complemento indispensável do cérebro esquerdo.

Ora, o trabalho da razão desestrutura o novo cérebro, sob pretexto de extirpar as superstições e preconceitos dos antigos regimes; pois, ao negar os antigos valores e referências, são anuladas as inibições, liberando o cérebro arcaico. Finalmente, as paixões as mais primitivas, mais bestiais, mais vergonhosas dos povos europeus, até então enterradas, reprimidas e refreadas pelos ritos, pela etiqueta, os tabus e reflexos condicionados (*savoir-vivre*, moral), foram acionados e liberados do cérebro reptiliano: o ódio, excitado e fortalecido pela inveja e pela cobiça, concretizou a noção de classe, de nação e em seguida de raça. E houve então a Revolução Francesa, e em seguida a guerra de povo contra povo, de nação contra nação, e mesmo o genocídio e a limpeza étnica como dezessete séculos antes, na Antigüidade. As ideologias, *ecstasy* dos povos (pois o ópio soa, hoje em dia, fora de moda), substituíram a religião cristã tão depreciada. É a vitória dos modernos sobre os antigos; é o progresso, a morte do senso crítico e da humildade, logo, a ditadura da razão e de seus asseclas. Esses esforços para liberar o homem dos antigos regimes tem seu apogeu no século XX, século da destruição de todos os valores morais e mesmo estéticos, logo, da desresponsabilização do homem e da emergência dos fenômenos de massa, do fanatismo, da selvageria (crimes planejados dos nazistas, dos comunistas).

A eliminação, por meio da razão, das seqüelas dos antigos regimes, realizada por meio de desinformação, lavagem cerebral e propaganda política em geral, que desestrutura o cérebro, gerou resultados desiguais: quanto mais antiga era uma civilização, mais esse processo se realizou de forma incompleta, exatamente como nos processos de perda de memória: assim, por exemplo, na Itália, cuja história remontava a uma trintena de séculos, a ditadura mussoliniana não passou de uma bufonaria, pois seu povo era demasiado velho e demasiado sábio para levar a sério uma comédia tão sem graça. Mas a Alemanha, com somente doze séculos de idade, conheceu a ditadura nacional-socialista, uma abominação. Quanto à França, na mesma época, que tinha uma memória intermediária, mas com a vantagem (se podemos dizer assim), de ter experimentado o terror e o genocídio da Vendéia em 1793, e de não ter se recuperado desses acontecimentos, soube não se tornar um Estado totalitário nem um campo de concentração, malgrado a derrota e a ocupação alemã.

A França das Luzes, liberta de seus "preconceitos" (na verdade, de sua civilização) pela razão, inventou todos os horrores que aterrariam a humanidade durante os séculos seguintes: o nacionalismo exacerbado, o regime totalitário (a Convenção em 1793), o comunismo (Babeuf) e o igualitarismo pelo nivelamento por baixo. E a Alemanha, seguindo seu exemplo, rejeitou a religião cristã e a civilização de Roma. E, tentando retornar à Germânia primitiva, com a intenção de rejuvenescer, tornou-se nazista. Cada povo se estragou à sua própria maneira, segundo seu próprio gênio. Quantos dramas nesses esforços de destruir sua memória, de alienar uma parte de sua pessoa, de se tornar moderno, esquizofrênico ou enfermo.

O trabalho de destruição da civilização efetuado pela razão das Luzes foi concluído no século XX pela psicanálise e o marxismo. Nasceu o Homem Novo, absolutamente livre, sem submeter-se mais a nenhuma inibição, nem no campo do pensamento político nem no da moral (costumes e sobretudo sexualidade). No curso dessa operação, tida como algo positivo pelos modernos, a *intelligentsia* e todos aqueles que se reputam membros dela (jornalistas e

pensadores das mídias) trabalharam em perfeita colaboração dos dois lados do Atlântico, dando à luz assim a doutrina globalista.

O destino da França foi curioso. Após ter sido a "filha mais velha da Igreja", ela se tornou a campeã do anticlericalismo, acabando por se tornar uma escola da revolução e até do terrorismo. Após atingir o ápice da civilização, ela anseia por se rebaixar, a fim de, se possível, recuperar a inocência das origens, ou ao menos de se precipitar no primitivismo, espécie de estado natural tal como imaginado segundo as ciências humanas. Em suma, sua *intelligentsia* busca apenas sensações novas que possam criar novas modas: ela nunca volta atrás, e prefere uma novidade ruim a uma boa receita velha. Ela só gosta da novidade; é hedonista e egoísta, e não busca absolutamente o progresso para o povo vulgar, nem a civilização para o maior número. A palavra progresso, na sua boca, quer dizer simplesmente mudança, avançar rumo àquilo que ainda não existe, que não podemos possuir. E para progredir desse modo, basta destruir tudo aquilo que existe no presente. Tudo o que ela sente pelo povo, demasiado trivial e realista, é desprezo; ela pertence à raça dos senhores do espírito, da inteligência. Basta ler a *República* de Platão para compreender todas as filosofias européias, inclusive o marxismo e o nacional-socialismo. Platão disse tudo, com clareza e simplicidade, sem recorrer a uma ciência adulterada ou a estatísticas maquiadas. Ele tem uma idéia elevada demais de si mesmo e de seus discípulos para tentar enganar-se a si mesmo e a eles.

Desde a segunda metade do século XIX, estouraram revoluções na Europa para revirar a sociedade e a nivelar. Depois, o mundo inteiro se inflamou, pode-se dizer à moda francesa, não tanto pela liberdade quanto pelo direito de ser moderno, de impor o "pensamento único" e obrigatório.

Alguns povos bárbaros, com vistas a alcançar a Europa no plano técnico e social, decidiram tomar um atalho histórico (pois os marxistas nos ensinaram que a história tem um sentido, primeiramente rumo à ditadura burguesa, antes de se completar na

ditadura do proletariado) pela revolução despótica e totalitária, como no caso da Revolução Francesa, mas melhor organizada, planificada, mais sistematizada, mais impiedosa, mais radical. Infelizmente, tudo isso não passou de experimentação humana em grande escala, sem anestesia, fundada em teorias obscuras e conduzidas por paixões cegas. Finalmente, contentou-se em destruir as elites naturais do país, substituindo-as por "homens novos", pobres, ávidos, ignorantes no campo das técnicas industriais e financeiras, e sem experiência no campo da gestão e do governo. Ora, a história das dinastias conquistadoras mostra que são necessárias duas ou três gerações de boa educação para fazer um homem civilizado, e a biologia molecular mostra que o indivíduo é único e insubstituível. O massacre ou o exílio das elites naturais, depauperando o genoma de um povo, faz o país perder um capital humano dificilmente reparável... E aliás, os revolucionários vitoriosos acabam por se dar conta disso, a despeito de sua cegueira ideológica: no Vietnam, depois da vitória comunista em 1975, a universidade foi proibida aos filhos de antigos nobres. Mas a lei "popular" não soube transformar as massas proletárias em uma elite capaz de fazer bons estudos; e o país padeceu na miséria. De igual modo, os burgueses, por definição dotados de competências técnicas, foram extraídos das "novas zonas econômicas" (campos de concentração, a única invenção revolucionária não francesa, como se diz) para serem reinstalados em cargos de chefia, sob supervisão policial, é bem verdade. A revolução é, pois, o retorno, pelo massacre de massa programado para inverter os "valores"; à barbárie de todo um povo aterrorizado, mistificado (pelos seus mitos de democracia, igualdade, proletariado, fraternidade etc.), esmagado e dominado por uma nova *nomenklatura* saída do nada, mas tão bárbara quanto os bárbaros. E assim partimos do zero, sobre os escombros da sociedade; no fundo, a revolução serviu para substituir uma máfia por outra, melhor organizada para se manter no poder — fonte de todos os gozos deste mundo — e mais cínica, mais mal-educada. Daí vem o regresso do homem e o bloqueio da sociedade no estágio do diretório, das questões de dinheiro, dos gângsters (a moral foi destruída).

Segundo a ciência, só existe um método para mudar o homem, e, em seguida, a sociedade: seria preciso fazer pequenas reformas orientadas numa certa direção, mas reiteradas e estendidas sobre

diversas gerações (é o que fazem as sociedades democráticas e liberais pela instrução e a educação); trata-se de criar uma pressão contínua, mas suportável (a fim de não "induzir" uma reação de rejeição), que faça emergir, por seleção darwiniana, uma nova "raça" mais adaptada (por exemplo, a nobreza na Idade Média, a burguesia no século XIX e o executivo no século XX). Esse é o método dos criadores de cavalos, que têm como única intenção modificar sua performance. Mas impor idéias novas de forma brutal, logo, contra a natureza, como o fazem os revolucionários, exterminando os desviados, é crer que a função cria o órgão, a raça ou a classe social por uma mutação (mudança brusca e definitiva da natureza). Eis o princípio cientificista insano do século XIX, adotado por todas as ideologias modernas. De resto, a mentalidade dos povos reais, de carne e osso, franceses, russos e chineses em nada se alteram pelas revoluções. É, pois, o caso de dizer que "quanto mais a coisa muda, mais continua tudo igual!" por conta da lei, decididamente universal e inescapável, de ação e reação, ignorada por todos os homens de formação puramente literária como todos esses revolucionários e progressistas. Mas, de forma geral, o homem político não sabe nada para além da técnica de acesso ao poder. A prosperidade só virá quando o poder retornar finalmente aos melhores homens, somente se soubermos honrar o esforço e o trabalho.

Outros bárbaros, aparentemente mais refinados, só desejam uma revolução cultural sangrenta em caso de necessidade. Eles se perguntam, com os déspotas esclarecidos e os intelectuais de esquerda, se seria possível dissecar a civilização européia para dela adotar somente uma de suas partes, sua técnica, por exemplo, com a segunda intenção de destruir a própria Europa, ou de reformá-la completamente, livrando-a de todas as seqüelas mentais, religiosas e emocionais dos antigos regimes. Seria possível, por uma intervenção cirúrgica em escala nacional, ou simplesmente pela desinformação e lavagem cerebral, operar a ablação funcional do lobo cerebral direito, conservando apenas o homólogo esquerdo? É o que as mídias inescrupulosas, os educadores propagandistas e a *intelligentsia* do *show-biz* tentam fazer, infiltrando-se nos organismos culturais do Estado. Infelizmente, eles não conseguirão jamais fabricar "progressistas", mas tão-somente selvagens por desaculturação.

Com efeito, a civilização é um simples reflexo da arquitetura cerebral do homem. Ora, o cérebro é um todo coerente; por isso, jamais se poderá cortar os laços entre a sensibilidade e o intelecto, nem modificar arbitrária e isoladamente este último sem alterar o equilíbrio mental do indivíduo: é o problema dos choques civilizacionais, dos estresses, das doenças de adaptação dentre as quais o diabetes, a hipertensão arterial, as doenças glandulares e os distúrbios psíquicos graves, tão comuns na África, entre os inuítes, os ameríndios etc. Por essas razões, a maturidade mental de uma criança é medida por testes globais psicoafetivos, logo, psicométricos, é verdade, mas levando em conta também a sensibilidade (maturidade afetiva). Essa noção tão importante, conhecida entre os médicos há mais de trinta anos, aparentemente ainda não é comum ao grande público; pois muitos homens públicos ainda crêem que basta ser "voluntarista" para alcançar "os amanhãs que cantam", sem levar em conta a natureza humana, nem as neurociências. A revolução nunca careceu de sábios, é o que nos dizem e repetem. E, curiosamente, são os ateus e materialistas que crêem que a fé transpõe montanhas! E, no entanto, todas as revoluções acabaram mal: a Revolução Francesa levou a Waterloo e talvez a junho de 1840, e a Revolução de Outubro à queda do muro de Berlim, sem nenhum combate!

Não é possível mudar o intelecto sem modificar, antes, a sensibilidade. No terceiro mundo, é bem sabido que, para alcançar a técnica moderna, ou seja, ocidental, é preciso primeiramente adquirir a mentalidade européia. É preciso, num primeiro instante, por meio da educação, modificar as estruturas do lobo cerebral direito, mudar a sensibilidade, eliminar certos tabus, certas superstições, fazer nascer novas aspirações, antes de reeducar o lobo esquerdo, para ensinar as ciências modernas. Assim, no Extremo Oriente, para ensinar a medicina européia, que exige autópsias, foi preciso primeiramente vencer o medo de fantasmas e o respeito devido aos mortos e ancestrais. Para escavar, antes de construir uma casa ou uma barragem, foi preciso esquecer os espíritos, os gênios e a influência dos astros a que antes se recorria, por meio de adivinhos, geomantes ou astrólogos. Para os pagãos, a natureza está repleta de seres suscetíveis, mesquinhos, gananciosos e corruptos, mas poderosos e tirânicos, aos quais é preciso constantemente

oferecer sacrifícios propiciatórios. De certa forma, a sensibilidade precede o saber; ciência e consciência são indissociavelmente ligadas, como os neurônios que lhes dão à luz no cérebro. A educação serve de suporte e contrapeso à razão. De resto, o saber científico faz perceber a noção dos limites (as leis da física têm seus domínios de validade), ignorada pelos homens de letras, cujo pensamento é universal e o orgulho é infinito.

De outro lado, não se pode mudar uma sociedade como bem se entenda. É verossímil que exista um ritmo biológico da sociedade, da mentalidade dos homens, regulando a sensibilidade, as aspirações e o comportamento dos homens e das massas (efeitos de grupo). Correremos então o risco de oscilar entre a serenidade e o desejo ou a aceitação da violência, entre o reino do direito e aquele da anarquia, entre a civilização e a selvageria. Somente o conhecimento do passado permitirá sem dúvida orientar o futuro, atenuar ou talvez mesmo erradicar o retorno constante, espontâneo ou artificialmente provocado, das catástrofes. Conhecer a verdadeira história, despida de desinformação, é se lembrar da experiência dos homens e das nações e atingir assim uma certa sabedoria cívica. Não conhecer a história significa recusar a maturidade, o progresso.

A anatomia cerebral do homem não parece ter mudado muito desde a era das cavernas. Os etnólogos chegam ao ponto de pensar que nosso cérebro de homem civilizado continua a funcionar exatamente como aquele dos primitivos, com exceção dos sistemas de referência (moral, técnica, religião etc.). Os etólogos também partilham desse ponto de vista. Os otimistas acham que a especialização das estruturas cerebrais que permitem a domesticação do homem e sua adaptação à técnica moderna e à democracia liberal depende unicamente da educação. Os pessimistas estão convictos de que ela se transmite parcialmente por via hereditária. De forma aproximativa, podemos dizer que, atualmente, como quando da criação do mundo, os homens nascem idênticos e potencialmente civilizáveis, mas naturalmente primitivos, para não dizer selvagens. E é a boa educação que, contrariando as manifestações do cérebro reptiliano, lhes permitirá progredir rumo a uma moral superior de

responsabilização e assimilar, ao mesmo tempo, a lógica científica, a fim de acessar a civilização moderna, certamente técnica, mas também humanista e humanitária. Finalmente, a sociologia, a etnologia, a etologia, a medicina e a história convergem no mesmo ponto de vista: tudo aquilo que o homem civilizado faz se deve a uma boa educação. Isso é tão verdadeiro quanto simples. E, no entanto, os revolucionários e os reformadores o esquecem sempre. Só os reacionários se lembram disso, vez ou outra. Segundo o bom senso popular e as neurociências, uma educação é boa se ela afasta o homem do animal, logo, de sua natureza primitiva, se ela contribui para a contenção de seu cérebro reptiliano, anulando sua tendência à agressividade, à violência, dominando sua sexualidade e reforçando sua consciência (sua responsabilização). Assim é que só deveríamos mostrar nossa natureza na medida em que ela esteja polida, bem-educada e, em uma palavra, civilizada, logo, finalmente, o menos natural quanto possível, exatamente como no *honnête homme*. Eis aí a arte de ser natural nos homens das antigas civilizações. Mas quem ousa lembrar que essa civilização moderna ideal, que tende a se tornar universal, está fundada sobre a mentalidade greco-latina e judaico-cristã, resultando da única "combinação vencedora" dos neurônios cerebrais!

A história terá um sentido se o homem decidir lhe dar um pela educação de seus filhos. O europeu seguirá sendo então greco-latino e judaico-cristão se continuar a cultivar as letras clássicas e a receber a instrução religiosa cristã. Em caso contrário, ele será europeu do ponto de vista geográfico, mas não mais compreenderá seus antecessores. E o "patrimônio nacional" (arquitetura, pintura, literatura, música e dança, gastronomia etc.) não fará mais sentido; o homem terá perdido a memória. E perder a memória significa empobrecer intelectualmente, tornar-se senil, demente ou imbecil; significa perder neurônios ou estruturas cerebrais, de modo que certos conceitos e/ou emoções deixarão de ser-lhe acessíveis — daí a regressão mental por desculturação. E, por definição, é o processo que transforma um antigo civilizado num selvagem. Diz-se do homem natural que ele é "primitivo", ou seja, não especializado por uma instrução particular. Ele também tem sua civilização, contra-

riamente ao selvagem que dispõe apenas de uma cultura, no sentido científico do termo. Em suma, segundo a definição dos etnólogos, só encontramos selvagens nas "periferias problemáticas". Na floresta dita virgem e na "natureza", existem por vezes primitivos que, graças ao *walkman*, sabem o que se passa em Holywood melhor do que os próprios hollywoodianos. De resto, como nós, eles se vestem com *jeans*, bebem Coca-Cola, grunhem o *volapuk* americano enquanto trepidam, e se prosternam diante do dólar.

Aqueles que se acostumam com a cultura *tam-tam* não conseguem mais suportar as verdadeiras músicas européias; a valsa, que era a delícia das populações européias, tornou-se um suplício para eles, exatamente como o é o *tam-tam* para os não-africanizados. A história já mudou de sentido na cabeça de muitos europeus e tende, não mais à África, mas antes aos guetos negros dos Estados Unidos da América. É uma idéia bizarra querer rebaixar os europeus para os conduzir ao mesmo nível cultural dos afros, seus antigos escravos, pela difusão da cultura de massa elaborada pelo *show-biz* segundo os níveis de audiência. Resulta disso que os filhos das famílias frágeis, em geral oriundos das classes populares e de imigração, ao invés de se europeizar segundo os modelos escolhidos nas classes médias (o que lhes teria facilitado a integração), preferiram seguir a moda por ignorar a própria civilização francesa, acreditando ser chique imitar os donos do mundo, americanizar-se, quando, na verdade, eles não fazem senão se "afro-americanizar"! Finalmente, ao perder todas as referências culturais, tornam-se selvagens. Eis a verdadeira razão da "fratura social": eles se alienam e se deixam excluir, pois a diferença entre sua cultura e a civilização européia se tornou insuportável. Na escravidão moderna, os grilhões são culturais.

Não é pela cultura do *show-biz* (esportes-espetáculo, músicas e danças afro, grafite etc.) que se integra um homem na sociedade, mas pela instrução (que o torna útil) e sobretudo pela educação (que torna sua sensibilidade igual a de seus semelhantes e evita a agressividade graças ao *savoir-vivre*). Na França, os magrebinos deveriam ter se integrado com mais facilidade que os asiáticos, uma vez que eles foram romanos e católicos ao mesmo tempo que os gauleses. Ora, foi o contrário que se produziu. Vemo-nos, pois, forçados a admitir que é a cultura do *show-biz* que os separa dos

franceses autóctones, e não seu islã superficial. A anticultura nova-iorquina, que é a ideologia dos globalistas e, por "infiltração", das ciências humanas e de tudo aquilo que sobre elas se funda, a saber, as mídias, o Ministério da Educação Nacional e todas as organizações ditas culturais, é antiburguesa. Ora, a França é um país de burgueses, esses caipiras odiados pelos esquerdistas. E estes não têm nenhuma dificuldade em inocular seus rancores e repulsas em seus alunos imigrados, sob o pretexto de enquadramento (a maioria dos educadores, como todos aqueles envolvidos nas ciências humanas, são convertidos à psicanálise e mesmo ao freudismo-marxismo). Quanto aos asiáticos, fugindo do regime comunista de seus países, eles são visceralmente elitistas e, por conta disso, escapam às manipulações do *show-biz* das mídias e aos *slogans* esquerdistas. Eles se adaptam, buscam a assimilação para seus filhos, de acordo com vias escolhidas individualmente, modesta e discretamente, e não têm a insolência de exigir a transformação da sociedade anfitriã no sentido esquerdista. Enfim, eles "não têm ódio" e, cúmulo do horror, ousam mesmo admirar o modelo burguês francês!

2. *O direito — ou dever — à diferença para a Europa*

Essa questão só se coloca pois sabemos que a civilização, há quatro séculos, é objeto de tentativas de modificação. As manipulações da opinião se desenvolveram com as mídias de massa, verdadeiro poder democraticamente ilegítimo; seus dirigentes não são nem eleitos pelo povo, nem cooptados por suas elites (academias nacionais). Seu poder se deve à inadvertência do Estado, à cumplicidade e torpor dos poderes políticos.

Hoje em dia, ninguém acha que seja possível conservar uma civilização num estado imóvel, como uma múmia, eternamente. Pois as fronteiras estão esburacadas como uma peneira, os homens têm sede de viajar; e as ondas hertzianas nos atravessam livremente em todas as direções. Mas pode-se enriquecer uma civilização, o que é o desejo de todos, ou destruí-la, segundo os desejos de alguns doentes. Enriquecer quer dizer acrescentar algo a um patrimônio, a uma memória já adquirida. Em matéria de música, para uma criança européia, a aquisição das músicas afro só consistirá em um verdadeiro enriquecimento se ela já conhecer suficientemente

as músicas européias. Em caso contrário, se ela tudo ignorar desta última, tratar-se-á de uma substituição cultural. O problema será então saber se a substituição da sensibilidade européia pela africana é compatível com a manutenção das estruturas cerebrais intelectuais européias a fim de que nossa civilização, essencialmente técnica, possa continuar e nos garantir o conforto material tão desejado.

Ora, as músicas afro resultam da expressão da sensibilidade e mesmo do gênio (natureza) africano com as técnicas musicais européias. E o gênio africano, aparentemente, não passa da natureza primitiva do homem, a qual as velhas civilizações como a européia tentam esconder, enterrar sob o verniz da educação (adestramento). Em outras palavras, o gênio primitivo do homem, à maneira do "pensamento selvagem" do sr. Claude Lévy-Strauss, é a "paixão selvagem", não domesticada, sem controle, proveniente do cérebro direito desenfreado ou do cérebro reptiliano em liberdade. A paixão selvagem conduzirá ao pensamento selvagem, por conta das ligações entre os lobos cerebrais. Assim, a mentalidade selvagem, freqüente na Idade Média, dava lugar, com freqüência, a fenômenos de histeria coletiva (19), como a visão no céu de combates de fantasmas ou monstros, ou casos de instabilidade emocional espantosos, no qual o homem passava de um crime monstruoso a uma contrição sincera e profunda com uma facilidade e rapidez desconcertantes para nós. O europeu "médio" da Idade Média se assemelhava, portanto, ao primitivo observável nos séculos XVIII, XIX e XX; e, com efeito, sabe-se, pelos relatos de viagem, que os ameríndios e os africanos tinham uma personalidade muito frágil, bastante contrastante com seu aspecto físico atlético. E, aliás, os etnopsiquiatras consideram que a histeria é um estado normal nessas comunidades: é um mero aspecto da mentalidade ou da personalidade primitiva ou selvagem.

Finalmente, parece que as músicas afro são capazes de nos fazer regredir intelectual e emocionalmente, assim nos transformando em primitivos, de maneira transitória. O problema é saber se, por uma repetição persistente da experiência, poderíamos nos tornar verdadeiramente primitivos, e definitivamente. Teme-se dever reponder afirmativamente... Porque, em 1998, os jovens franceses

parecem bastante maleáveis (cf. colegiais manipulados desfilando em nome das ideologias em moda e recitando lições "politicamente corretas"), nervosos e excessivamente emotivos (cf. competições de patinação): após trinta anos de *tam-tam*, os "jovens" regrediram a um ponto tal que sucumbem diante do menor traumatismo; rolam pelo chão, gritam e choram em público, sem pudor. A taxa de suicídios entre os jovens aumenta vertiginosamente e suscita a idéia de que há uma fragilização da personalidade, como no caso dos verdadeiros primitivos: a mentalidade selvagem ressurge malgrado a escolarização obrigatória e a proliferação de educadores. É verdade que se aprende cada vez menos na escola, a qual se tornou uma creche: sob a influência das ciências humanas, tenta-se aprender a se divertir, a "despertar a curiosidade". Isso nos dá a impressão de que a juventude se tornou um longo período de descarga emocional, culminando no desemprego por analfabetismo e outras enfermidades mentais forjadas pela escola e pela televisão. Não se busca mais instruir nem educar a juventude, mas tão-somente ocupá-la para "evitar que ela faça besteiras" (sic), como roubar nos supermercados, se drogar ou incendiar carros! Nesse sentido, os "jovens", extremamente maleáveis, sonham em ter, não uma profissão ou um trabalho, mas uma pensão (direito à habitação, ao "salário" etc.), como os grandes senhores do Antigo Regime. E, melhor do que estes, eles querem passar a vida toda "aprendendo a aprender", a "ser realistas, pedir o impossível"... Infelizmente, seus "ouvidos têm muros" (*slogans* de Maio de 68)! Enfim, ao som do *tam-tam* das músicas jovens, eles ainda sonham, inadvertidamente, com o imenso carnaval que esses novos bagaudas quiseram instituir em Maio de 68 para o advento do milênio.

Será que Mozart teria algum progresso, algum ganho, alguma vantagem, enfim, se pudesse entrar em transe? E qual é o proveito que dançarinos de valsa e de minueto podem tirar com os tremeliques afro? Em todo caso, isso não parece estar em conformidade com a etiqueta das cortes de Viena e de Versalhes. Mesmo sem perucas, parece-nos muito difícil, para não dizer impossível, preferir os gostos e costumes afro, pois seria preciso aceitar uma regressão de muitos séculos para nossa estética e mesmo para nossa ética. Será preciso lembrar que a cultura afro é aquela dos negros

da América, descendente dos escravos, logo, desenraizados, tendo esquecido as verdadeiras culturas africanas e rejeitado aquela de seus antigos mestres, os ingleses? Ela se caracteriza pela preguiça, a irresponsabilidade parental ("vagabundagem sexual", abandono de mulheres e crianças), o *tam-tam* e as drogas. É o perfeito inverso da moral das velhas civilizações, todas fundadas sobre a família, esse maravilhoso e insubstituível instrumento de educação.

Aqui entra em cena uma antiga querela, entre os antigos e os modernos, sustentados por todo um círculo de intelectuais do *show-biz* e das mídias (13). Essas disputas sempre existiram e retornam periodicamente, perturbando as elites nacionais, no Ocidente. Já no início da era cristã, segundo Tácito e Salviano, o bárbaro germânico era dotado de todas as virtudes que faziam inveja no romano, o qual era hedonista e pretensamente civilizado! No século XVIII, quando a civilização européia estava em seu auge, os adeptos de Jean-Jacques Rousseau a achavam velha e decadente, e propuseram à boa sociedade que encarnassem o bom selvagem, cujo modelo fôra fornecido pelos índios do Canadá. Porém, estes torturavam e comiam seus inimigos. E, nesse ínterim, na França, a *intelligentsia* combatia a tortura judiciária e, na Itália, o marquês de Beccaria se tornava justamente célebre, uma *star* européia, ao preconizar uma justiça mais humana, sem suplícios e sem pena de morte. Já desde aquela época as pessoas não enxergavam aquilo que seus olhos viam. Isso voltará a ser um hábito mental da *intelligentsia* do *show-biz* no final do século XX.

Depois da derrota de 1940, o mesmo ódio da civilização decididamente muito caduca, decrépita, ressurgiu (13), bem como a obsessão por um renascimento ou, pelo menos, rejuvenescimento. E, como que para conjurar o destino infeliz e se colocar sob melhores auspícios, colou-se o qualificativo de "jovem" a tudo aquilo que se relacionasse ao empreendedorismo (vem daí música jovem, prêmio jovem, férias jovens etc.). Dessa vez o movimento parecia estar melhor organizado, pois seus promotores, nomeados no tempo do Marechal Pétain, puderam continuar a servir sob a IV e V Repúblicas, principalmente no domínio da cultura (13). Para esses intelectuais do *show-biz*, nada era mais fácil do que rejuvenescer a sociedade: bastava imitar o bom selvagem como antes de 1789, data mágica anunciando as grandes vitórias militares do Ano II da

República e de Napoleão. Esquecem-se, é claro, dos mortos e do rebaixamento do país que se seguiu a isso. Tenhamos, pois, a memória seletiva de um cérebro podado, amputado, logo, estropiado, mas moderno! Pois o modernismo resulta do esquecimento que permite recomeçar certas experiências de nossos antecessores. No fundo, o cérebro humano é limitado. Nada de novo, exceto na ciência!

Doravante o modelo do bom selvagem parece ser o negro, não o africano, demasiado ingênuo e admirador da Europa, mas aquele dos Estados Unidos da América. Por que essa escolha, no mínimo surpreendente? Primeiramente, o negro americano foi anglicizado à força há pelo menos dois séculos, e não pode pretender ao título de "primitivo", esse ser mítico não domesticado, "natural". Depois, ele também goza de uma vergonhosa reputação de desprezar todos os outros negros, sejam das Antilhas ou da África. Ao que parece, fizeram vista grossa quanto a esses defeitos, porque o negro americano é apoiado pelo poderoso e riquíssimo *show-biz* globalista e pela vanguarda da anticultura nova-iorquina. Disso se segue que esse movimento, dito de "contestação" nos anos 1960 e de "afrocentrismo" ou "*political correctness*" nos anos 1990, obtém o apoio de todas as mídias e de todos os organismos culturais e de líderes intelectuais midiáticos (sociólogos, cientistas políticos, publicitários etc.), pitonisas ou marabus do mundo moderno.

Os teóricos do movimento, amiúde "homens de cor", se reúnem em torno do ódio comum pelo eurocentrismo, por tudo aquilo que representa a civilização européia tradicional, inclusive o cristianismo (eles afirmam que Cristo é o Deus dos brancos e o islã é a religião dos negros). Eles reescreveram a história para demonstrar que a civilização era, em sua origem, africana (como a espécie humana), mas que, em seguida, os brancos se apropriaram indevidamente de seus inventos, chegando ao ponto de, por traição, reduzi-los à escravidão (2). É verdade que tentamos até mesmo roubar sua música, o *jazz*. Eis que já existe o "*jazz* branco" e em breve o "*jazz* amarelo"! A finalidade deles é, portanto, se vingar, matando os brancos (vide as canções *rock* e *rap*) e destruindo a civilização ocidental, acusada de ser responsável por todos os

"ismos" (racismo, escravismo, fascismo, nazismo, terrorismo etc.) e de todos os crimes repertoriados da humanidade. Eles omitiram, é claro, voluntariamente, as hecatombes ameríndias do México pré-colombiano, as guerras totais da Ásia central com terrorismo sistemático (montanhas de cabeças humanas de Tamerlan, desertificação do Turquistão etc.) e da África contemporânea (guerra de extermínio no Sudão, na Libéria, em Ruanda etc.). Eles fingem não saber que a guerra total e o genocídio são naturais na espécie humana e nos grandes símios, e que o cristianismo é a única religião que, ao criar preconceitos e tabus, tentou humanizar os conflitos entre os homens e até mesmo fazer crer que esses descendentes dos símios têm direitos imprescritíveis, deveres humanitários e mesmo deveres de caridade, de piedade e de amor!

Nos Estados Unidos da América, os euro-americanos, tomados de remorso por conta dos pecados de seus ancestrais para com os negros, se dispõem a ajudar estes últimos e mesmo a não levar em conta suas fraquezas e limitações (2). E com o coração contrito eles cedem um lugar no *show-biz* (esportes-espetáculo, música *pop*) à etnia africana. E, apesar da hipocrisia desses brancos, protestantes e liberais, logo, cristãos e freudiano-marxistas (nas cabeças deles, Cristo coexiste com Freud e Marx, promotores do materialismo), eles não foram capazes de esconder seu racismo dissimulado: para eles, subentende-se que os negros só sabem exercer duas profissões, a de gladiador nos esportes e de histrião do *tam-tam*. É, portanto, lógico impor a cultura *tam-tam* a fim de lhes dar trabalho, mas sem dúvida com a intenção velada de ganhar muitos dólares graças à simpatia conquistada junto a toda a etnia afro, um mercado de uns trinta milhões de indivíduos. Nos Estados Unidos da América, tudo é uma questão de dinheiro; a caridade e a religião não escapam a essa regra. Mas sempre que se trata de dinheiro, a América dos gângsters está envolvida.

Na França, os temas da vanguarda nova-iorquina não são assimiláveis. É verdade que os franceses também tinham escravos africanos; mas o sr. Behr, jornalista inglês, reconhece (2) que os católicos maltrataram menos os seus escravos do que os protestantes: com efeito, para aqueles, o escravo continua sendo um ser

humano, uma pessoa com um estatuto inferior, enquanto para estes o escravo é um objeto; parte do gado, enfim. Eu, de minha parte, penso que a religião não influi nessa diferença de tratamento, pois tanto na religião católica como nas protestantes todos os homens são irmãos ou pelo menos primos, oriundos de Adão e Eva. Mas os anglo-saxões, povos germânicos, só crêem na nacionalidade por laços de sangue, os quais, para nós, definem o que é a raça. O fato de as tribos germânicas terem se transformado em Estados e nações sem serem perturbadas pelas invasões lhes permitiu crer na pureza de sua raça e na superioridade racial (comparados aos povos da România). Ora, a lógica do "pequeno branco" sem instrução das classes populares é necessariamente primitiva. E, segundo o raciocínio primitivo, a humanidade se reduz à raça. Nos países latinos, as pessoas que cultivam as letras clássicas sabem bem que Roma foi fundada por um monte de sem-tetos apátridas e que a nacionalidade romana (direitos de cidadão) é uma questão administrativa; dito de outro modo, os homens têm a mesma essência, a mesma raça; mas só são romanos aqueles que a lei reconhece como tais. Foi o que permitiu ao Império Romano ter pretensão à hegemonia universal. A França, quando ela não está enferma ou amedrontada, reivindica a herança de Roma. É ela, portanto, o *melting pot*, e não os Estados Unidos da América, o qual, por conta da cultura dominante anglo-saxônica, tem a vocação de ser o país da segregação étnica e racista. Já é um progresso o fato de não eliminarem mais os índios!

Todas as pessoas cultas conhecem as diferenças irredutíveis entre latinos e anglo-saxônicos. Assim, os esquerdistas (que são universitários em sua maioria e *experts* em ciências humanas ou delas adeptos) permanecem numa postura defensiva quando importam as ideologias de ultra-mar: sua desinformação tenta mostrar que estas não são subversivas e que a ação do *show-biz* é na verdade positiva, reconfortante; então, com efeito, para ampliar a invasão da cultura *tam-tam*, utiliza-se o argumento da música jovem, da mestiçagem das culturas como um fim inescapável, do enriquecimento cultural pelo *tam-tam*, e mesmo do aprendizado progressivo da música clássica européia a partir do *tam-tam*. Tudo é dito e feito para justificar essa ditadura do *tam-tam* nos locais públicos e nas ondas do rádio. Não é necessário que essa má América do *show-biz* domine tudo, até mesmo nas pistas de gelo, estacio-

namentos, vestiários e banheiros com seus alto-falantes? Hitler e Stálin foram mais discretos! A música jovem? Mesmo as pessoas sem instrução crêem cada vez menos nela, ao verem que seus apreciadores se mostram de ano em ano mais gordos e opacos. Mas, para atenuar o ridículo, começou-se a falar em "músicas novas", quando se trata ainda de batucada. Aprender a conhecer e a apreciar a "grande música", começando por apreciar o *tam-tam* afro? É como se nos pedissem para gostar primeiro das histórias em quadrinho para então nos tornarmos fanáticos por literatura, ou se nos recomendassem *fast-food* para passarmos a apreciar a gastronomia francesa! Quanto ao problema da mestiçagem entre culturas e de mestiçagem em geral, trata-se de uma questão privada de cada indivíduo. Não é preciso incitação da parte das mídias, nem qualquer controle de um ministério criado especialmente para tal efeito, que ademais custa caro aos contribuintes.

Enfim, tem-se a impressão de que um *lobby* se apropriou, por infiltração (especialidade da esquerda), do Ministério da Cultura, da maioria das mídias e dos organismos culturais (casas da cultura, associações de bairro), impondo aos franceses as músicas jovens e mesmo a cultura afro do *show-biz* americano. O *show-biz* nacional cometeu a imprudência de se aliar a este: com efeito, as músicas nacionais e folclóricas francesas foram varridas, esquecidas. E os "jovens" (na verdade, os franceses sem educação, não necessariamente jovens, do qual um bom número é "oriundo de imigração" e que constituem uma parte significativa do povo desde que decidimos imitar a América) só tem ouvidos para as músicas afro. Isso é coisa profundamente lamentável, pois, no passado, uma boa parte das classes populares era capaz de apreciar a música clássica (cf corais infantis cantando J.S. Bach ou Haydn, orquestras populares, óperas e operetas de bairro etc.), preparando assim as crianças para a ascensão à classe média e superior: não havia "fratura" cultural na sociedade. Mas os financistas buscaram estender o mercado musical, sacrificando deliberadamente a cultura nacional e rebaixando os gostos. Os cantores de *rock*, *rap* e *techno* franceses se viram então reduzidos a uma pequena parcela, ainda que alguns deles tentem desesperadamente se reciclar, cantando numa algaravia que evoca vagamente o inglês americano. É a

desgraça daqueles que tudo fizeram para tentar propagar a admiração americana; pois, quando se ama a América, é natural que se prefira o autêntico à imitação. E, porém, era evidente que o sotaque dos diversos dialetos americanos, charme e marca registrada das canções do Novo Mundo, era inimitável, até mesmo para um inglês! Que poderiam fazer, então, nossos pobres roqueiros que falam inglês como uma vaca espanhola?

Se nossos cantores populares fossem prudentes, teriam defendido a valsa *musette* e a *bourrée*, sobre as quais poderiam talvez ter conservado o monopólio. Mas eles acreditaram que, ao trocar a cultura nacional pelo *tam-tam*, obteriam um lugar no mercado globalista, mais interessante do ponto de vista econômico do que a melhor das colocações num mercado nacional necessariamente limitado. Foi, pois, por um erro de cálculo que eles foram eliminados, para o benefício de seus "amigos" anglo-saxônicos e seus acólitos afro (um roqueiro *made in USA* atrai dez vezes mais espectadores do que um nacional).

O drama de nossos roqueiros nacionais dá o esquema do drama dos outros setores econômicos: criou-se um esnobismo americanômano. O que permitiu instaurar um "mercado comum", por exemplo para a música e o que lhe concerne (fitas, discos, aparelhos de som e de gravação etc.), no qual todo mundo se veste com *jeans*, boné e camiseta (comércio de trapos americanos em detrimento da indumentária nacional, paletó e gravata) e come em *fast-foods* (comércio alimentar dos EUA contra a gastronomia nacional), se descontrai ao som do *tam-tam* afro (esquecendo a *musette*) e balbucia um inglês americano, ou melhor, fala um "subfrancês" ou *franglês*, ou seja, o inglês dos *boys*, dos *coolies*[1] e dos cães. Assim, em nome de lucros duvidosos, corre-se o risco de criar desemprego; pois quem é que ainda terá vontade de comer, de se vestir, enfim, de comprar os produtos franceses? Será preciso subordinar a França aos anglo-saxônicos? Será preciso se prosternar diante do dólar? Os colaboracionistas do globalismo consentem de bom grado com esse projeto, pensando encontrar aí

1 Provavelmente significa uma pessoa "legal", "da moda" (ing. *cool*). A semelhança da palavra com "collie" (a raça) talvez explique a referência a cães logo a seguir — NE.

uma via para o enriquecimento. Como os franceses optaram pelo povo desde 1789, não é natural que os ingleses, oriundos da mesma cultura, mas representando a nobreza normanda desde 1066, formem a aristocracia da nova sociedade, na qual toda pessoa de valor encontrará seu lugar, ganhando melhor do que em sua pátria de origem? As mídias e todas as instâncias culturais da França tomam o partido da América, tida como modelo sob todos os pontos de vista, inclusive o das qualidades e vícios, contra a França, vista como retardatária, ultrapassada, velha. Chega-se ao ponto de tentar substituir o modo de pensamento latino (determinista) por aquele dos anglo-saxônicos (impessoal, probabilista e comportamental). É por essa razão que a civilização francesa, traída, demolida, ignorada e desprezada desde seu interior pelos próprios franceses, perdeu seu poder de assimilação junto aos diversos povos que são atraídos para seu território, no qual, na falta da América, eles podem se instalar, gozar do assistencialismo, e sonhar com a América.

Assim é que, há cinco décadas, a mídia e o *show-biz* nos pregam o modelo americano. E este, por um "consenso" que vai dos partidos políticos de direita aos de esquerda, passando pelos tecnocratas, se instala progressivamente na cabeça dos franceses, e sobretudo dos menos educados, ignorando, pois, quase tudo a respeito de sua grande civilização. A sociedade se modifica: o *honnête homme*, culto, polido, esportivo e por vezes diletante, cede seu lugar ao mandarim tecnocrata, pretensamente especialista em tudo, sem bom gosto, pois sem cultura (é preocupante pensar no "patrimônio" que deixará nossa geração), bruto e sem riqueza de espírito (pois não tem alma). De esquerda ou de direita, liberal, marxista consciente ou marxista por imersão, doravante todos terão uma só religião, a da rentabilidade econômica, dos números. Como a cultura foi desvalorizada pela escola gratuita e obrigatória, a opção por uma civilização de consumo de massa, à moda americana, não apresenta mais nenhum problema às consciências. E, para que se aumente ainda mais a rentabilidade, menor atividade humana, maximiza-se ainda mais a especialização desmesurada, não dos circuitos nervosos de cada cérebro, mas da pessoa inteira, de todo um ser que agora se destina a uma só função na sociedade. Os intelectuais em série se contentam em estudar a literatura,

a filosofia e sobretudo as ciências humanas (psicanálise e sociologia), a qual os médicos em geral recusam-se a aprender, a fim de se tornar espécies de marabus ou profetas, de serem promovidos a intelectuais ou pensadores do *show-biz* pela TV. Os sábios, mais modestos, limitam seus interesses, restringindo-os a um só campo científico em particular. Os esportes, tornados profissões como no tempo dos romanos, são abandonados ao sabor do *show-biz*, e as artes, aos especuladores. Quanto ao povo vulgar, atrofiados os músculos e o cérebro, ele se esforça para estudar superficialmente as *disciplines d'éveil*,[2] somente para ter o desejo de gozar dos "passatempos culturais" — os quais foram preparados pelos especialistas (os engenheiros culturais), devidamente diplomados e subornados pelo governo para ocupar o povo, "a fim de que ele não faça besteiras", decididamente uma especialidade do povo, segundo os governantes. Esse universo de estropiados e incapazes intelectuais e físicos de toda espécie, cuja sensibilidade foi africanizada pelo ritmo xamânico encantatório do *tam-tam*, parece estar muito longe, enfim, do ideal grego. Ele evoca antes o mundo do cego e do paralítico da fábula em que se tratava de fabricar um ser humano razoavelmente autônomo e contente, por meio da associação de diversos fragmentos. E, bizarramente, a França, não-racista por tradição e sempre campeã do anti-racismo, começa a adotar costumes americanos: encoraja-se a etnia africana a se lançar nos esportes-espetáculo e nas músicas jovens. Trocando em miúdos: os subdesenvolvidos, incapazes de estudos ou de técnica, devem bancar os palhaços no mundo do *show-biz*! Decididamente, fica difícil não dar prova de um racismo latente. É verdade que, em certas escolas de periferia, formam-se assim "bandos étnicos" com seus jargões e suas músicas próprias, à moda americana. Entre os jovens, e também entre os emigrados, o racismo é uma tendência natural, encorajada pela glorificação das "raízes". As noções de raça e de etnia se confundem.

---

2 Segundo a Larousse, trata-se de disciplinas "que apelam às qualidades de observação ou de iniciativa das crianças". Por exemplo: história, geografia, ciências naturais, música, desenho. É reservada ao segundo período da atividade escolar na escola primária (após o meio-dia), sendo o período anterior (manhã) reservado às matérias fundamentais (matemáticas e francês), "que necessitam de um máximo de atenção", e o posterior, à educação física e ao esporte — NR.

A América tem mil faces: a do sucesso (novo-rico), a da abundância e das virtudes cívicas, mas também a da miséria, da violência, das drogas, da ausência de piedade pelo fraco, pelo vencido. Mas o que mais causa repugnância para os franceses é a face do racismo, da segregação étnica e da guerra inter-racial. Não teremos a América que queremos, mas aquela que merecemos. Em todo caso, está claro que, ao copiar a América, estaremos acrescentando aos nossos problemas específicos também aqueles da América. Por que essa obsessão em copiar a América? Uma Europa globalista se assemelhará a Nova Iorque ou a Los Angeles, com seus guetos étnicos, suas hordas de pobres marginalizados, seus bairros ricos fortificados e protegidos por guardas privados armados e sobre os quais planarão ameaças de pilhagem e limpeza étnica. É claro que se poderá ganhar muito dinheiro e se tornar imensamente rico. Será essa uma razão suficiente para fascinar a *intelligentsia* do *show-biz* e as mídias? Ora, a América é o modelo manifesto da dissociação de uma nação, do fracasso da coexistência pacífica entre as raças e etnias, e mesmo dos sexos teoricamente complementares (2), e enfim, exemplo do nivelamento por baixo (barbarização) para a imensa maioria dos homens. A violência se encontra na natureza mesma do modelo americano.

É, na realidade, a Europa que deve servir de modelo para toda a humanidade, se ela souber voltar a ser ela mesma, greco-latina e judaico-cristã. Basta que ela recupere sua coragem, seu orgulho e o senso de honra, ousando novamente assumir todo o seu passado com sua grandeza, seus erros e suas fraquezas, a fim de se tornar adulta novamente e atingir a maturidade moral, afetiva e intelectual de seu modelo humano. O problema é compreender o passado para melhor se dirigir ao futuro escolhido, corrigindo as conseqüências dos erros cometidos, sem nada omitir ou negar. Será preciso se reconciliar com a Idade Média e assegurar o desenvolvimento equilibrado e harmonioso dos dois lobos cerebrais: aprender todas as ciências para estruturar o lobo esquerdo, todas as artes, conservando a fé cristã, para organizar o lobo direito, sem esquecer o desenvolvimento harmonioso do corpo. É preciso fazer muito esforço para se tornar civilizado, para controlar o cérebro reptiliano da violência, da agressividade e da sexualidade, e deixar que o neo-cérebro se desenvolva; pois o homem está dividido entre o

desejo inato do prazer e a idéia adquirida de que é preciso buscar o bem e o belo, como dizia Sócrates, segundo Platão (*Fedro*).

A educação européia ideal é muito custosa, pois ela é elitista e disposta de maneira a elevar os homens acima de suas condições naturais e inatas, a consumir sua maturação e sua personalidade. Somente as nações ricas e industrializadas podem esperar oferecê-la. Não será possível dá-la a todos, infelizmente, mas somente aos melhores, àqueles que, tendo recebido a graça, como os cavaleiros da Távola Redonda na busca do Graal, queiram se educar sozinhos, por esforço pessoal, em caminhos difíceis e solitários. Ninguém poderá ganhar sua salvação por meio de meras leis e punições diversas. É na chegada à idade da razão, pelos dez a doze anos, que se saberá quem terá paixão, coragem e humildade suficientes para merecer seguir essa busca. E, para essa classe aberta de crianças, de origem social muito diversa, que se designam unicamente por suas qualidades morais e afetivas supracitadas, a sociedade tem a obrigação de favorecer o aprendizado de todo saber humano, a fim de preservar seu patrimônio e seu ideal, na esperança de aumentar de geração em geração o número de beneficiários da civilização. A noção de igualdade é irrealizável (pois as qualidades dos homens se dividem segundo a curva de Gauss) e perversa, se serve para estragar os dons naturais, para encorajar a inveja e a cobiça, para excitar o ódio e, enfim, para favorecer a preguiça, mãe de todos os vícios. Ademais, ela supõe a identidade entre os homens, logo, a fabricação de clones por manipulação genética, a doutrinação e o adestramento em massa pelo Estado. A eqüidade, por outro lado, consiste em permitir que cada um vá tão longe quanto possível, em todos os domínios que suas faculdades hereditárias e adquiridas permitam atingir. Aliás, em uma sociedade verdadeiramente liberal, os homens não são todos obrigados a ter os mesmos ideais, nem os mesmos objetivos. A diversidade é válida a partir do momento em que o *savoir-vivre*, verdadeiro pacto de não-agressão entre os homens, é respeitado.

O domínio do lobo direito, que é o que nos interessa, cobre a sensibilidade, o sonho e a imaginação. Portanto, ele é particularmente importante. Mas ele foi completamente negligenciado há pelo menos duas gerações, desde que os intelectuais franceses

se tornaram materialistas pelo marxismo, logo, obcecados por economia, dinheiro e contabilidade, aliando-se assim aos Estados Unidos da América, bizarramente pelo caminho do anticapitalismo e do comunismo. É o caso de dizer que os extremos se unem e se confundem. É sem dúvida por essa razão que existem muitos mais americanômanos na esquerda materialista do que na direita mais apegada à cultura. Ademais, a América é um país estranho; para nós, das velhas civilizações, é quase o planeta Marte: sua democracia, certamente liberal, se inspira na filosofia francesa do século XVIII. Os direitos e deveres do indivíduo aí são elevados ao mais alto grau, até o ponto da obrigatoriedade do porte de arma e do serviço cívico de manutenção da ordem pública na polícia e na guarda nacional, e com a possibilidade, para os cidadãos, de legiferar diretamente, sobrepondo-se aos deputados, graças ao referendo de iniciativa popular. Mas os financistas do *show-biz* e das mídias podem fazer votar leis, pelos *lobbies*, que lhes permitam impor ao país uma ditadura cultural (obrigação de gostar de tal produto, tal música etc.) chamada, por eufemismo, de "civilização" de massa ou de consumo de massa. Em suma, a liberdade política coexiste com a servidão cultural, pois, na verdade, a cultura não existe; de modo que não há nenhuma resistência por motivos culturais; e, de fato, desde que a importância relativa da comunidade anglo-saxônica começou a declinar, não existe mais cultura dominante e legitimada; assim, eles evoluem rumo à ideologia da igualdade entre todas as culturas, desde as mais primitivas às mais evoluídas. Segue-se disso que ninguém mais ousa distinguir o belo do feio, que as próprias noções de ideal, de qualidade, desaparecem. Isso reforça o poder atrativo do deus dólar, referência última, não de qualidade, mas de superioridade, avaliada unicamente em termos quantitativos, pelo talão de cheques ou cartão bancário, nessa sociedade desnorteada. E qualquer produto cultural, pouco importa qual seja, pode ser vendido se ele for elogiado pelas *stars*, consideradas guias da sociedade por serem reputadas ricas. No fim das contas, é o *show-biz* que rege as classes populares americanas.

A sensibilidade é um fator capital, pois ela garante a coesão da sociedade, permitindo a comunicação entre os homens: a linguagem humana, afora as matemáticas, está mais carregada de emoção do que de significado. É a expressão da crença dos povos (religião,

ideologia e superstição) e decide, muito mais do que a lógica pura e dura, as escolhas de sociedade e de civilização. Pois aquilo que chamamos de sabedoria das nações resulta do conhecimento da história (a memória, como se diz), vista e julgada segundo uma ética. E esta se funda em uma sensibilidade específica.

A religião, por conta de seus princípios e da sensibilidade que ela determina, institui o fundamento da moral, logo, da lei, dado que cada sociedade tenta viver em conformidade com suas convicções, em geral não expressamente explicitadas, porque são evidentes para todos. É por isso que os direitos humanos, oriundos do judaísmo e do cristianismo, são dificilmente aceitos por pessoas praticantes de outras religiões (muçulmanos, chineses confucionistas ou comunistas, ateus e materialistas em geral). De igual modo, a definição do homem varia consideravelmente segundo as culturas. Para os materialistas, a consciência e a inteligência são as emanações das estruturas da matéria, bem como a vida. Segue-se disso que não há verdadeiramente uma fronteira entre o homem e o animal; assim, é possível tratar todos os seres vivos da mesma maneira: uma criança débil mental com um Q.I. insuficiente poderá ser classificada como um animal e destruída como um animal inútil e oneroso. Daí o "aborto por conforto", conforto para a mãe e para a sociedade. Esse modo de raciocínio cientificista permitiu aos nacional-socialistas definir a "raça" das pessoas praticantes da religião hebraica, e aos comunistas a "classe" daqueles que possuíam bens (cúlaques, burgueses, feudais etc.). Para os materialistas, a vida humana não é sagrada e não vale grande coisa, o que os autoriza a cometer todo tipo de assassinato: aborto, eutanásia, etnocídio ou genocídio e destruição de "classes", enfim a erradicação das religiões, das idéias e mesmo dos gostos. Esses massacres organizados permitem que se corrijam os erros e as imperfeições da natureza, erradicando os inconvenientes, as despesas inúteis, e enfim, permitem selecionar a raça ou classe ideal.

Para o cristão, o homem tem uma alma, que cria o hiato ao posicioná-lo fora e acima dos animais. Disso resulta que ele não será definido segundo o valor de seu Q.I. Mesmo um débil mental, com um Q.I. baixíssimo, seguirá sendo uma pessoa; ele segue

sendo sensível à música de Mozart e ao afeto dos outros homens. Nenhuma patologia real ou suposta poderá lhe retirar sua alma nem fazer com que ele caia para a categoria dos animais.

É inegável que a religião dá uma dimensão suplementar ao cérebro do homem, ao transmutar sua percepção do mundo. Dessa forma, torna-se possível o nascimento, em sua consciência, da noção de transcendência. É por essa razão que a emoção estética e a emoção religiosa são de mesma natureza. É difícil entender o que podem expressar as artes materialistas, socialistas ou contemporâneas. Será possível um artista sem alma, sem coração, sem generosidade?

Acabaremos reconhecendo a importância da educação religiosa... Quanto à educação artística, ela só pode ser falsamente neutra sobre o plano religioso. E, de fato, as artes européias repousam sobre a sensibilidade cristã, inacessível aos materialistas (o que representa uma *Pietà* para um não-cristão, um macabeu?). Para cada um de nossos cinco sentidos, ela indica o ideal a buscar e alcançar. Sabemos que as artes européias, como todas as artes das velhas civilizações, são pensadas, eruditas e técnicas. Uma iniciação apropriada será, pois, indispensável em cada um dos sentidos, permitindo a cada um compreender as gerações passadas e compartilhar com elas certas emoções estéticas, estabelecendo assim entre as gerações e entre os homens, mortos e vivos, um vínculo quase místico, fora do tempo. As artes exprimem aquilo que as palavras não sabem dizer, e as completam, de modo que não existem artes menores. Ademais, elas se desenvolvem em dimensões diferentes, e não são, pois, comparáveis. Elas contribuem, todas, a um mesmo objetivo: a realização do homem, ao menos nas grandes civilizações que têm um ideal, uma visão de mundo.

A sensibilidade do homem europeu sempre esteve fundada sobre o conhecimento das artes, sobre a cultura, aquela verdadeira, extraída do patrimônio artístico da nação e mesmo da humanidade desde o desenvolvimento dos meios de comunicação, e não sobre

aquela que nos é lançada pelo Ministério da Cultura com o auxílio do *show-biz* parasitário. A sensibilidade do americano é de outra ordem: ela encontra sua origem no cristianismo e nas Luzes, é verdade, mas antes de mais nada no desejo do dólar, na paixão pela riqueza, fortalecida pela convicção de que ela está ao alcance de todo homem corajoso; desse modo, convém ser agressivo e dominador.

A consumação do homem do Novo Mundo se encontra no fundo de um cofre forte ou de uma mina de ouro guardada, não por um dragão, coisa ultrapassada, mas por uma parelha de colts ou um rifle, mais eficaz. Eis o que os pensadores do *show-biz* desejam para nossa juventude em lugar de uma civilização velha, com vinte e cinco séculos de idade. Para os modernos, o passado conta menos do que o dinheiro; pois eles esquecem que a força moral está fundada na cultura, na educação. Ademais, a qualidade incomoda, pois complica a contabilidade. Quanto à força moral, ela incomoda o governo...

Enfim, o que distingue definitivamente a velha Europa da jovem América é o senso de medida. O americano está acostumado com vastidões "sem fronteiras", que ele se apressa para atravessar, cortando todo liame com o passado, partindo para construir uma nova vida, até três vezes na vida de um homem, como se diz. O europeu, por sua vez, compraz-se em retornar aos seus mortos para "cultivar seu jardim" até a consumação. Assim, quando a maturação do homem europeu estiver completa, ele se verá coberto por todos os dons e todos os talentos, como o Príncipe Encantado dos contos de fadas; mas ele permanecerá humano, totalmente diferente do modelo da civilização do *tam-tam* xamânico. Este é uma espécie de mágico ou mesmo de bruxo, tendo obtido, por meio da iniciação ou por um pacto com os espíritos, as fadas e outros "ETs", poderes miraculosos, sobre-humanos; em suma, o homem com que sonham as massas populares americanas é o Super-Homem ou o Batman, enfim, um monstro "bombado", um *Mister Muscle*, mas um *Mister Muscle* "sem dor", por magia ou cirurgia

estética, se necessário; pois é preciso entrar democraticamente e de modo "convivial", com igualdade de chances e sem complicação, no paraíso terrestre da obsessão pelo consumo e gozo intenso e ilimitado.

O ideal americano se confunde com a quantidade, enorme, ilimitada. É por isso que a cultura americana — sobretudo aquela proposta à massa dos homens de cor, alógenos, náufragos do Velho Continente, infelizes ao ponto de estarem sedentos de dólares e de sonharem, enfim, se entupir de comer — não passa de uma mercadoria descartável como qualquer outra. Ela não serve para definir um conjunto de ideais nacionais. Aliás, o famoso direito à diferença aboliu o sentido mesmo de nação e a não menos famosa igualdade das culturas suprimiu a noção de ideal, a diferença entre o belo e o feio, a distinção entre o bem e o mal, e mesmo entre os sexos. Isso explica a explosão de homossexualidade. Misturemos, pois, toalhas e guardanapos, para parecermos americanos e modernos! Estranha América, é mesmo um outro planeta.

O ideal europeu repousa sobre a qualidade, não infinita, mas razoável, ao alcance do homem. A cultura dos antigos povos é elitista e serve para elevar o homem acima de sua condição natural inata, próxima da animalidade. A civilização francesa tem a ambição de aperfeiçoar o homem, conduzindo-o à maturidade completa. O que isso quer dizer? Os homens dos séculos XVI e XVII já responderam, dizendo que se tratava de imitar a natureza, descobrir suas leis, aplicá-las para poder chegar ao limite extremo do possível em todos os campos, segundo as competências de cada um. E é assim que, estudando empiricamente os movimentos e as atitudes do corpo humano, definiu-se, desde o século XVII, aquilo que chamamos de "dança clássica", quando na verdade, o problema para seus inventores e promotores era simplesmente saber como andar, saltar, saudar, sentar etc. com elegância, simplicidade e eficácia máximas. Disso se originou aquilo que o mundo inteiro chamou de *le port à la française*. Infelizmente, todos esses esforços para se educar foram esquecidos e mesmo rejeitados. Assim, nossos "jovens", certamente bem modernos, são também bem curvados, de forma bem "natural", e andam como patos.

É impressionante constatar, nos dias de hoje, que os movimentos da dança clássica, desenvolvidos de forma puramente empírica, são conformes à biomecânica do corpo humano, com exceção da abertura excessiva das pernas. Deve-se notar que os movimentos das artes marciais asiáticas também vão ao encontro da biomecânica e se parecem com aqueles da dança clássica francesa, exceto que nas artes marciais é preciso estar pronto para dar e receber golpes; daí certas divergências naturais entre as duas práticas. Finalmente, tudo isso quer dizer que, para as velhas civilizações, a elegância se confunde com a eficácia sem ornamento, e que todas as civilizações consideradas exemplares são aquelas que souberam, por meio da intuição, por uma revelação ou por sorte, fazer a boa aposta e ter razão antes de conhecer as causas exatas dessa mesma razão (Salomon Reinach). Assim, o olho dos mestres soube reconhecer o movimento exato para um objetivo definido muito antes que a invenção da biomecânica permitisse que se concebesse um ideal de movimento. De igual modo, a civilização helênica foi sublime, porque ela ousou apostar que o universo poderia se explicar sem magia nem deuses, por razões "mecanicistas"; e isso muito antes da invenção da mecânica. Esse pressuposto provocou uma ascensão da inteligência dos homens que aderiram à escola dos gregos.

Trata-se, portanto, de não nos afastarmos da escola dos gregos e nos tornarmos discípulos dos afros, por exemplo! Como poderíamos estruturar o cérebro direito da sensibilidade, a fim de que o homem continue a querer prosseguir no sentido da maturidade, desenvolver o intelecto com o senso de responsabilização? Como educar as crianças, desenvolvendo nelas a força moral, dando-lhes caráter e sabedoria? Eis a verdadeira questão que o homem se colocou em todas as civilizações, até a invenção do socialismo e do materialismo, até a invenção do homem-máquina, sem alma, logo, hedonista, irresponsável e eternamente dependente. O Homem Novo (*homo necans*; *necare* = matar) tem somente um cérebro reptiliano fortalecido pela violência das mídias e mal inibido por um cérebro esquerdo incompleto (instrução deficiente) e um cérebro direito atrofiado (sem religião, nenhum conhecimento artístico, hesitante moralmente, pois seguidor da moda).

Por outro lado, a ideologia inculcada nas crianças é um sistema coerente, formado pelos valores morais arbitrários e irracionais (por exemplo, proibição de se eliminar os fracos, os feios, os velhos, os enfermos, enfim, aqueles que incomodam; proibição do canibalismo etc.) tirados do cérebro direito, estruturado pelas superstições e pela religião. Esses valores morais são completados pela razão para cobrir ao menos o campo da vida corrente. E essa parte deduzida pela razão a partir dos hábitos, costumes e direitos é muito importante na civilização ocidental. O materialismo, sob todas as suas formas (nazista, comunista, liberal ou burguesa), tenta, há dois séculos, desenvolvê-la ao máximo, esperando poder afastar o cristianismo, reduzindo-o ao nível de um bibelô mental ou de um fetiche filosófico. Infelizmente, o irracional é uma função irrepreensível do cérebro direito; e a religião, quando destruída, é automaticamente substituída pelas ideologias (nazismo, marxismo, globalismo ou freudismo-marxismo) e as superstições, a igreja é trocada por uma multidão de seitas, os padres, tão detestados, são substituídos por astrólogos, bruxos, psicanalistas, marabus e outros adivinhos, como na Antigüidade pagã. Aparentemente, é o progresso em marcha a ré. Esperamos não ter de voltar ao ponto do sacrifício humano, se bem que as guerras mundiais, os massacres planejados dos comunistas e dos nacional-socialistas, os abortos em massa possam ser considerados como hecatombes oferecidos às deusas ou moloques razão, modernidade e economia.

No fim das contas, a religião parece ser o menor mal, se comparada a todas essas ideologias "científicas" (sic) e modernas. Guardemos, pois, o cristianismo, que contém em sua essência mesma os direitos humanos, os deveres humanitários e mesmo a noção de separação entre os dois campos do cérebro humano, a noção de laicidade. E podemos ver chegar o dia em que a ciência confirmará as Escrituras, dando-lhe uma exegese cada vez mais perfeita, na medida em que o cérebro humano progride em maturidade, e finalmente os cérebros direito e esquerdo coincidirão. Será o milagre último.

Em complemento ao cristianismo, todas as artes estruturam o cérebro direito, da sensibilidade do homem. E uma grande parte dessa sensibilidade é determinada pela música clássica, que é a expressão sensorial principal das emoções dos povos europeus,

criada freqüentemente por intermédio das melodias populares ou das suítes de tonalidades análogas.

Dado que a música e o gesto estão relacionados por suas próprias naturezas, é lógico que se aprenda também a dança clássica, de forma que saibamos nos mover segundo o ritmo dos movimentos do pensamento. Com efeito, originalmente, a música européia era ritmada pela palavra cantada. Ora, esta não passava de pensamento rimado, expresso por uma técnica lingüística erudita (palavras e gestos associados). O aprendizado da música e da dança clássicas é, pois, fundamental para a fabricação de um europeu. É verdade que isso consumirá muito tempo. Mas não vale mais civilizar um indivíduo por esse meio do que toda a ginástica e os esportes que conduzem ao *show-biz*, aos jogos e espetáculos de arena? Estes são a vergonha da humanidade (pois excitam os mais baixos sentimentos, os mais imaturos). A multidão, o bando ou a equipe despertam emoções degradantes (efeitos de grupo).

Mesmo em nossas civilizações ditas avançadas, o problema segue sendo civilizar cada indivíduo: damo-nos conta, desde Maio de 68, que a civilização é frágil. Basta não fazer o esforço de transmiti-la, de educar as crianças, para que a selvageria se instaure, em cada esquina e diante de nossas portas, quando não atrás delas. A civilização tem um preço. É preciso pagá-lo a cada geração. O esforço de educar deve ser permanente e contínuo.

A ausência de vontade de restauração terá conseqüências trágicas; podemos temer que a Europa sucumba à cultura do *tam-tam*, um universo cruel, violento, instável, anárquico e caprichoso, logo, tirânico, governado pelo cérebro direito, e que a civilização greco-latina e judaico-cristã caia em coma profundo, sendo amparada pela Ásia extremo-oriental, suficientemente idosa e sábia para saber distinguir o belo do feio e salvar o que merece ser salvo. Exceto se também os asiáticos, julgando ser a educação coisa demasiado custosa, prefiram rebaixar-se. O mundo inteiro pertencerá então à etnia afro. O homem terá renunciado à idéia de que há nele uma parcela divina, uma nobreza e uma beleza potenciais, ao descobrir o

dólar graças ao *show-biz* globalista, e cairá ao patamar de seu simpático primo, o chimpanzé. Teremos chegado ao fim dos tempos, ao *Admirável mundo novo*, ao paraíso, com o *tam-tam*. Esse apocalipse da grosseria, da feiúra, da imundície, das drogas e da AIDS parece mais temível do que aquele que se nos apresentava com a bomba. Mas ele é talvez desejado pelos modernos, em seu combate secular contra os antigos, o qual se tornou uma guerra contra a civilização mesma, com vistas a um retorno à natureza original.

POSFÁCIO

Em junho de 1996, eu tive o prazer de conhecer o sr. Georges Mathieu, pintor ilustre e membro da Academia de Belas-Artes, na Festa da Courtoisie (Paris), e de constatar que, sem qualquer concertação de nossa parte, seu estudo sobre a evolução das artes na França, da pintura e da escultura em particular (publicado sob o título de *Le massacre de la sensibilité* pelas edições Odilon Média, Paris, 1996), chegou à mesma conclusão que minha pesquisa sobre a sensibilidade musical dos franceses: há uma ou duas gerações, existe uma vontade política de nivelar por baixo o povo que no passado foi reputado o mais inteligente, o mais polido, o mais civilizado da Terra, por razões econômicas, as únicas que contam em nossa sociedade materialista, subproduto do marxismo difuso. E, de fato, há quase um século, a economia se tornou o fim último da civilização ocidental, desvencilhada da religião, de toda sensibilidade e finalmente das artes em geral. Hoje, só o dinheiro conta: trata-se, portanto, de impor modas e gostos para melhor vender produtos "culturais" e sustentar os pretensos artistas e intelectuais, com a cumplicidade do Ministro da Cultura. Criou-se uma verdadeira gangue internacional da "cultura" às custas dos verdadeiros artistas isolados, sem apoio.

O sr. Georges Mathieu descreveu os diferentes eventos das artes contemporâneas e as decisões políticas determinantes para as artes francesas.

Villars sur Ollon, 1º de setembro de 1996.

* * *

De outro lado, meu manuscrito foi concluído no final do ano 1993. E a rádio Courtoisie me informou que o livro *Cerveau droit, cerveau gauche. Cultures et civilisations*, do Prof. Lucien Israël, do Instituto Francês, foi publicado pela Plon (Paris) em 1995. Mas só agora acabo de lê-lo (em 1997): a reciclagem é uma verdadeira acrobacia da vida moderna.

De fato, se quisermos conhecer todos os detalhes das pesquisas das funções do cérebro, seria preciso ir até a praça do Odéon (Paris) e procurar nas livrarias médicas da região toda uma coleção de livros de neurologia, em francês e em inglês, ou pelo menos o *Bases neurologiques du comportement* do Dr. Michel Habib, médico dos hospitais de Marselha, editado pela Masson (Paris) em 1993, ou ainda um livro mais acessível (sem excessivo jargão médico), a *Enciclopédia do cérebro* da Universidade Oxford, publicado em francês pelas edições Robert Laffont (16).

A vantagem manifesta do livro do Prof. Israël é dar uma prévia, necessária ao homem moderno de boa vontade, das tentativas de síntese dos conhecimentos em neurociências feitas pelos especialistas mais reputados, diretamente implicados nesses famosos trabalhos que revolucionaram a medicina, da lista das incertezas e esperanças da ciência contemporânea, e, enfim, de apresentar um estudo comparativo das finalidades das grandes civilizações: para "rejuvenescer", os asiáticos buscam recuperar o uso da ingenuidade e da intuição, funções do inconsciente do cérebro direito, tidas como coisas já superadas pela sofisticação de uma civilização velha demais, decrépita, mas depois de ter incorporado em seu comportamento inato (seu gênio) uma técnica ensinada por um mestre. Trata-se de esquecer os modos de aprendizado depois de ter enriquecido sua própria natureza. Na Europa, nossos modernos pensam de um modo distinto e mais perigoso: buscam tudo destruir ("Façamos tábula rasa!" etc.) a fim de liberar o cérebro em sua totalidade, incluindo aí sua estrutura reptiliana, para que ele volte a ser jovem e, na verdade, selvagem, e que se possa refazer o mundo com a certeza (é a fé revolucionária) de conseguir mais do que os antecessores.

Resultam de seus estudos e reflexões, certamente mais elaborados que os meus, atitudes e convicções que nos são comuns, a saber, que a estruturação do cérebro direito pela iniciação é cada vez mais negligenciada, tanto pelos pais quanto pelo Estado, na medida em que o materialismo, produzido pelo marxismo e pelo freudismo, amplia seu terreno, tornando-se cada vez mais invasivo e dominador nas escolas, nas mídias e na cultura em geral; e isso malgrado a falência econômica da URSS e de seus satélites e as deficiências manifestas da psicanálise (ler *La psychanalise, cette imposture* do Prof. Pierre Debray-Ritzen, editado pela Albin Michel, Paris, 1991, e *Impostures Intelectuelles* dos professores Alan Sokal e Jean Bricmont, edições Odile Jacob, Paris, 1997). Decididamente, existem mortos que continuam incomodando e amedrontando os vivos, e não apenas entre os primitivos de nossas florestas virgens. Ora, é justamente o cérebro direito que, controlando a comunicação não-verbal, permite estabelecer a simpatia e a solidariedade entre os homens, garantindo, assim, a coesão social. Negligenciado ou, ainda pior, abandonado à manipulação de uma multidão de *lobbies*, ele provoca a reação contrária: a desunião entre os homens, a dissolução de uma nação. Diversos exemplos desse modo de comunicação não-verbal repousando sobre a sensibilidade são comentados.

O Prof. Israël descreveu os mecanismos de ação dos mitos sobre o cérebro, bem como dos símbolos, ritos etc., servindo para controlar e minimizar a agressividade dos indivíduos. Ele deixa entrever os meios de comunicação das artes dirigidos à visão (pintura, escultura e arquitetura) para denunciar os perigos de uma urbanização ignorante em matéria de neurociências. Na verdade, há mais de trinta anos, a política quer cessar de ser uma arte para repousar sobre a ciência do homem, ou seja, do seu cérebro. Eis o fruto da ignorância dos informadores (jornalistas, educadores, conselheiros e gurus de todo tipo), tomadores de decisão e outros mandarins tecnocratas. O resultado disso será a regressão do homem, seu retorno ao estado de selvageria, sua alienação, sua revolta. É o drama da reciclagem inadequada de nosso mundo sub-informado, malgrado a pletora de mídia e a prolongação dos estudos. Pois é preciso ainda contar com a desinformação por auto-censura, por omissão etc., orquestrada por poderosos *lobbies* (os "laboratórios

sociais"), dominando os meios de difusão (rádio, televisão e edição). Essa censura, de fato, altera nossa democracia e a descredita.

O Prof. Israël dedicou poucas linhas aos efeitos da música na estruturação dos cérebros, mas pôde concluir que o *rock* e o *rap*, por conta de seus "ritmos bárbaros" (sic), rebaixam a juventude, aproximam-na do estado selvagem.

Enfim, convém citar um livro que descreve uma manipulação do cérebro direito do homem em escala global. Trata-se do livro do sr. Pascal Bernardin, ex-aluno da Escola Politécnica e professor de matemática, intitulado *Machiavel pédagogue ou le ministère de la réforme psychologique*, ed. Notre Dame des Grâces, Paris, 1995.[1] Ele corrobora os resultados de minha pesquisa, produzindo provas da existência de um empreendimento internacional para a redução da capacidade intelectual dos homens, inspirado na ideologia de John Dewey, cujos discípulos continuam a destruir os Estados Unidos.

O sr. Bernardin demonstra, apoiado em documentos oficiais, que o globalismo dispõe de diversos adeptos juntos aos órgãos internacionais (ONU, UNESCO, Conselho Europeu) e ministérios de educação nacional (na América, na França etc.). Essa ideologia nasce da convergência do comunismo e do capitalismo liberal, e afirma que a gestão da economia do mundo repousará sobre uma ínfima elite (sobretudo banqueiros e financistas). Esta poderá ser recrutada junto às elites naturais já existentes, com uma "passarela" para a gente do povo: é a via da meritocracia. O resto da humanidade deverá ser, não instruída, mas "socializada", ou seja, adestrada de tal modo que o "homem médio" (a multidão só conta estatisticamente, como o gado) saiba viver pacificamente em grupo, contente consigo e com seu destino, sem desejo de dominar, de obter sucesso, de progredir, de competir, ou de perfeição, sem gerar conflitos, sem racismo nem intolerância. O dever do povo é ser maleável e tolerante, submetendo-se incondicionalmente à vontade do governo: basta que o cidadão seja um capacho... "tolerância e impotência são sinônimos" (Cioran).

A escola para a massa deverá, portanto, mudar de objetivo: não mais transmitir o saber, mas inculcar convicções e uma nova ética,

---

1 *Maquiavel Pedagogo ou o ministério da reforma psicológica*, Vide editorial, Campinas, 2013 — NT.

modificáveis segundo as necessidades do Estado (nas mãos da finança). Graças ao fichamento informatizado dos educadores e dos "educandos" (toda a população) será possível avaliar e retificar constantemente os comportamentos de toda a humanidade e, por conseguinte, o pensamento, pelo menos assim se crê. Aqui, John Dewey concorda com Lenin, Stalin, Mao, Hitler, Pol Pot e outros benfeitores da humanidade que lhe inventaram os "amanhãs que cantam" diante dos *gulags* e dos ossuários.

Felizmente, as ciências humanas, sobre as quais se fundam os métodos pedagógicos novos, não estão ainda prontas, e se parecem antes com imposturas ou delírios do que com ciências experimentais. Para se convencer disso, basta ver como os povos da Europa do Leste souberam resistir à desinformação e à lavagem cerebral, perfeitamente "científicas", do poder soviético. E, aliás, a despeito dessa enorme manipulação cerebral, controlada com vigilância e zelo pelas organizações da esquerda freudiano-marxista e seus "idiotas úteis" há trinta anos na França, não é de se excluir a hipótese de que o "país real"[2] acabe por se converter massivamente à direita, e mesmo à extrema-direita, em virtude da lei de ação e reação. O que é certo já em 1998 é que foi criado, não o Homem Novo sonhado pelos progressistas, mas hordas de ignorantes e selvagens, que adoram chafurdar na imundície, apreciam a feiúra física e moral, e pouco se lixam para a democracia, para os valores da esquerda e para os diplomas! Só a comida, o sexo, as drogas e o *tam-tam* lhes interessam.

No fundo, o problema da educação é simples: ou admitimos que o homem tem uma alma, parcela divina, e buscamos aperfeiçoar a humanidade, fazendo-a tender para Deus e transmitindo ao maior número possível toda a herança artística e científica (competências adquiridas nos dois lobos cerebrais) de nosso predecessores, favorecendo ao mesmo tempo a afirmação de cada personalidade e a liberdade de escolha de cada consciência, na esperança de elevar cada alma, individual e progressivamente, ou então somos materialistas, crendo sinceramente que o homem descende do macaco. Nesse caso, será inútil tanto esforço para adestrar esse animal.

---

2 Expressão em voga no meio conservador francês para aludir a uma França que resiste em meio a um processo de transformação social insensato — NT.

Com efeito, seria possível, por um preço muito baixo, por meio da manipulação genética, fabricar clones em conformidade com o modelo padrão estabelecido por um comitê de "sábios", e destruir todo ser desviante. Já se clonam ovelhas, destruímos animais inconvenientes e deixamos morrer os velhos e doentes excessivamente onerosos. O homem sem alma merece ser tratado como gado. Foi o que se passou nos campos comunistas e nacional-socialistas. Ao nivelar as massas, ao agredir o cérebro (desestruturando-o), buscou-se refrear a maturação do neo-cérebro. Eis um verdadeiro crime contra a humanidade!

Courbevoie, 5 de maio de 1998.

* * *

Nosso estudo sobre a música na França tornou evidente que estamos imitando a América somente naquilo que ela tem de pior. Ora, a América inventou a sociedade mercantil diretamente governada pelos financistas, institucionalmente irresponsáveis, mas gozando de um poder político quase absoluto, ditatorial. A educação e a instrução das populações, componentes da lavagem cerebral de massa, estão abandonadas ao *show-biz*, servido pelas mídias, os políticos e até mesmo as igrejas. Enfim, todos os que dispõem de um público, de possibilidades de "comunicação", de desinformação, de propaganda (editores, publicitários, artistas, jornalistas etc.) fazem parte do *show-biz* e devem obedecer às instruções dos laboratórios e dos *lobbies* submissos aos financistas e às "multinacionais". E, curiosamente, o *tam-tam*, as drogas, o *show-biz* e a pederastia estão ligados!

Infelizmente, as finanças têm seus próprios interesses, que freqüentemente não coincidem com aqueles do povo. Assim, por exemplo, nos Estados Unidos da América, 30% das pessoas sofrem de uma obesidade monstruosa por conta de sua obsessão por comida, por encher o bucho das crianças educadas pela publicidade televisionada. A publicidade do ramo alimentício, com açúcar e

gordura em demasia (a despeito dos protestos do corpo médico), com hambúrgueres, refrigerantes, confeitaria etc. mata de infarto quatro vezes mais do que nos países latinos, onde vinte e cinco séculos de tradições culinárias permitem ainda uma certa resistência à mudança alimentar, para infelicidade das indústrias de *fast-food*. Quanto aos analfabetos, os violentos, delinqüentes, filhos do *tam-tam*, não poderíamos julgá-los. Não seria politicamente correto!

Na França, estamos em um bom caminho para bater os recordistas mundiais. O *tam-tam* se impôs a todos como instrumento indispensável da música popular, mesmo junto àqueles que deveriam, por vocação política, permanecer ligados às tradições nacionais: os homens que se crêem de direita. Pois o *show-biz* conseguiu, graças à ignorância generalizada, nos fazer admitir que os bardos gauleses e os aedos jônicos eram dados à batucada do *tam-tam*! Assim, grupos de jovens, desejosos de honrar seus ancestrais, reinventam músicas "celtas" (sic) e mesmo "identitárias" (sic) com uma batida frenética, acompanhada de berros (seria o tumulto gaulês?), supostamente profissões de fé nos "valores" nacionais ou insultos contra seus cúmplices de esquerda. A Igreja Católica também parece querer jogar o jogo para obter um lugar na cena midiática: tentam substituir o canto gregoriano (ultrapassado!) pelo *rock* e o *rap*, e em breve o *techno*. Neste caso também será necessário substituir a hóstia por uma pílula de ecstasy; e a missa moderna se tornará uma sessão de *orgy-porgy*, culminando no transe com orgasmo coletivo! É certo que os caminhos do Senhor são insondáveis, mas...

Desde uns trinta anos, tudo se passa como se o Ministério da Cultura, com a ajuda daquele das Cidades e as mídias, buscassem barrar o acesso dos jovens ao patrimônio nacional, à verdadeira civilização, desviando-os na direção da cultura que interessa aos globalistas que exploram o *show-biz* e as populações. Essa traição para com a civilização retarda o processo de assimilação dos imigrados (legais ou ilegais) e custa caro aos contribuintes.

Saint-Gervais, 10 de agosto de 1998.

* * *

Em resumo, segundo nosso estudo, parece que a televisão e o *tam-tam* das músicas contemporâneas podem fixar a criança no estágio de uso exclusivo do cérebro direito, bloqueando assim sua maturação mental na cultura da imagem e do ritmo: assim se fabrica o Homem Novo, instável, violento, "influenciável" (maleável), incapaz de pensar em termos de conceitos e de se expressar em uma língua discursiva e precisa, que obedeça a uma sintaxe complexa.

Para que se favoreça o processo de maturação mental, desenvolvendo o uso do cérebro esquerdo e aperfeiçoando a coordenação entre os dois cérebros do homem, será também preciso formar o cérebro direito, necessário à imaginação e à criatividade, segundo a civilização tradicional (a qual, não devemos esquecer, permitiu que se chegasse à civilização técnica moderna), pela educação religiosa cristã e a iniciação artística (música barroca e dança clássica). Em suma, o indivíduo deveria refazer o percurso da sua civilização para conseguir se integrar na sociedade moderna (cf. a tese do desenvolvimento ontológico de Haeckel, evocada no capítulo 2).

É inegável que o estudo das humanidades clássicas e a leitura freqüente, bem como a língua correta de pais instruídos, estruturam o cérebro esquerdo da criança. E, com efeito, o analfabetismo é sobretudo o apanágio das classes populares e pessoas oriundas da imigração africana. A escola e as mídias televisionadas, deficientes em si mesmas, afundam esses infelizes na selvageria. Sua exclusão resulta do fato de que as sociedades civilizadas (desenvolvidas) são necessariamente meritocráticas e, portanto, elitistas.

Courbevoie, 29 de outubro de 1998.

BIBLIOGRAFIA

(1) AURIOL, Bernard, *La clef des sons*, Ed. Erès, Toulouse, 1991.

(2) BEHR, Edward, *Une Amérique qui fait peur*, Ed. Plon, Paris, 1995.

(3) BENEZON, Rolando, *Manuel de musicothérapie*, Ed. Privat, Toulouse, Reprint, 1981.

(4) BERARD, Guy, *Audition, égale comportement*, Ed. Maisonneuve, Sainte Ruffine, 1982.

(5) BOUILLIN-DARTEVELLE, Roselyne (Institut de Sociologie), *La génération éclatée, Loisirs et communication des adolescents*, Ed. de l'Université de Bruxelles, 1984.

(6) BOURDIEU, Pierre, DARBEL, Alain, SCHNAPPER, Dominique, *L'amour de l'art, Les musées d'art européens et leur public*, Ed. de Minuit, Paris, 1969.

(7) BOUTHOUL, Gaston, *Le phénomène-guerre*, Ed. Payot, Paris, 1962. *La surpopulation*, Ed. Payot, Paris, 1964.

(8) CHANGEUX, Jean Pierre, *L'homme neuronal*, Ed. Fayard, Paris, 1983.

(9) COLEMAN, P., *L'impact de la musique populaire*, Peuples, 1986, 13, n. 2, pp. 11–12.

(10) CYRULNIK, Boris, *Sous le signe du lien*, Ed. Hachette, Paris, 1990.

(11) Dr. DEOUX, Suzanne, Dr. DEOUX Pierre, *L'écologie, c'est la santé*, Ed. Frison-Roche, 1993.

(12) EDELMAN, Gerald M., *Biologie de la conscience*, Ed. Odile Jacob, Paris, 1992.

(13) FUMAROLI, Marc, *L'Etat culturel, Essai sur une religion moderne*, Ed. de Fallois, Paris, 1991.

(14) GARNIER, Solange, MOCH, ANNIE, *Le jeune et l'environnement sonore, Grandir dans le bruit.* Semaine des Hôpitaux de Paris, 1988, 64, pp. 1226, 1230.

(15) GRANET, Marcel, *La civilisation chinoise*, Ed. Albin Michel, Paris, Reprint, 1988, *La pensée chinoise*, Ed. Albin Michel, Paris (France), Reprint, 1988.

(16) GREGORY, Richard L., *Le cerveau, un inconnu*, Université d'Oxford, Ed. Robert Laffont, «Bouquins», Paris (France), 1993.

(17) GRIMONT, Alain, *Les goûts musicaux des 15-18 ans scolarisés, Vers l'éducation nouvelle*, 1986, Mars, pp. 6–17.

(18) HESS, Rémi, *La valse*, Ed. A.M. Métaillié, Paris (France), 1989.

(19) HUIZINGA, J., *Le déclin du Moyen-Age*, Ed. Payot, Paris (France), 1967.

(20) IRION, H., *Acute bilateral hearing loss during a pop concert: consideration for differential diagnosis*, in *Advances in otorhinolaryngology*, 1981, 27, pp. 121–129.

(21) LA VOIE, Joseph C., COLLINS, Betty R., *Effect of youth culture music on high-school students' academic performance*, in *Journal of Youth and Adolescence*, 1975, 4, n. 1, pp. 57–65.

(22) LECOURT, Edit, *La pratique de la musicothérapie*, Ed. ESF, Paris, 1977.

(23) MIATHIEZ, Albert, *La Révolution française*, Ed. Colin, Paris, Reprint, 1922.

(24) MALARET, J. P., SNYDER, G., GERBOD, P. et al., *Recherche pour l'éducation musicale, Sciences de l'éducation pour l'ère nouvelle*, 1988, n. 1–2, pp. 1–173.

(25) MICHELET, Jules, *Histoire de la Révolution française*, Ed. Laffont, Paris, Reprint, 1979.

(26) Dr. MOURET, M.G., *Musique et santé, Cahier de la puéricultrice*, 1985, 32, n. 4, pp. 345–349.

(27) RAUSCHER, Frances H., SHAW, Gordon L., KY, Katherine N., (Center for the Neurobiology of Learning and Memory, University of California, Irvine, California 92818, USA), *Music and spatial task performance*, Nature, 1993, vol. 365, 14 October, p. 611.

(28) REGIMBAL, J. Paul, *Rock-n-Roll: Viol de la conscience par des messages subliminaux*, Ed. Croisade-Présence production, BP5-21200 Bligny-lès-Beaune, 1987.

(29) ROBERT, Philippe, *Les bandes d'adolescents*, Les Ed. Ouvrières, Paris, 1966.

(30) SOUBOUL, Albert, *Histoire de la Révolution française*, Ed. Gallimard, Paris, Reprint, 1962.

(31) TASSIN, Jean Pol, *Interview: Les neurones sur le divan, Un entretien avec J. Pol Tassin, par Joelle Le Moal*, Journal International de Médecine, 1990, n. 159, pp. 9–15.

(32) TOMATIS, Alfred, *Statistiques citées à une émission télévisée, en 1988. Pourquoi Mozart?*, Ed. Fixot, Paris, 1991.

(33) TOUCHE, M., DELDYCK, J.J., *Variations sur le thème musique. Cahiers de Vaucresson*, 1983, n. 3 (monographie), Vaucresson, Centre de formation et de recherche de l'éducation surveillée, 1982, XII.

(34) YONNET, Paul, *Voyage au centre du malaise français, L'antiracisme et le roman national*, Ed. Gallimard, Paris, 1993.

"Todo mundo é consciente de que as palavras cantadas podem veicular idéias, experiências vividas, ideologias etc. Mas somente os especialistas sabem que é possível controlar a receptividade dos ouvintes, modificar seu humor, sua sensibilidade, 'condicionar' alguns de seus reflexos, e até mesmo alterar sua personalidade por meio de outros elementos da música, dentre os quais o ritmo, a melodia, a instrumentação, a massa orquestral e, sobretudo, a repetição da escuta.

Assim, por exemplo, a música favorece, pela melodia e pelo ritmo, a memorização de certas associações de idéias (letras de uma canção, *slogans*). Ela pode nos obcecar por imagens e conceitos; os ouvintes se arriscam a acabar por se habituar a estes, e até mesmo a achá-los naturais ou simpáticos. O poder de persuasão das palavras cantadas é tão forte que nenhum movimento de insurreição, nenhum regime ditatorial o negligencia, na esperança de forçar a consciência das pessoas para impor idéias novas, a despeito da resistência das antigas. Em contrapartida, nota-se que os 'antigos regimes' não recorrem jamais à canção para vender suas ideologias já bem conhecidas. De igual modo, muitas pessoas buscaram derrubar governos, e mesmo mudar o mundo, através da canção. Também os médicos não têm medo de se servir dela em suas campanhas de prevenção, com a ajuda de cantores populares.

Mesmo quando a escuta se dá de forma involuntária ou forçada, essa ação insidiosa da música acabará sempre por modificar definitivamente o modo de escutar, logo, de compreender as mensagens do mundo exterior (recomendações dos pais, lições na escola etc.). Em uma palavra, esse meio de audição, agindo como um meio de educação, de desinformação, de fluxo congestivo de informações no crânio ou de lavagem cerebral, altera a personalidade da criança".

Para conhecer outros títulos publicados, acesse:
www.videeditorial.com.br

"Será correto afirmar que a música modifica a personalidade ou o Q.I. (quociente intelectual) de uma criança, ou, em outras palavras, que ela possa transformar toda uma civilização?

É preciso perceber que, desde há menos de duas gerações, e graças aos meios de difusão modernos, a música invade a vida cotidiana do homem, desde a mais tenra infância e em todos os níveis da sociedade. Segundo as neurociências, o pensamento de certos jovens já sofreu uma mutação por conta do desenvolvimento e da vulgarização do audiovisual: ele se desenvolve como o roteiro de um filme de televisão, plano por plano, cena por cena; ele se faz por meio de imagens como no homem primitivo, e tudo isso malgrado a escolarização obrigatória. O que ocorreu com a sensibilidade das pessoas durante essa regressão intelectual, essa substituição da civilização do escrito pela civilização da imagem e do ritmo?

Para compreender e explicar a ação da música sobre o homem, voltei a estudar as neurociências e tentei fazer uma síntese das descobertas feitas nos últimos trinta anos, levando em conta certas obras realizadas em ciências humanas. Depois, ao aprofundar meus conhecimentos em musicoterapia, dei-me conta da urgência da situação: milhares ou talvez mesmo milhões de crianças correm o risco de comprometer definitivamente seu futuro por causa de uma 'audição forçada' da 'poluição sonora'".

9 788595 070523

www.videeditorial.com.br